(admirável) Mundo Novo

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

PROJETO FINAL DE ARQUITETURA

INÊS FILIPA MAURÍCIO AMARO

Orientador: José Luís Saldanha - Prof.º auxiliar
Co-orientador: Sandra Marques Pereira - Prof.ª auxiliar

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

outubro 2013

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS 013

(admirável) MUNDO NOVO 015

#1

#2

MA

TEX

ESP

MARCA 022

TEXTO 026

ESPAÇO 028

BA

FA

TÁ

esquissos 028

3d estudo 032

desenhos 034

maquete 042

referências 050

056 074 074 082 116

A PARTIR DA REALIDADE DA NOSSA TERRA...

PROJETO

ideia conceito

fotomontagens e desenhos

referências

#3

AMO REI RAS

124 124 146 160 160 164

a)

RETRATO

caracterização do lugar

análise

DESEJO

sociedade 2033

ideia conceito: manifesto da informação

modelo urbano 168
reconversão urbana na colina das amoreiras 174
reconhecimento do local 174
intervenção 188
referências 230

b)
INTRODUÇÃO 234
RETRATO 236
PROJETO 288
ideia conceito 288
intervenção 290

#4

VIOLETTES

RETRATO 232
PROJETO 236

#5

SETE

RESUMO 354

ABSTRACT 356

INTRODUÇÃO 358

PARTE I 364

periferia e subúrbio: variações em torno do conceito 366
a expansão de Lisboa pelos campos saloios 368
identificação de um subúrbio 382

PARTE II 392

rinchoa rural e saloia 394
quinta grande: um subúrbio residencial de eraneio (1940-1960) 402
rinchoa I: construir enquanto a sociedade está em transição (1960-1980) 436
rinchoa II e fitares: entre a proximidade física e a distância social (1980-200) 460

488 PARTE III

494 504 estrutura do espaço edificado
estrutura do espaço social

508 CONSIDERAÇÕES FINAIS

514 BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

522 ANEXO I - "Rinchôa, hontem, hoje, amanhã"

550 ANEXO II - "Engenharia saloia"

556 ANEXO III - "Casas de fim de semana"

562 ANEXO IV - "Urbanizadora Rinchoense, Limitada"

564 ANEXO V - "Uma casa e uma janela - uma conferência, um aniversário e uma lição"

566 ANEXO VI - Enunciados dos exercícios

AGRADECIMENTOS

Costumo dizer que o meu sonho sobre a arquitetura começou com uma “caça ao tesouro” durante umas férias com os meus primos. Enquanto eles se divirtam a descobrir as pistas, eu entretinha-me a desenhar o mapa com traços ingénuos próprios de uma criança de 8 anos. É portanto bastante provável que os meus pais terão sido as primeiras pessoas a quem eu disse que queria ser arquiteta e que sempre sustentaram esse sonho. Se agora se aproxima a sua concretização, a eles lhe devo todo o suporte emocional, o incentivo e a confiança depositada.
São eles os meus pilares, a quem tantas vezes respondi “não tenho tempo” e mesmo assim, sempre o entenderam como um gesto de carinho.

Agradeço também a três velhos amigos que com o tempo se tornaram família, à minha “quase irmã” Patrícia Galupa, ao Fábio Ventura e ao Gonçalo Africano, os tantos desabafos e a muita paciência.

Aos companheiros de percurso que, tal como eu, embarcaram na descoberta do que é a arquitetura, Camila Lutas, Mariana Brandão, Maria Pommrenke, David Martins, Henrique Gama, João Fonseca, Jorge Silva, Márcio Bonifácio e Nuno Roque.

Este trabalho também é de todos vós.

Obrigada.

“Só um mundo novo nós queremos, um que tenha nada de mundo e tudo de novo.”

- Mia Couto

(admirável) MUNDO NOVO

Inspirado no título do livro *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (1932), este último ano do curso de Arquitetura pretendeu estimular um debate na turma centrado em leituras prospetivas em relação à arquitetura e acima de tudo da sociedade de 2033. Foram realizados três trabalhos em grupo e dois trabalhos individuais com vertente prática e a dissertação como vertente teórica. Em todos eles criei um fio condutor intrínseco no modo de pensar a arquitectura por via da exploração e reflexão do tema da periferia.

#1 O exercício de arranque, Marca Texto e Espaço teve como objetivo a elaboração de uma marca através de um objeto do quotidiano e a seleção de um texto que desse origem à concretização/ criação de um espaço. O espaço criado permitiu desenvolver uma reflexão e um discurso sobre a proliferação em que a cidade atual se encontra.

#2 O workshop de Bafatá, na Guiné Bissau, estimulou o grupo a desenvolver um trabalho noutro país, logo noutras contingências sociais e arquitetónicas. Este é um local onde a relação entre habitantes e o centro histórico se faz unicamente por via do rio, deixando ao completo abandono as construções do Regime no centro . O trabalho consistia na realização de um Centro Interpretativo efémero, com centro de estudos e zona de exposições para partilha da obra literária e da vida de Amílcar Cabral.

#3 Neste trabalho materializou-se o pensamento de um mundo novo em Lisboa, entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras. Este local assumiu-se a partir da década de 1980, como protagonista de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (*Central Business District*). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo outros investimentos que ampliaram os programas de comércio e serviços, à

habitação e à hotelaria. Passados cerca de 3 décadas desde a construção do Complexo das Amoreiras é hoje possível lançar sobre aquela envolvente um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que atualmente se verifica.

A prospeção realizou-se num contexto de trabalho de grupo, dentro do qual foi definido um perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo (2 décadas) e que posteriormente fosse mentor na concretização arquitetónica por nós desejada.

O trabalho foi divido numa etapa preliminar pelo reconhecimento do território, para esse efeito recolheu-se a informação necessária para avaliar as potencialidades do local e os conflitos aí existentes, onde foi possível uma caracterização biofísica da área de intervenção e consequente evolução histórica. Na posse dos dados anteriormente recolhidos procedeu-se à designação de um conceito síntese prospetor e caracterizador de leitura interpretativa da área de estudo.

Depois de reconhecido o território iniciou-se um projeto de carácter individual. Estando cada membro do grupo afeto a uma parcela do terreno, deu-se seguimento ao âmbito do exercício anterior e projetámos 4 habitações destinadas à sociedade idealizada em grupo para 2033.

Retomámos a realização de trabalho em grupo, onde foi elaborado um projeto que obrigou ponderar sobre uma possível centralidade ou possíveis centralidades que pudessem emergir no tecido urbano. Esta discussão resultou na concretização de uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde a ação de projeto pudesse ser mais relevante e definidora de um “novo” modo de habitar.

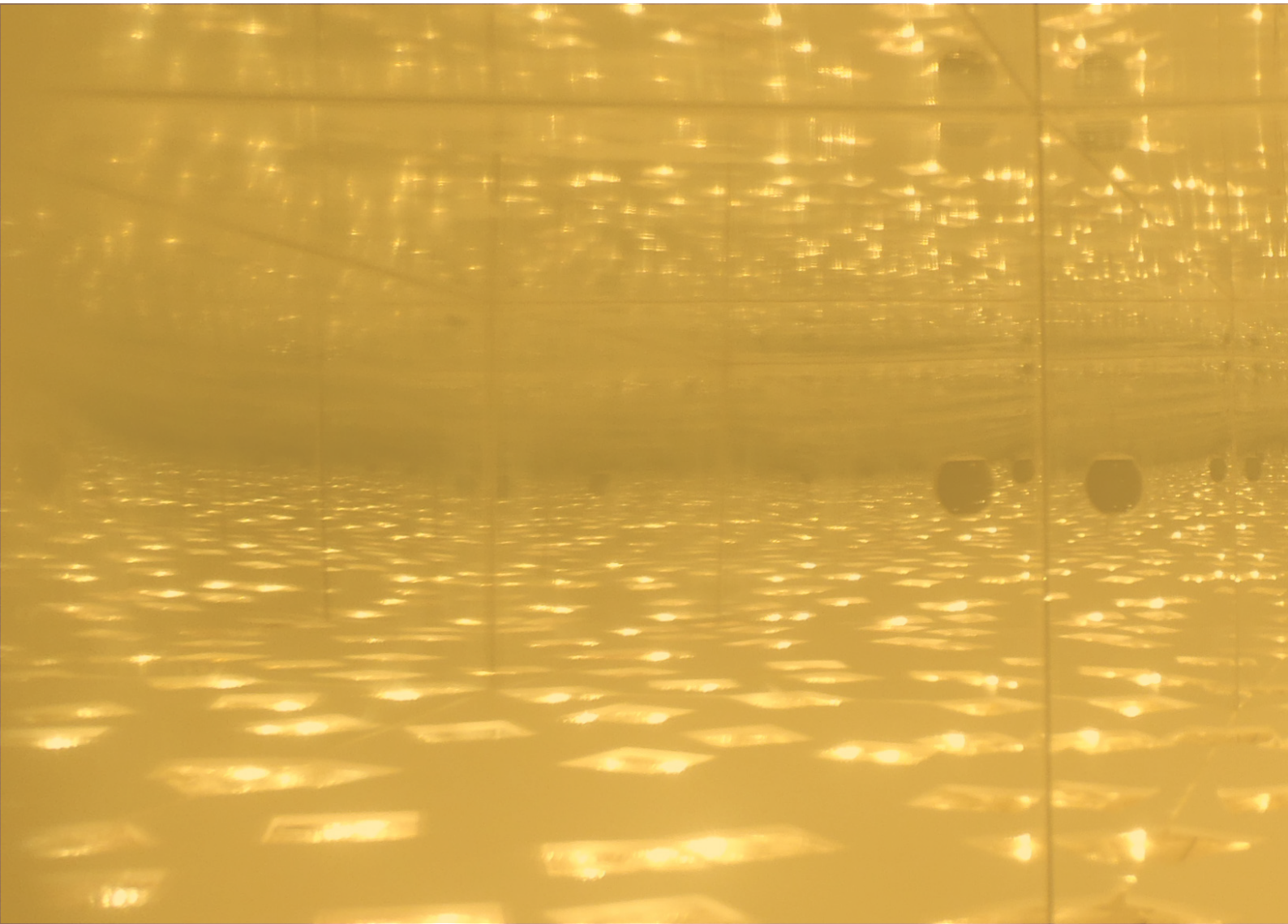
#4 O quarto exercício foi realizado no âmbito do workshop internacional “SUM Toulouse”, realizado entre os dias 13 e 17 de maio. Este consistiu numa semana de mediação urbana organizada pela École Nationale Supérieure d’Architecture de Toulouse. A ideia de juntar alunos e professores de Arquitetura teve como base uma reflexão teórica da cidade contemporânea e uma proposta urbano-arquitetónica para dois locais específicos da metrópole de Toulouse: a Cité de Violettes em Izards na

periferia norte de Toulouse e a place du Salin no centro histórico. Cada pessoa exploraria um dos temas num grupo composto por argentinos, brasileiros, portugueses, italianos e franceses. Neste trabalho irá explorar-se o território periférico em relação ao centro histórico da Cité de Violettes.

#5 Em paralelo aos trabalhos práticos, cada elemento desenvolveu uma investigação teórica que podesse relacionar-se com o tema do ano. No meu caso explorei as transformações morfológicas e sociais de um território suburbano. Esta reflexão permitiu um olhar distanciado sobre a construção da periferia de Lisboa, a *cidade nova*, paisagem composta pelas ambições do "homem novo" do século XX, como referia Eduardo Souto de Moura.

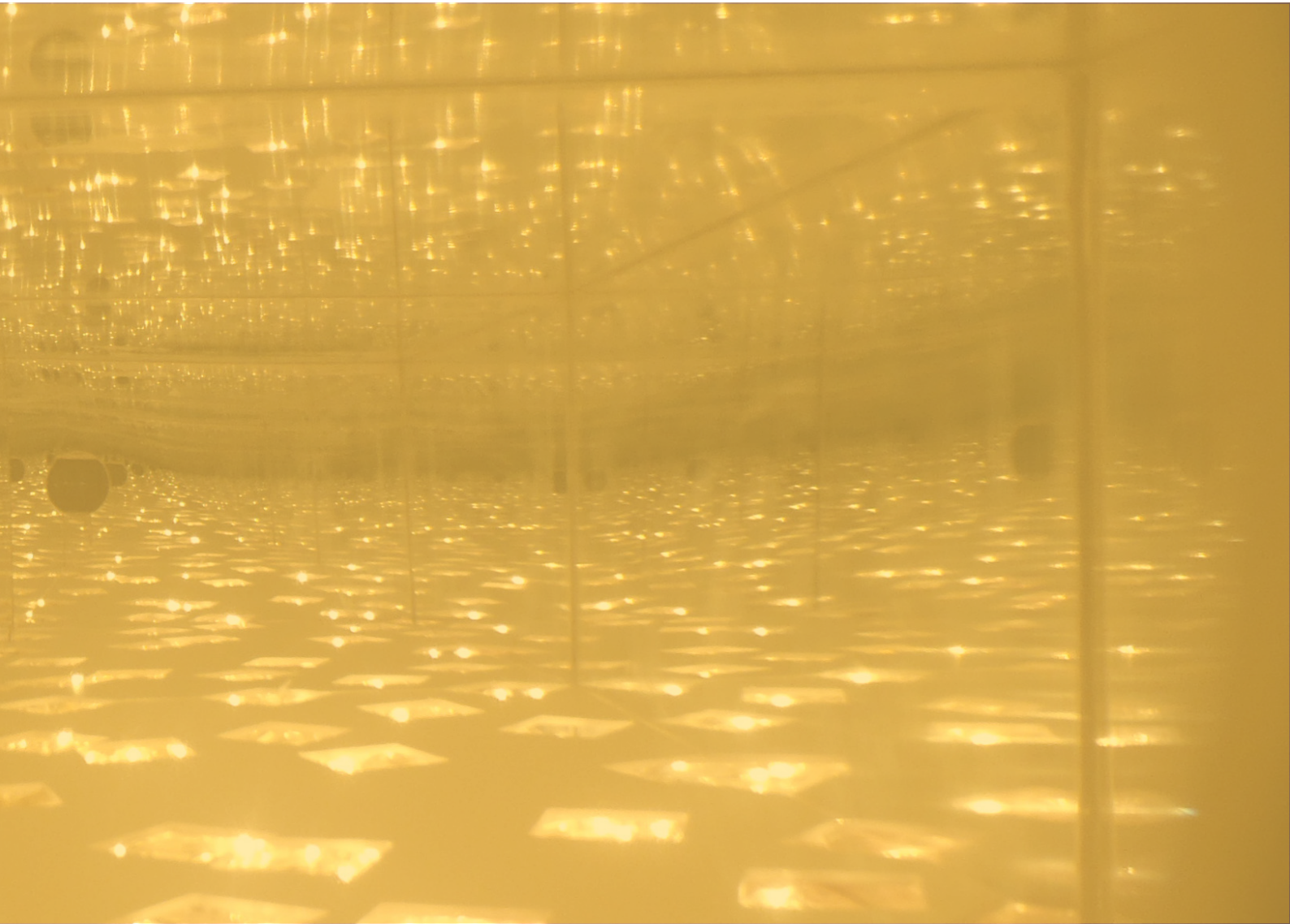
#1

MARCA, TEXTO E ESPAÇO



EXERCÍCIO PRÁTICO DE GRUPO

David Martins Inês Amaro Maria Pommrenke Mariana Brandão Nuno Roque




CEMOSA





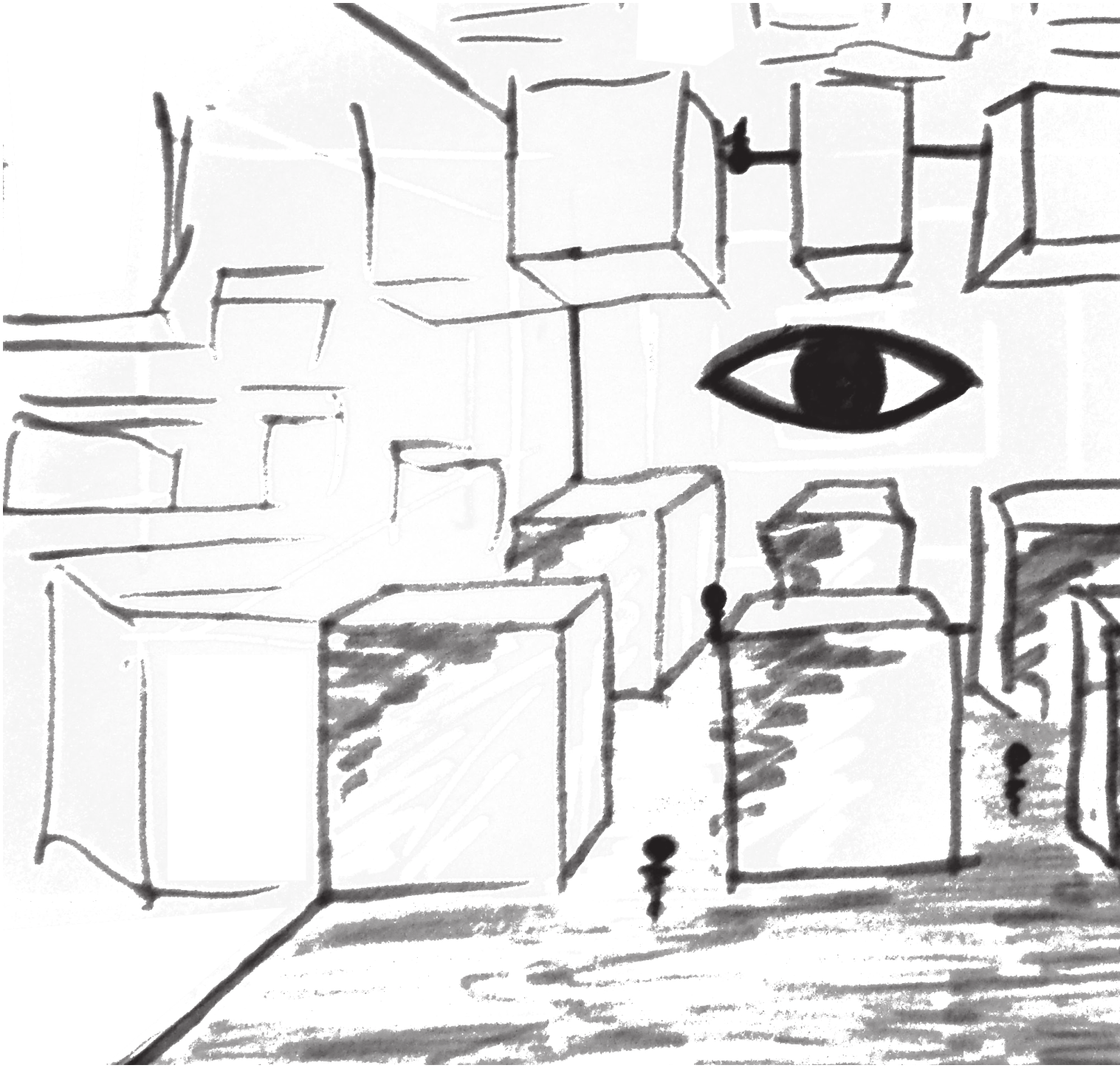
JOSÉ SARAMAGO

CAIM

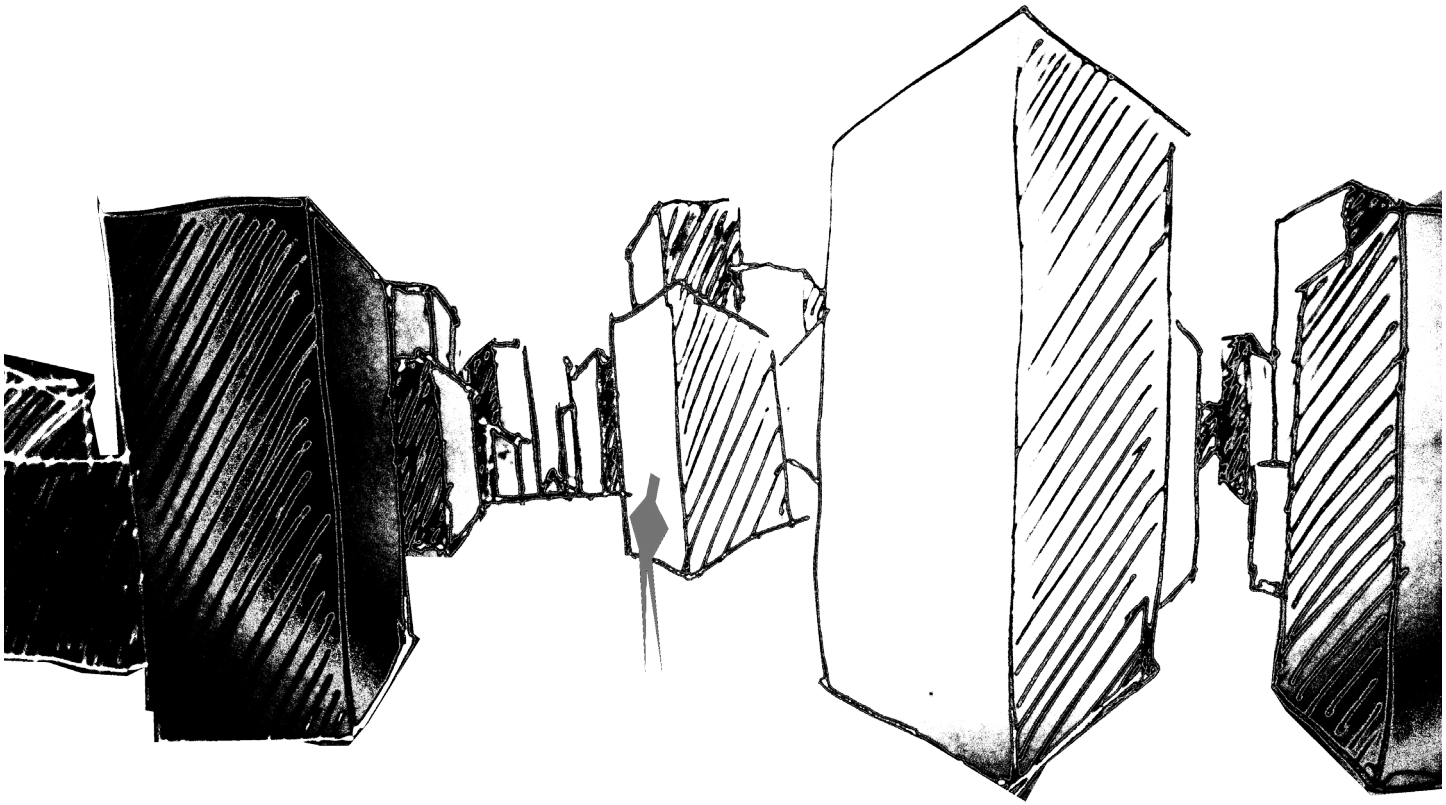


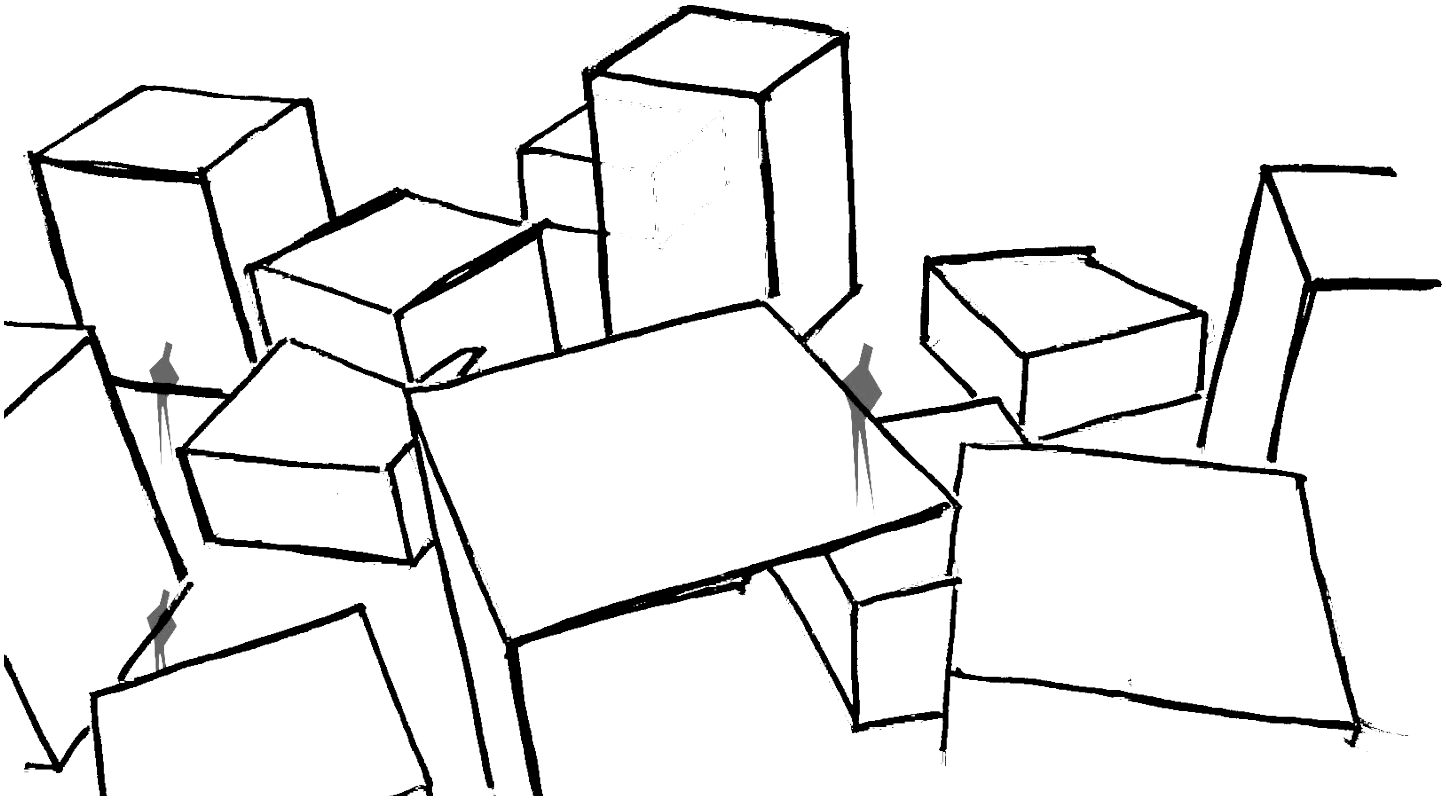
"(…) Havia adormecido em cima do jumento e de repente despertou. Estava no meio de uma paisagem diferente, com algumas árvores raquíticas dispersas e tão seca como a terra de nod, porém seca de areia, não de cardos. Outro presente, disse. Pareceu-lhe que este devia ser mais antigo que o anterior, aquele em que havia salvo a vida ao rapazito chamado isaac, e isto mostrava que tanto poderia avançar como voltar atrás no tempo, e não por vontade própria, pois, para falar francamente, sentia-se como alguém que mais ou menos, só mais ou menos, sabe onde está, mas não aonde se dirige. Este lugar, apenas para dar um exemplo das dificuldades de orientação que caim vem enfrentando, tinha todo o aspecto de ser um presente há muito passado, como se o mundo ainda se encontrasse nas últimas fases de construção e tudo tivesse um aspecto provisório. Lá longe, vinda mesmo a propósito, na beirinha do horizonte, distinguia-se uma torre altíssima com a forma de um cone truncado, isto é, uma forma cónica a que tivessem cortado a parte superior ou que ainda lá não tivesse sido colocada. A distância era grande, mas a caim, que tinha excelente vista, pareceu-lhe que havia gente movendo-se ao redor do edifício. A curiosidade fê-lo tocar as ilhargas do animal para que acelerasse o passo, mas logo a prudência o obrigou a diminuir o andamento. Não tinha a certeza de que se tratasse de gente pacífica, e, mesmo que o fosse, sabe-se lá o que poderia acontecer a um burro carregado com dois alforges de alimentos da melhor qualidade diante de uma multidão de pessoas por necessidade e tradição dispostas a devorar tudo quanto lhes aparecesse pela frente. Não as conhecia, não sabia quem eram, mas não seria nada difícil imaginar. O que também não podia era deixar ali o jumento, atado a uma destas árvores como algo sem préstimo, pois se arriscaria a não encontrar à volta nem burro nem comida. A cautela mandava que tomasse outro caminho, que se deixasse de aventuras, enfim, para tudo dizer numa palavra, que não desafiasse o cego destino. A curiosidade, porém, teve mais poder que a cautela. (…)"

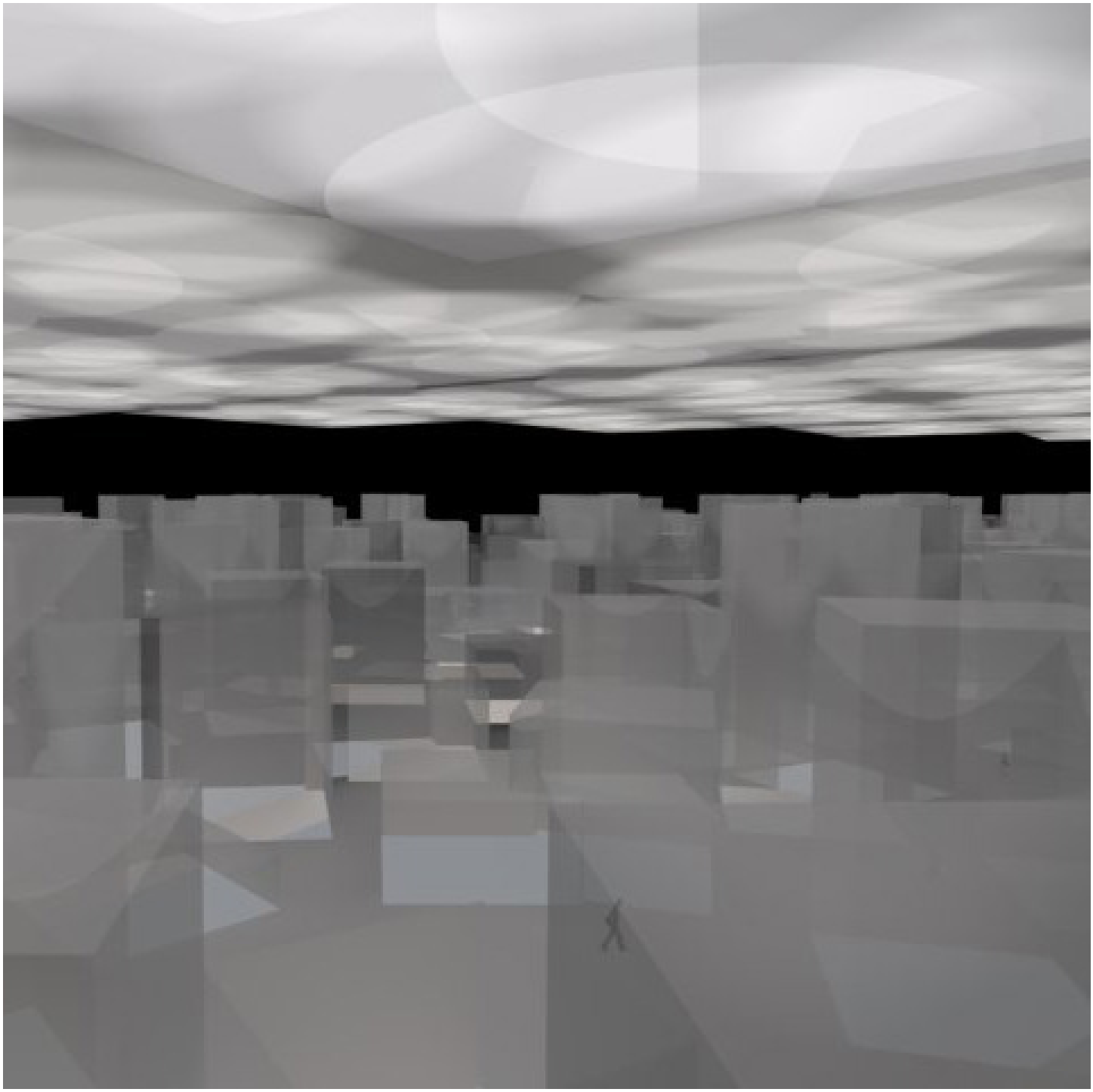
SARAMAGO, José, *Caim*, Caminho Editora, 6ª edição, 2009, pp. 86-88.

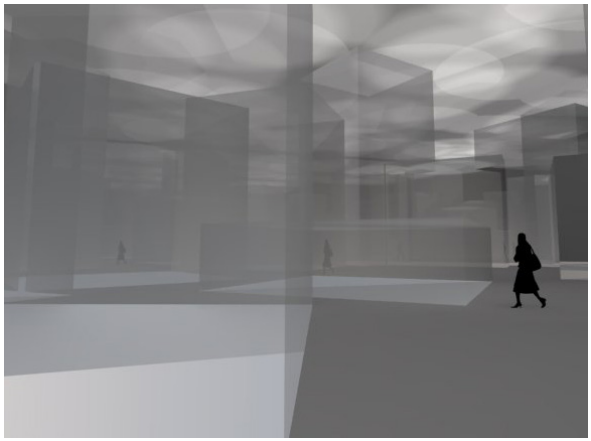


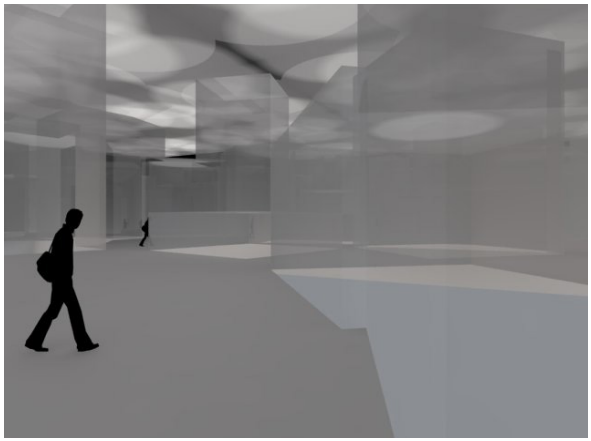


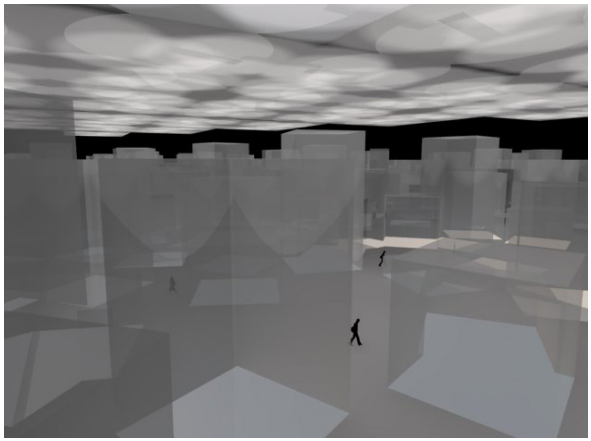


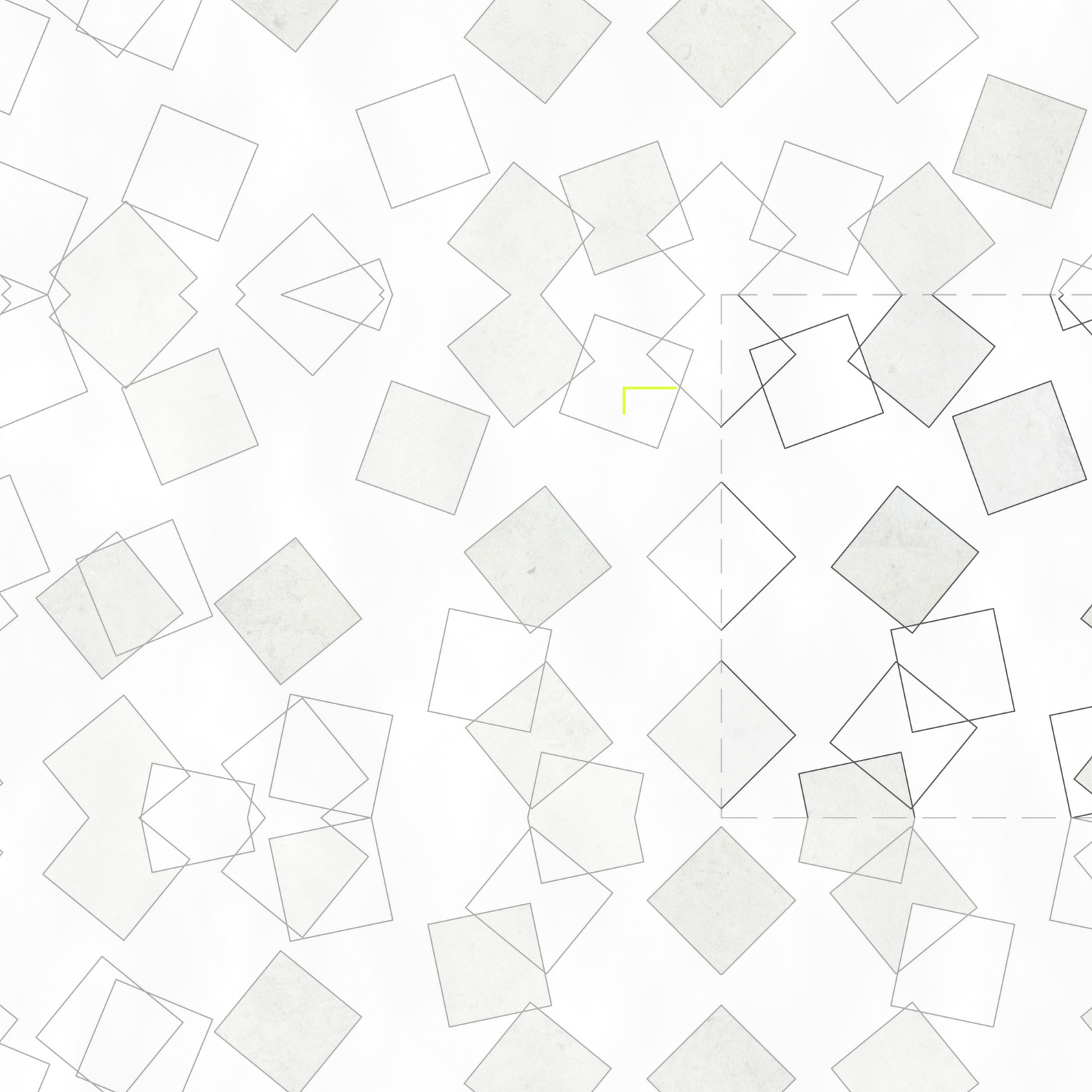




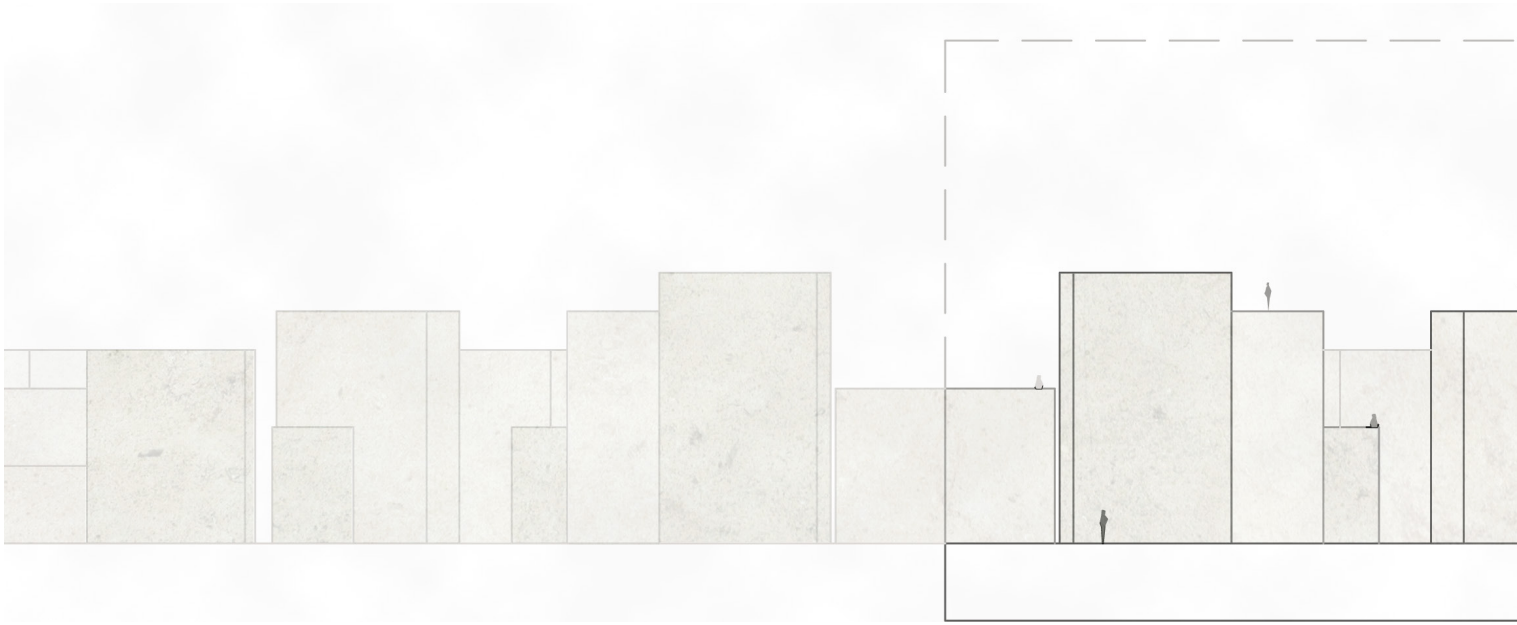






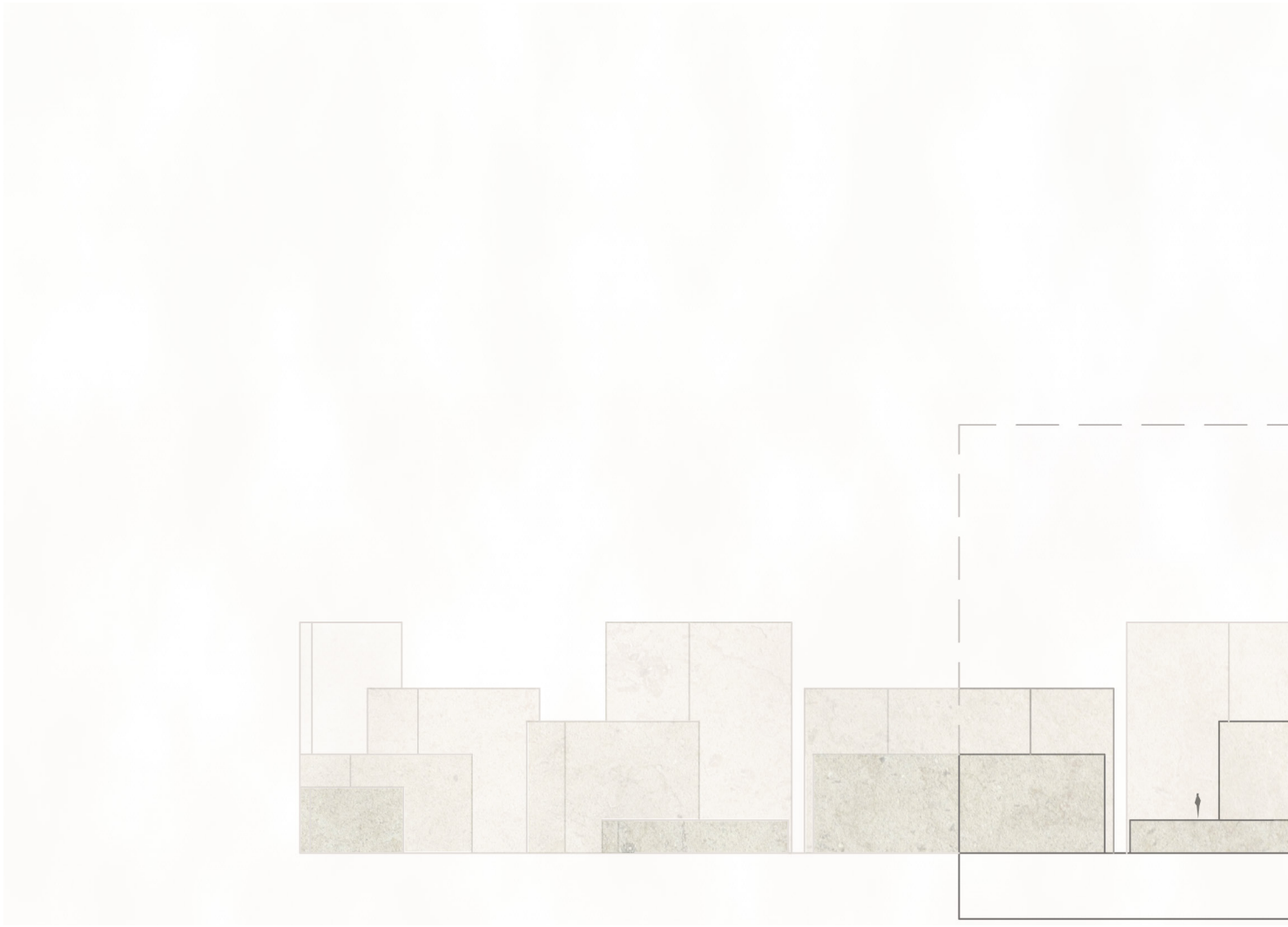


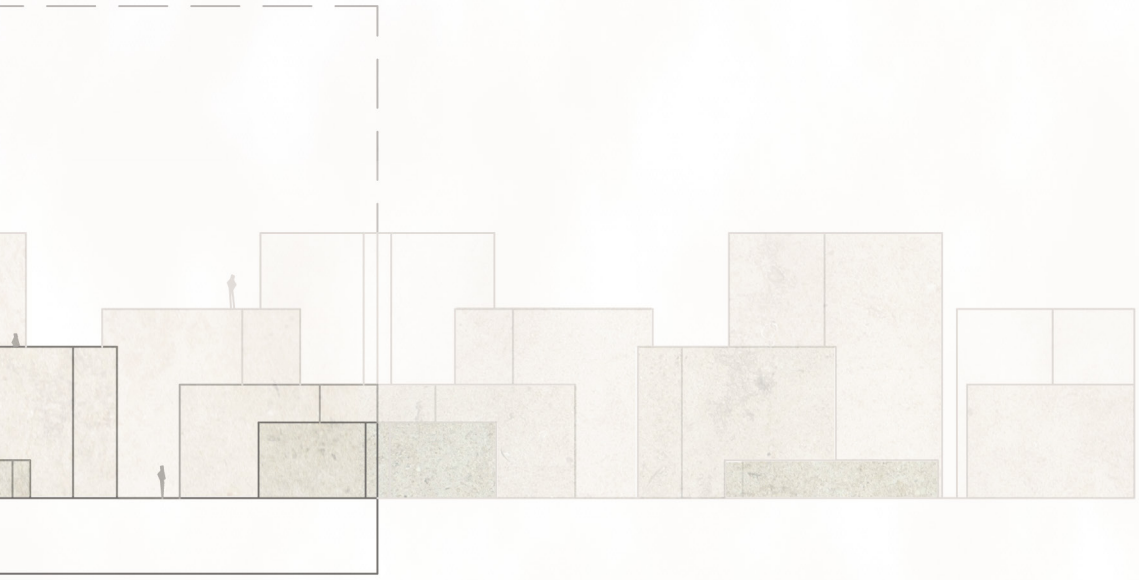
Planta.
Esc. 1:100





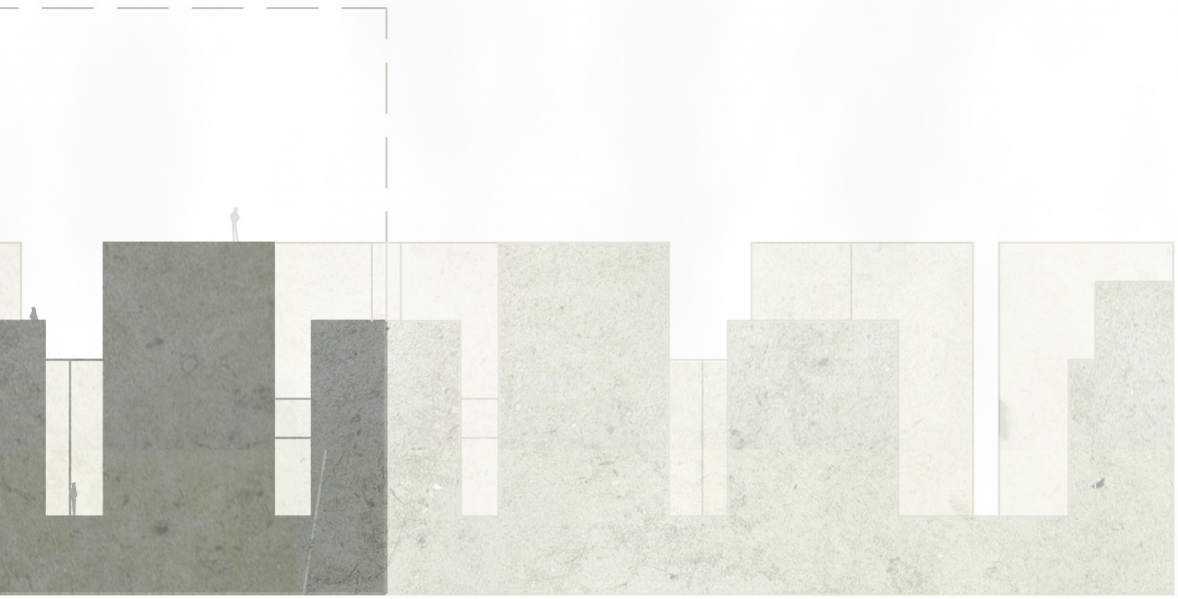
Alçado.
Esc. 1:100



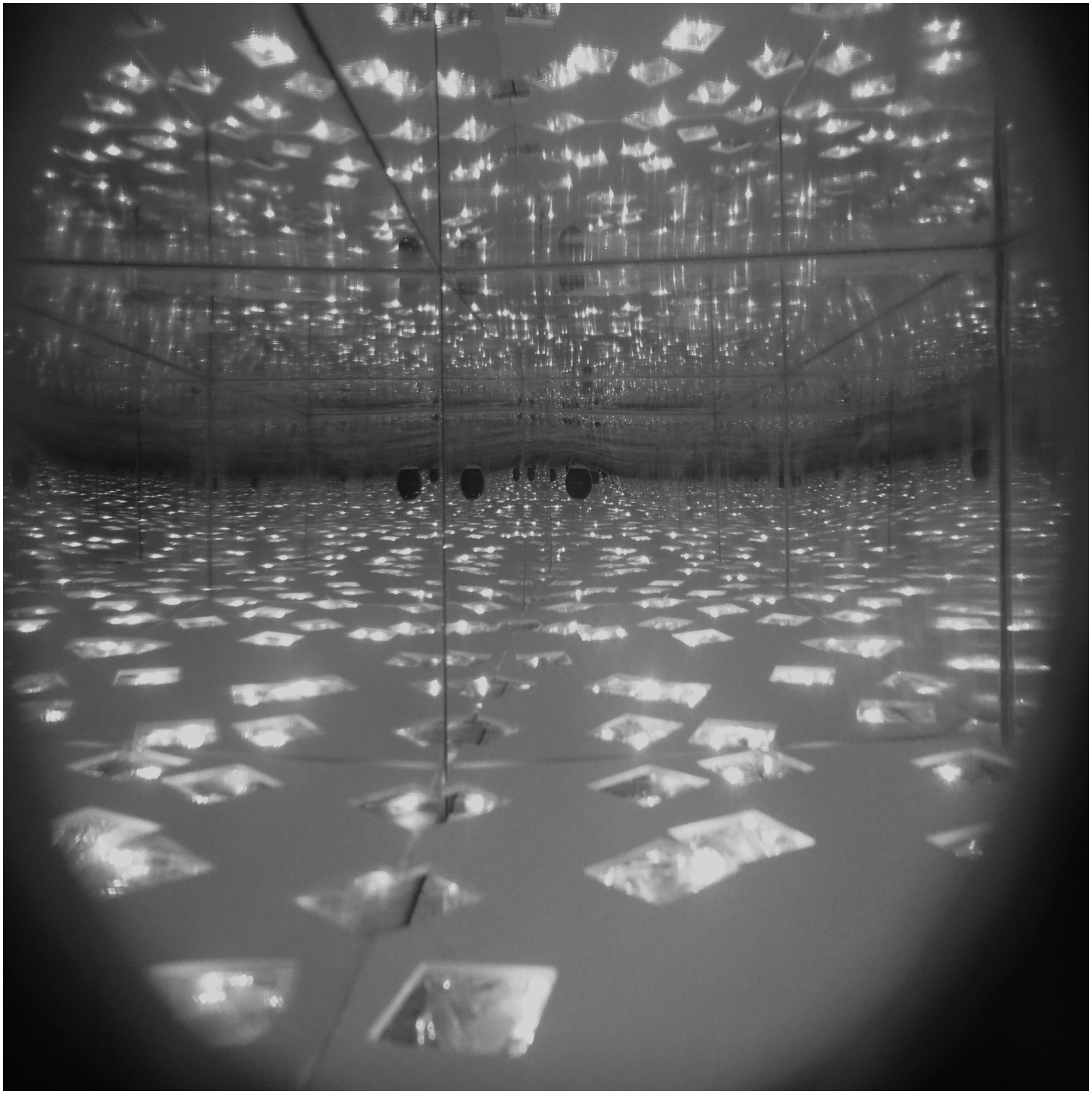


Alçado.
Esc. 1:100

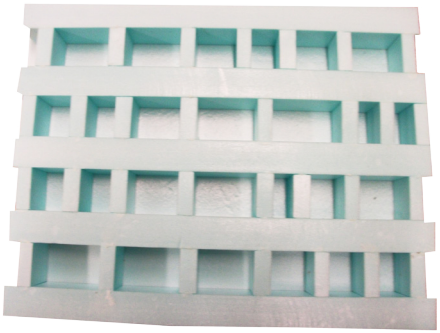




Corte.
Esc. 1:100





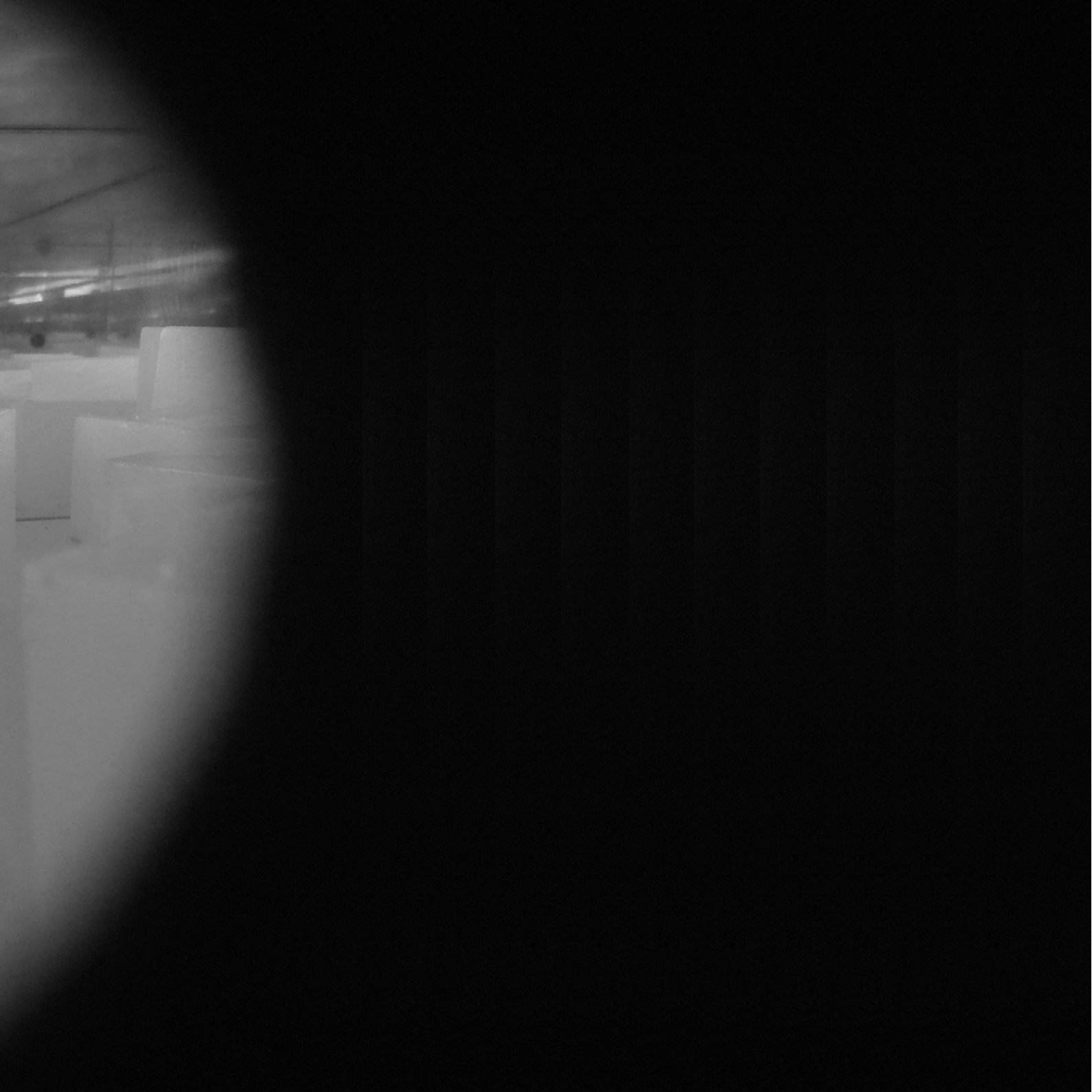


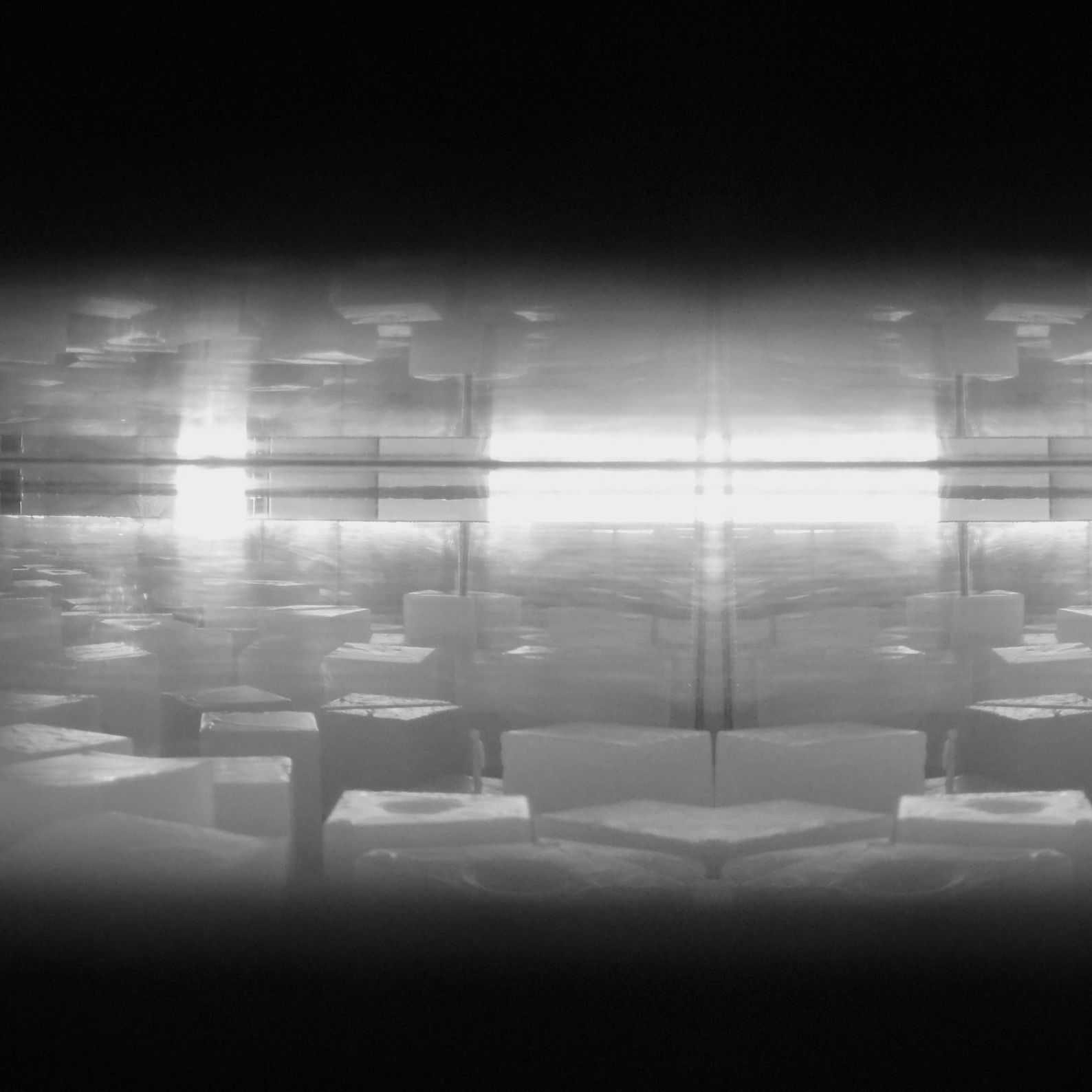


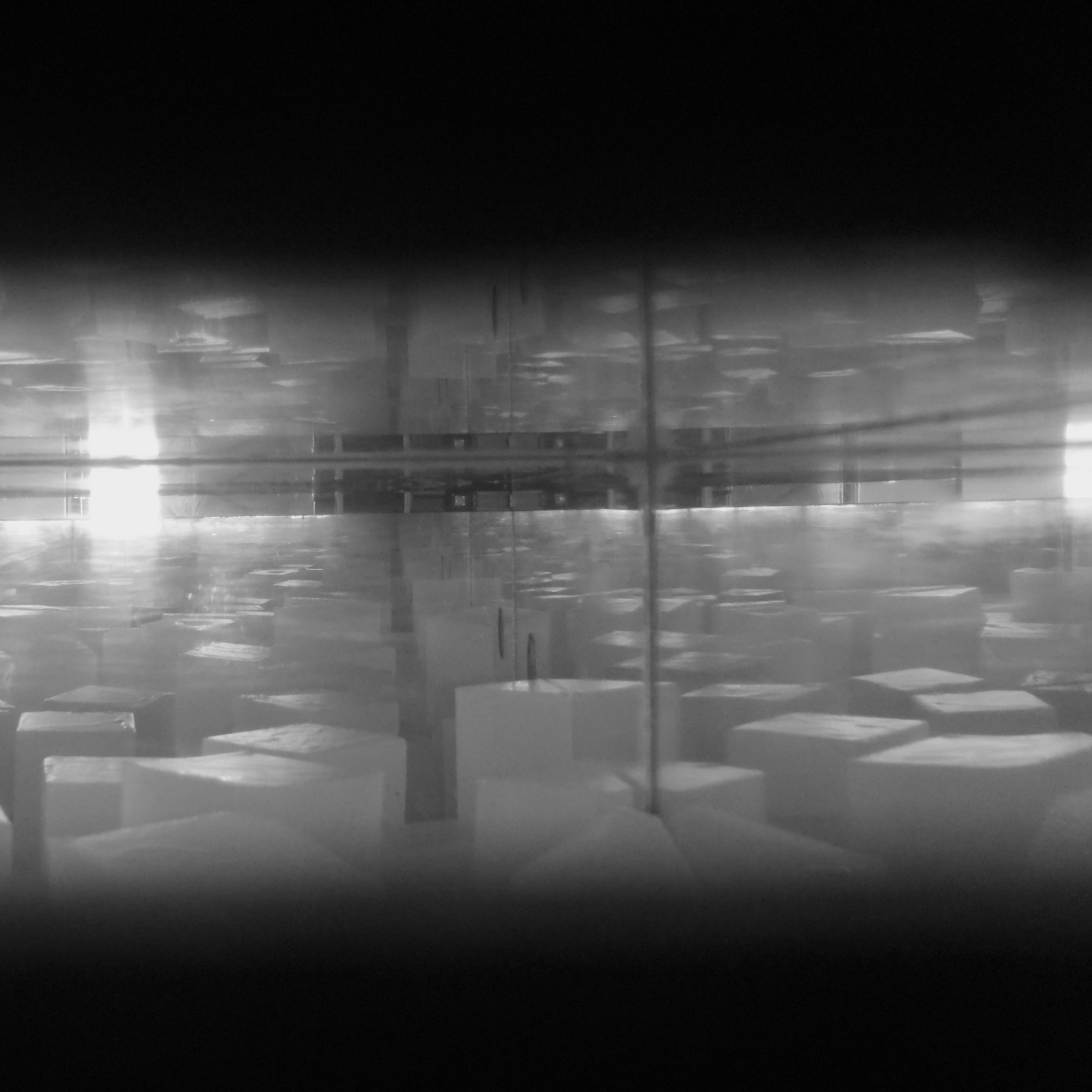


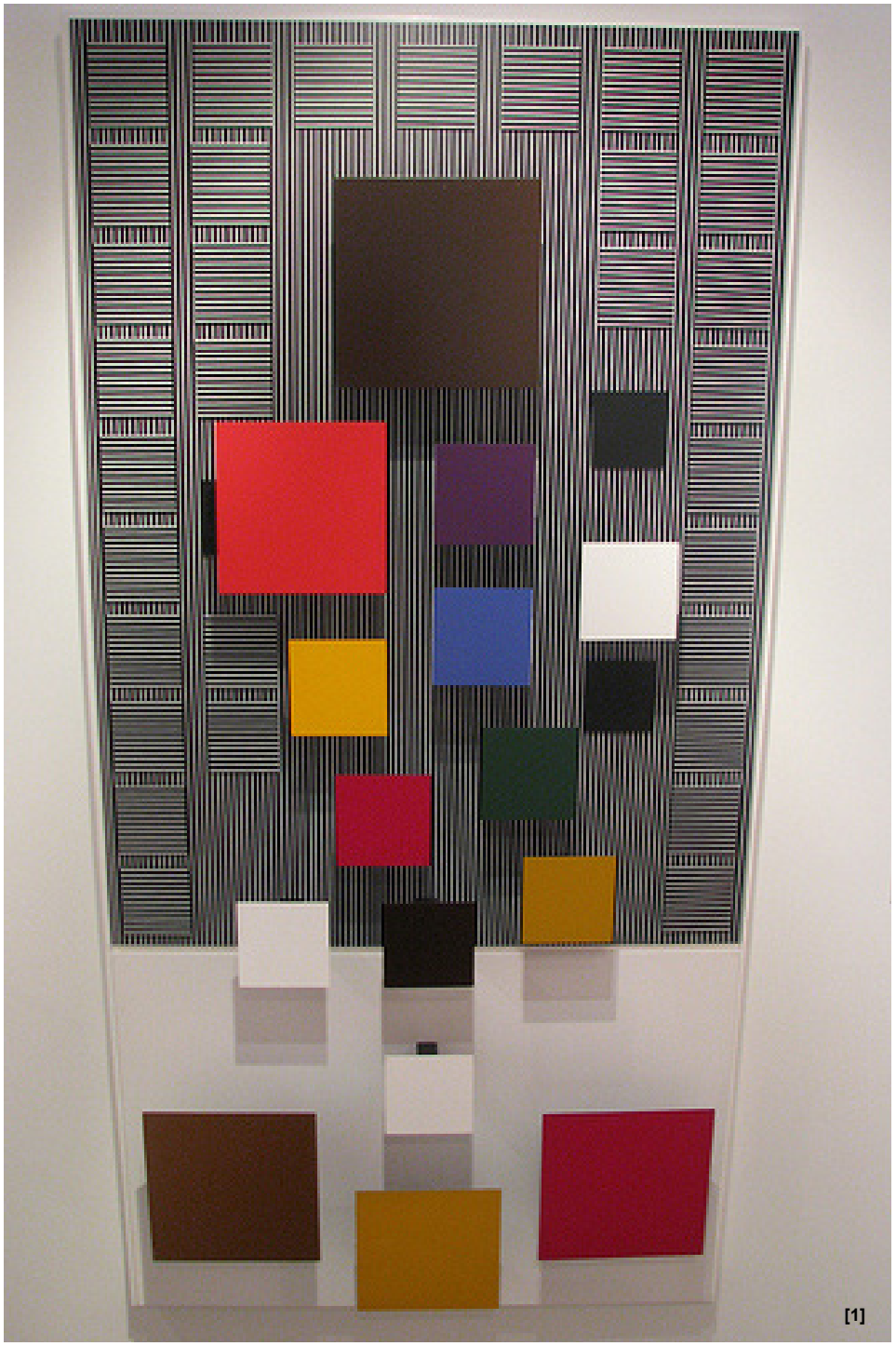











[1]


[2]


[3]


[4]

[1] “Cuadrados s/ blanco y rayado” Jesus Soto. Fonte: http://www.flickr.com/photos/artexplorer/2451771586/.

[2] Subúrbios de Luanda. Fonte: http://samuel-cantigueiro.blogspot.pt/2010/07/luanda-cara-carissima-luanda.html.

[3] “A nova babilonia”, 1929.

[4] “New Babylon” Constant. Fonte: http://dismantlingarchitecture.wordpress.com/2010/07/22/new-ba.

#2

BAFATÁ, GUINÉ-BISSAU:

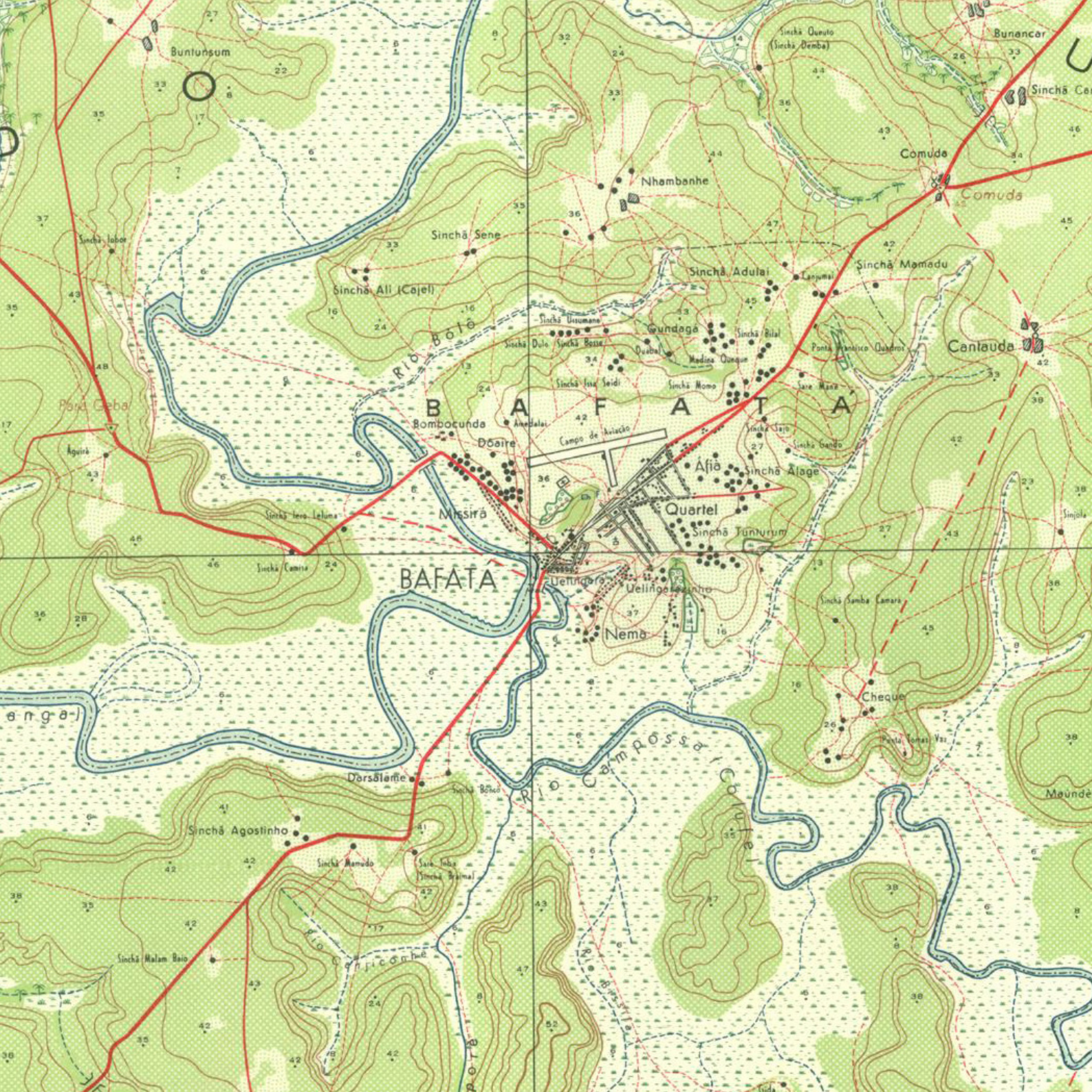
Centro Interpretativo Amílcar Cabral



EXERCÍCIO PRÁTICO DE GRUPO

David Martins Inês Amaro Maria Pommrenke Mariana Brandão Nuno Roque





Buntunsum
Bunancar
Sinchã Queuto (Sinchã Demba)
Comuda
Nhambanhe
Sinchã Sene
Sinchã Ali (Cajel)
Sinchã Adulai
Sinchã Mamadu
Cantauda
Rio Bolô
Gundagá
Sinchã Bilal
Sinchã Dulo
Sinchã Bosse
Sinchã Issa Seidi
Sinchã Momo
Sare Mane
B A F A T Á
Bombocunda
Doaire
Campo de Aviação
Áfiá
Sinchã Álage
Quartel
Sinchã Tunturum
Missirá
Sinchã Iero Leluma
Sinchã Camisa
BAFATÁ
Uelingara
Uelingarazinho
Nemã
Sinchã Samba Camará
Cheque
Rio Campossa (Colulel)
Darsalame
Sinchã Agostinho
Sinchã Mamudo
Sinchã Malam Baio
Rio Canjicoche

A PARTIR DA REALIDADE DA NOSSA TERRA...

"Se a nossa terra fosse toda fechada, com as andanças todas em que estamos nesta luta, o tuga já estava desesperado porque os quartéis não tinham comida."

Amílcar Cabral

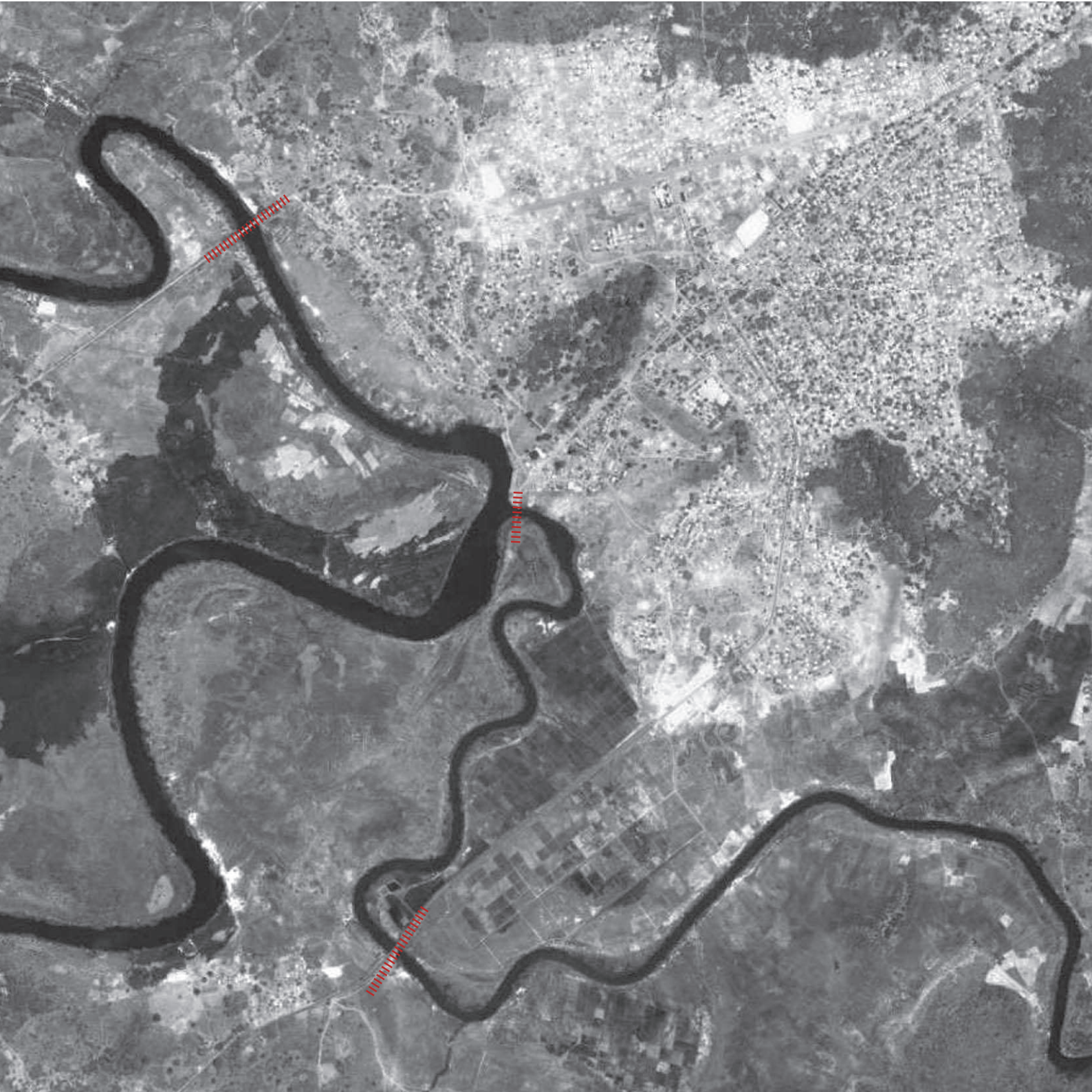
Considerado o "pai" da nacionalidade cabo-verdiana, Amílcar Cabral foi um dos mais carismáticos líderes africanos cuja ação não se limitou ao plano político mas desempenhou um importante papel cultural tanto em Cabo Verde como na Guiné-Bissau.

Amílcar Cabral, defensor da união de duas antigas colónias portuguesas, dedica sua vida à luta pela independencia de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Este defendia que a própria natureza os une de um modo completar através da água: Cabo Verde sendo uma ilha rodeada pelo oceano e Guiné-Bissau banhada por uma extensa bacia hidrográfica.. O seu sonho era a conquista da liberdade e a construção do seu processo para a felicidade de uma África ultramarina independente, morrendo sem ver seu sonho concretizado.

Bafatá é uma cidade formada em pleno Regime Colonial, no centro da Guiné-Bissau, banhada pelo rio Geba. A cidade formal é desenhada e pensada pelo Regime, mas quando a Guiné ganha sua independência, este centro urbano perde os seus habitantes, pois os nativos decidem usar a periferia ao seu gosto ao invés de usar os antigos edifícios portugueses.

"Guiné Portuguesa - Bafatá", 1955. Fonte: http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/.

Apesar de não viverem no centro, usufruem no seu quotidiano de três infraestruturas, o rio, as estradas e o cuble. O rio usam-no para lavar a roupa e pescar. As estradas para o transporte de mercadorias, a partir de uma entrada a norte, e uma outra a sul que veio substituir uma antiga ligação entre o centro e a margem sul do rio Geba. Finalmente um pequeno clube de vídeo que trazia os nativos até ao centro uma vez por semana para lazer.



“Na cidade, somente as pedras, árvores e o rio resistiram à erosão do tempo.”

Real Ficção



Postal de Bafatá.

Vista aérea de Bafatá (Humberto Reis). Fonte: http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt.



Vista aérea de Bafatá (Humberto Reis). Fonte: http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt.




cote

Rua principal de Bafatá antes e depois de 1974.





Rua principal de Bafatá antes e
depois de 1974.




TOYOTA



Cais de Bafatá.



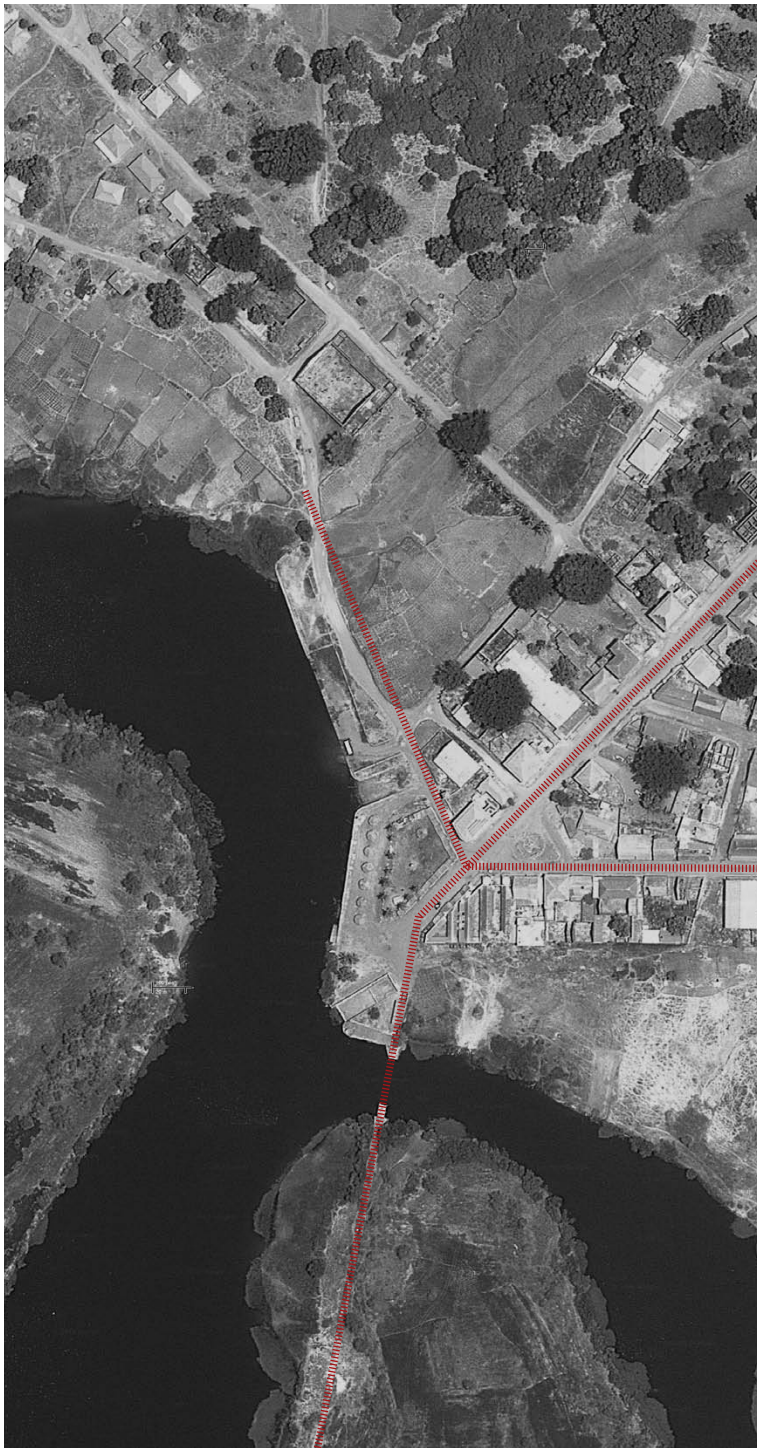


Cais de Bafatá.





Cais de Bafatá (2009). Fonte: http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/2011_05_01_archive.html.



IDEIA CONCEITO

Após tantas mudanças sociais e políticas a que este povo teve que se sujeitar e conquistar, o contacto com o rio foi o único ritual doméstico que não foi eliminado do seu quotidiano. Desta forma, propomos revitalizar a frente ribeirinha de forma a atrair os nativos que vivem maioritariamente na periferia ao centro, inserindo novos programas de interesse comunitário, tal como um clube de vídeo e zona expositiva.

Este projeto tem como intensão um zonamento na frente ribeirinha a ponto de a revitalizar, ao contrário de um projeto com uma implantação única. Impõe assim um desenho urbano em qualquer localização que este adquira, de forma a «agrafar» as suas características sociais, urbanas e arquitetónicas.

O uso de estruturas efémeras de baixo custo, com elementos de fácil montagem e desmontagem (módulos), permitem um zonamento dos diferentes elementos efémeros e programáticos ao longo da frente ribeirinha de forma a revitalizá-la. Mais importante que implantar um programa efémero, importa-nos melhorar os espaços exteriores, deixando marcas que valorizem o existente, assim como redesenhar o sistema de vias, permitindo uma maior afluência a este centro, através da reconstrução da ponte pelos nativos (mutirão e autogestão).

A reflexão acerca da temática ribeirinha, suporta ao mesmo tempo o pensamento acerca da ventilação nas estruturas. Esta realiza-se com o apoio da proximidade do rio, uma vez que os ventos frescos de sudoeste trespassam pelos espaços programáticos a partir de grelhas por baixo da estrutura, enquanto o quente sai por cima e é ventilado pela cobertura.



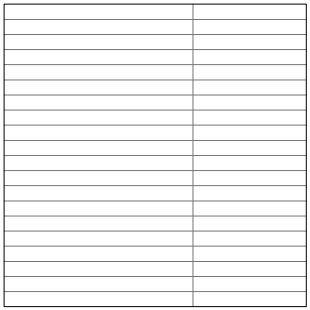


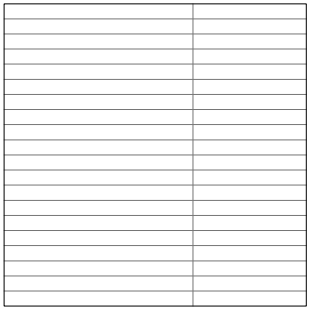


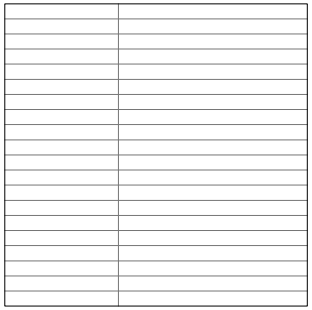


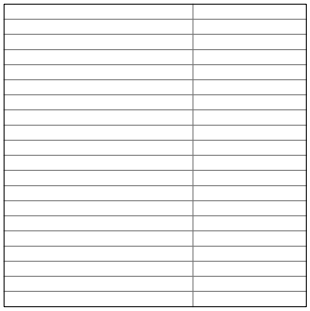
Flexibilidade na implantação
dos módulos.
Esc. 1:4000

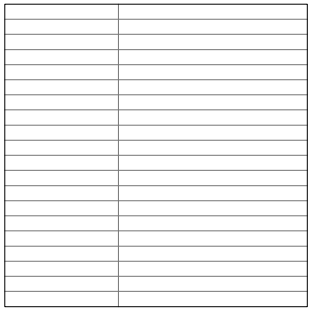

2,5
1,5

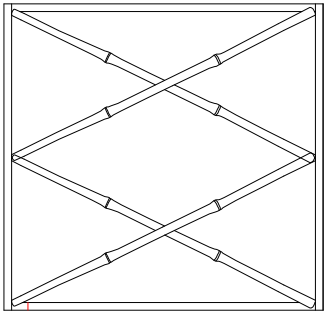




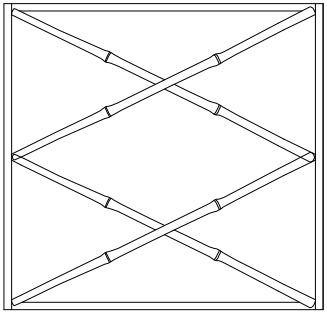


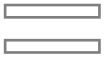


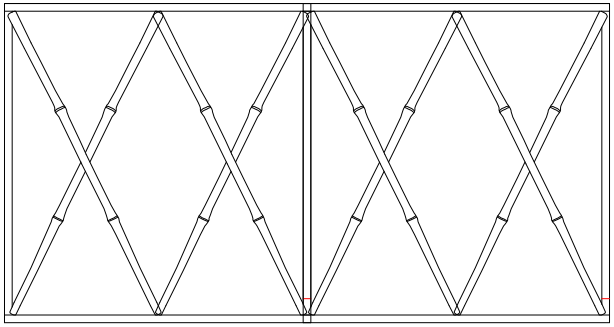


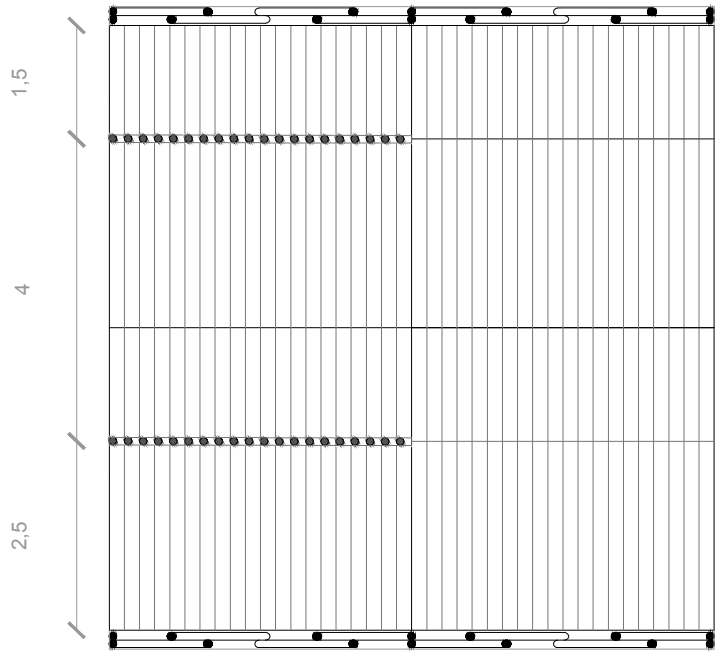




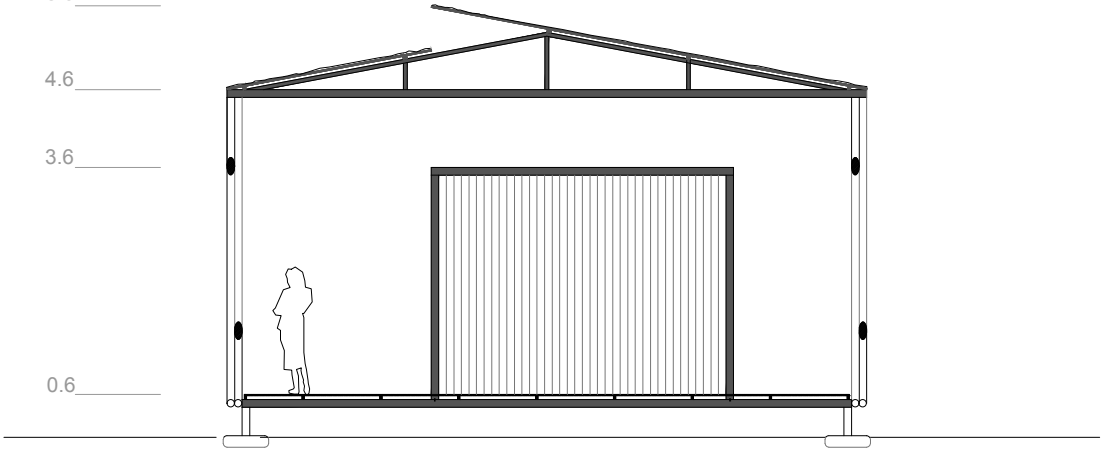


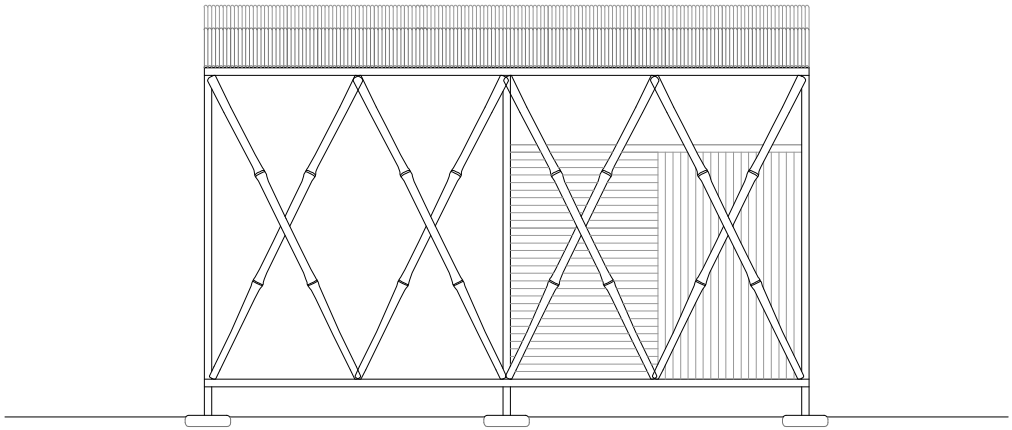




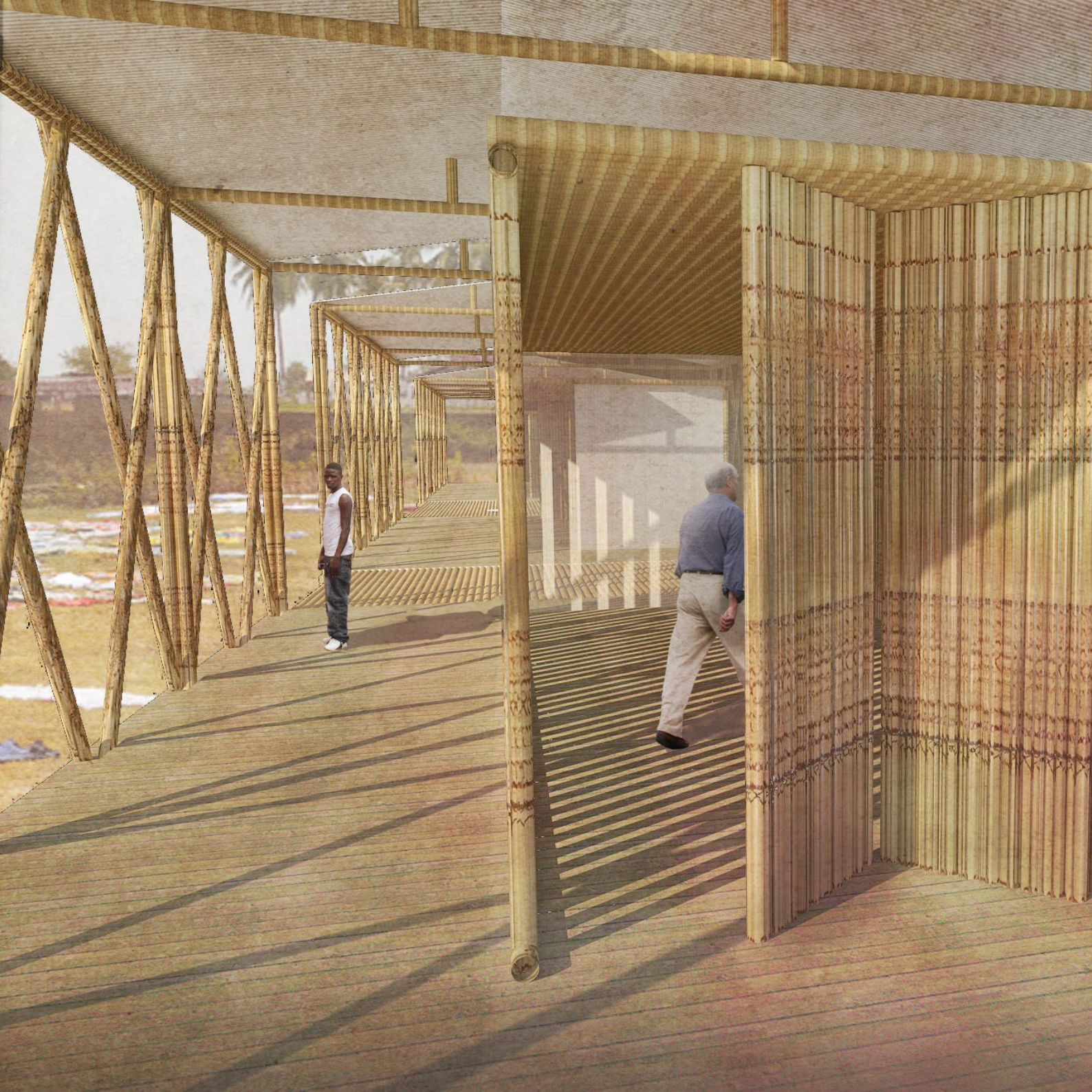


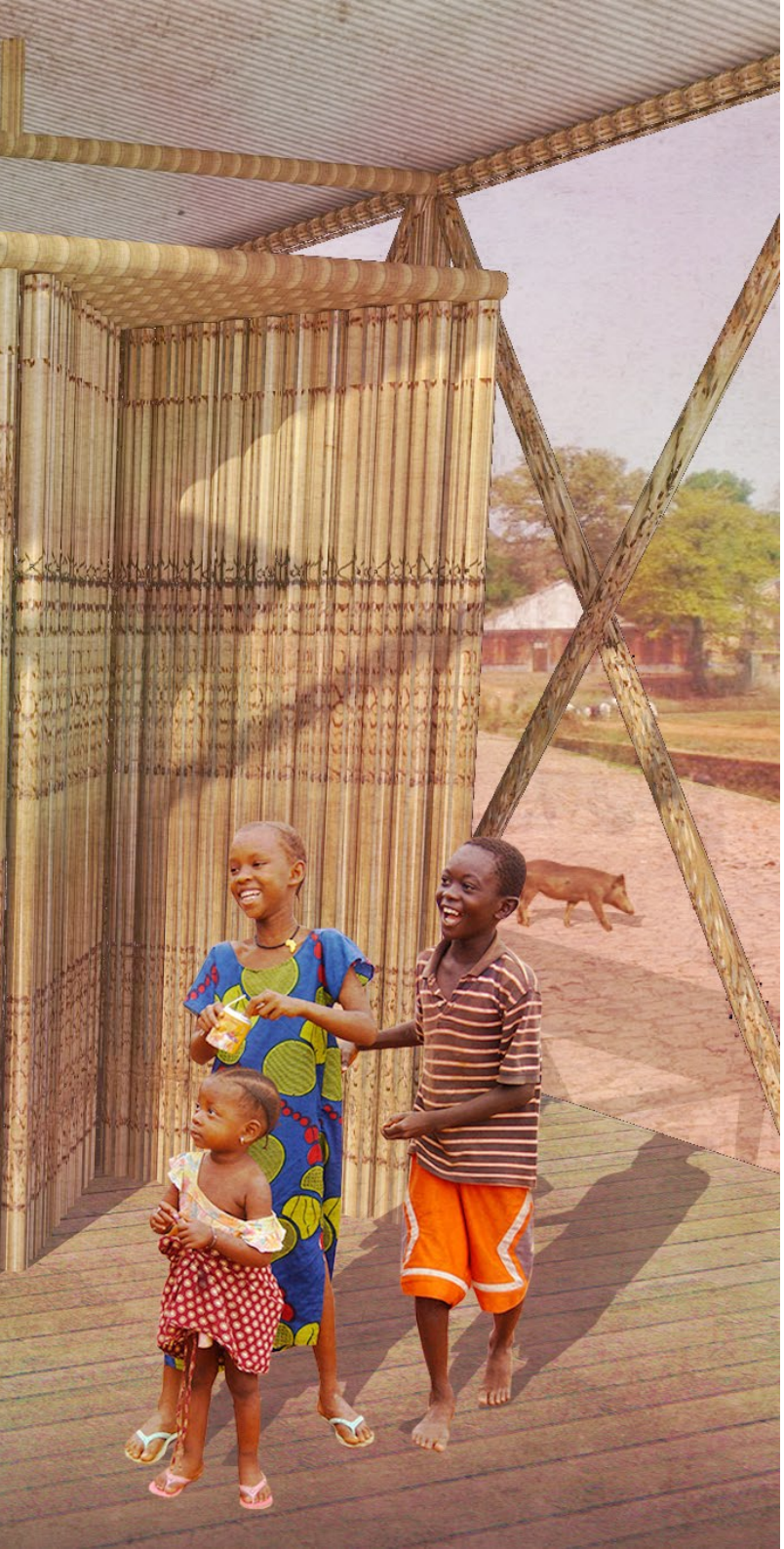
Módulos.
Esc. 1:100

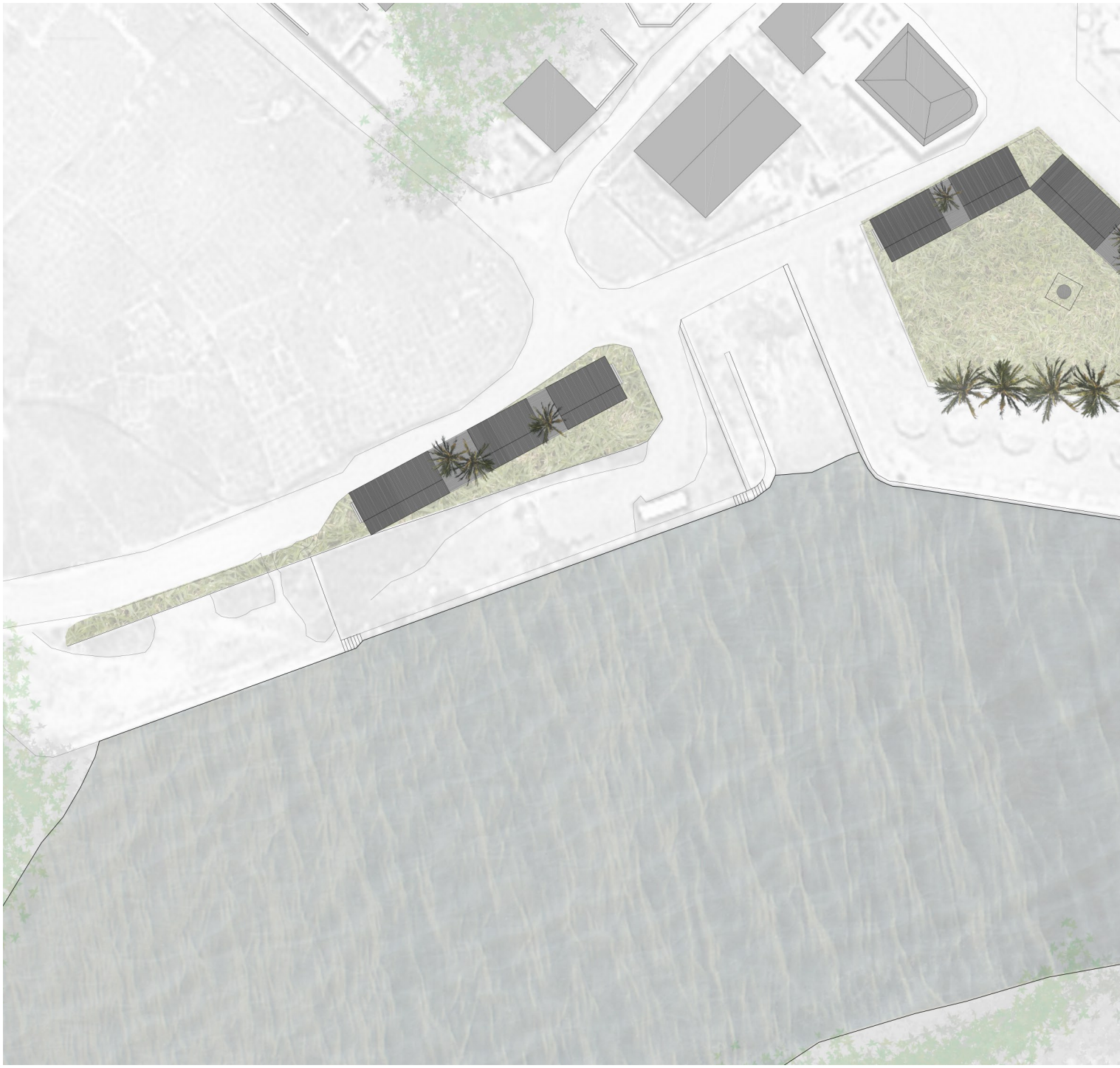




Corte dos módulos.
Esc. 1:100





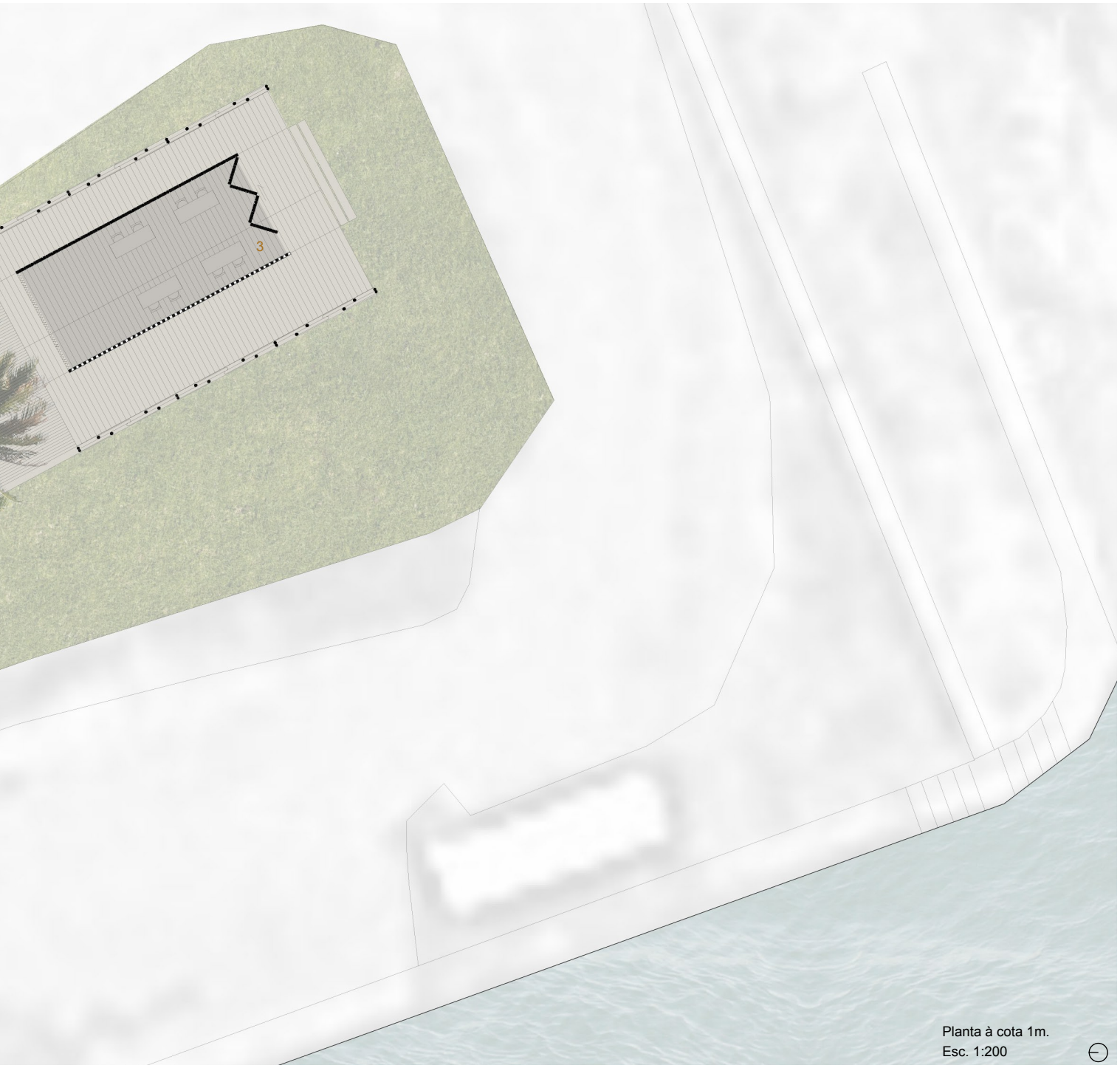




Planta de implantação.
Esc. 1:1000



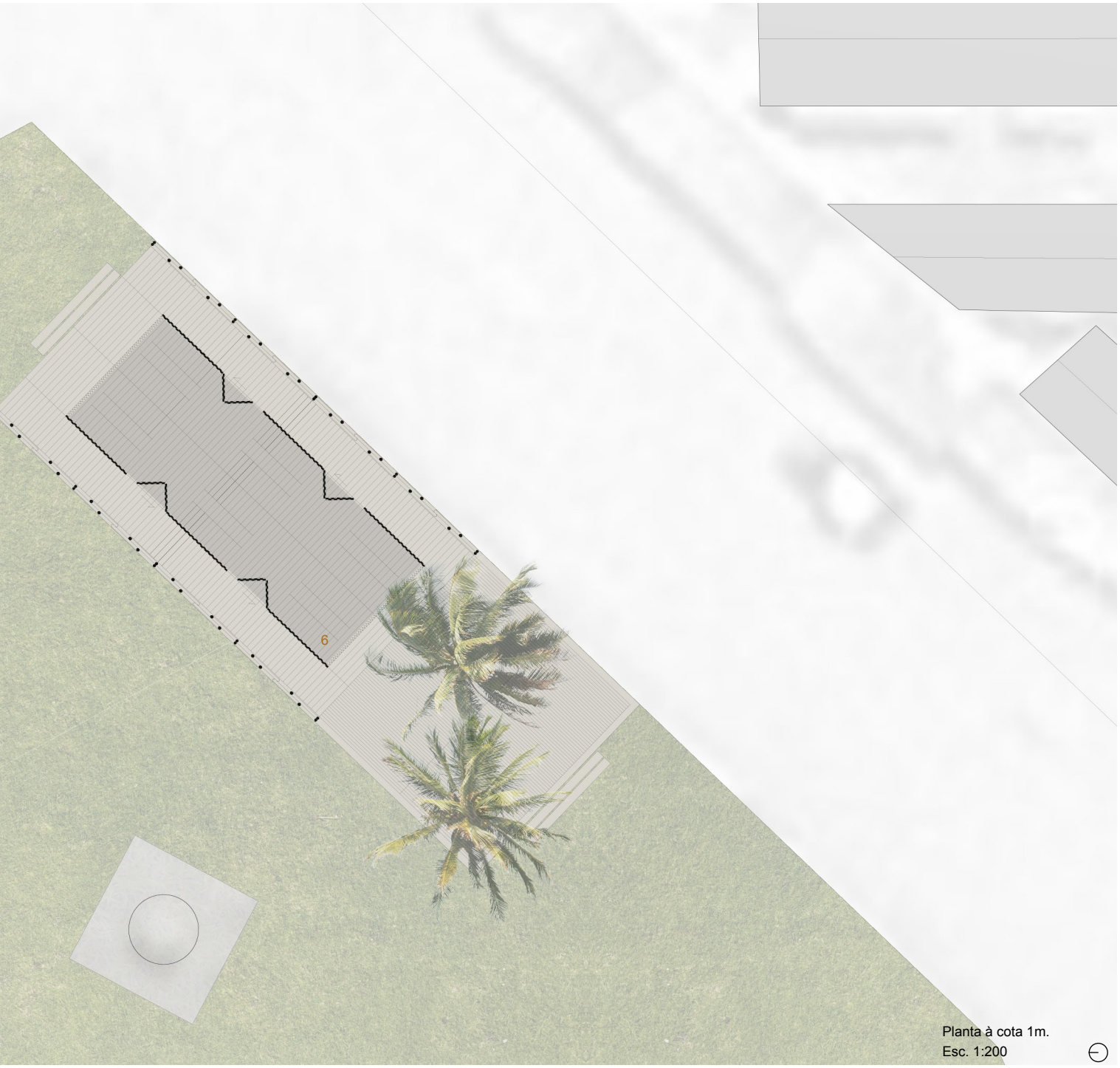
01 Arquivo e Centro de Documentação **02** Sala de Estudo e de Pesquisa **03** Sala de Formação



Planta à cota 1m.
Esc. 1:200



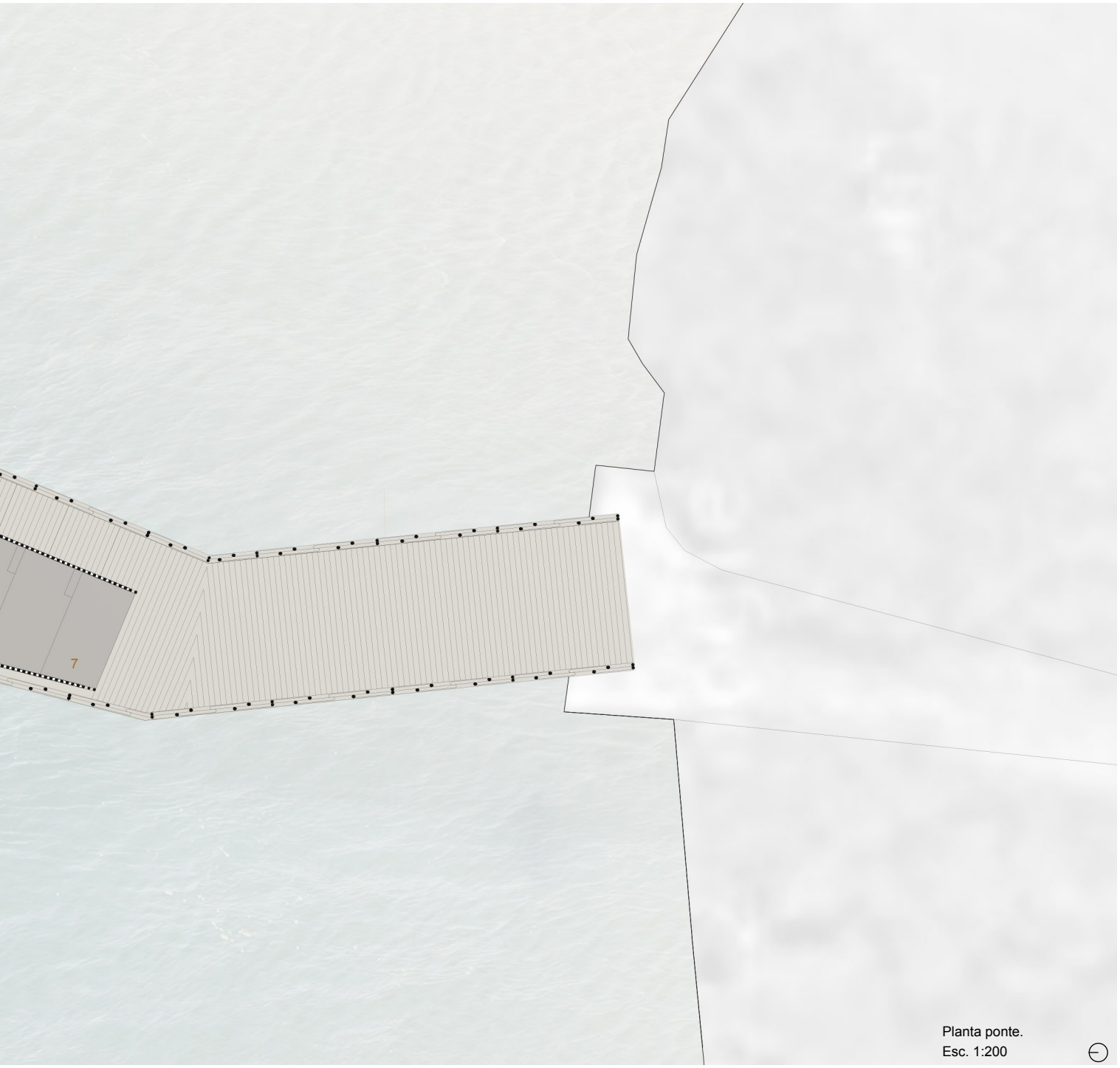
04 Sala de Formação para as crianças **05** Sala de Exposições **06** Loja



Planta à cota 1m.
Esc. 1:200

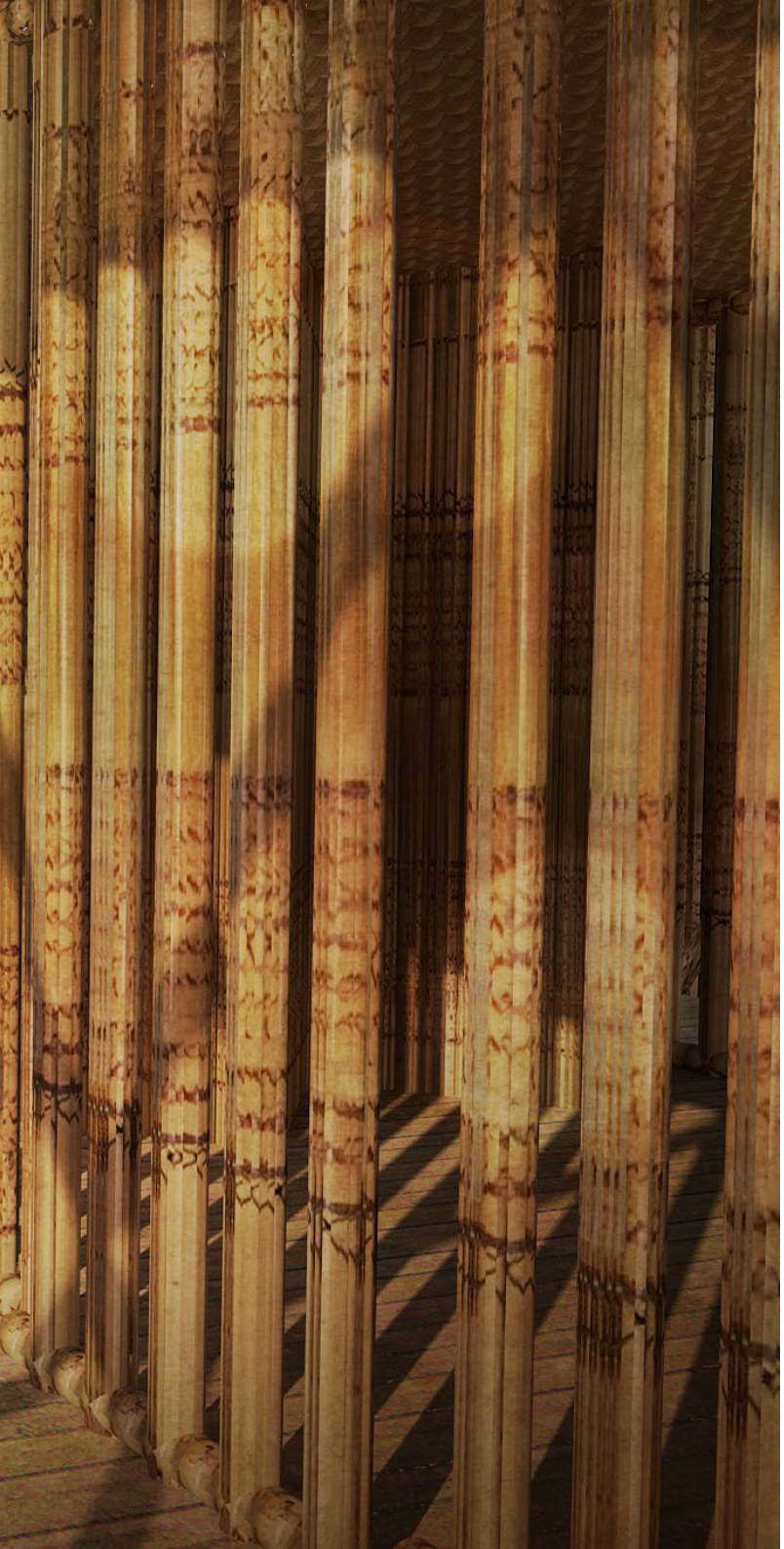


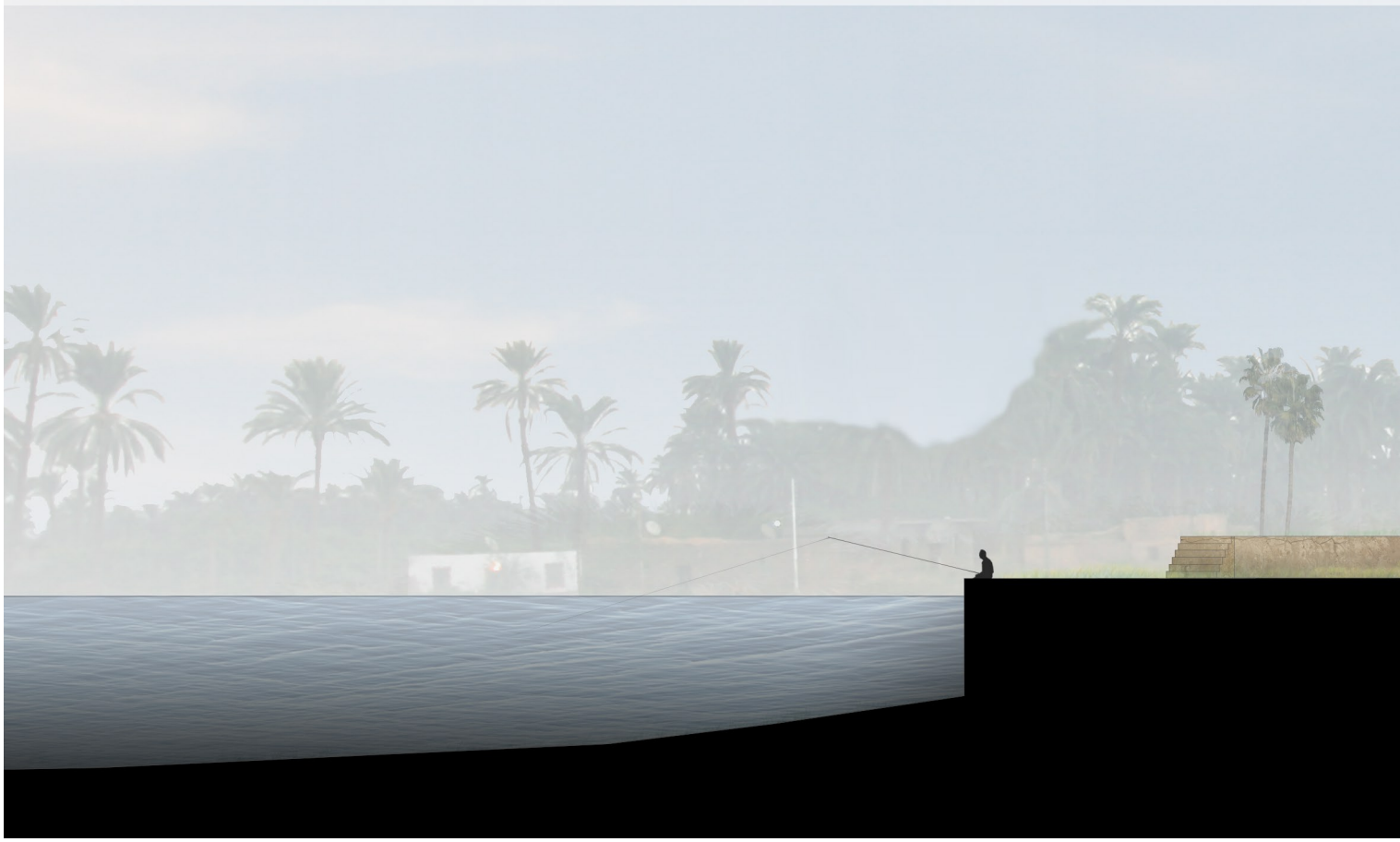
07 Auditório

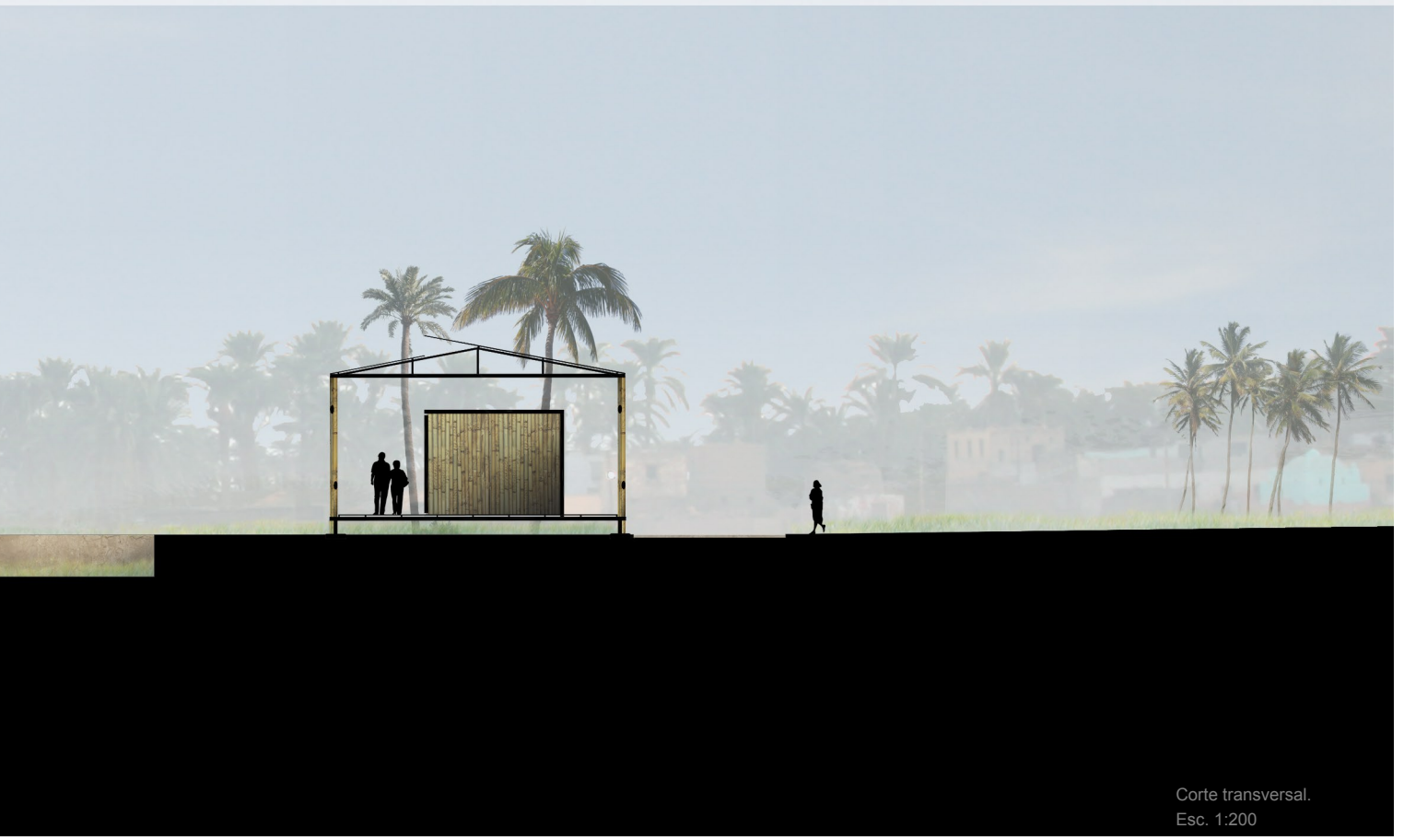


Planta ponte.
Esc. 1:200







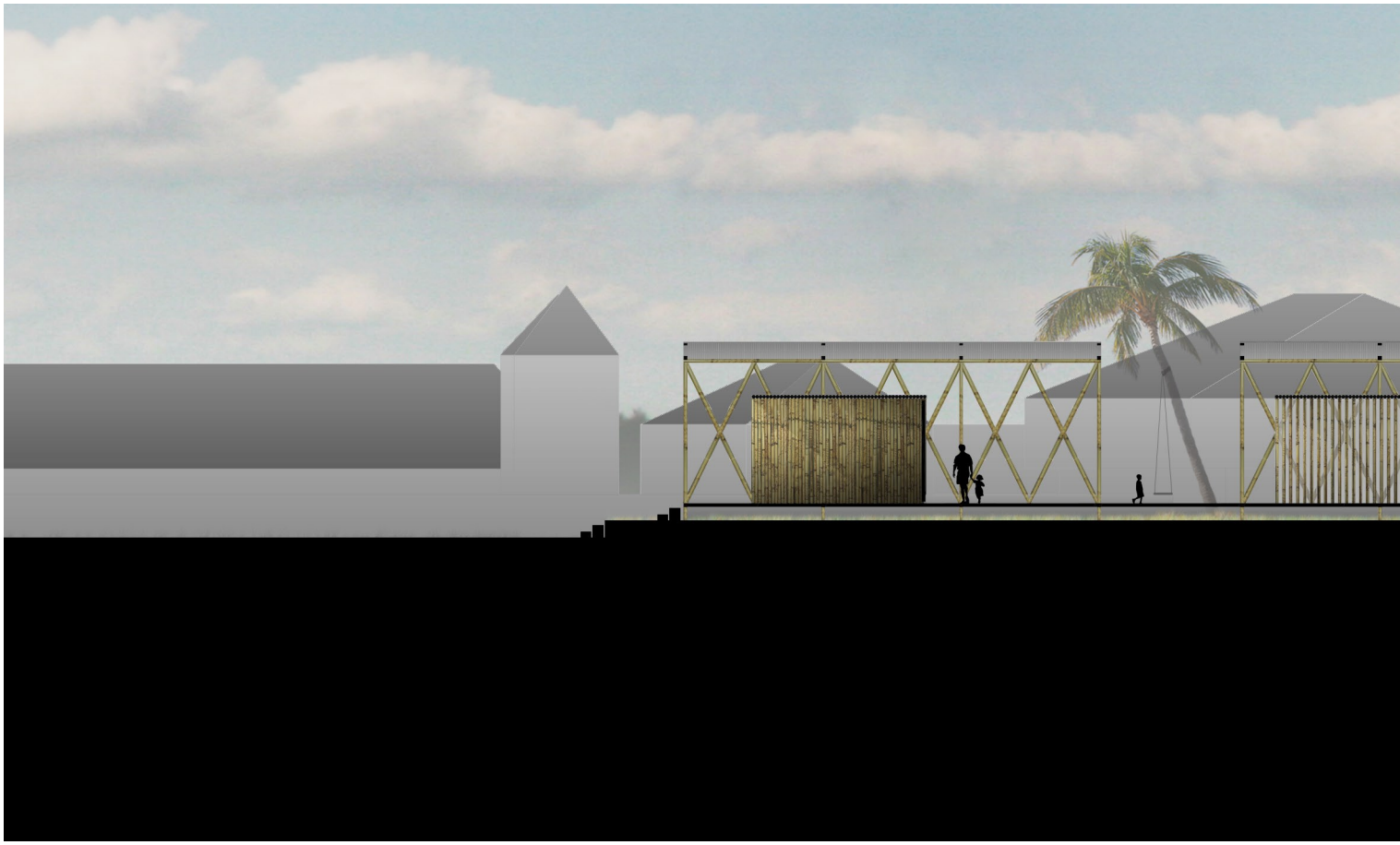


Corte transversal.
Esc. 1:200





Corte longitudianal.
Esc. 1:200





Corte longitudianal.
Esc. 1:200



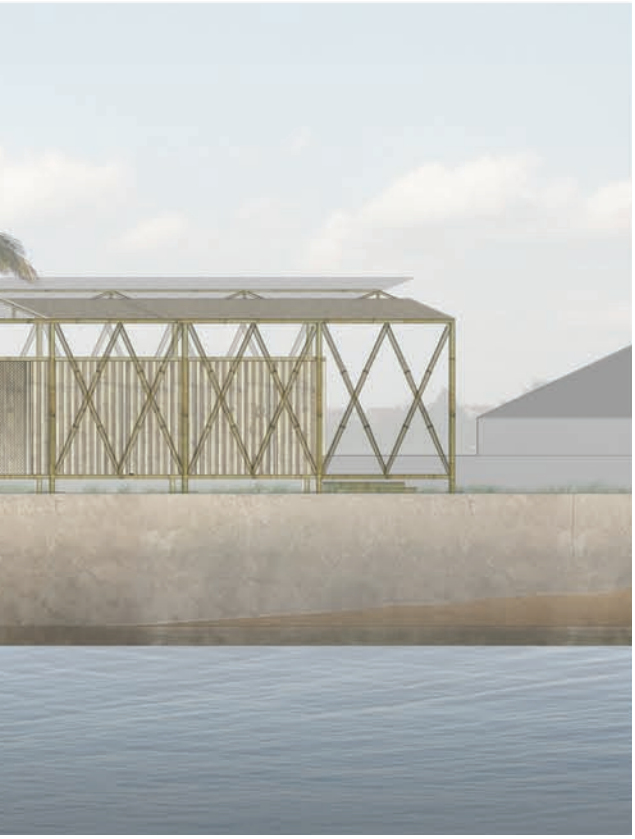


Corte da ponte.
Esc. 1:200









Alçado principal.
Esc. 1:200





Alçado principal.
Esc. 1:200





Alçado ponte.
Esc. 1:200









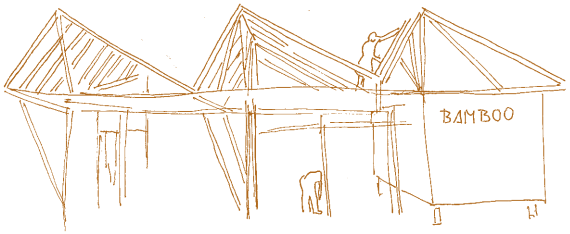
1. PLANTAR BAMBÚ



2. PRODUZIR BAMBÚ



3. CRIAR TRABALHO



4. CONSTRUIR EM BAMBÚ

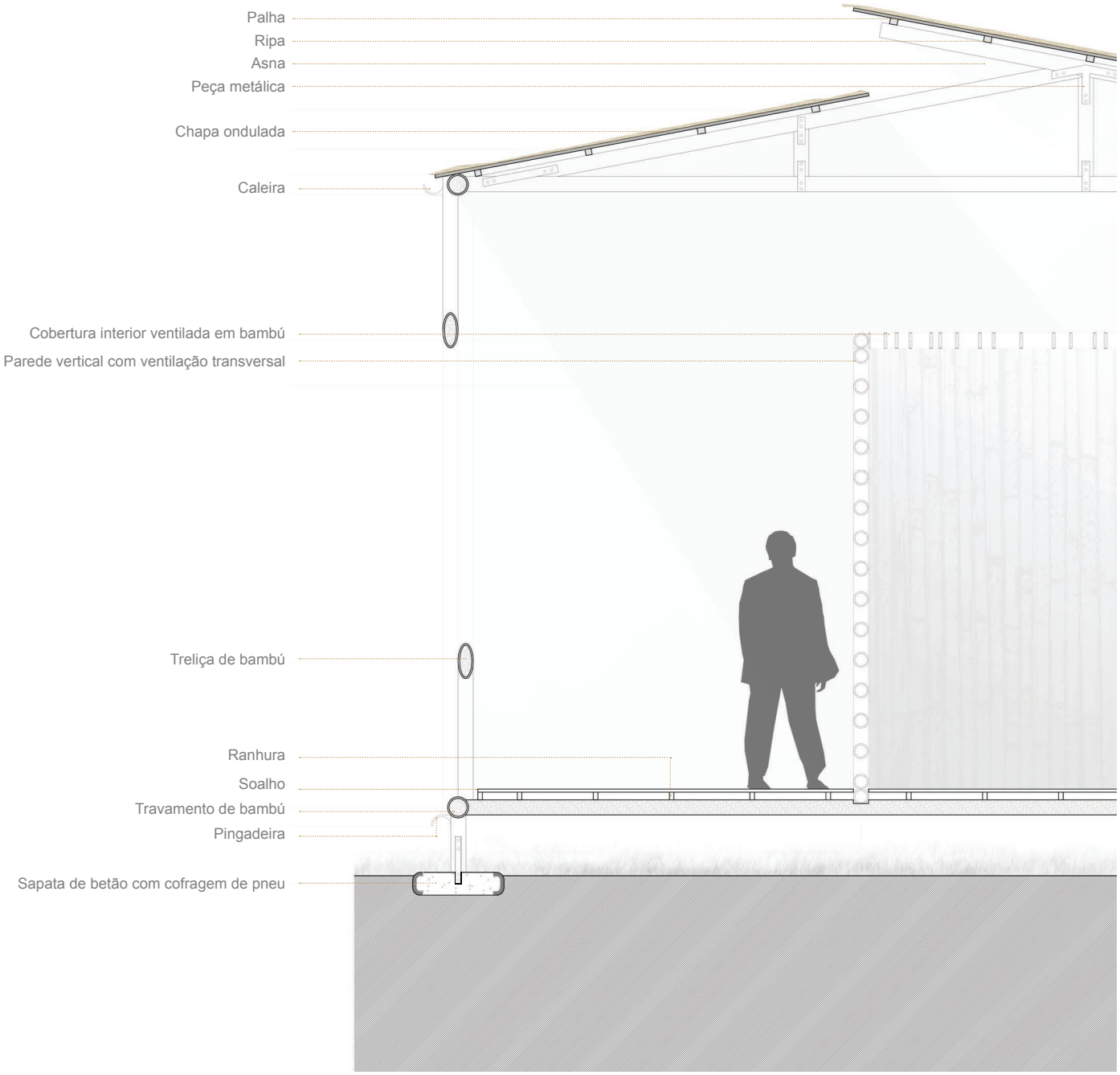
MATERIALIDADE

A construção de bambu deste projeto insere-se, não só numa opção estrutural e arquitetónica, como também num estímulo à económica local, tirando partido das suas vantagens climatéricas. Apesar do bambu não ser uma planta produzida na Guiné-Bissau, o seu território e o seu clima tropical caracteristicamente quente e húmido concebem condições para a sua produção. Esta é uma planta tropical que se produz sem necessidade de replantio, cuja taxa de crescimento pode atingir até 1m por dia e as suas características estéticas, alta estabilidade comportamental e de exploração ecológica são cada vez mais valorizadas mundialmente.

A instalação de uma fábrica para este efeito na Guiné-Bissau permitiria não só a criação de emprego aos locais, assim como um processo de exploração, manufatura e montagem totalmente nacional, ainda com vantagens no que se refere à possível revitalização de um mercado exportador e competitivo em relação à tradicional construção de alvenaria.

Achamos fulcral que a nossa proposta, por se tratar de uma intervenção temporal, seja capaz de introduzir uma nova técnica construtiva que seja sustentável, delineando de certo modo a valorização de construções onde o território e a população guineense exercem a maior relevância da arquitetura.

Corte construtivo do
módulo.
Esc. 1:40


Palha
Ripa
Asna
Peça metálica
Chapa ondulada
Caleira
Cobertura interior ventilada em bambú
Parede vertical com ventilação transversal
Treliça de bambú
Ranhura
Soalho
Travamento de bambú
Pingadeira
Sapata de betão com cofragem de pneu

REFERÊNCIAS

Com o intuito de adaptar o ensino da Arquitetura à especificidade dos trópicos, o Ministério das Colónias patrocina a formação em Arquitetura Tropical lecionada em Londres, na Architectural Association (AA). Luís Gonzaga Pimentel Pedroso Possolo, vinculado a uma geração mais recetiva aos ideais modernos, é o primeiro a ingressar no curso, em 1954. O curso em Arquitetura Tropical na AA, surge então da necessidade de preparação de arquitetos com objetivo de desenvolver o seu trabalho em territórios tropicais, com especial atenção para as questões solares e climáticas, e resultante implantação e desenho dos edifícios, tentando com as técnicas e materiais locais cumprir os cânones da cultura moderna.

Segundo o relatório escrito por Luís Possolo sobre a sua frequência do curso de arquitetura tropical, o curso consiste na "execução de projetos elaborados em função dos dois tipos de climas dominantes nessas mesmas regiões, a saber: - o "quente seco" e o "quente húmido", (…) obter o máximo de ventilação para a região quente e húmida e o maior isolamento para a região quente e seca". As construções são moduladas e levemente sobrelevadas com embasamento em betão por causa das precipitações"[1]. Inseridos numa região simultaneamente "quente e húmida"; e "quente e seca", obdecem a princípios que permitem a ventilação transversal e a proteção ao sol e às águas pluviais. A ventilação é assegurada através de um sistema de entradas de ar fresco junto ao pavimento e respetivas saídas de ar quente junto ao teto, e reforçada, segundo um sistema de janela/porta persiana. A cobertura de duas águas, em fibrocimento, é desenhada de modo que as mesmas sejam "desencontradas de forma a favorecer uma ventilação mais eficiente e uma perfeita saida de ar quente existente no interior da construção". A estratégia de ensombreamento assenta, fundamentalmente, no balanço da cobertura, formando galerias periféricas exteriores, apoiada por arborização, a nascente e a poente[2].

[1] MILHEIRO, Ana Vaz e DIAS, "Eduardo Costa, Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)", revista eletrónica *arq.Urb,* nº. 2, 2º semestre de 2009.

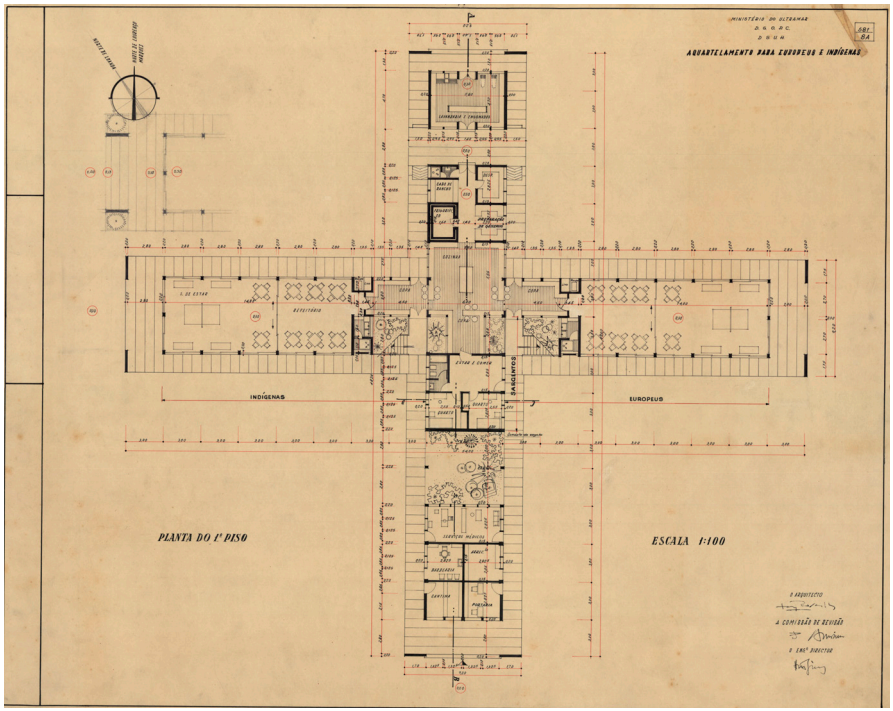
[2] POSSOLO, Luís, *Memória Descritiva e Justificativa, Estacão Rádio Naval de Luanda*, Processo 581, Caixa 82, Ministério do Ultramar, Direcção Geral de Obras e Comunicação, Direcção dos Serviços de Urbanismo e Habitação, Lisboa, 1959.



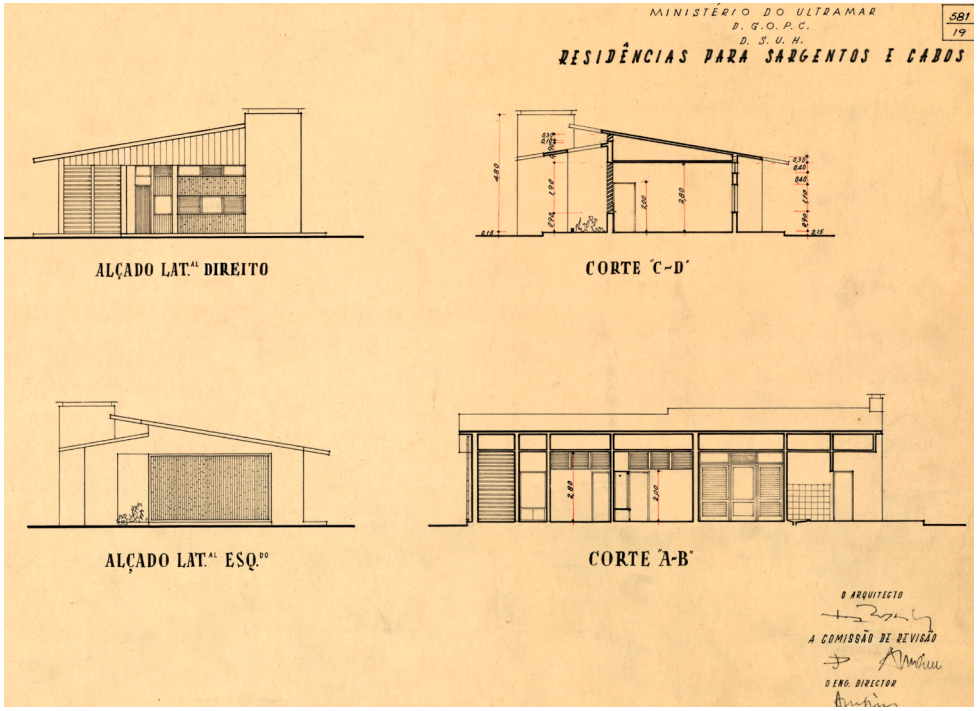
Escola em Gando de Francis Kéré.



Cabanas de dormir para crianças órfãs em Noh Bo, Tailândia.



Luis Possolo, Central Eléctrica para a estação Rádio Naval, Arquivo Histórico Ultramarino.



Luis Possolo, Central Eléctrica para a estação Rádio Naval, Arquivo Histórico Ultramarino.

#3

AMOREIRAS:

Reconversão urbana na colina das Amoreiras



EXERCÍCIO PRÁTICO DE GRUPO

David Martins Inês Amaro Maria Pommrenke Mariana Brandão Nuno Roque




Campo
de
Parada
Largo
do
Rato
TRINAS DO RATO

CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

Campolide medieval era, tal como outros lugares “fora de portas”, com todo o seu terreno constituído por quintas de cultivo com olivais, pomares e vinhedo. Pelas suas características rústicas e o seu aglomerado disperso, este era um local considerado sadio e aprazível, pelo que o clero e a nobreza aqui possuíam quintas. A sua ocupação humana aumentou no séc. XVII, resultado da vinda de mão de obra para a construção do Aqueduto das Águas Livres (1732-1748).

A promoção dos transportes ferroviários e sob carris no fim do séc. XVIII originou uma variação na direção de crescimento na cidade de Lisboa, que até então era realizada ao longo da margem do rio. A instalação de indústrias era realizada sobretudo nas imediações do centro da cidade ou na periferia da mesma, porém de acesso facilitado, como o caso das Amoreiras, que usufruía da proximidade do Largo do Rato, da distribuição de água do Aqueduto e pelo suporte do elétrico 24 (inaugurado em 1907 e que realizava o transporte de passageiros entre o Largo do Carmo e Campolide).

Colina das Amoreiras entre
1856 e 1858 (Filipe Folque).
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.





Colina das Amoreiras em 1911 (Silva Pinto). Fonte: http:// http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.



Este foi o primeiro momento de crescimento e desenvolvimento da zona, onde se seguiram mudanças sociais e económicas, com a fixação de uma nova classe, a classe operária. Porém o afluxo de pessoas que vinha dos meios rurais à procura de melhores condições de vida deparou-se com a incapacidade do Estado lhes arranjar habitações condignas e baratas, e viram-se obrigadas a ocupar espaços desocupados, como traseiras de edifícios, conventos de ordens religiosas extintas ou palácios abandonados, para providenciar alojamentos precários.

Atentos às carências dos seus trabalhadores, institucionalizou-se uma nova forma de alojamento e um novo processo de exploração: senhorios fazem construir nas traseiras dos seus prédios, casas abarracadas para arrendar aos seus operários. Foi neste quadro que se edificaram centenas de pátios e posteriormente vilas que ainda hoje existem na zona das Amoreiras, constituindo uma parte considerável do seu tecido edificado.

Esta era a paisagem até ao século XX, estávamos perante a escala baixa das quintas, das fábricas e posteriormente dos pátios e vilas (microescala). Contudo, estávamos prestes a assistir a profundas alterações urbanas, que conduziriam ao aumento da fragmentação do tecido social.

Foto aérea de um troço da Ruas das Amoreiras na década de 40. Fonte: Gabinete de Estudos Olipissiponenses.


CARMO



Rua das Amoreiras em 1944 (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.





Rua das Amoreiras em 1947 (Fernando Martinez Pozal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Rua das Amoreiras em 1898.
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Fábrica das Sedas na Praça das Amoreiras em 1964 (Arnaldo Madureira). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Pátio do Biaggi (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Pátio do Biaggi (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



O ano de viragem foi 1944, quando terminaram as obras da construção da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco. Este rompeu ruas e prédios pré-existentes, alterando a hierarquia de espaços e dando o mote para a cidade pós-industrial (macroescala).

Agregados à “nova porta de Lisboa” começaram a surgir edifícios como o do Centro Comercial das Amoreiras (1985) que modificou violentamente a imagem da cidade, introduzindo um crescente número de edifícios de cérceas altas, rompendo com a escala humana a que Lisboa estava habituada em harmonia com as suas colinas. Consequentemente apareceu uma nova paisagem, com centros comerciais, hipermercados, escritórios, sedes de bancos, hotéis e centros de congressos, todos marcantes pela dimensão e como objetos arquitetónicos, que se viraram para as ruas principais de maior fluência, descurando-se das ruas da primeira malha, tornando-as secundárias ou até mesmo traseiras.

Rua das Amoreiras em 1968 (Artur Inácio Bastos). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.





Anúncio promocional da nova sede da Philips na Rua das Amoreiras. Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2013/09/philips-portuguesa.html.

Construção do edifício sede da Philips no cruzamento entre a Rua das Amoreiras e a Avenida Duarte Pacheco em 1968. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.





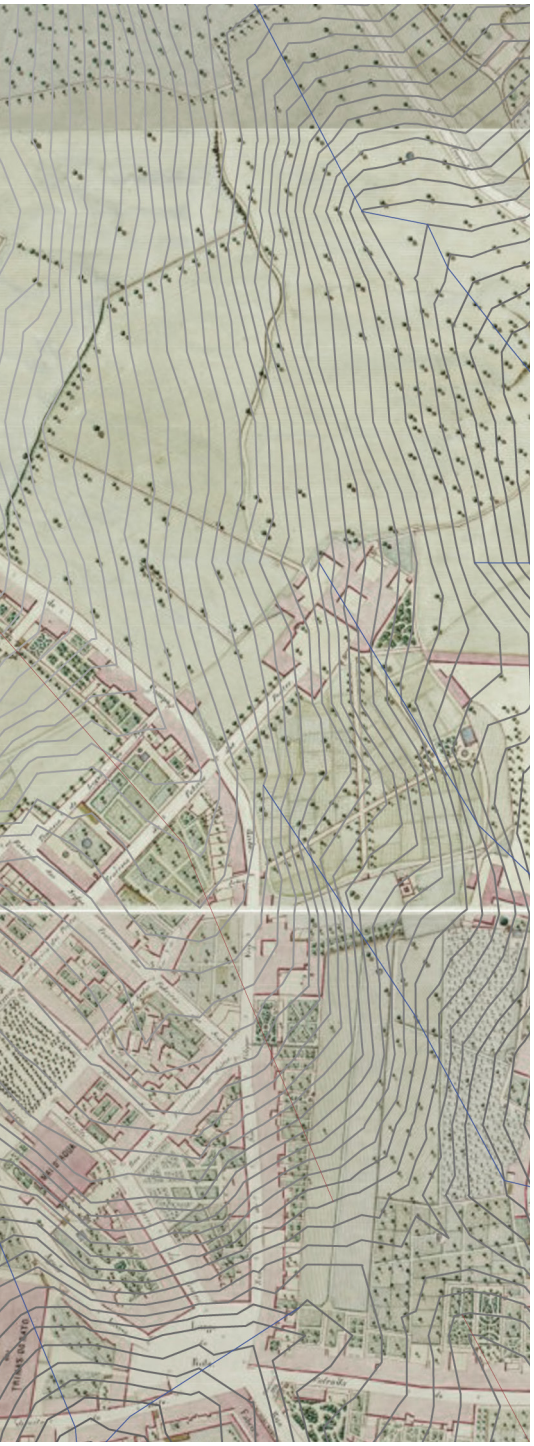


Construção da Torres da Amoreiras em 1986. Fonte: http://www.alvesribeiro.pt/portfolio/amoreiras-apartamentos/16.



Construção da Torres da Amoreiras em 1986. Fonte: http://www.alvesribeiro.pt/portfolio/torres-das-amoreiras/11.





Festos
Talvegues

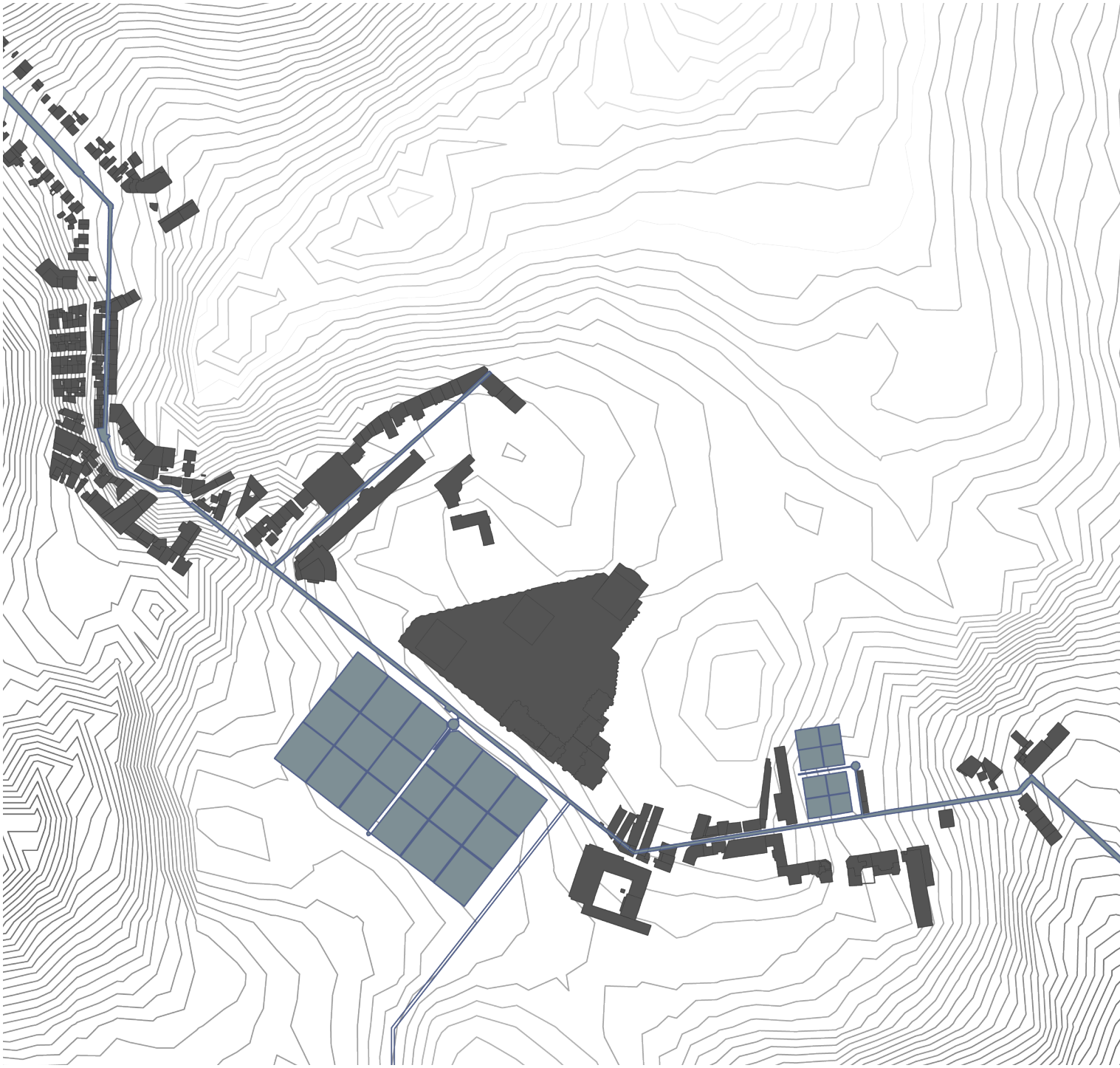
Planta de festos e talvegues sobre a planta de Filipe Folque 1856-58.
Esc. 1:5000

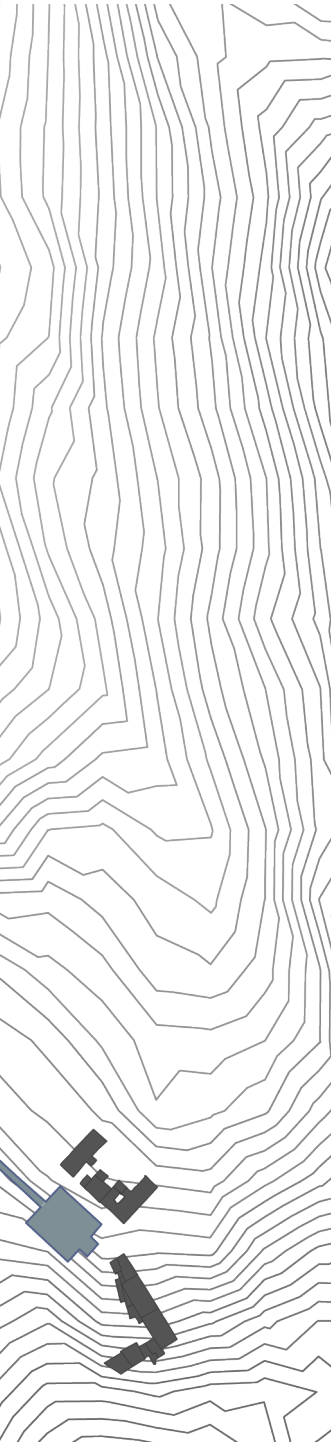




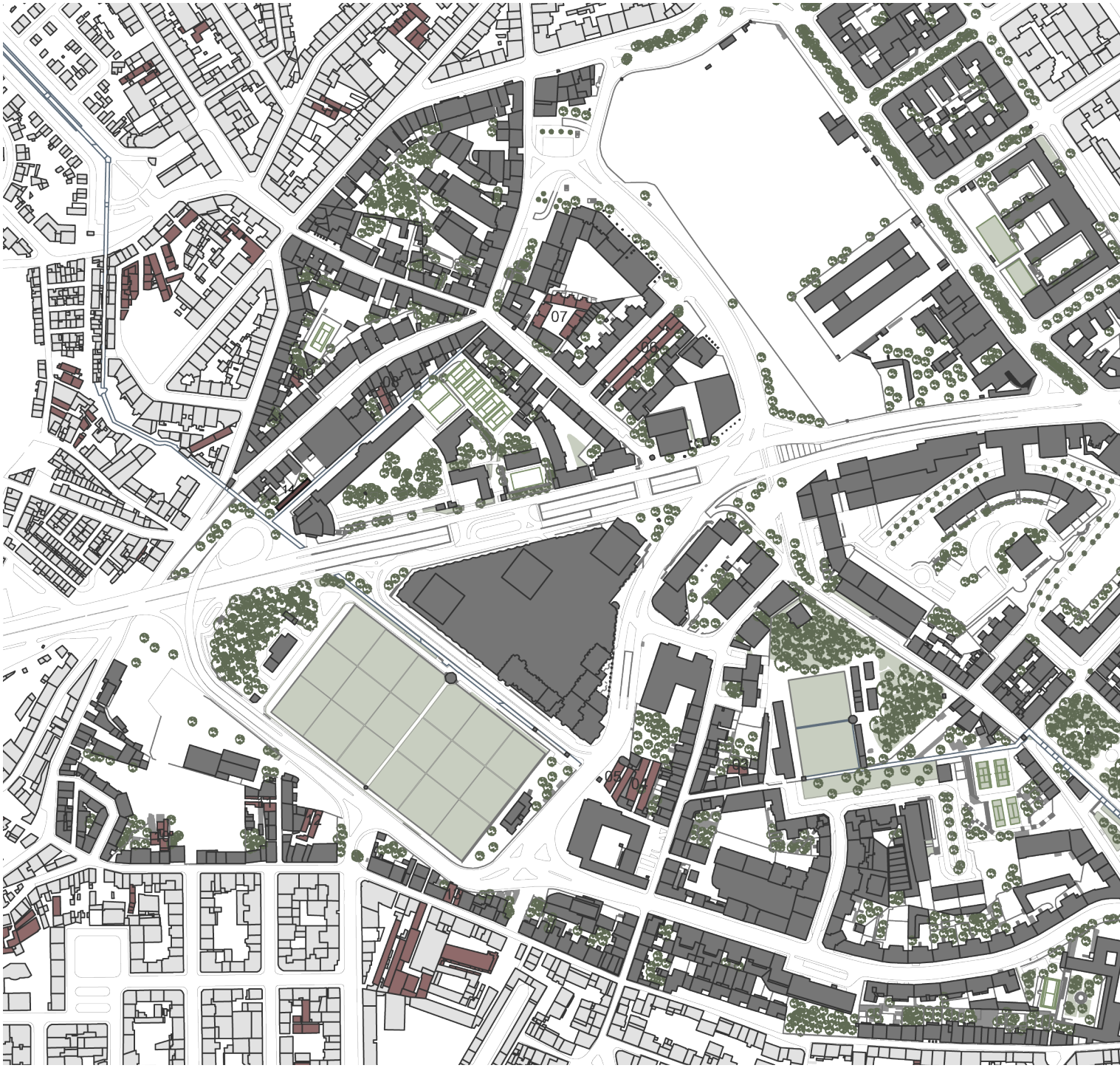
Malha até ao início do séc. XX
Malha atual das ruas principais

Planta da evolução das malhas.
Esc. 1:5000





Planta da localização do percurso do Aqueduto das Águas Lives e principais ponte de confluência.
Esc. 1:5000

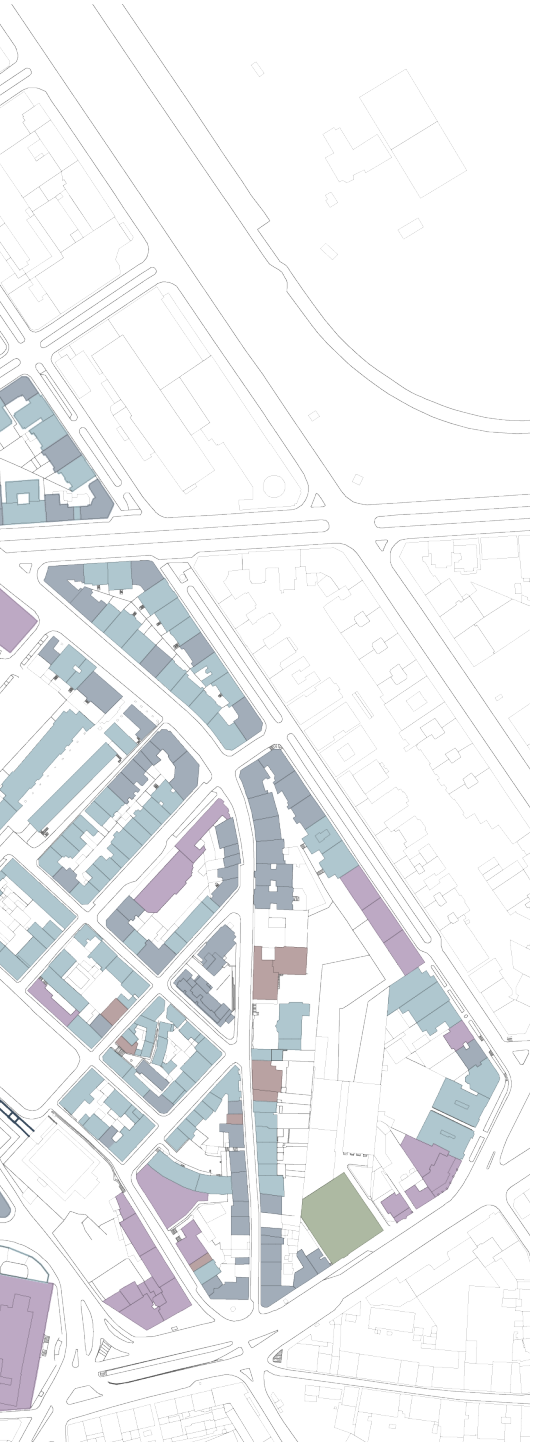

07
06
08
14
05
09



1- Pátio Alto de São Francisco
2- Pátio Bagatela
3- (sem nome)
4- Vila Reis
5- Vila Sérgio
6- Vila Raúl
7- Vila Romão da Silva
8- Pátio Fernandes
9- (sem nome)
10- Pátio Sedas
11- Pátio Fogueteiro
12- Vila Lino
13- (sem nome)
14- Pátio Mendonça

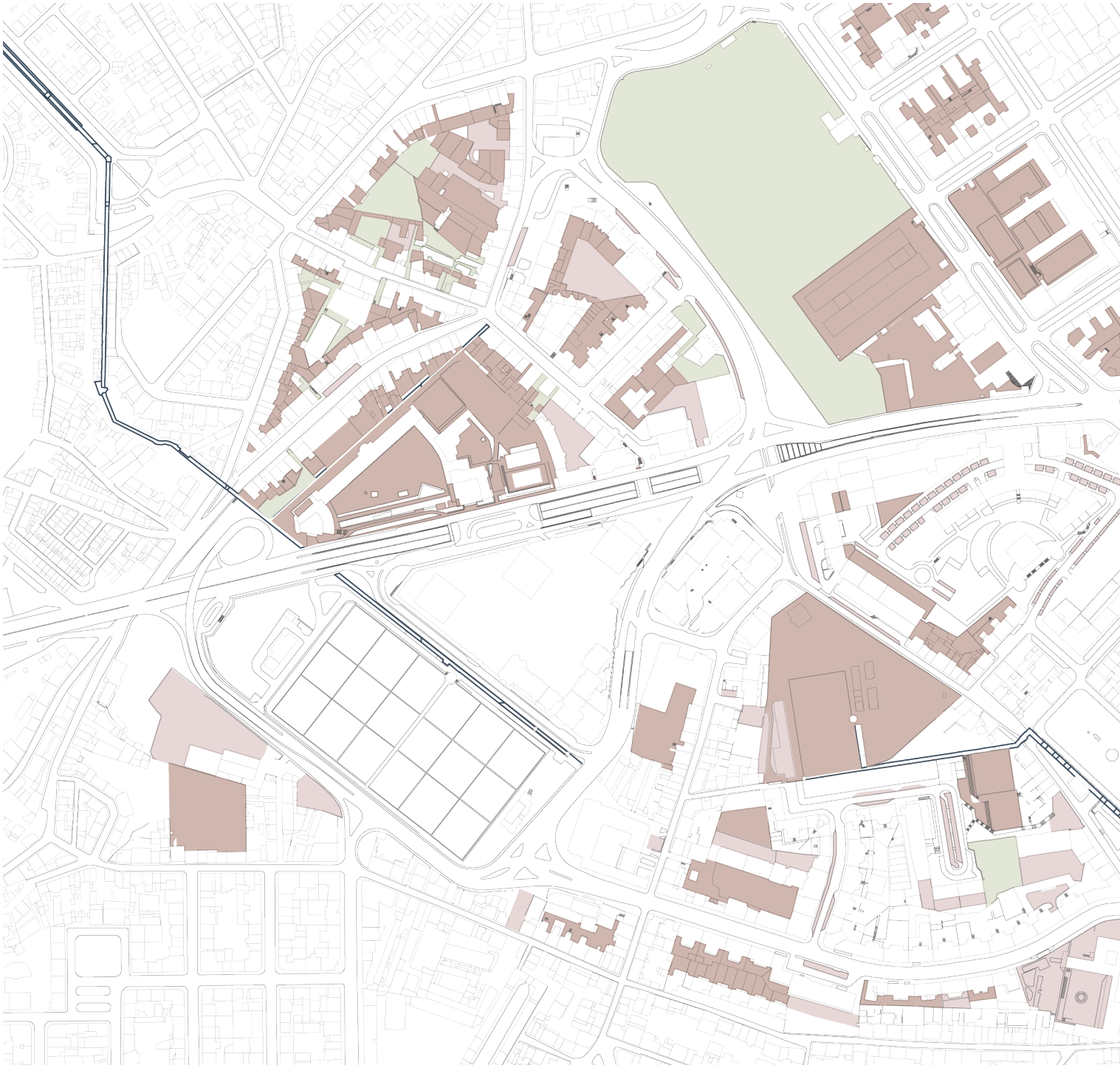
Planta de localização das vilas e pátios operários.
Esc. 1:5000

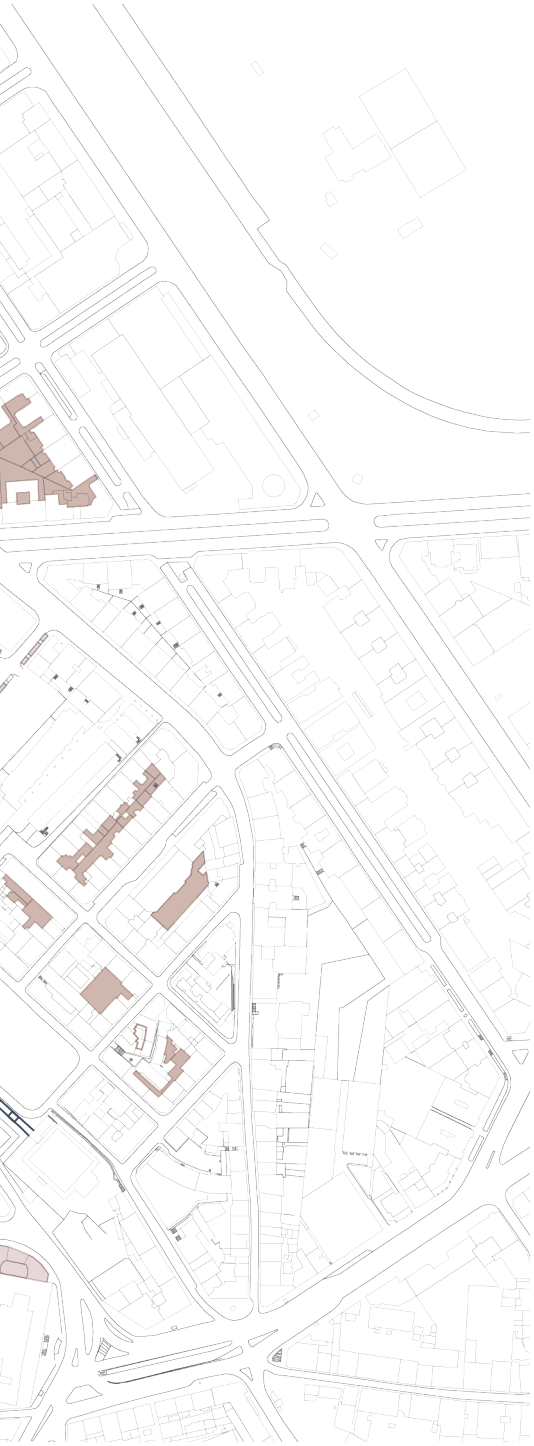




Comércio
Serviços
Habitação
Habitação e comércio
Devoutos

Planta do uso dos edifícios.
Esc. 1:5000





Espaços expectantes
Estacionamento
Espaço privado

Planta de classificação dos espaços interiores dos quarteirões.
Esc. 1:5000





Linha de metro em estudo
Carris
Taxis

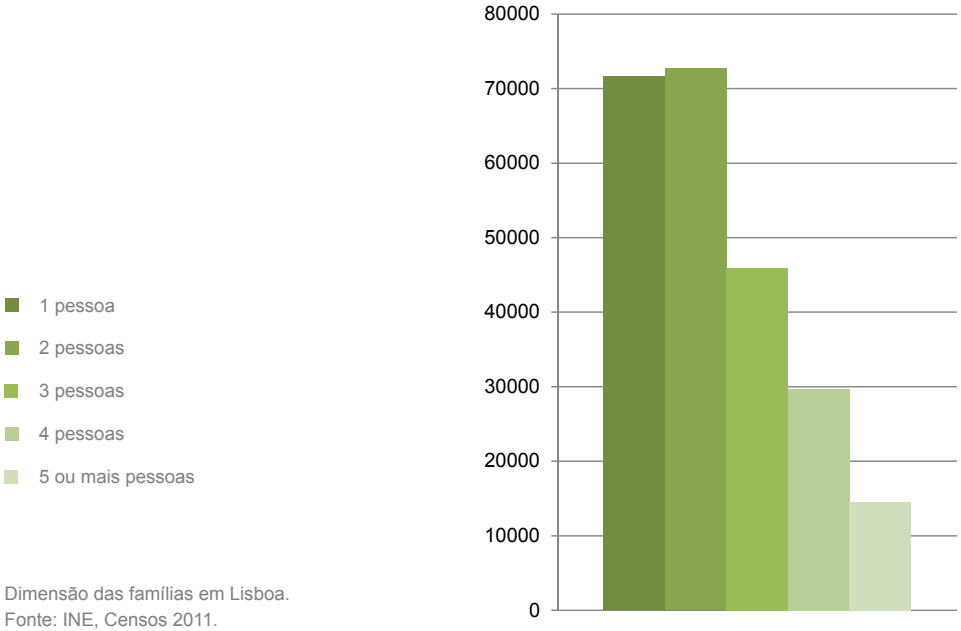
Planta de transportes públicos.
Esc. 1:5000

SOCIEDADE 2033

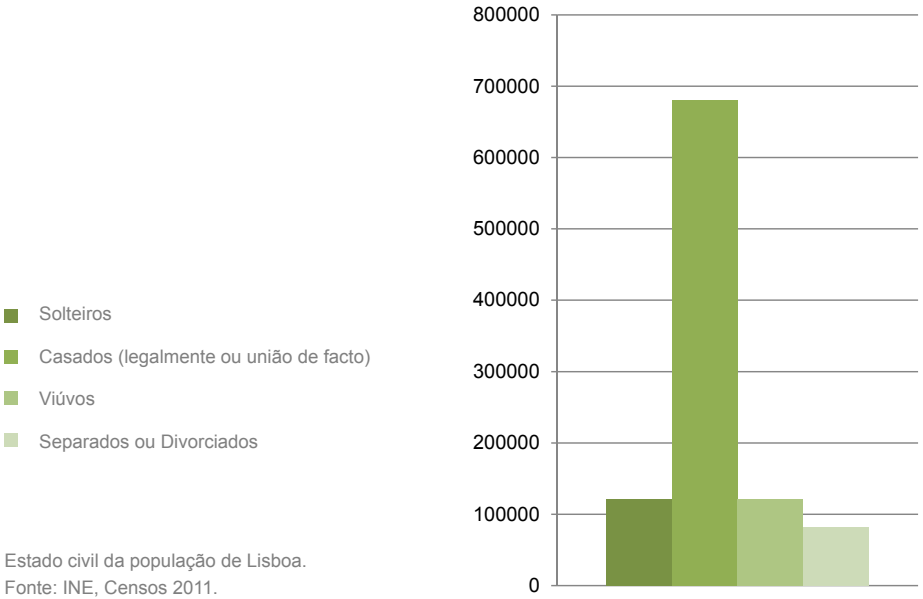
As projeções estatísticas apresentam uma baixa renovação populacional, conduzindo-nos a uma sociedade cada vez mais envelhecida e monoresidencial. Segundo os dados, desde o ano 2001 até ao ano 2011 verificou-se uma diminuição da população jovem e consequentemente o aumento das faixas etárias superiores a 65 anos, comportamento transversal a todo o território nacional. No que diz respeito à composição populacional lisboeta, esta tem hoje o número mais baixo de residentes desde 1950: 23% da população tem idade inferior ou igual a 24 anos, 53% da população tem entre 25 e 64 anos, e finalmente 24%, ou seja um peso percentual ligeiramente superior ao peso da população jovem, é composto por pessoas com idade igual ou superior a 65 anos (INE, Censos 2011).

No que diz respeito à estrutura familiar, os dados apontam para a presença de 2,2 pessoas por família em 2011, quando em 2001 a mesmo estudo apontava para a presença de 2,6 pessoas como dimensão média familiar (INE). São os casais sem filhos e acima de tudo as pessoas sós que predominam na capital, compondo deste modo uma estrutura mais individualizada: "(…) mais de um terço dos residentes (35%) vivem sós – a grande maioria são idosos com mais de 70 anos" (*Expresso*, 2013: 26).

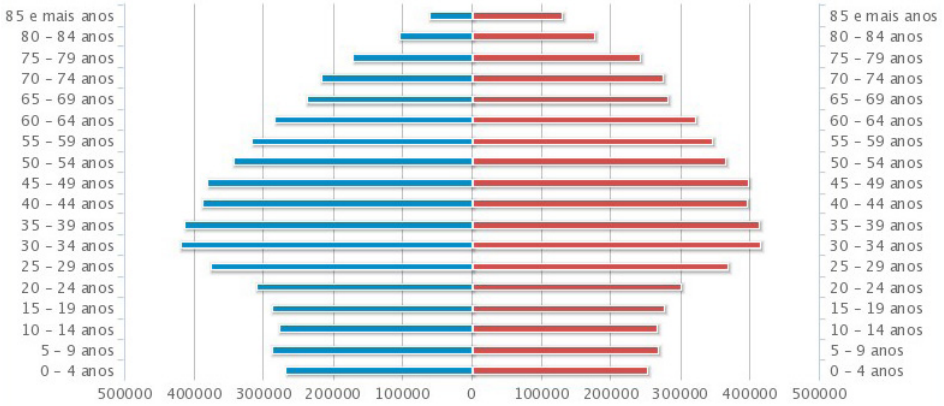
Prevê-se que a realidade social daqui a 20 anos seja uma continuação da realidade atual, com uma forte presença de pessoas monoresidenciais com idade entre os 50 e os 59 anos. É precisamente por via desta projeção que os nossos projetos de grupo e individuais se fundamentam. Tendo como pressuposto esta previsão estatística, concebemos projetos que desejem/reinterpretem um modo de habitar complementar à tendência social.



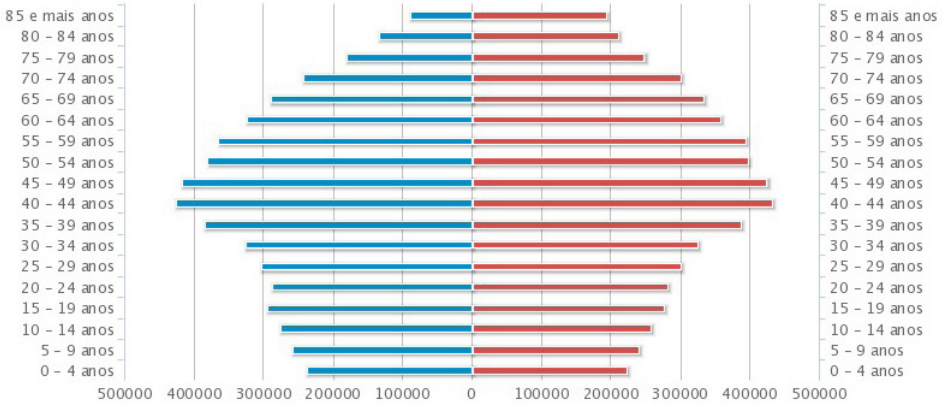
Dimensão das famílias em Lisboa.
Fonte: INE, Censos 2011.



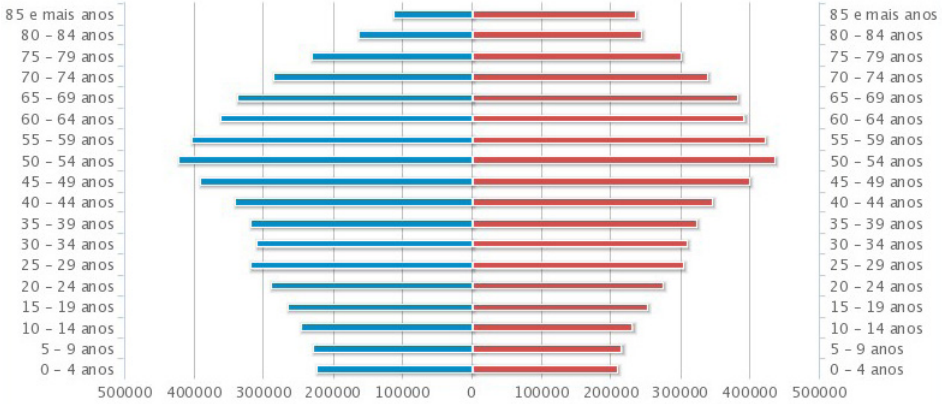
Estado civil da população de Lisboa.
Fonte: INE, Censos 2011.



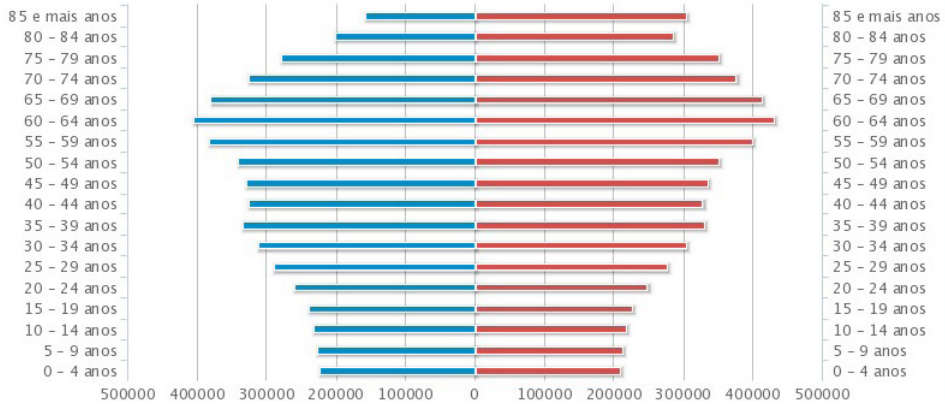
População de Portugal em 2010 (INE).



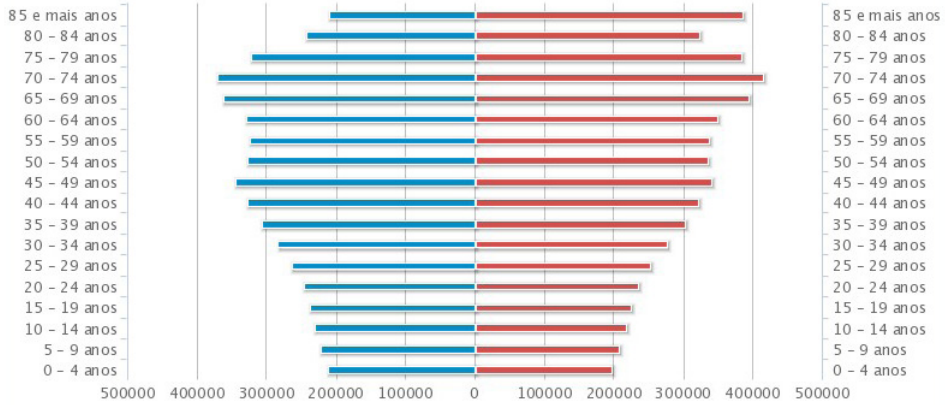
População de Portugal em 2020 (INE).



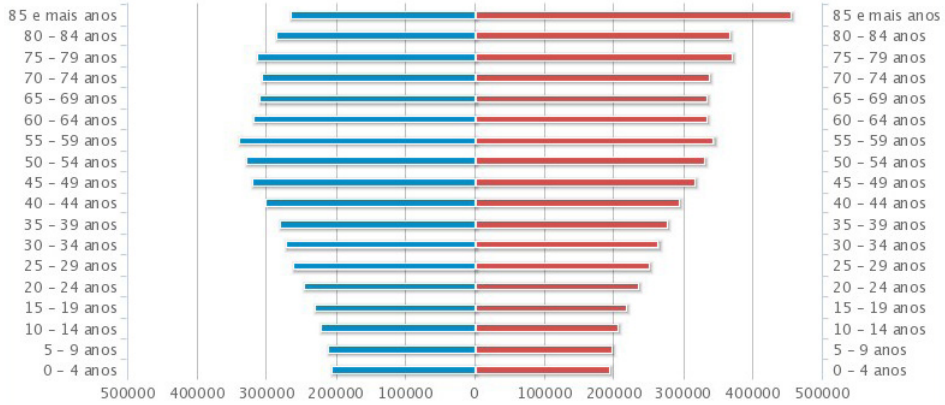
População de Portugal em 2030 (INE).



População de Portugal em 2040 (INE).



População de Portugal em 2050 (INE).



População de Portugal em 2060 (INE).

IDEIA CONCEITO

MANIFESTO DA INFORMAÇÃO

Ao longo da história o homem tem criado meios e ferramentas para comunicar, se por um lado as suas criações lhe concedem um melhor modo de vida, são precisamente estas que o fazem esquecer das relações sociais e pessoais que o levou à presente sociedade informatizada. Assim, é comum nos dias de hoje falar-se da Era Digital ou da Sociedade da Informação, termos que predominam num mundo desejado como globalizado e interligado em redes, onde o desenvolvimento tecnológico é quase autónomo do homem, o seu criador, e que este se tornou incapaz de o acompanhar e controlar. Este novo modelo de organização da sociedade contemporânea assenta num modo de desenvolvimento social e económico onde a informação, como meio de criação de conhecimento, desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos. Porém na nossa ânsia para alcançar o progresso tecnológico, não levámos em conta as suas implicações de desigualdade social e individual.

Estes foram alguns dos aspetos que nos levou a perceber a necessidade de refletirmos sobre o uso de tecnologias sem uma adequação à realidade particular de cada um, a visão de que o desenvolvimento tecnológico nos levou diretamente ao desenvolvimento social e progressivamente vinculado ao desenvolvimento humano, impediu-nos de considerar quaisquer desvios que ocorram. Como defendeu Saramago, cegámo-nos às diversas implicações negativas desse processo de desenvolvimento passando a perceber apenas o que de positivo prometem hoje em prol do nosso comodismo.

“Playtime” de Jacques Tati, 1967.



A nossa posição não se trata de ver a tecnologia como negativa e de prescindir da mesma, mas discutir a validade de a tomarmos como absoluta. Entendemos que o foco do problema não está na insensibilidade do progresso tecnológico, mas sim na incapacidade do homem se consciencializar que está a deixar-se influenciar por um conhecimento virtual e portanto exterior a si. Parece que os espaços virtuais são vistos como inevitáveis e confunde-se a sua utilidade como o único meio de comunicação.

Tomamos o partido da compreensão da informação, do senso comum criticado, das conexões e os espaços físico ao invés do excessivo acesso a meios de comunicação que em algumas circunstâncias se torna desnecessário, capaz de promover a perda de sentido de comunidade e partilha. Num ponto de vista sustentável, partilhar um local de trabalho e meios de transporte é de alguma forma uma economia de energia e um meio de criar uma coletividade e promover a entreajuda.

Propomos consciencializar as pessoas a verem além do óbvio e do que parece absoluto, para se questionarem sobre o que vêm. Queremos virar a metrópole do avesso, mostrar as suas costuras, promover a construção de espacialidades que sejam palco para as pessoas se encontrarem, reabilitar os espaços testemunhos da nossa evolução cultural e que muitas vezes são ignorados e considerados obsoletos aos olhos dos investidores, cozeremos esses espaços como espaço urbano comunitário, onde a coletividade urbana como operação cirúrgica na morfologia da urbe é potenciada, valorizando o passeio pela cultura, a vivência da história e a reflexão pelo espaço.

> "Porque foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que vendo não vêem."
>
> in José Saramago, Ensaio sobre a Cegueira, pp.310.

acessibilidade e facilidade de circulação



comunitário

apoio e habitação comunitária



conexão

COLECTIVIDADE URBANA

colaboração



comunicação



mobilidade e partilha de transportes

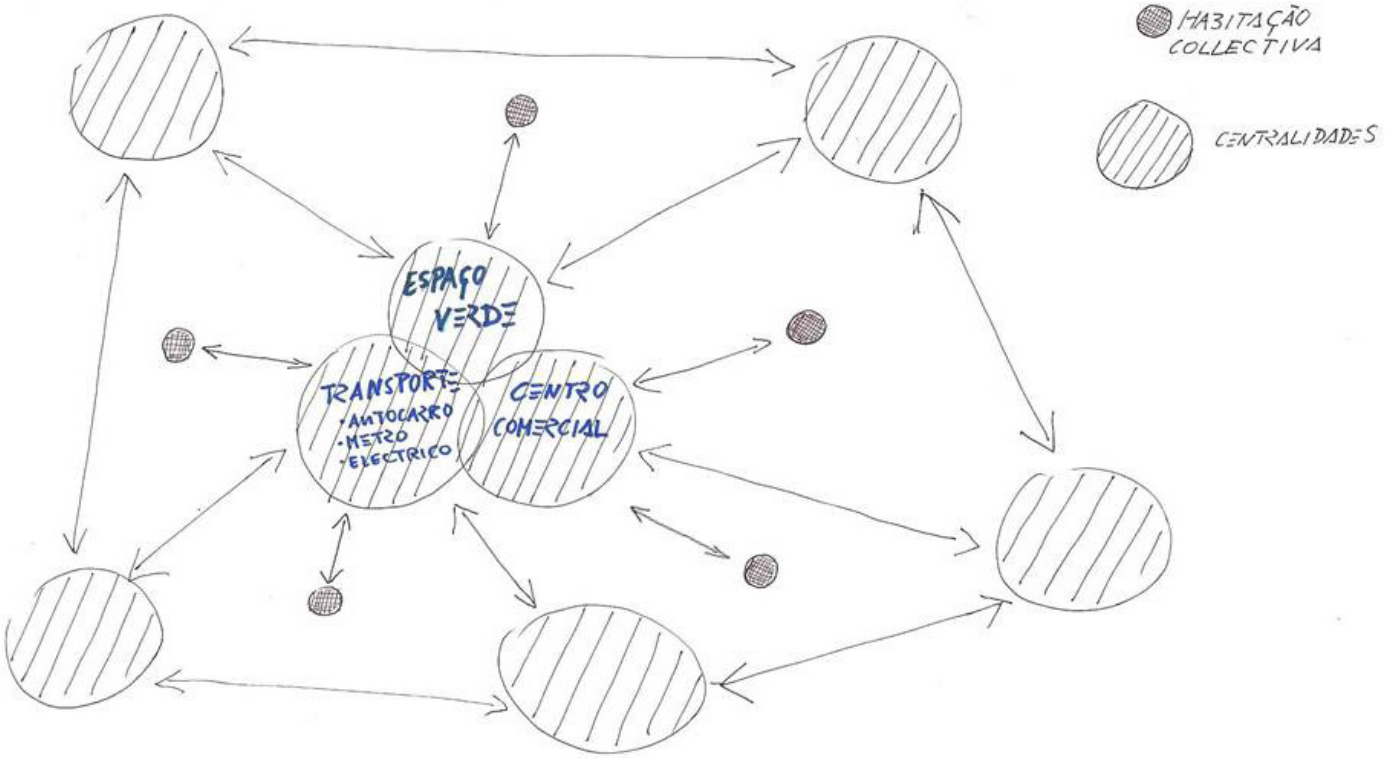
espaços exteriores colectivos e multifuncionais

MODELO URBANO

Como explicámos no subcapítulo anterior, a construção do sistema urbano da colina das Amoreiras até ao início do século XX desenvolveu-se agregada às plataformas de transporte público e aos movimentos pedonais. Foi em 1944, término da construção da Avenida Duarte Pacheco, que esta zona começou a preponderar uma nova dinâmica de desenvolvimento urbano cada vez mais global e autónomo.

Assumido como um local transitório para quem pretende ir para o centro da cidade, a colina das Amoreiras assume-se atualmente como uma das principais "portas da cidade" e centro empresarial, característica que é desenvolvida neste trabalho como local estratégico na resolução do problema de mobilidade em Lisboa. Usufruindo da sua centralidade, a nossa intervenção urbana pretende redefinir e melhorar os acessos automóveis e pedonais existentes, incentivar e introduzir hábitos de mobilidade alternativos, entre eles a partilha de carros e bicicletas elétricas, devidamente suportados por ciclovias, e ainda a construção de uma estação de metro na zona.

A nossa intervenção pretende privilegiar a mobilidade partilhada e reduzir a importância do transporte automóvel privado. A ideia é que as pessoas deixem o carro particular nesta zona e a partir deste ponto, encontrem condições para se movimentarem num meio de transporte alternativo pelo resto da cidade. Modelo urbano cuja adaptação pode ser extensiva a outros pontos centralizadores e capazes de ramificar por áreas com acessos mais reduzidos (conceito urbano rizomático).



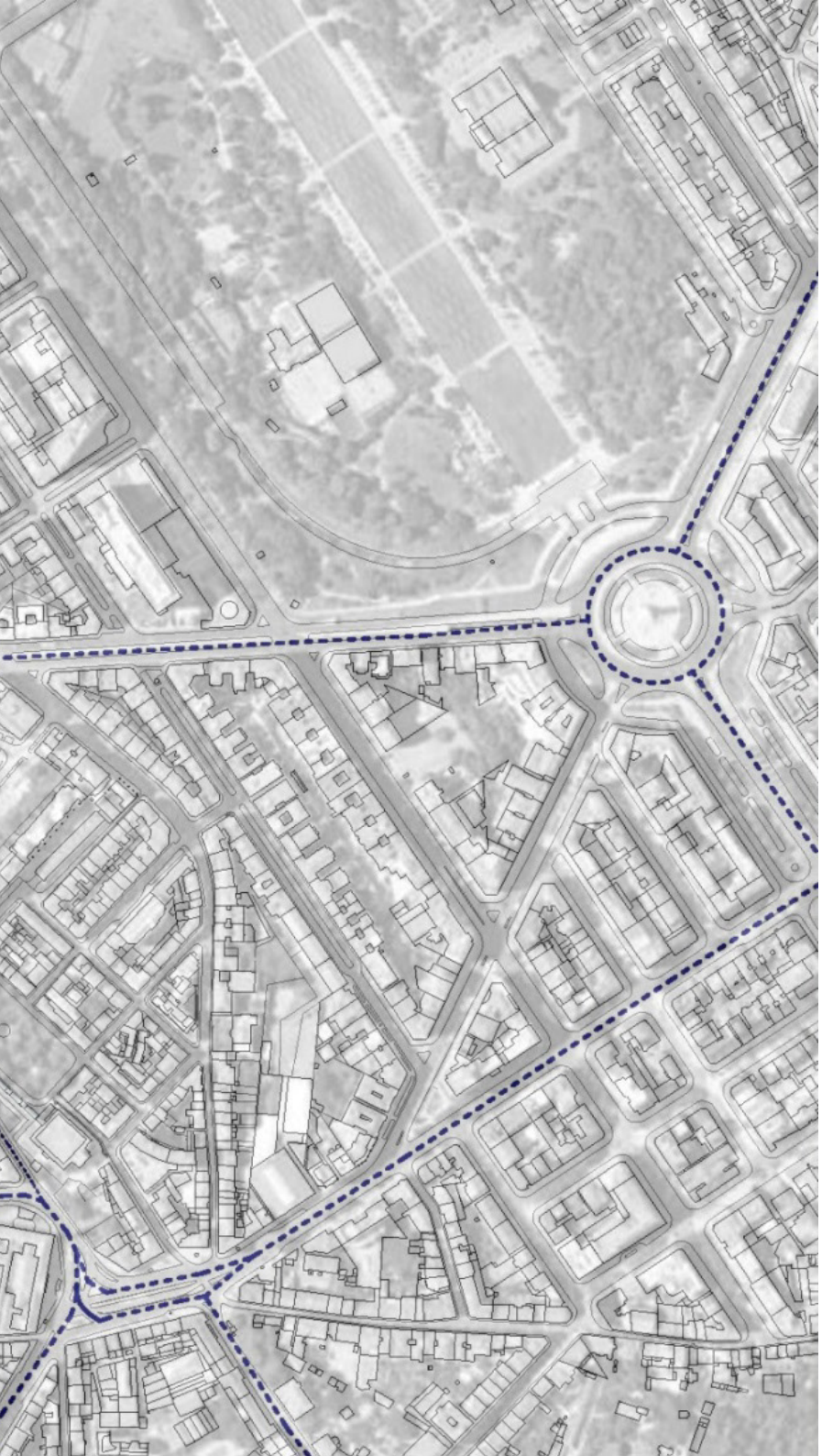
Fluxograma do modelo urbano.





Modelo urbano aplicado em Lisboa





Modelo urbano: ligação da micro-escala com a macro-escala na área de intervenção.

RECONVERSÃO URBANA NA COLINA DAS AMOREIRAS

RECONHECIMENTO DO LOCAL

Localizado junto à Avenida Duarte Pacheco, um dos principais acessos da cidade e implantando numa antiga zona de quintas e habitação operária, as Torres das Amoreiras assumiram-se nos anos 80 como um marco fortíssimo no perfil de Lisboa. Encerrado sob si mesmo, o Complexo constituiu uma nova vida cívica que proliferou por outras zonas da cidade. Antagónico a este, o antigo quartel da Artilharia Um encontra-se circunscrito ao público por via de um muro, praticamente vazio de funções e carente de uma requalificação urbana capaz de oferecer novas atividades ao local e à sociedade contemporânea.

A nossa proposta pretende coser estas duas realidades: o cheio do quarteirão das Torres das Amoreiras e o vazio do quarteirão da Artilharia Um. Começámos por trabalhar o quarteirão vazio, onde estendemos uma enorme pala que acompanha a curva da Rua Conselheiro Fernando de Sousa, uma infraestrutura que num primeiro olhar pode ser entendida como um simples percurso elevado, mas que tem a intenção de salientar as potencialidades do local e é capaz de solucionar dois grandes problemas urbanos da zona: a escassez de espaços públicos verdes e a resolução do problema de mobilidade em Lisboa.

Esquisso da proposta urbana de reconversão da colina das Amoreiras.



Entrada do antigo Quartel da Artilharia
Um, 1910.
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa
- CML.



Construção da Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, 196-.
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, 196-.
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Cruzamento da Avenida Conselheiro Fernando de Sousa com a Avenida Duarte Pacheco, 196-. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.







Levantamento fotográfico do tereno existente no quarteirão da Artilharia Um.





Levantamento fotográfico do tereno existente no quarteirão da Artilharia Um.


87·83·QT



Levantamento fotográfico da Avenida Conselheiro Fernando de Sousa.


17.01.82
MIGUEL
ANGELO
15.07.03

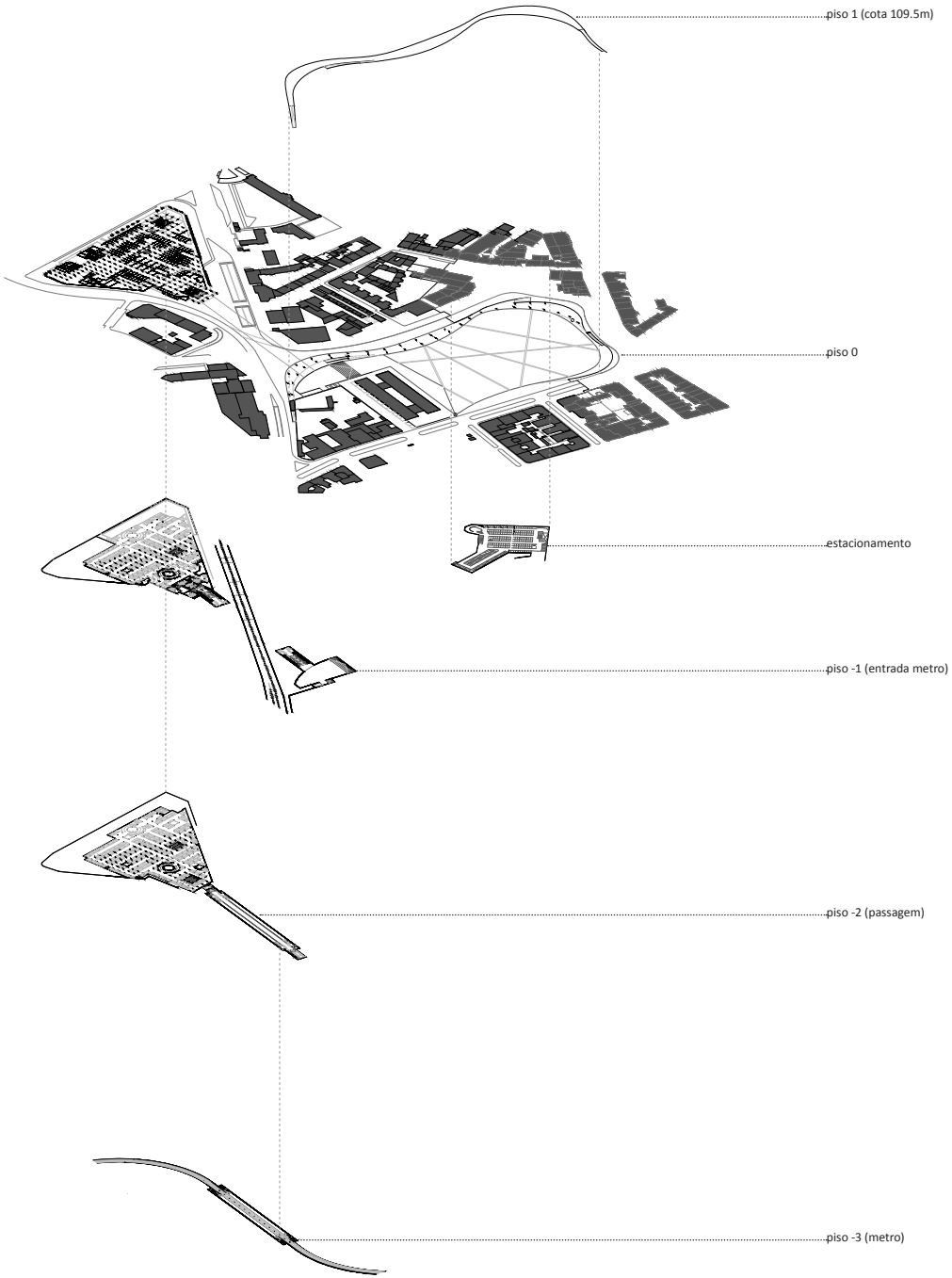


Levantamento fotográfico do muro existente que encerra o quarteirão da Artilharia Um.

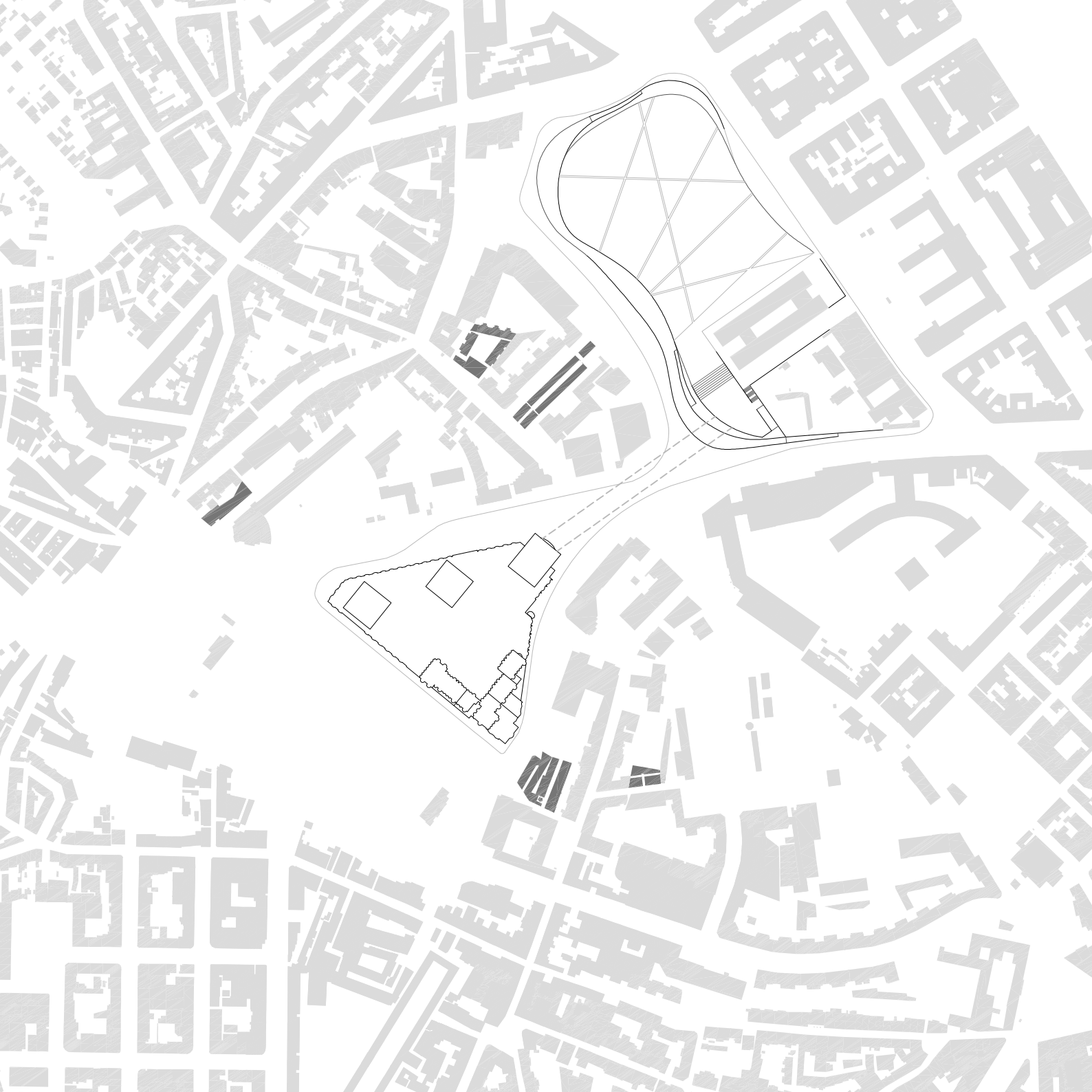
INTERVENÇÃO

Uma pala sempre com a mesma cota eleva-se do terreno quando este assim o permite, esta torna-se um prolongamento do passeio existente, abrindo naturalmente um percurso alternativo, assim como espaços com diferentes configurações: uma vez acede-se a um parque de estacionamento existente onde é possível alugar uma bicicleta por um dia ou partilhar um carro, num outro momento qualifica-se um espaço para quem espera por um elétrico ou um autocarro, num outro espaço desenha-se um muro capaz de albergar diferentes expressões artísticas, o terreno desce e abre um anfiteatro que faz frente com a entrada do metro que também é passagem pública até ao Centro Comercial das Amoreiras. Espaços desenhados onde antes era um muro e por isso mesmo limite do que era público e privado. Dentro do quarteirão fizeram-se intervenções mínimas, após uma limpeza do terreno lançámos caminhos em terra compacta sugeridos pelo atravessamento espontâneo e manteve-se a massa arbórea. Na sua envolvente sugere-se uma reorganização do tráfego, abrindo uma praça entre a nossa proposta e o projeto de Tomás Taveira, dando-lhe deste modo uma frente desprendida da desenfreada passagem automóvel e pensada para o peão.

Pretende-se que este quarteirão seja entendido como uma nova centralidade e um prolongamento complementar ao programa das Torres das Amoreiras, mas desta vez caracterizador de um espaço aberto e flexível a cada um de nós, cuja ocupação não segue regras nem obrigações e onde o jogo da sombra e da luz, da topografia natural e o passadiço elevado são suficientemente definidores de programas e funções. A cidade carece disso mesmo, que os espaços expectantes ou esquecidos no tempo sejam de novo devolvidos à cidade e que se tornem nossos, capazes de albergar todas e quaisquer atividades coletivas e individuais.



Axometria explodida.



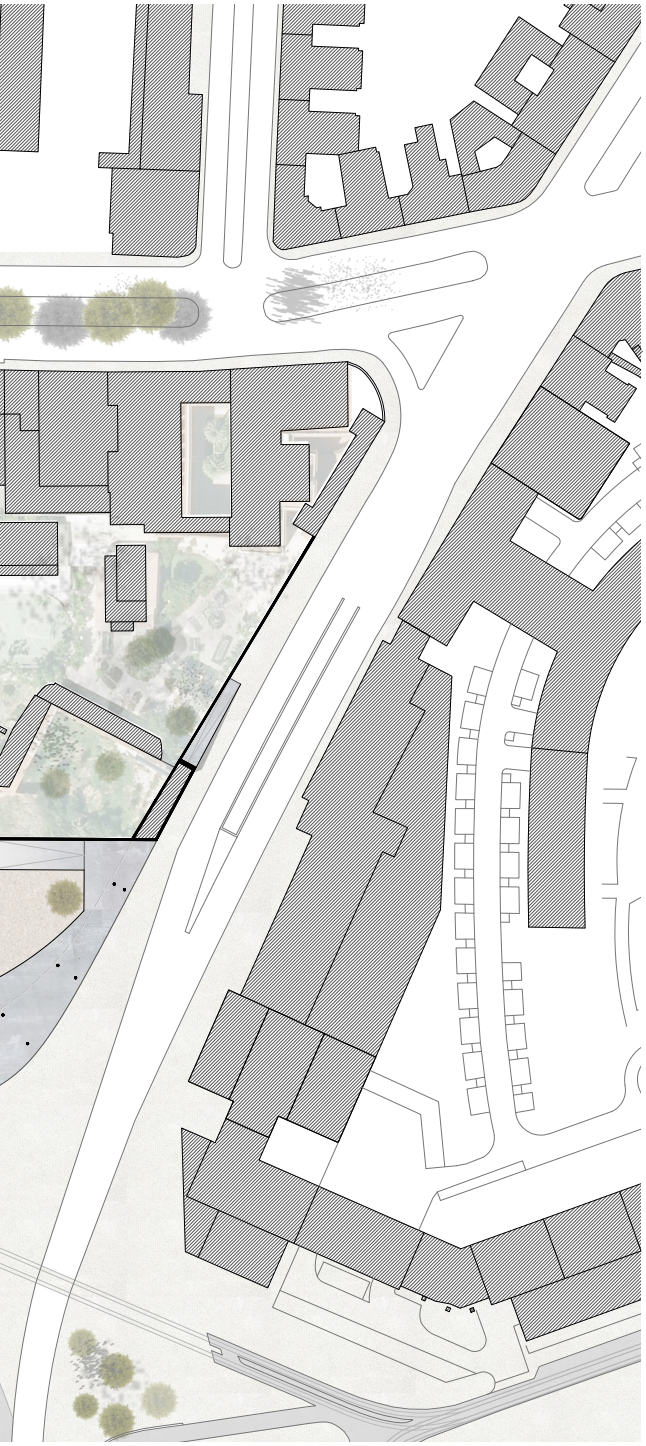
Planta de Implantação da proposta urbana para a Colina das Amoreiras.
Esc. 1:4000



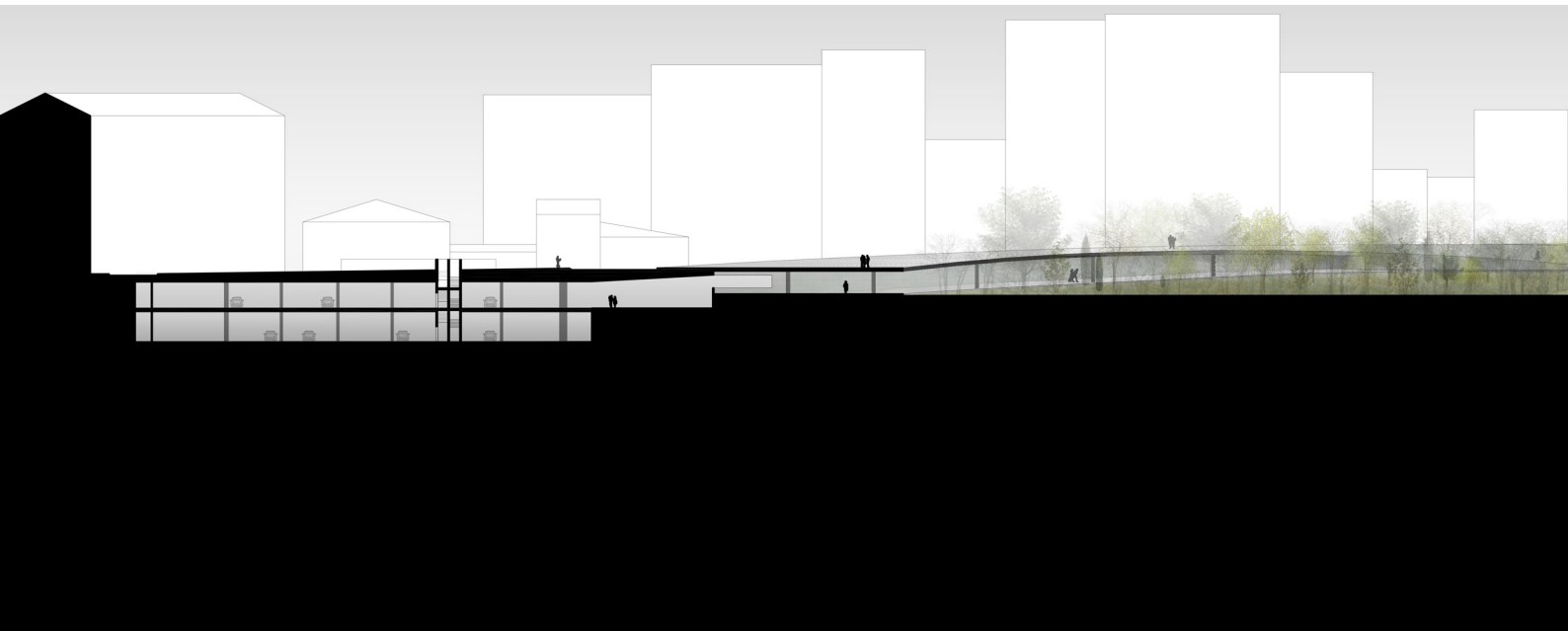


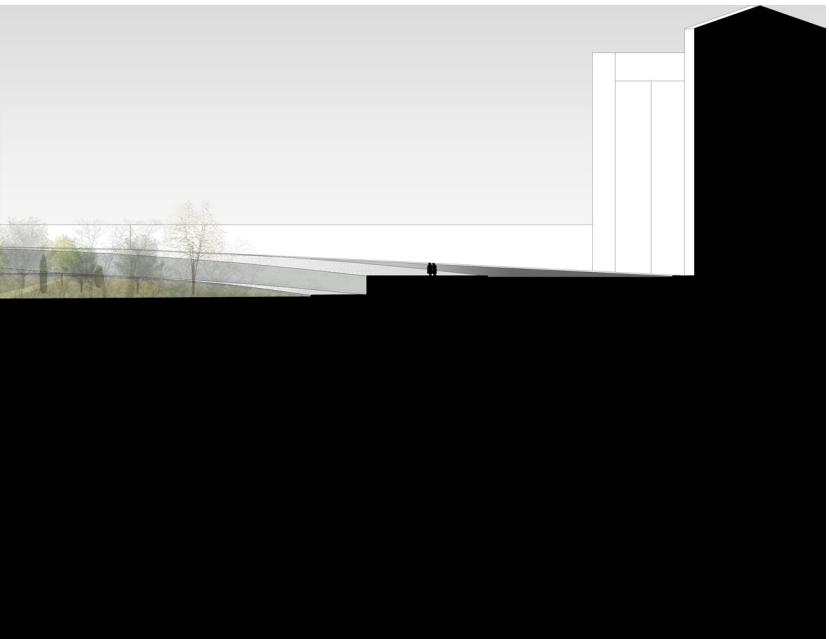
Planta de Cobertura.
Esc. 1.2000



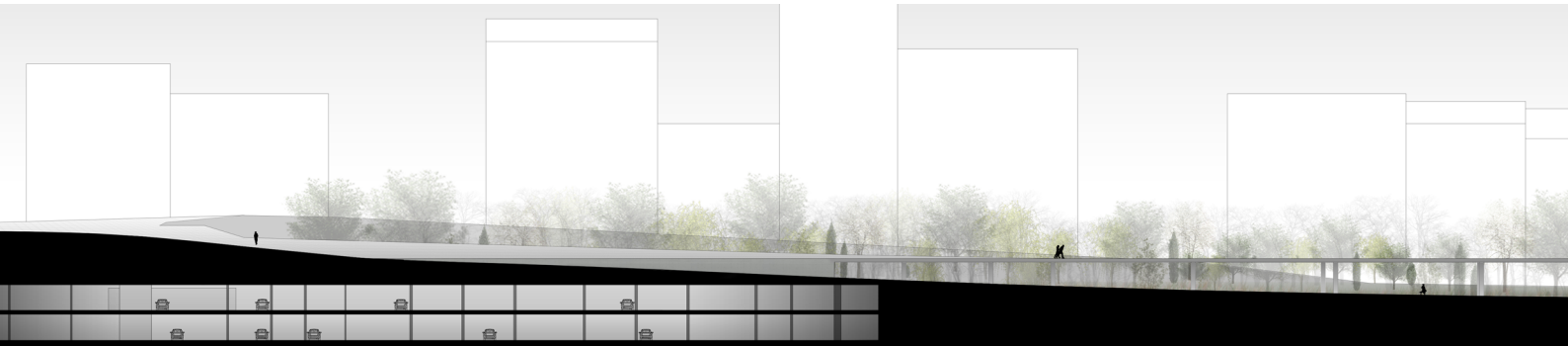


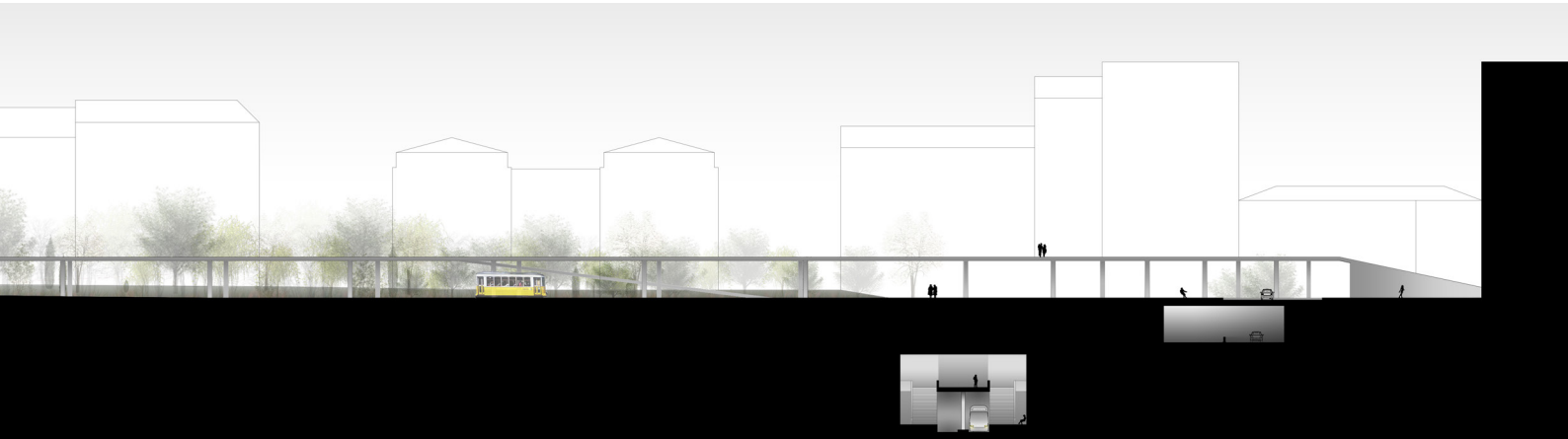
Planta Piso 0.
Esc. 1.2000



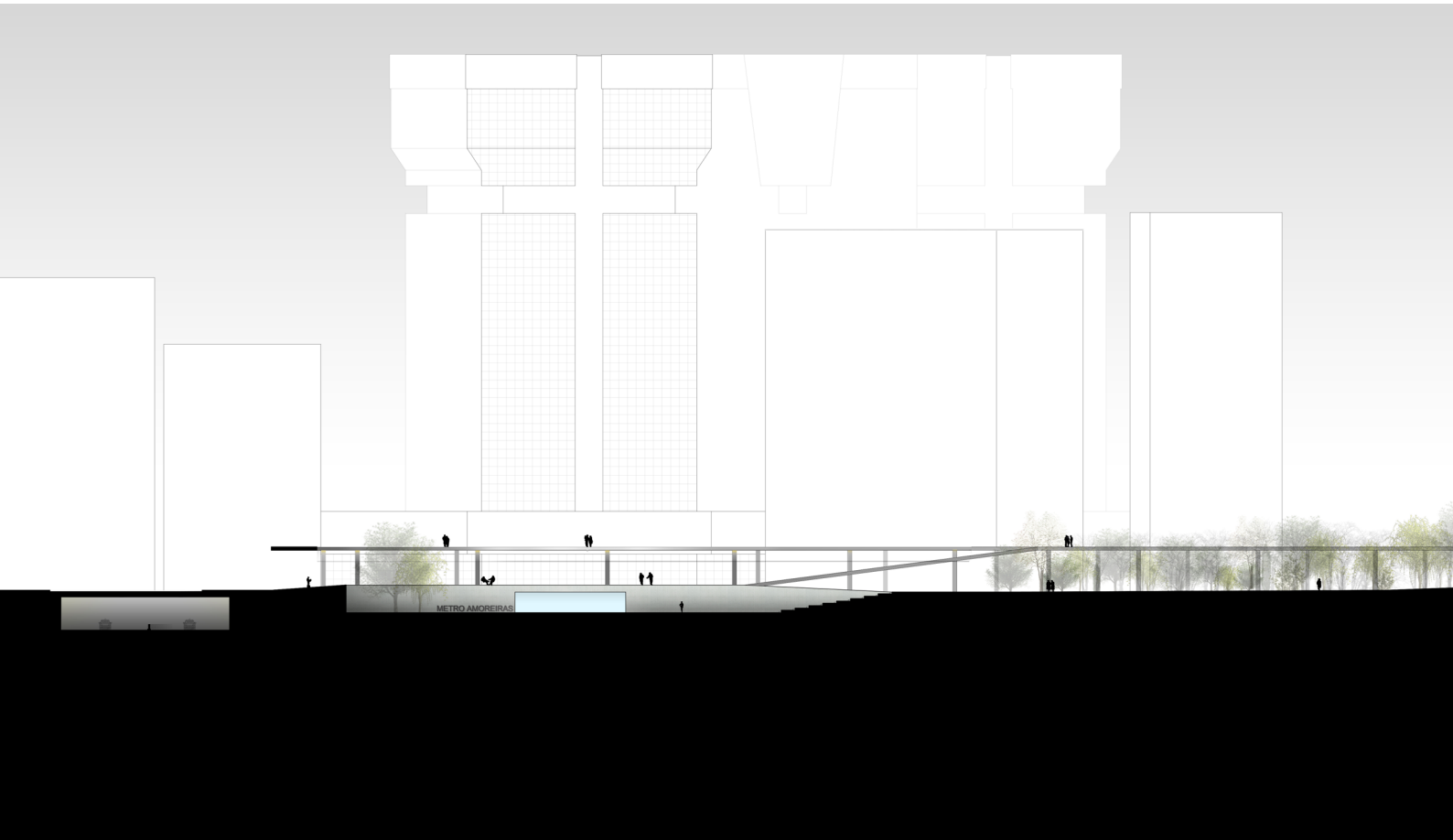


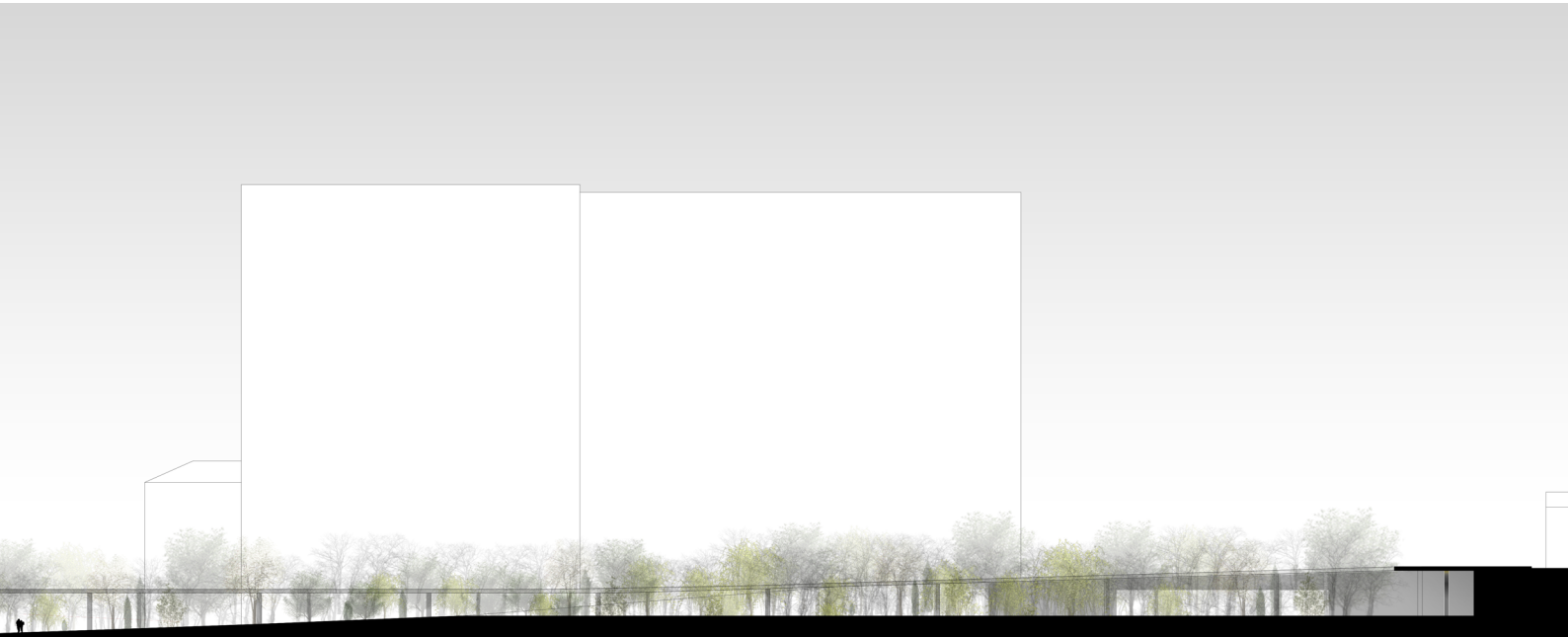
Corte Transversal.
Esc. 1.2000



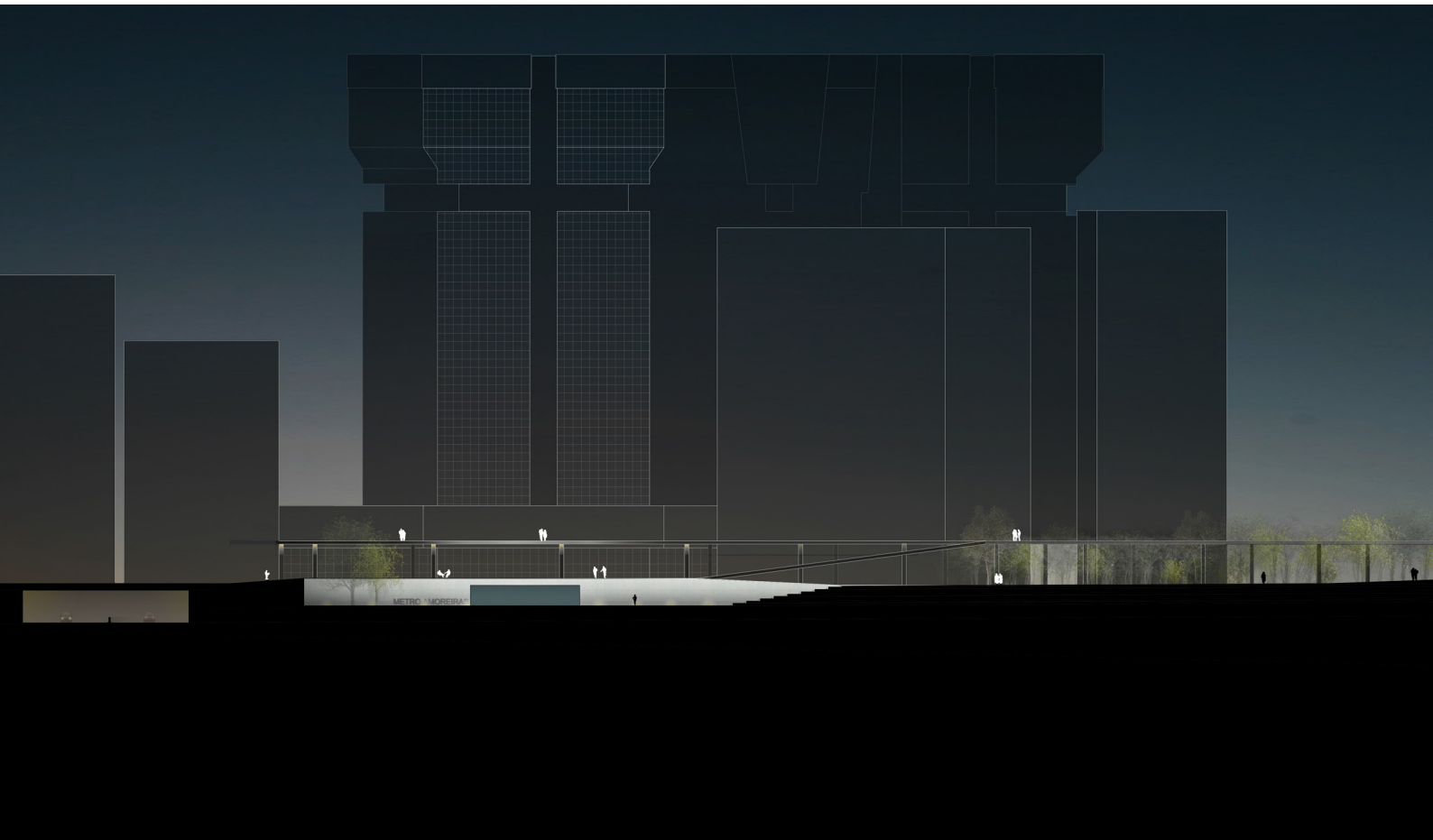


Alçado Sudoeste.
Esc. 1.2000


METRO AMOREIRAS

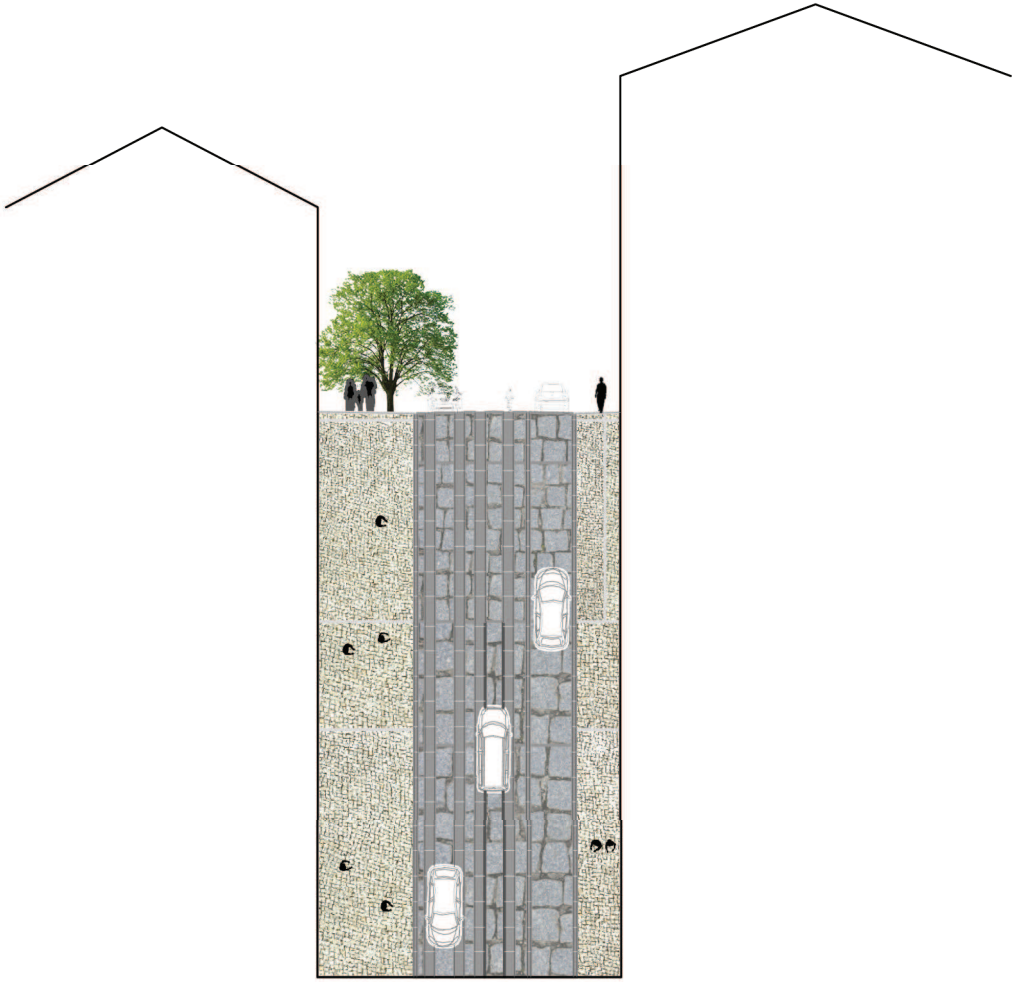


Alçado Nordeste de dia.
Esc. 1.2000

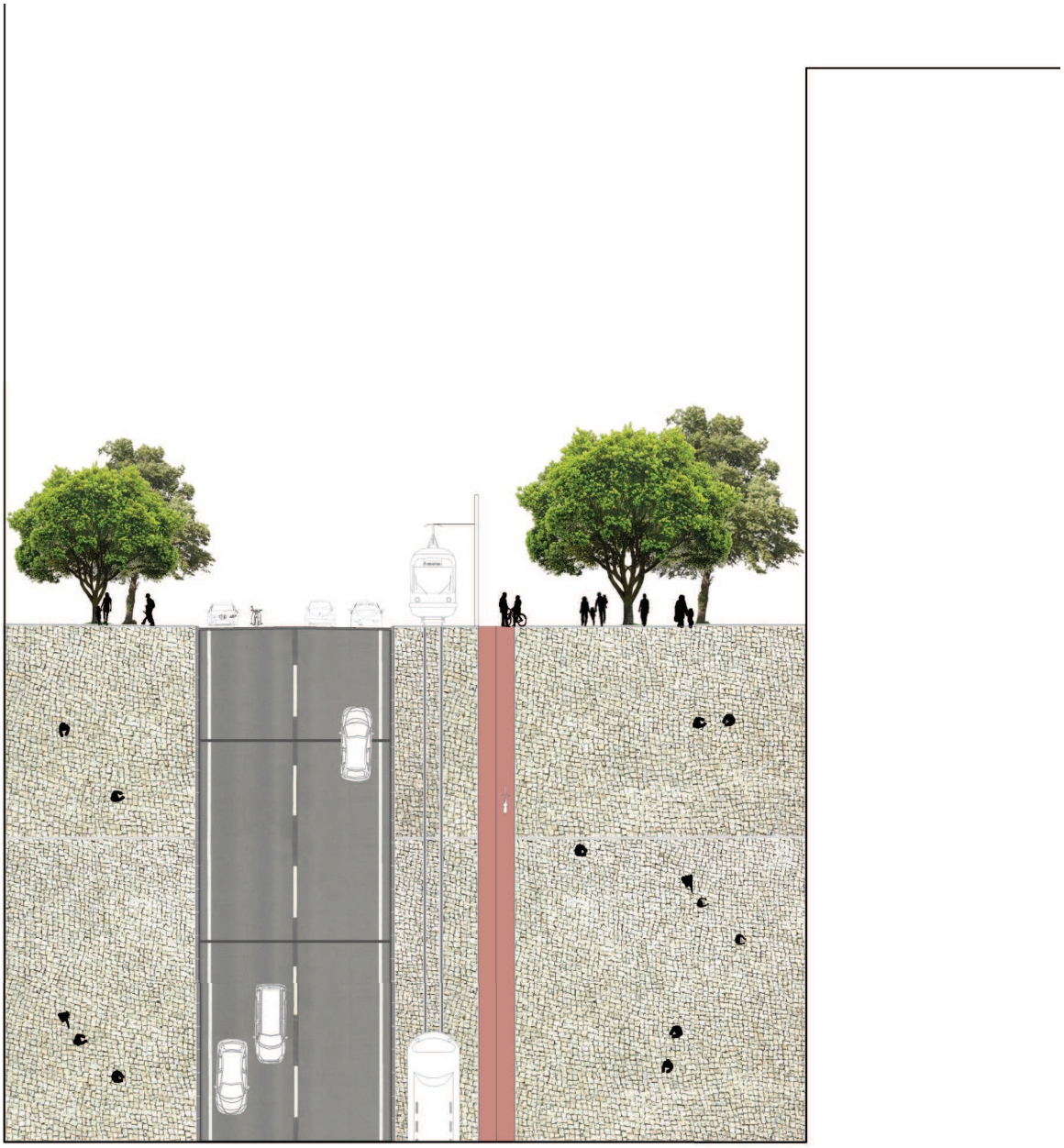

METRO MOREIRA



Alçado Nordeste de noite.
Esc. 1.2000



Alteração dos pavimentos das ruas da malha 1.
Escala 1.200



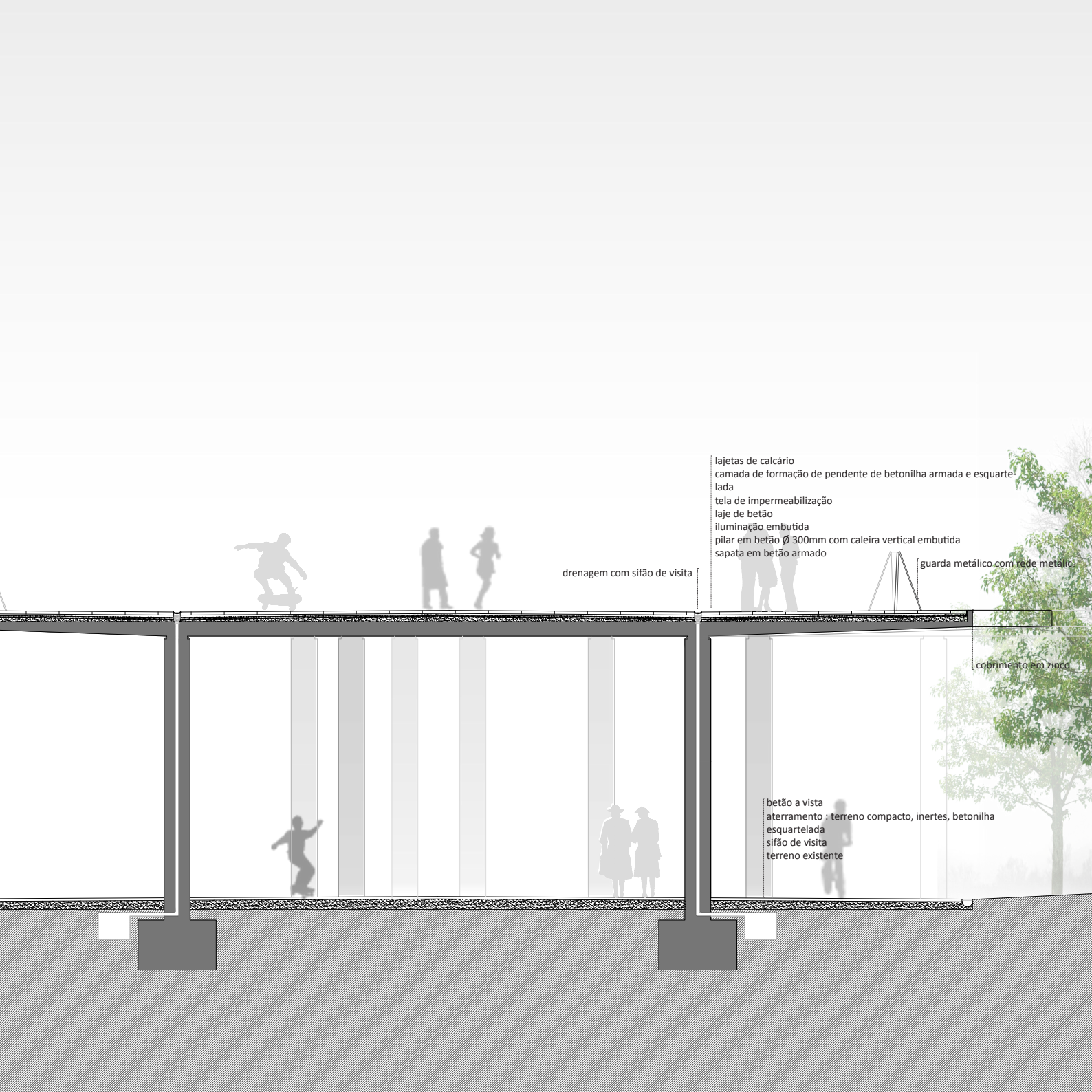
Alteração dos pavimentos das ruas da malha 2.
Escala 1.200




CARREIRA Nº 28
542

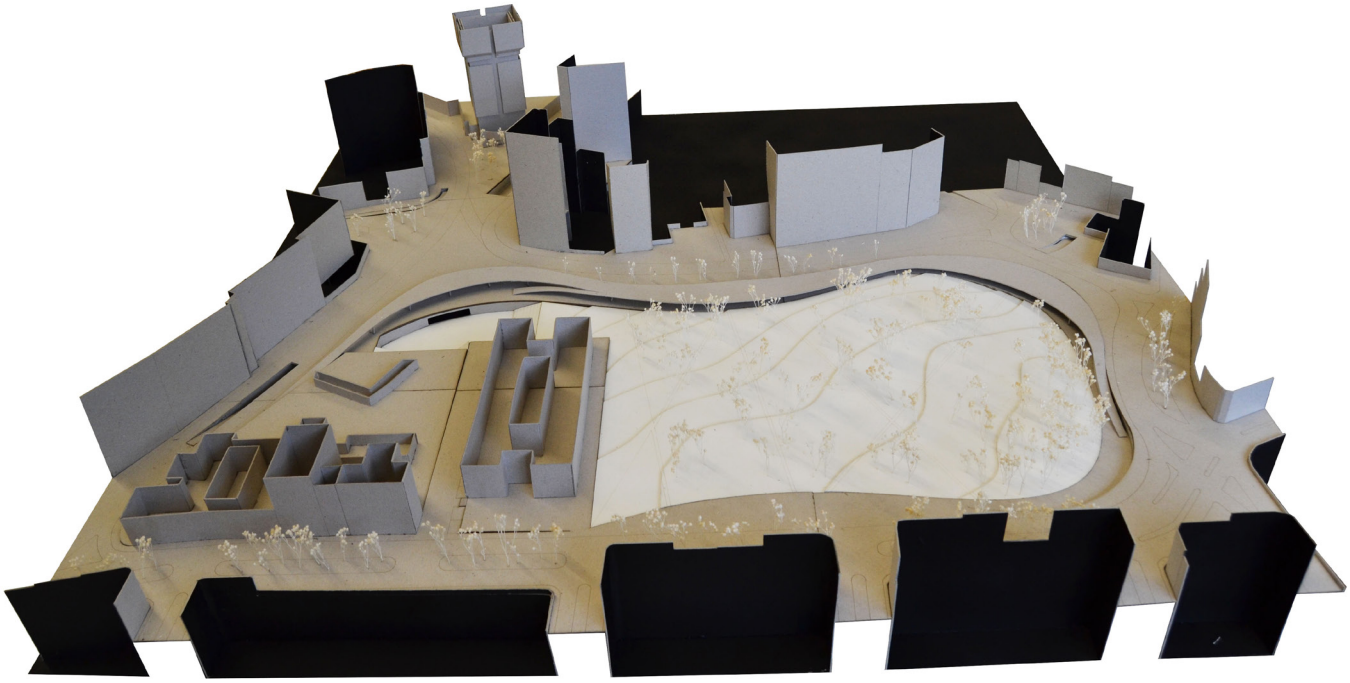


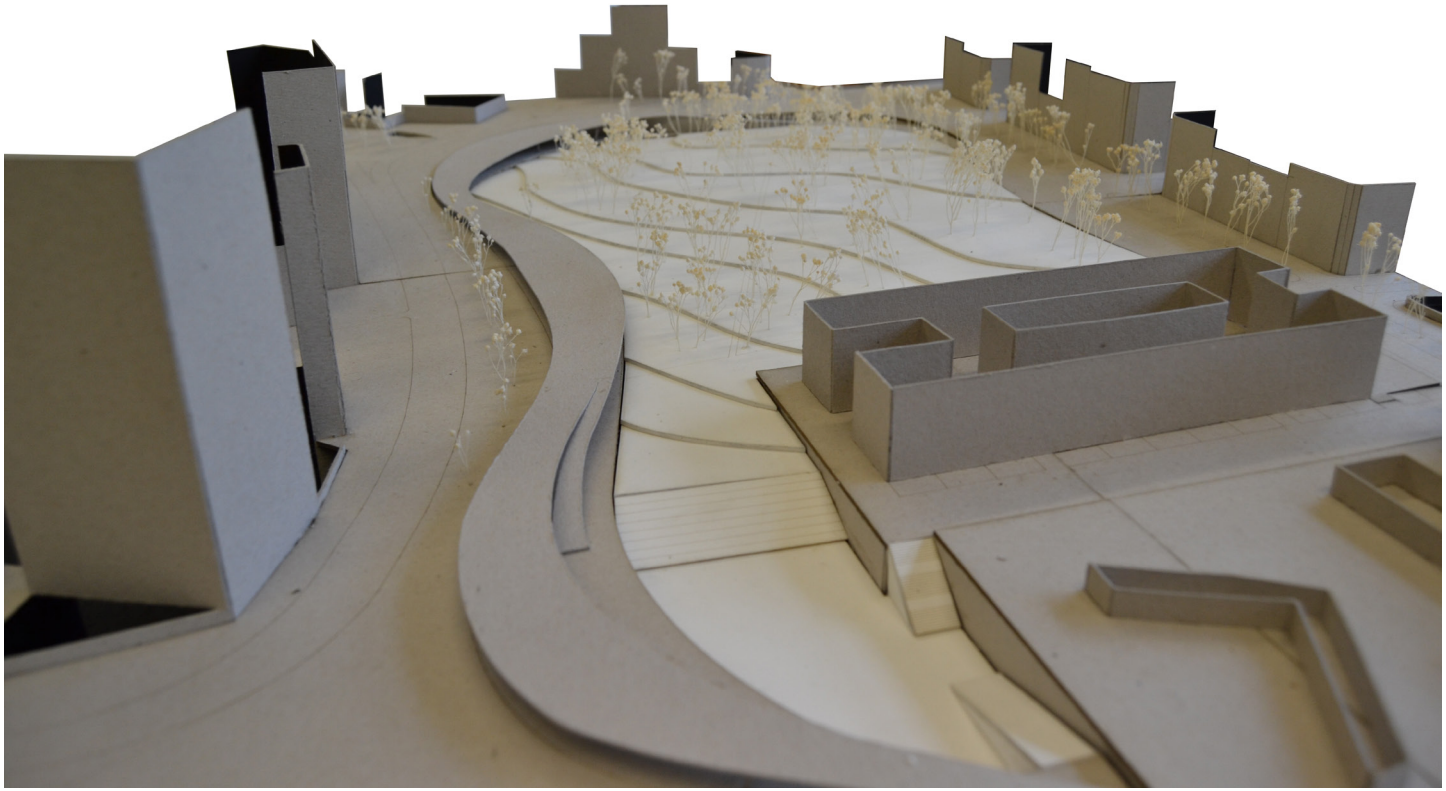



lajetas de calcário
camada de formação de pendente de betonilha armada e esquartelada
tela de impermeabilização
laje de betão
iluminação embutida
pilar em betão Ø 300mm com caleira vertical embutida
sapata em betão armado
drenagem com sifão de visita
guarda metálico com rede metálica
cobrimento em zinco
betão a vista
aterramento : terreno compacto, inertes, betonilha esquartelada
sifão de visita
terreno existente



Corte Construtivo.
Escala 1.100







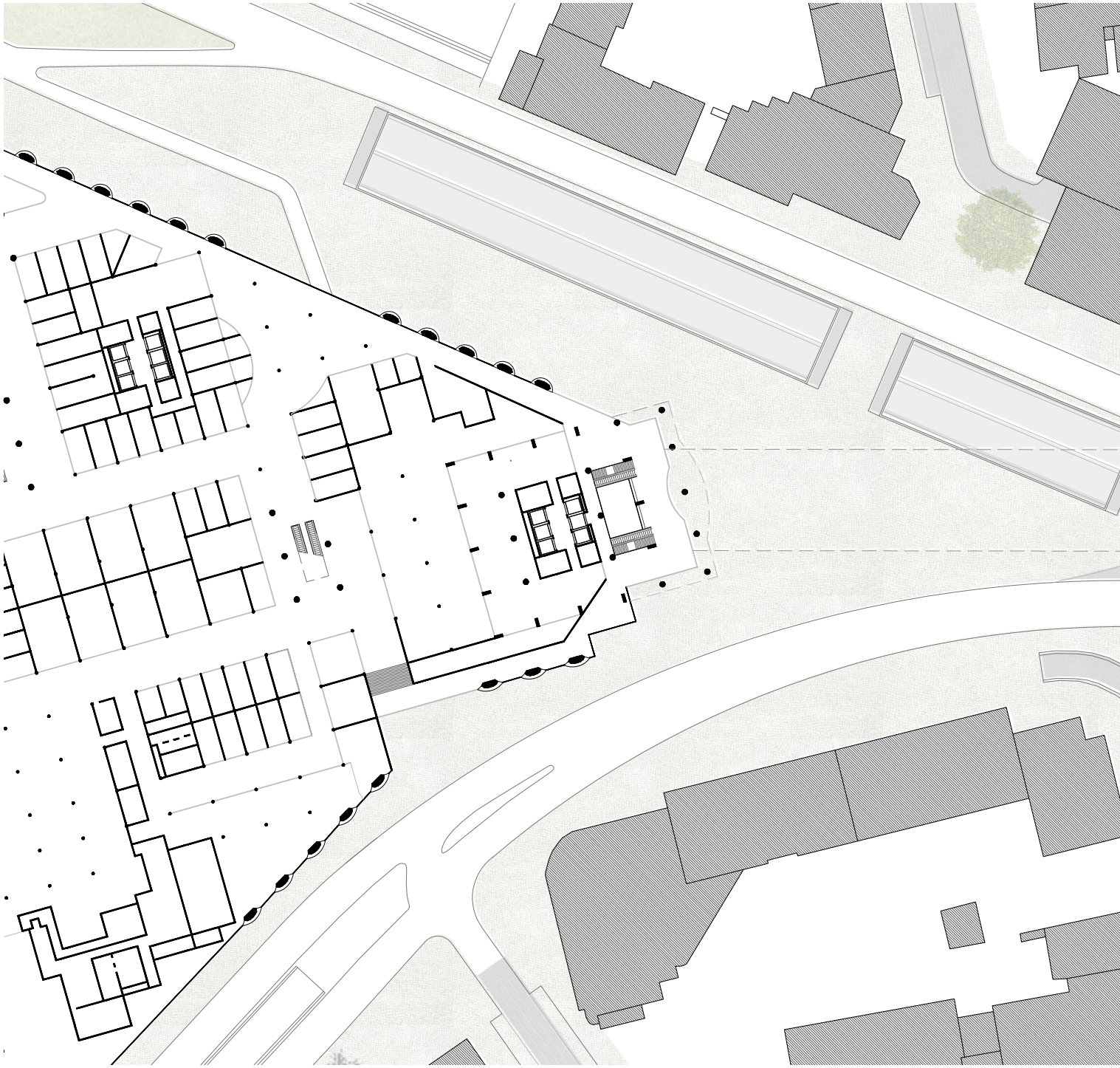


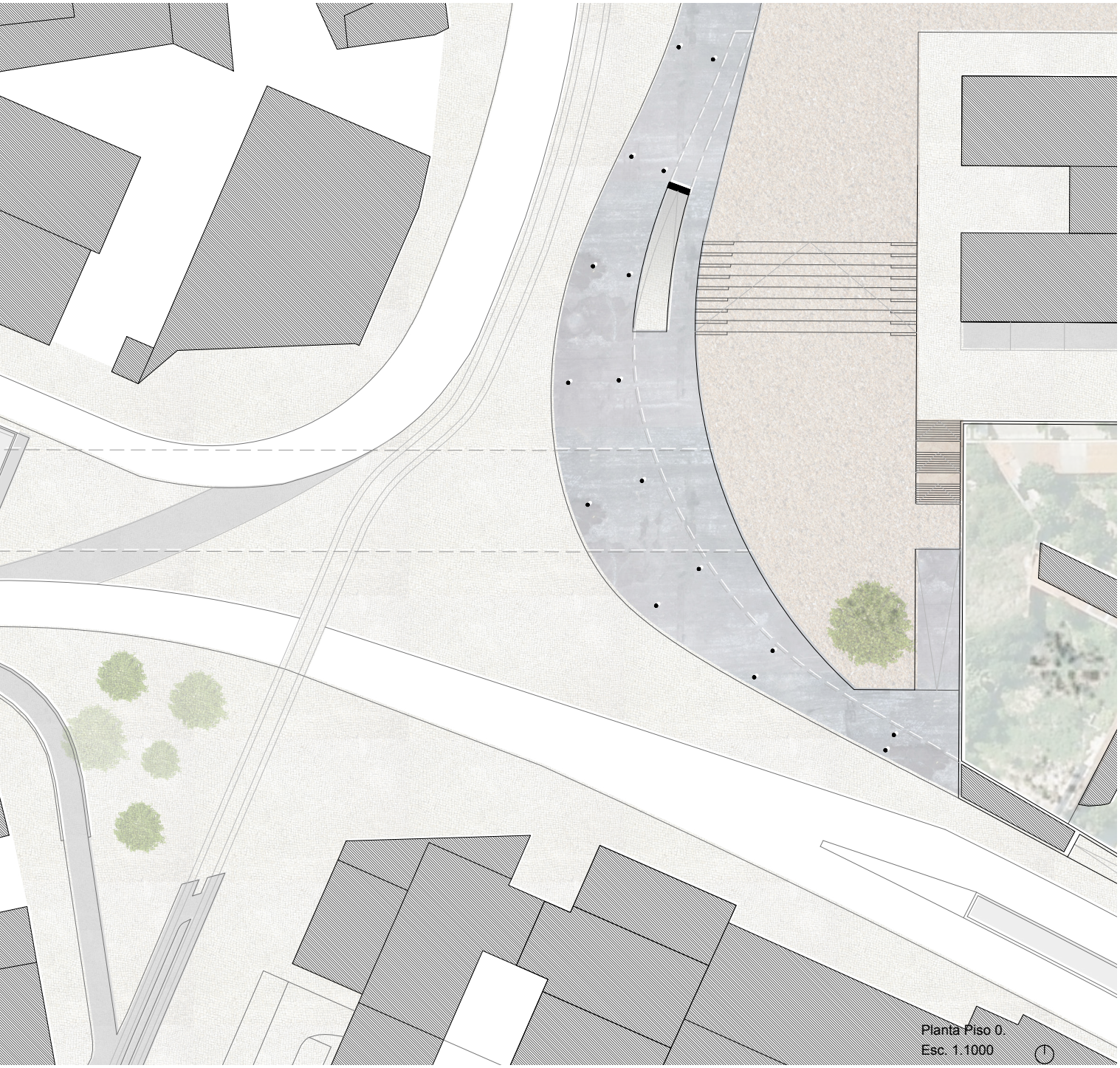
Levantamento fotográfico do cruzamento da Avenidade Duarte Pacheco.

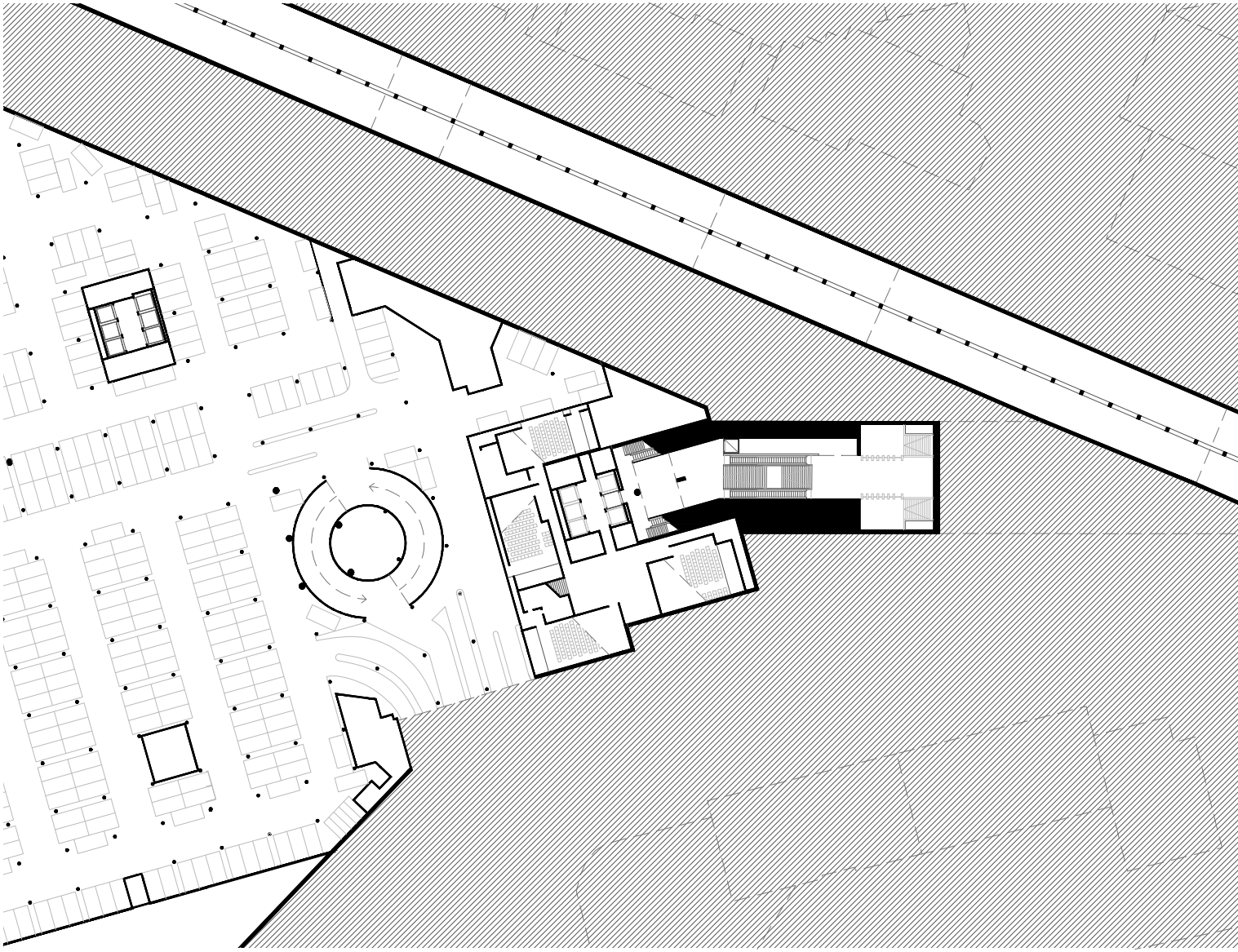


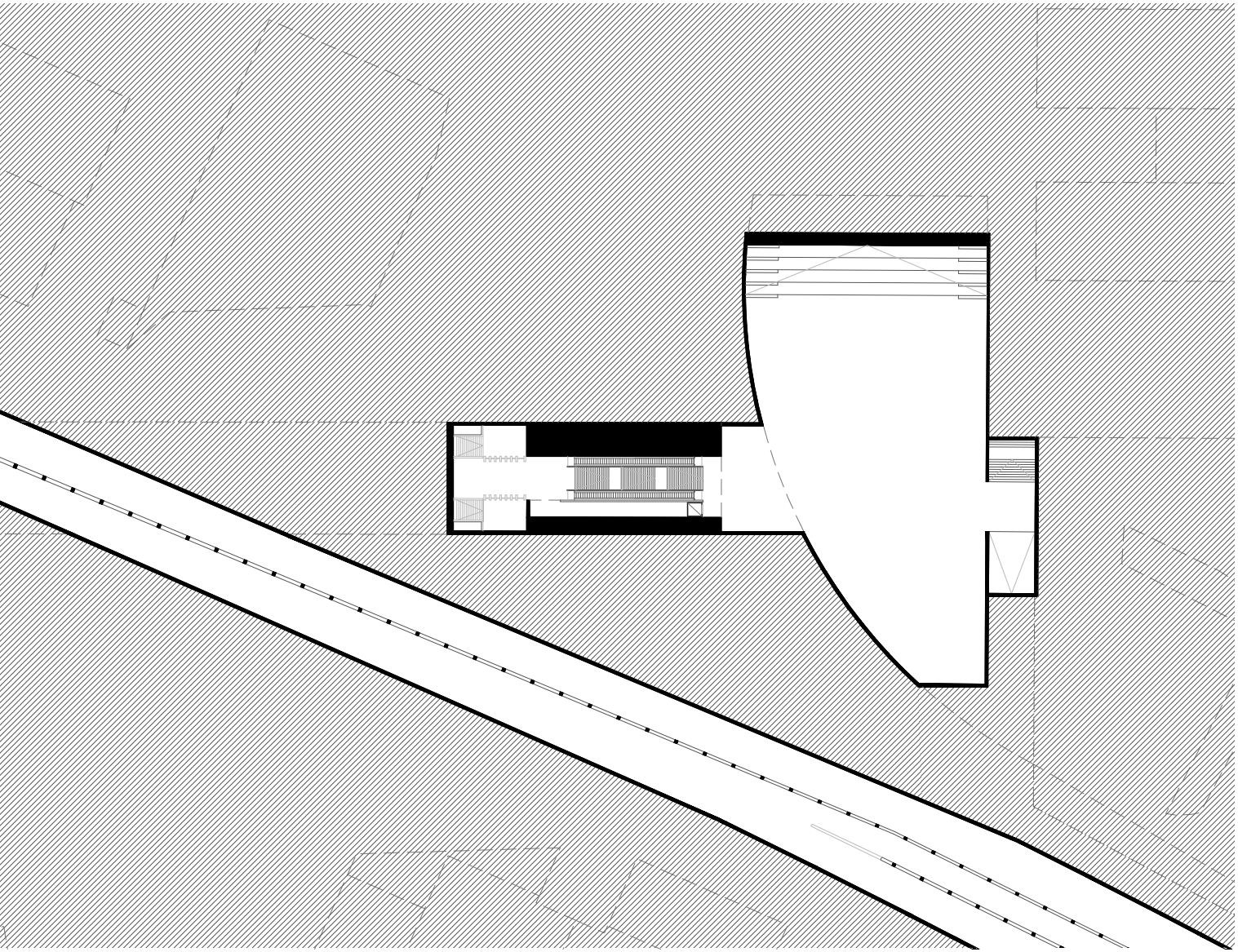


Levantamento fotográfico do cruzamento da Avenidade Duarte Pacheco.

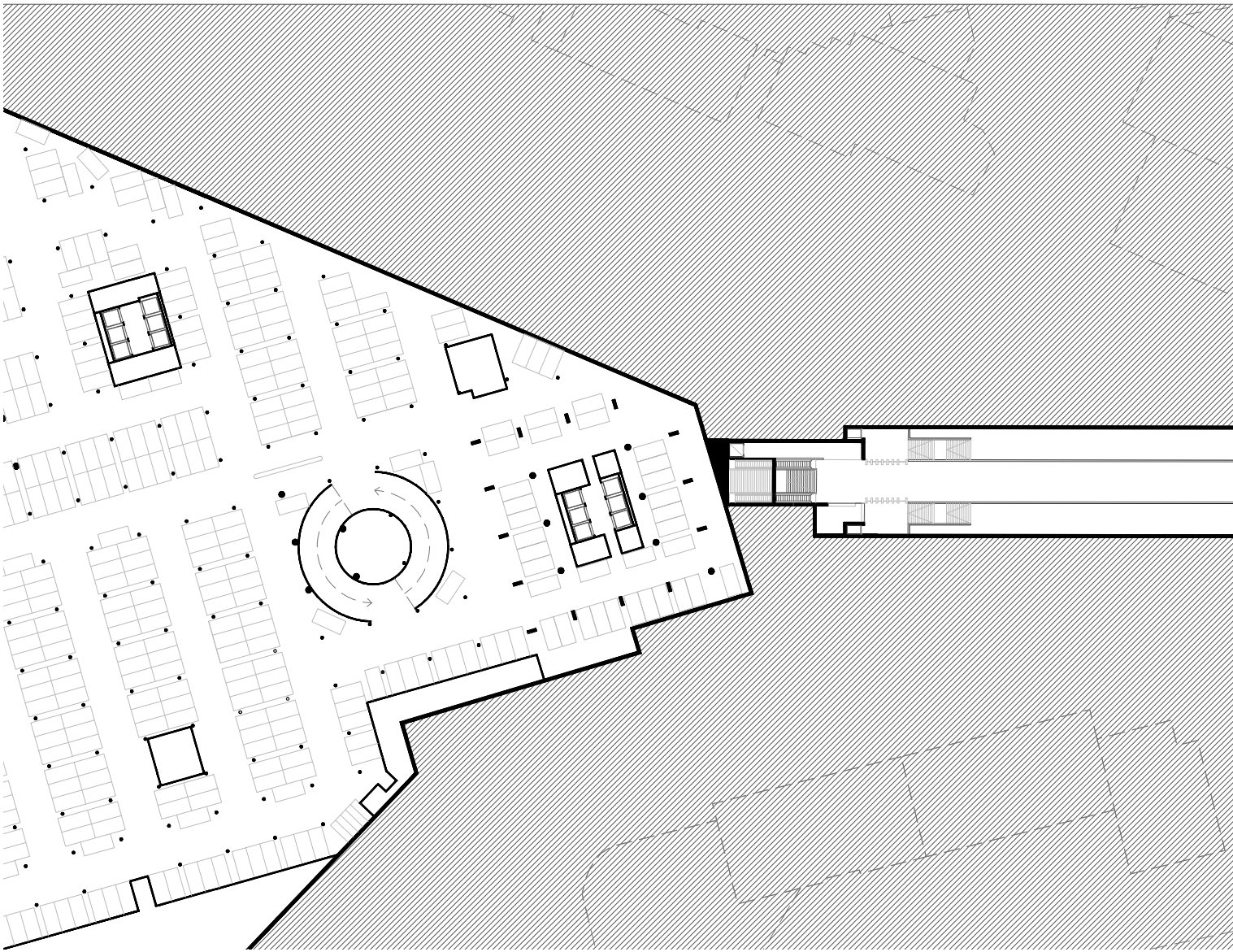


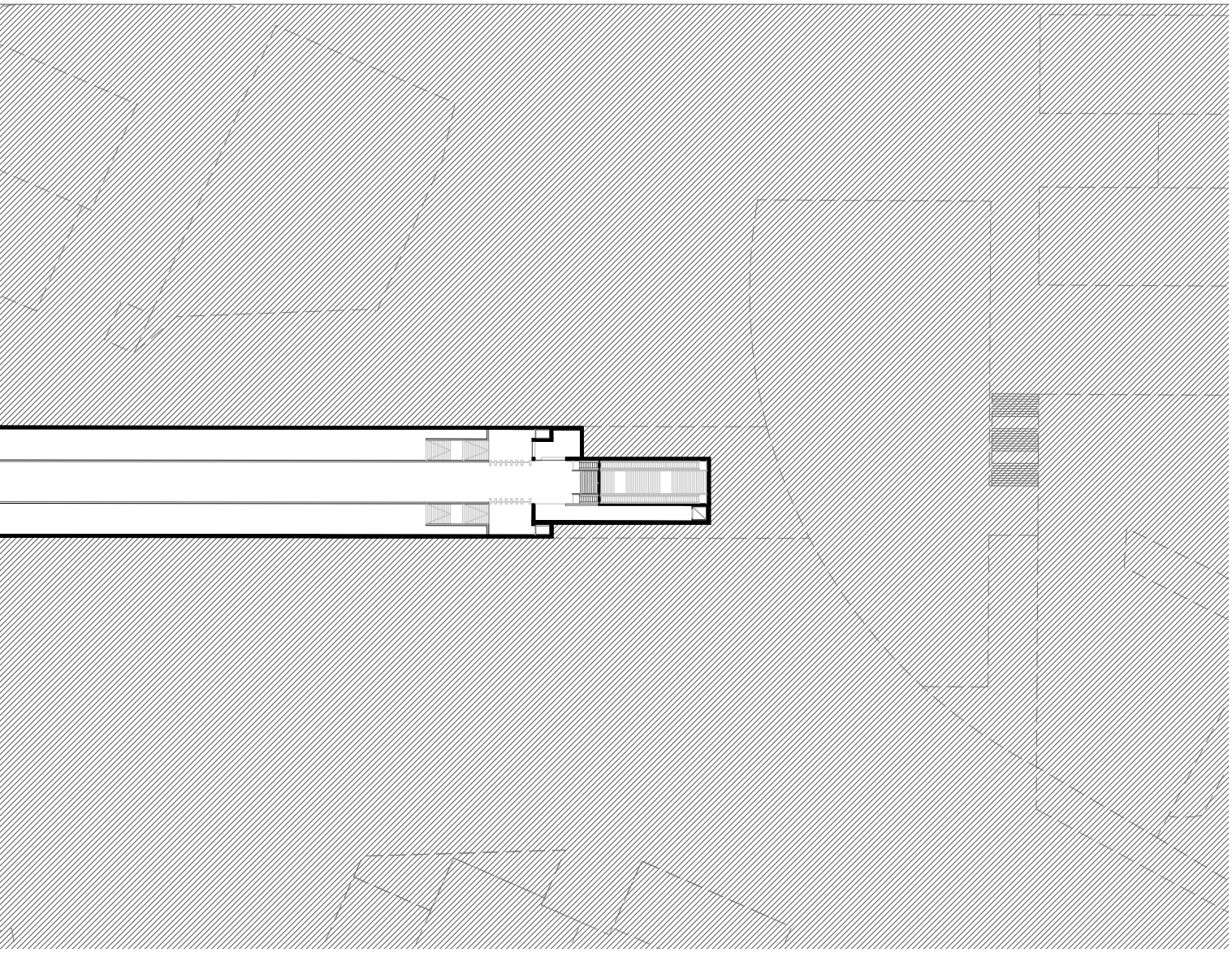

Planta Piso 0.
Esc. 1.1000



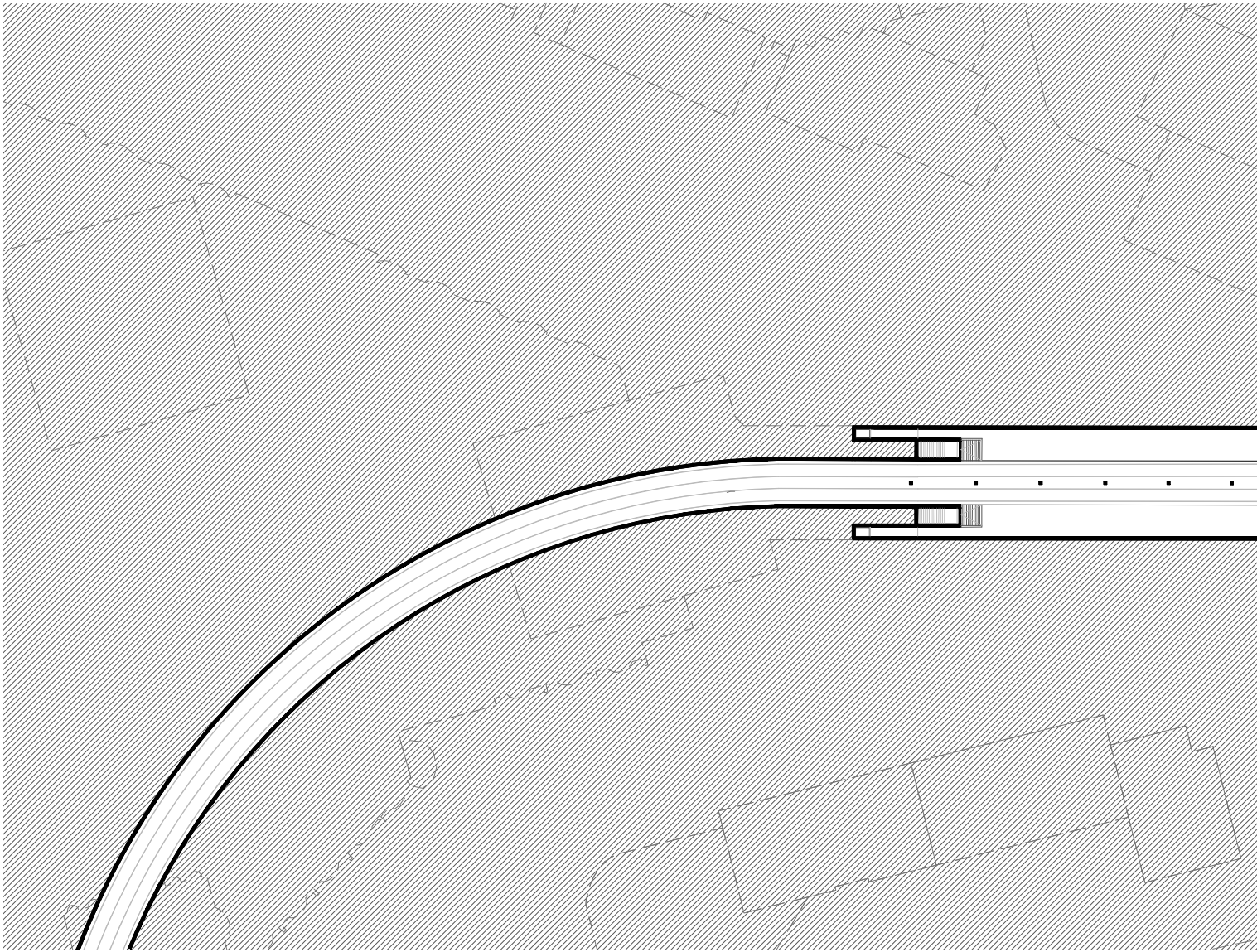


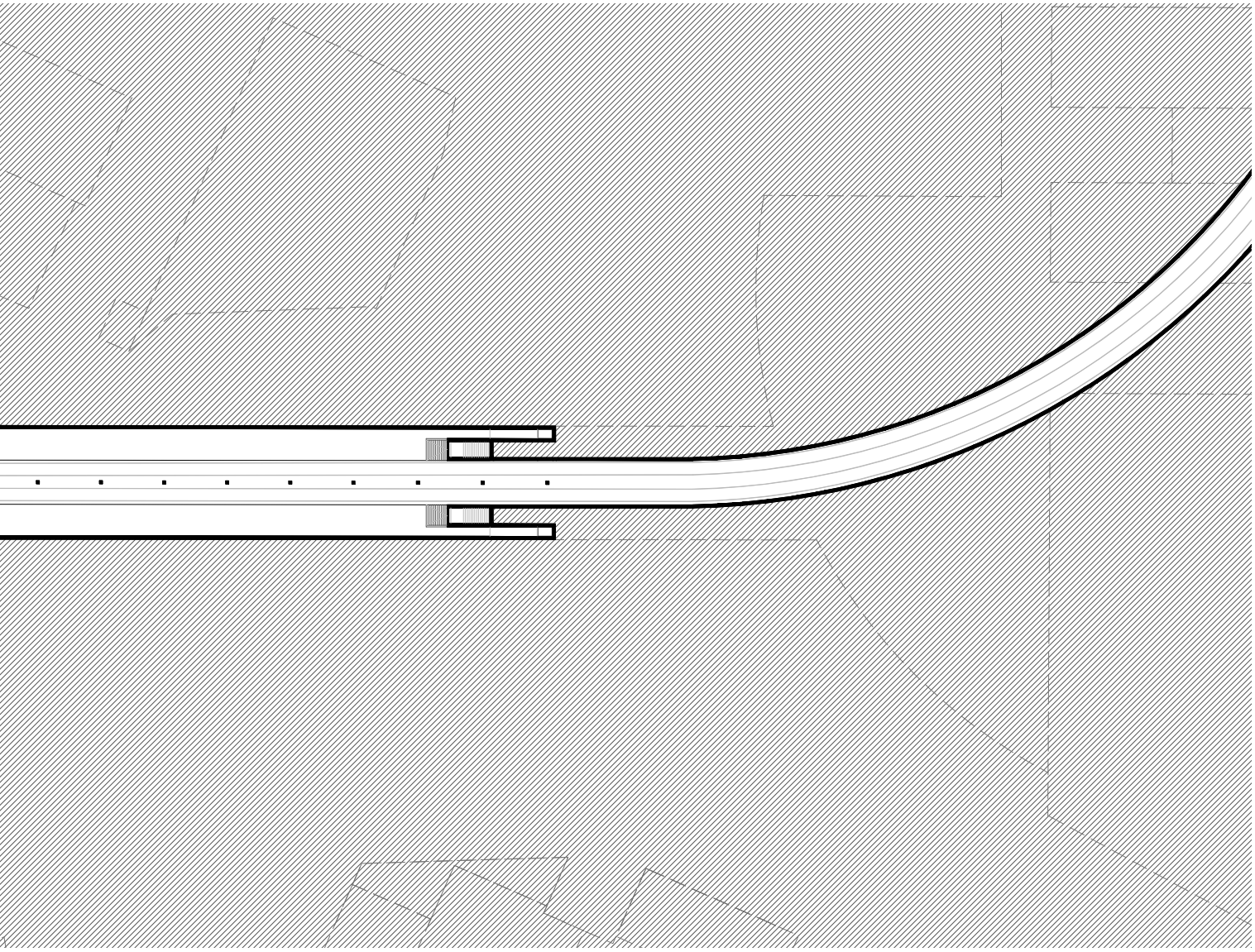
Planta Piso -1 Metro.
Esc. 1.1000



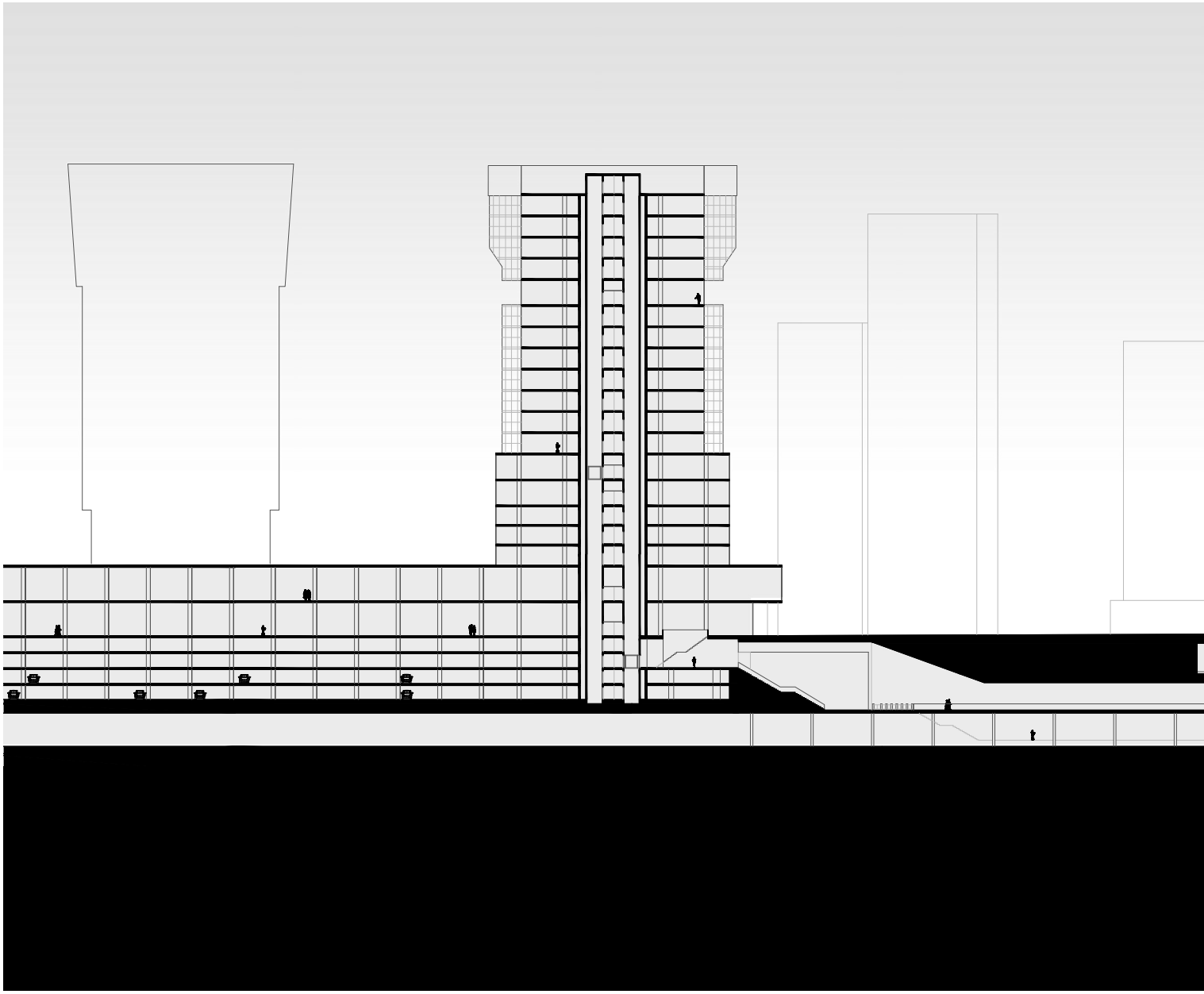


Planta Piso -2 Metro.
Esc. 1.1000





Planta Piso -3 Metro.
Esc. 1.1000





Corte Longitudinal Metro.
Esc. 1.1000


METRO AMOREIRAS





Referência à Marquise de Oscar Niemeyer no Parque Ibirapuera em São Paulo, Brasil.



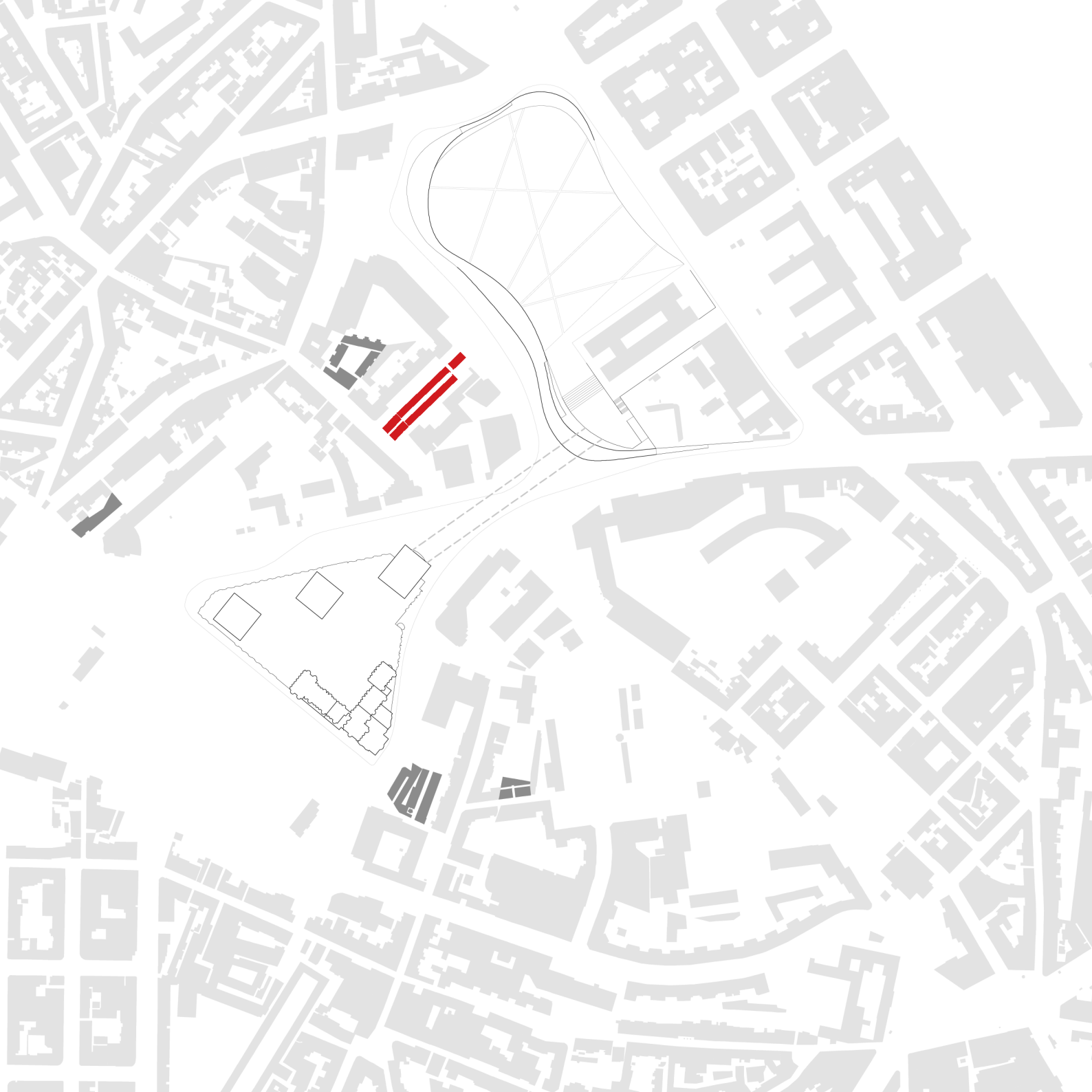
AMOREIRAS:

Habitação comunitária



EXERCÍCIO PRÁTICO INDIVIDUAL





INTRODUÇÃO

A sociedade de 2033, como revelam as estatísticas, irá ser composta maioritariamente por pessoas entre os 45 e 65 anos com uma grande tendência para se tornar cada vez mais monoresidencial. O nosso desejo, face a realidade estatística, dá-se no modo de habitar desta geração, explorando e reinterpretando a habitação comunitária e as micro-relações extintas nas antigas vilas operárias. Deseja-se uma sociedade que apesar de qualificada e informatizada, é capaz de usufruir melhor a sua independência por via da habitação partilhada.

Dentro deste panorama, o presente projeto propõe um modelo habitacional com destino a 4 habitantes, recordo entre os 45 e 65 anos, que apesar do seu espaço privado com quarto, instalação sanitária e *kitchenette*, privilegia os espaços comuns a todos os condóminos, como a partilha da zona de estar ou eventualmente a zona de refeições.

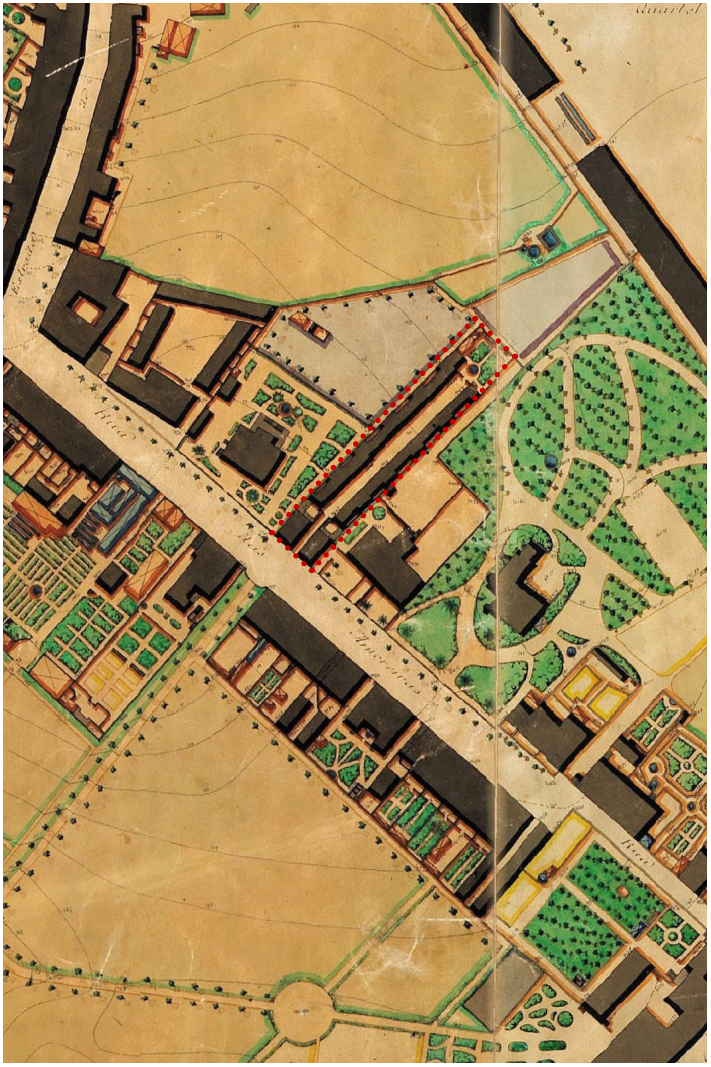
Propõe-se por isso, a construção de uma "nova" família - desconhecidos que por partilharem o mesmo modo de vida se tornam tão unidos como familiares, também denominado por *co-housing*. A Vila Raúl pela sua estrutura e pelo seu antepassado é propícia a este modelo habitacional, relacionando deste modo a população residente com a nova população e oferecendo uma reabilitação arquitetónica e social.

Planta de localização.

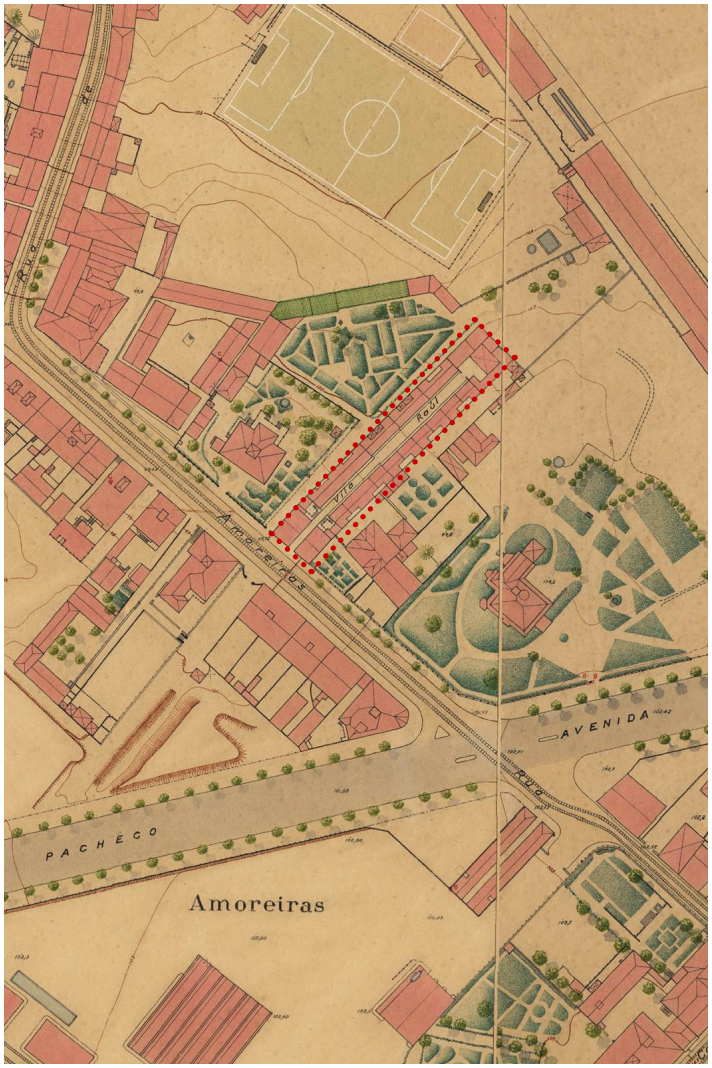
Vila Raúl entre 1856 e 1858
(Filipe Folque). Fonte: http://lxi.
cm-lisboa.pt/lxi/.



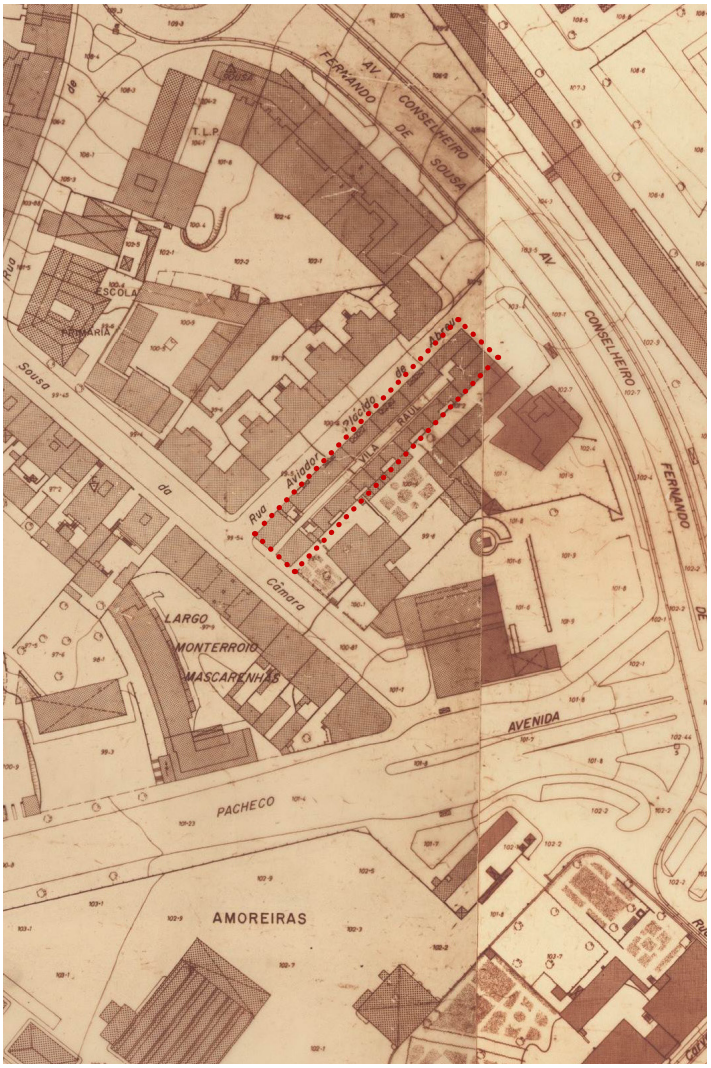
Vila Raúl entre 1904 e 1911
(Silva Pinto). Fonte: http://lxi.
cm-lisboa.pt/lxi/.

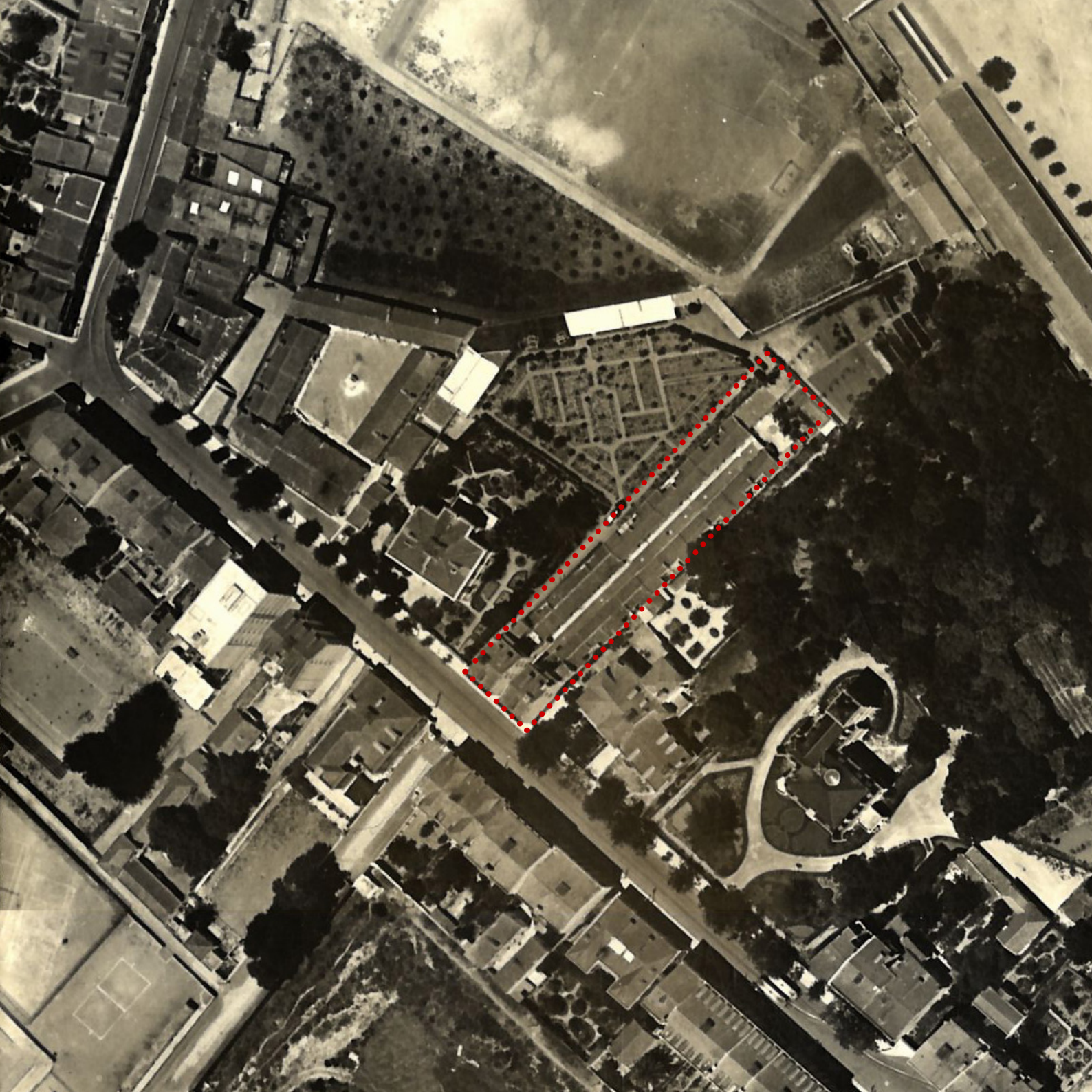


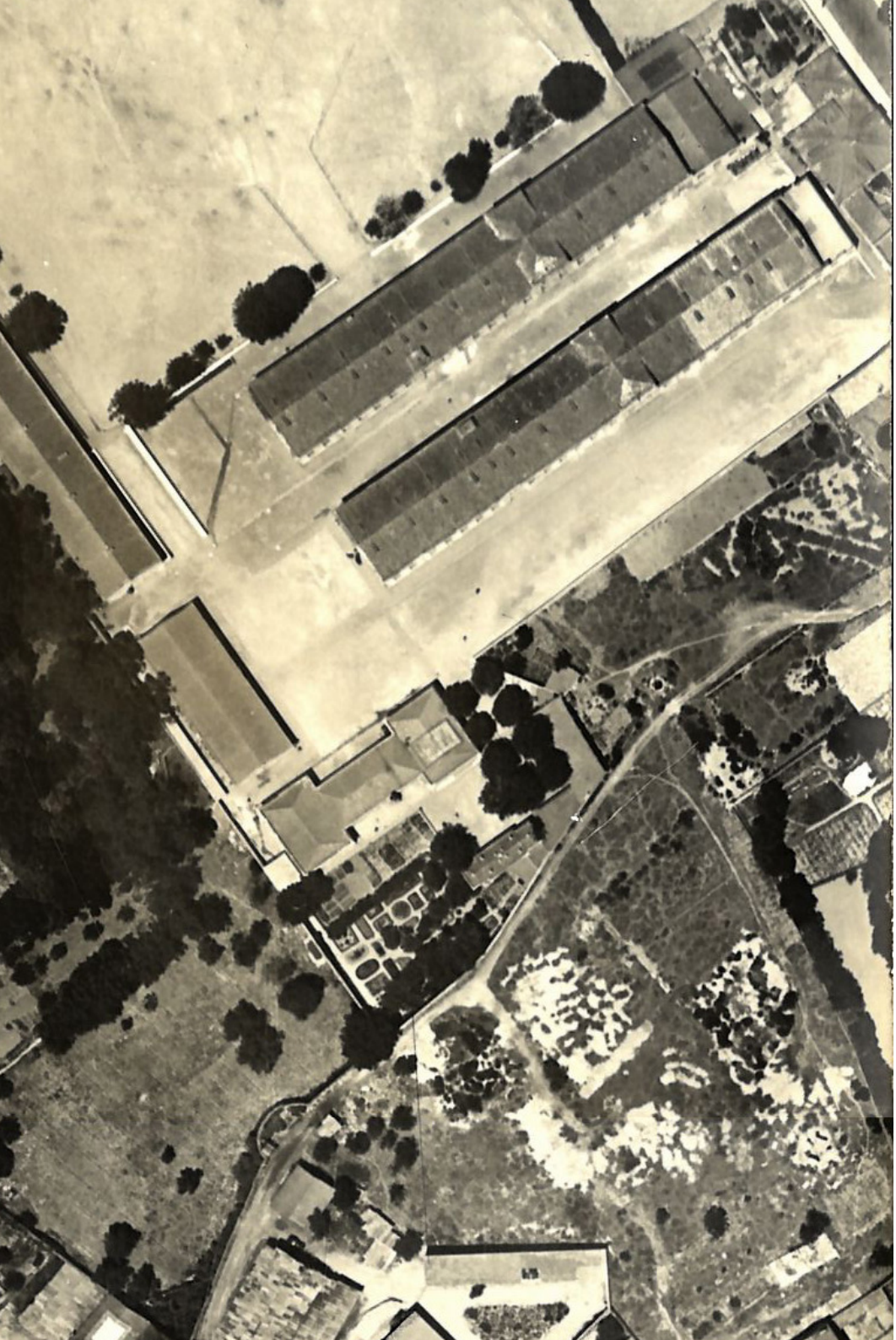
Vila Raúl nos anos 50. Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.



Vila Raúl nos anos 70. Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.







Vista aérea da Vila Raúl nos anos 40. Fonte: Gabinete de Estudos Olissiponenses.


188



Fachada da Vila Raúl na Rua das Amoreiras entre 1898 e 1908. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.


1016



Fachada da Vila Raúl na Rua das Amoreiras entre 1898 e 1908. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Entrada da Vila Raúl pela Rua das Amoreiras, atual Rua Professor Sousa da Câmara (João Goulart). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



Entrada da Vila Raúl pela Rua das Amoreiras, atual Rua Professor Sousa da Câmara (João Goulart). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Projecto d'ampliação que Manoel de Carvalho pretende fazer na sua casa na Rua das Amoreiras Nº 188, 3º Bairro, freguezia de S. Mamede

Escala = 1:100

Memoria descriptiva

As obras que se pretendem realisar serão feitas em harmonia com o regulamento de salubridade de edificações urbanas, tanto no que diz respeito a materiaes como pelas dimensões que o projecto indica.

A canalisação d'esgoto será feita como determinam as posturas em vigôr.

Planta geral

Escala = 1:1000

Legenda

Parte existente

" a demolir

" nova

Rua das Amoreiras

Cruz do Almas

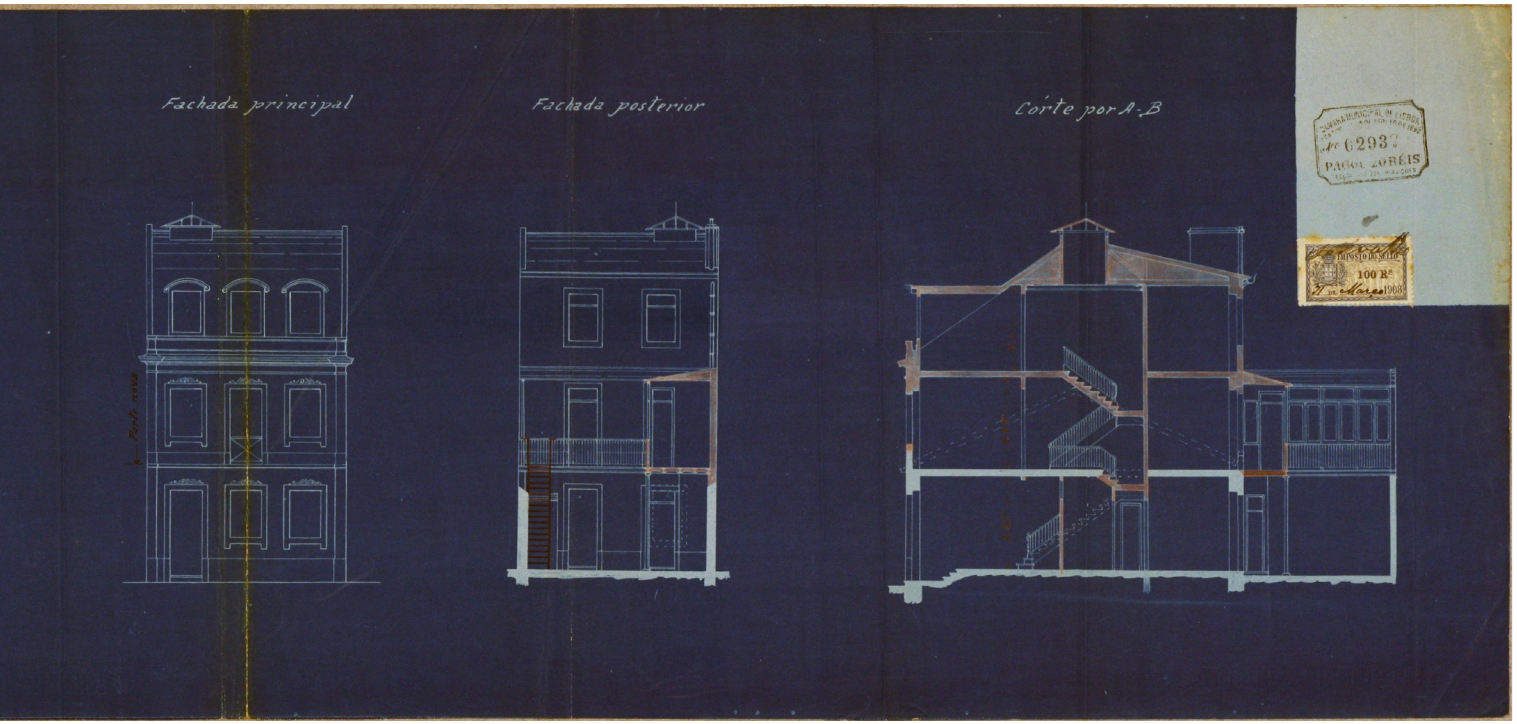
Arco do Carvalhão

Planta do réz-do-chão

Planta do 1º andar

Planta do 2º andar

Desenhos técnicos do edifício da frente da Vila Raúl, 1908. Fonte: Proc.: 2646/1ªREP/PG/1908 - Arquivo Intermédio de Lisboa - CML.







Traseiras da Vila Raúl, 1967 (Arnaldo Madureira). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Escondida nas traseiras dos edifícios de cércea mais alta e estrangulada pelas artérias viárias da cidade surge uma antiga vila operária do início do século XX, a Vila Raúl. Esta foi mandada construir por Raúl de Carvalho (1888-1980), primeiro farmacêutico português que decidiu alojar os funcionários do seu laboratório de análises clínicas no interior do talhão de dois prédios que pertenciam à sua família. O acesso foi executado entre os dois edifícios da frente criando um corredor a céu aberto prolongado em linha reta pela vila e dando acesso às habitações. As habitações de forma modular, fazem lembrar casas rurais, sendo inevitável transportarmo-nos para um mundo paralelo ou para uma pequena aldeia dentro da cidade. As casas bastante simples de 30m^2 são compostas por uma cozinha, dois quartos e um pequeno saguão, que no início dos anos 40 os moradores começaram a encerrar para instalarem as casas de banho. Contudo, segundo um atual morador, apesar das parcas condições habitacionais era o exterior, na rua particular e no jardim naquela época existente ao fundo da vila, que melhor caracterizavam o modo de vida quase familiar entre os habitantes.

Terão sido as obras de modernização da zona das Amoreiras na segunda metade do século XX que alteraram a paisagem da envolvente da Vila e acima de tudo, o interesse e a necessidade de permanecer em habitações proletárias, iniciando assim, o seu declínio populacional. Atualmente, é impossível caracterizar este local pelas estreitas relações de vizinhança, porque aqui, apenas moram 4 pessoas, e caracteriza-se sim pela diferença que as estas habitações exercem na envolvente, quer pela sua morfologia tal como pela cércea.

O interesse por este local pode ter sido escondido pelos grandes edíficios que suportam melhor a as necessidades da sociedade atual, mas enquanto esta vila permanecer a memória do que é viver em comunidade tem aqui um testemunho.



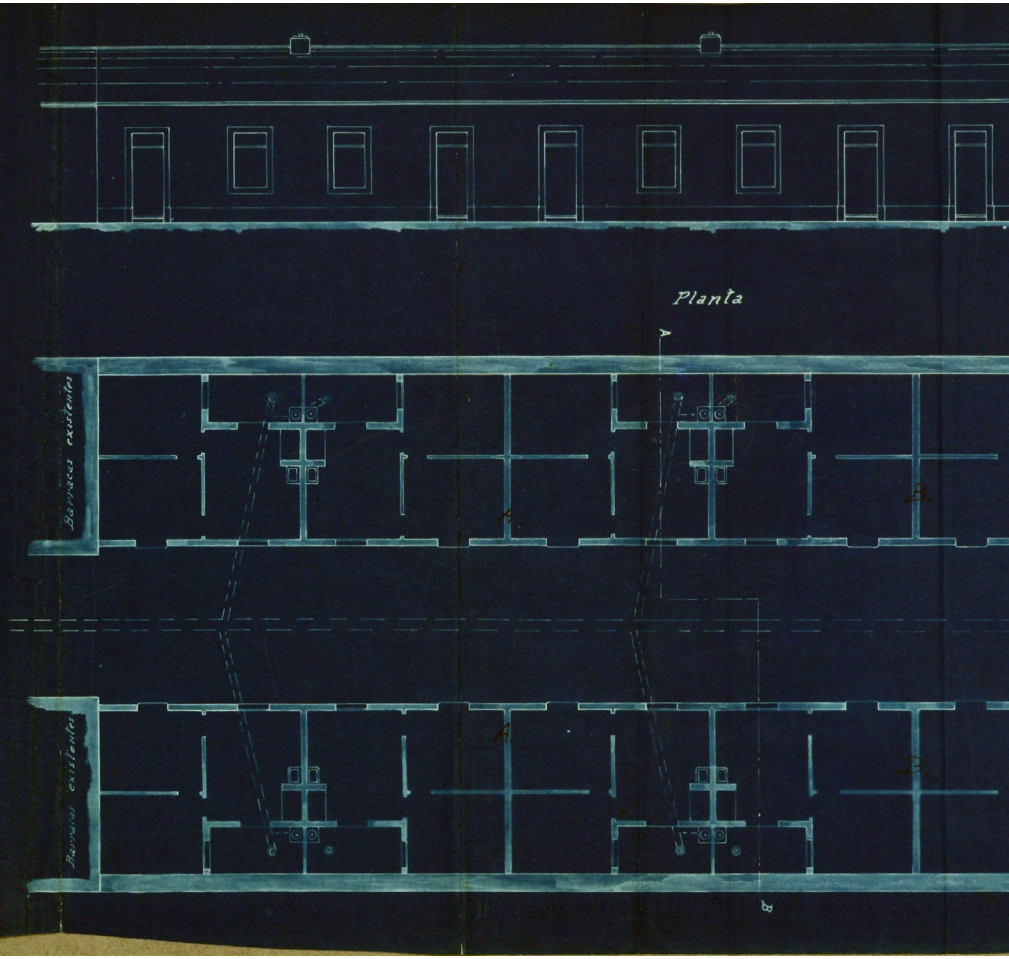
António Costa no jardim traseiro da Vila Raúl, anos 40. Fonte: Arquivo pessoal de António Costa (atual morador da Vila Raúl).

Projecto de barracas, que Manoel Carvalho, pretende construir, no seu terreno, na Villa Nova, na Rua das Amoreiras Nº 186 e 188, freguezia de S. Mamede. 3º Bairro.

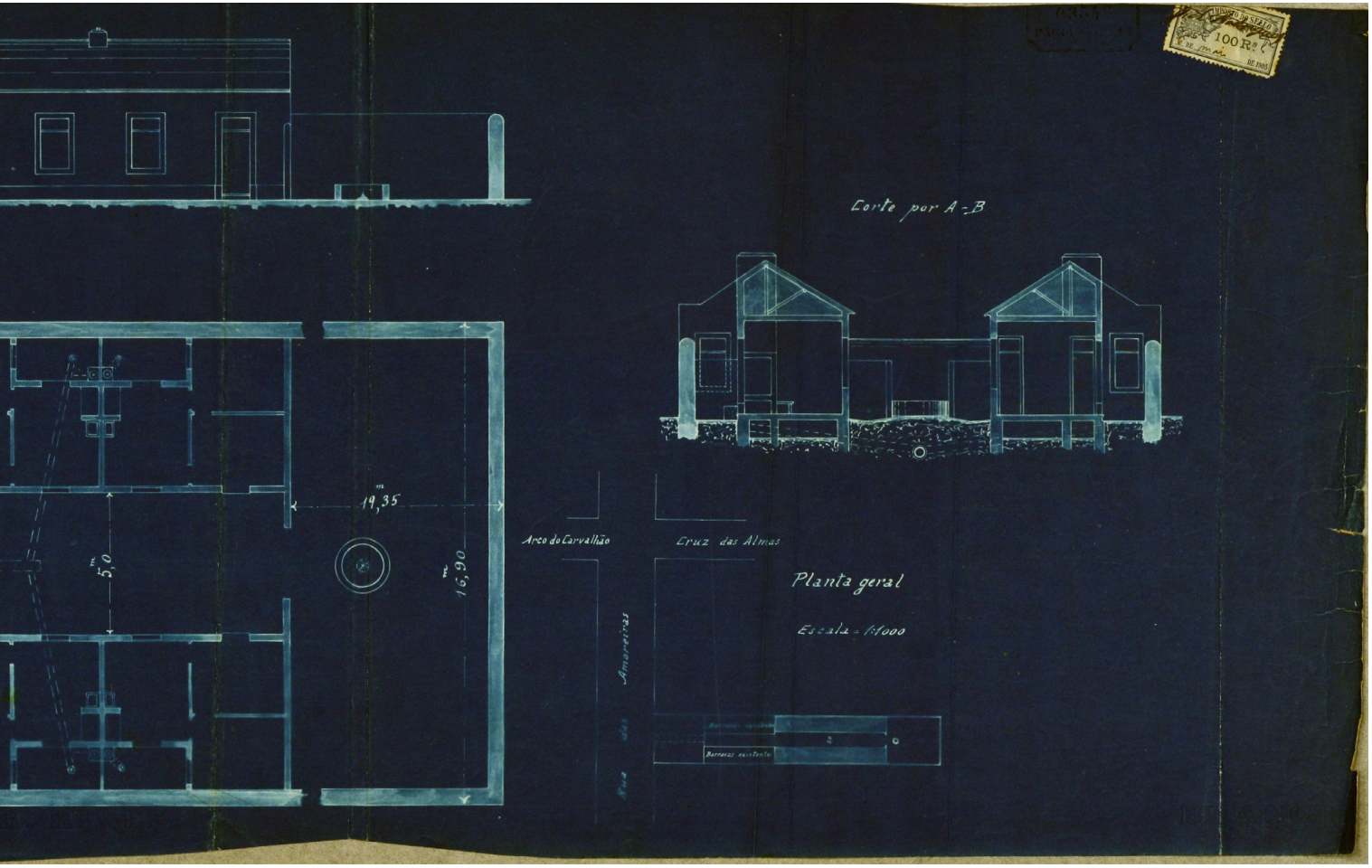
Escala = 1:100

Memoria descriptiva

A obra que se pretende realisar, será feita em harmonia com o regulamento de salubridade de edificações urbanas.
Os frontaes e divisões interiores, serão todos feitos em tijolo e a cobertura será de telha modelo Marselhez, tudo de boa qualidade.
A canalisação d'esgoto será feita como determinam as posturas em vigor.
A altura de pé direito é de 3,25.



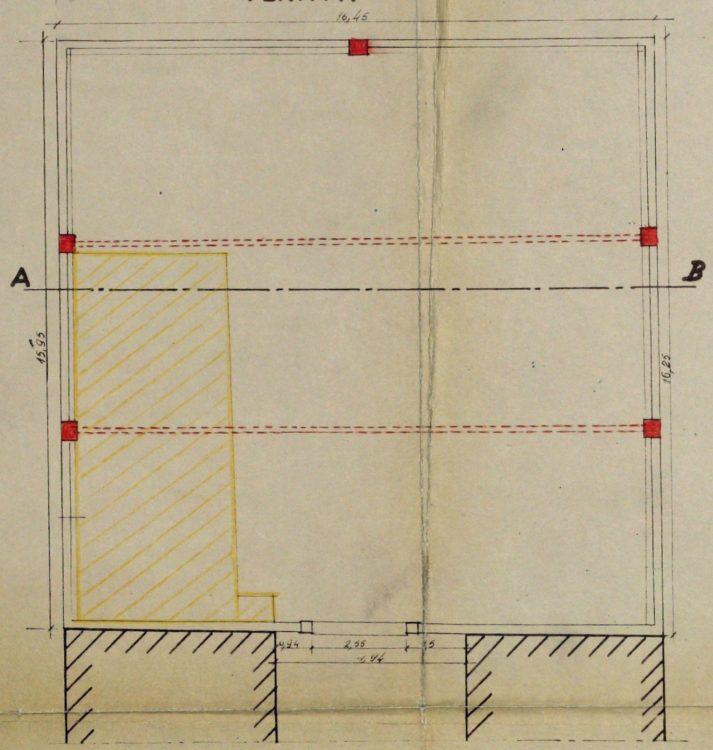
Desenhos técnicos da Vila Raúl, 1905.
Fonte: Proc.: 2669/1ªREP/PG/1905 -
Arquivo Intermédio de Lisboa - CML.

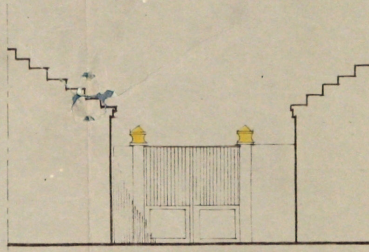


Projecto para a ampliação do armazem da firma, Vicente & Irm
pretende construir no terreno, situado na Rua das Amoreiras
LISBOA

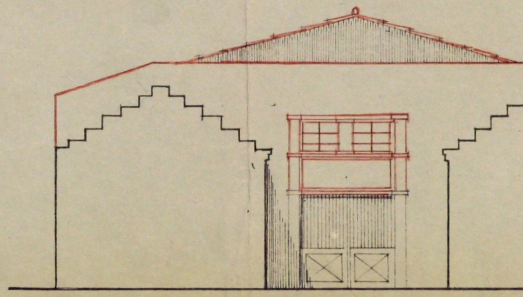
Folha 18
Proc.º 1948

PLANTA

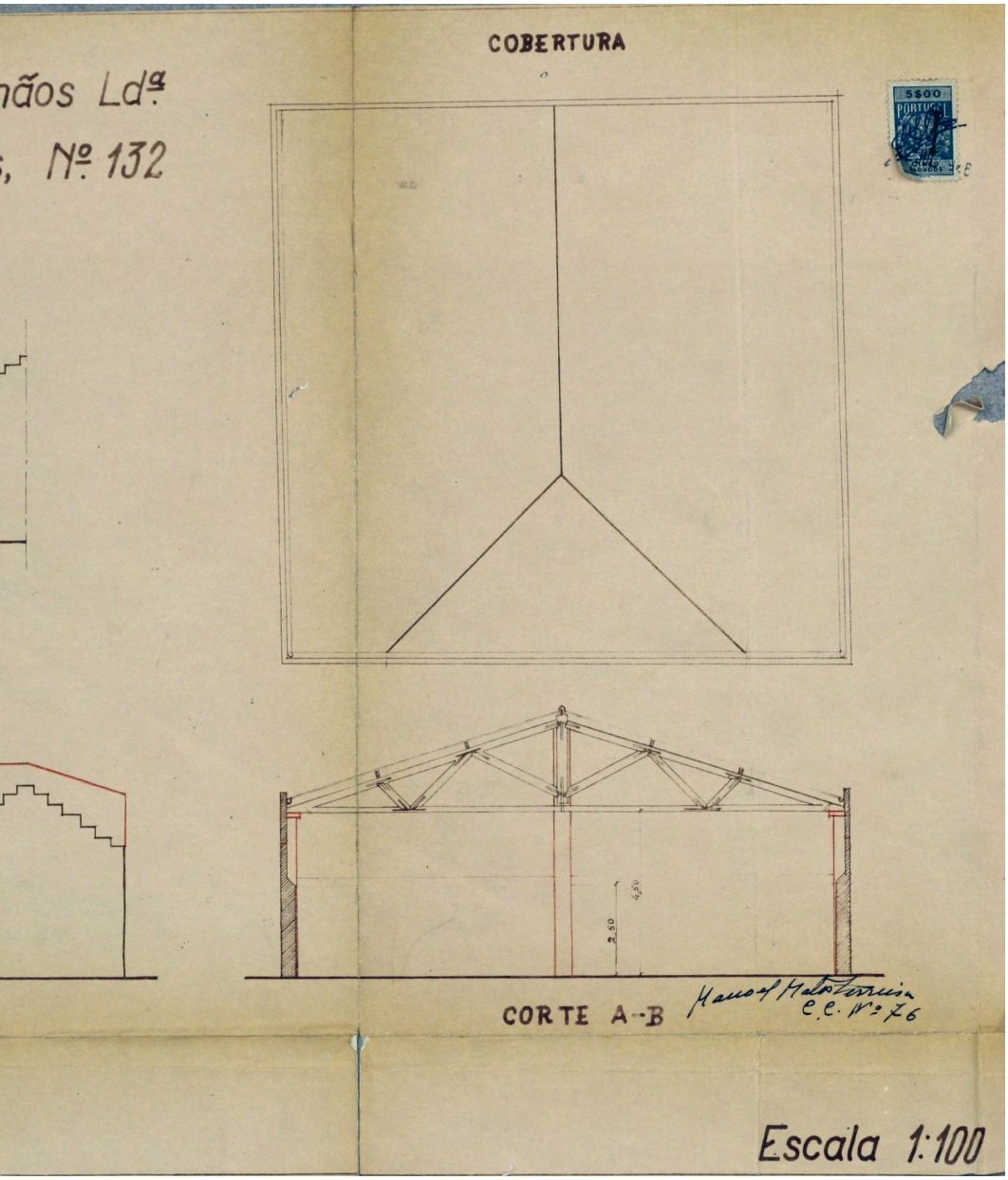




ALÇADO EXISTENTE



ALÇADO ALTERADO



Desenhos técnicos da garagem construída no jardim da Vila Raúl, 1948. Fonte: Proc.: 29110/DAG/PG/1948 - Arquivo Intermédio de Lisboa - CML.





Vista aérea da Vila Raúl e sua envolvente, 2013. Fonte:http://www.bing.com/maps/.



Levantamento fotográfico da Vila Raúl.





Levantamento fotográfico da Vila Raúl.







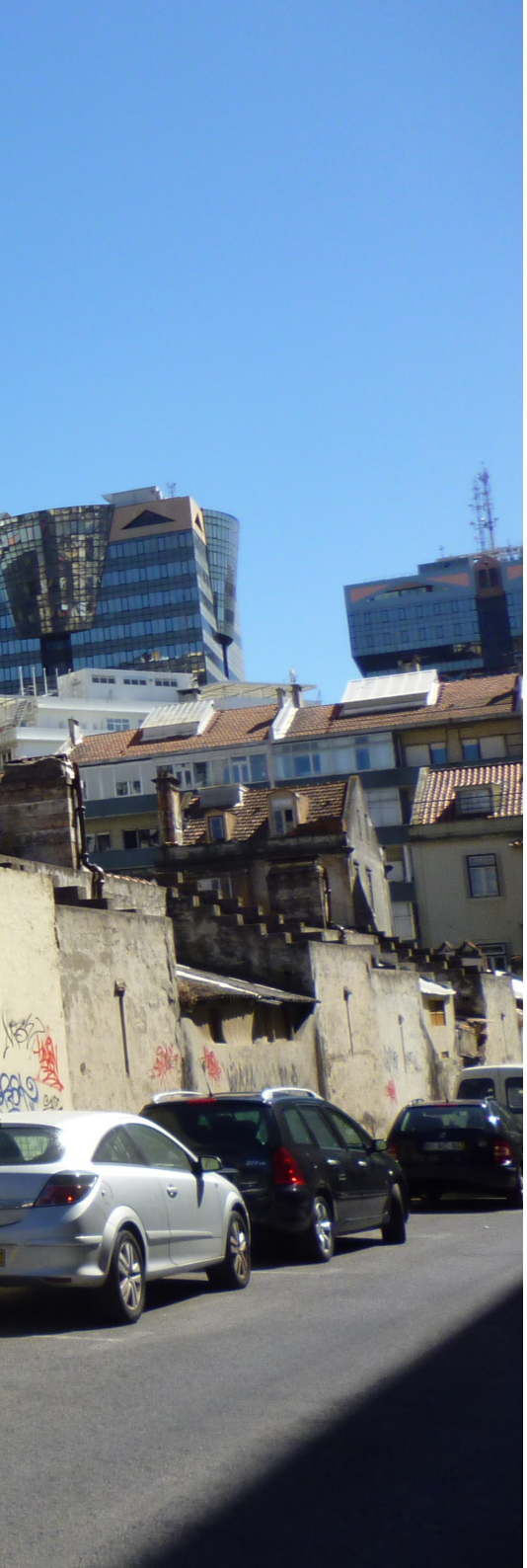
Levantamento fotográfico da Vila Raúl.


Dom Pedro
Lisboa
RESTAURANTE
IVECO
CONTINENTE



Levantamento fotográfico da Vila Raúl -
Rua Professor Sousa da Câmara.


CLIO
39·AU·33



Levantamento fotográfico da Vila Raúl -
Rua Aviador Plácido de Abreu.



Levantamento fotográfico da Vila Raúl.


EPIC SANA

Levantamento fotográfico da Vila Raúl - vista da Rua Conselheiro Fernando de Sousa.



Levantamento fotográfico - Entrada e
fachada principal da Vila Raúl.



Levantamento fotográfico - Acesso à Vila Raúl.







Levantamento fotográfico - Vila Raúl.





Levantamento fotográfico - Vila Raúl.

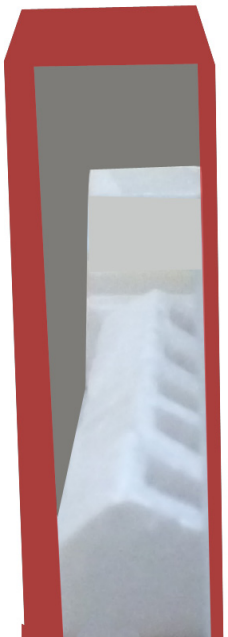


Levantamento fotográfico - Vila Raúl.





Levantamento fotográfico : traseiras da Vila Raúl.



A intervenção projetual tem a intenção de ser uma operação pontual – o remate da Vila Raúl com a Rua Conselheiro Fernando da Sousa e a reabilitação das habitações operárias.

Os principais problemas apontados neste sítio e que interessaram trabalhar neste projeto é a diferença de cérceas que a Vila exerce sobre os edifícios próximos, assim como a memória do jardim que existiu até 1948, espaço primordial de convívio e de grande simbolismo para os residentes. É também importante que esta intervenção mantenha a linguagem longitudinal da rua coletiva que culminará novamente neste jardim.

O novo edifício habitacional, implantado numa frecha norte do jardim, ocupa o lugar onde outrora foi construído o primeiro anexo da vila, relacionando-se com a mesma por via da sua morfologia e relacionando-se com a envolvente por via da cércea. Pretende-se que este novo edifício-anexo, ao contrário do anterior dignifique a vila e que reabilite o jardim pré-existente, como um espaço que pretende preponderar e imortalizar a memória do espaço comunitário por via da distância entre a vila e a Rua Conselheiro Fernando de Sousa.

Fim do séc. XIX.



Construção das habitações dos operários no início do séc. XX.

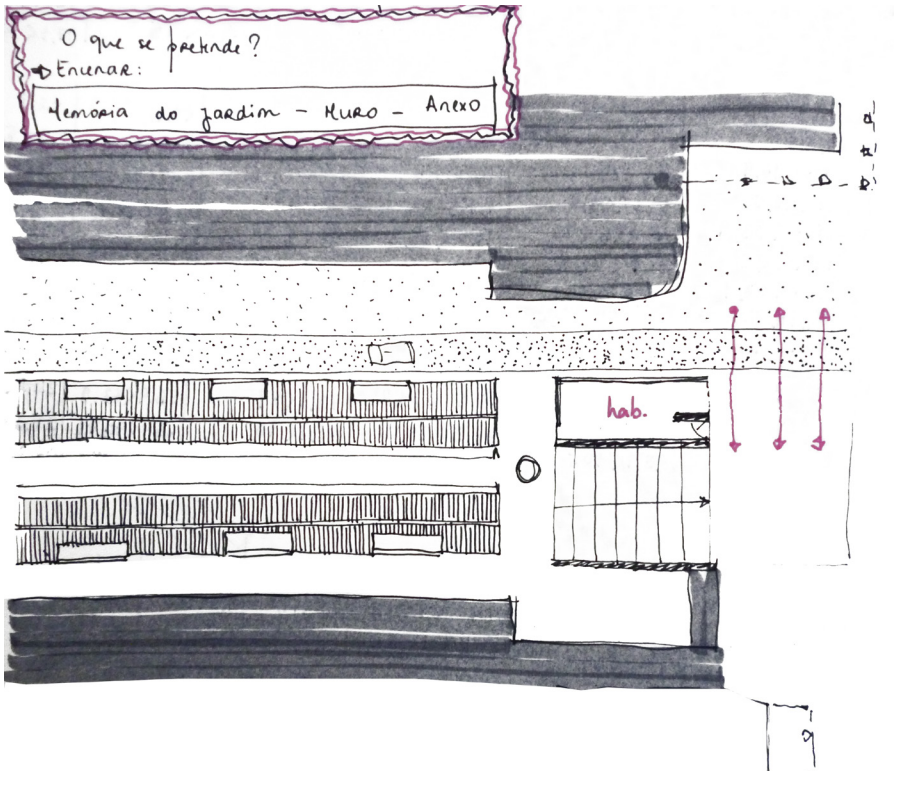


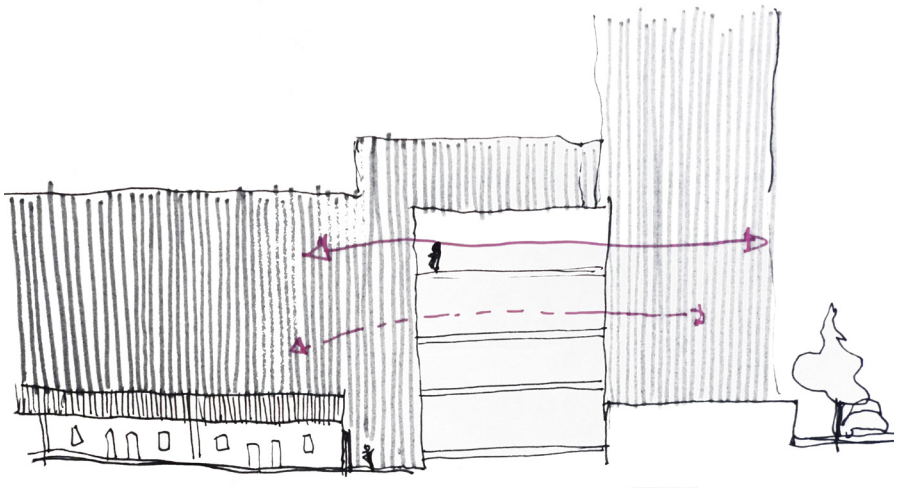
Ocupação de uma garagem no jardim da Vila Raúl.



Proposta de ocupação do espaço.







Esquissos diagramáticos.

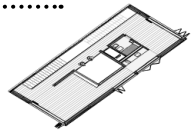
Maquete diagramática.



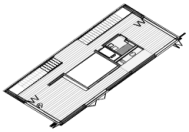
Maquete diagramática.



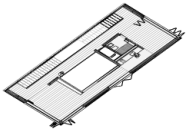
HABITAÇÕES



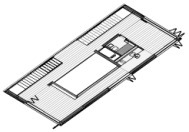
4º piso



3º piso

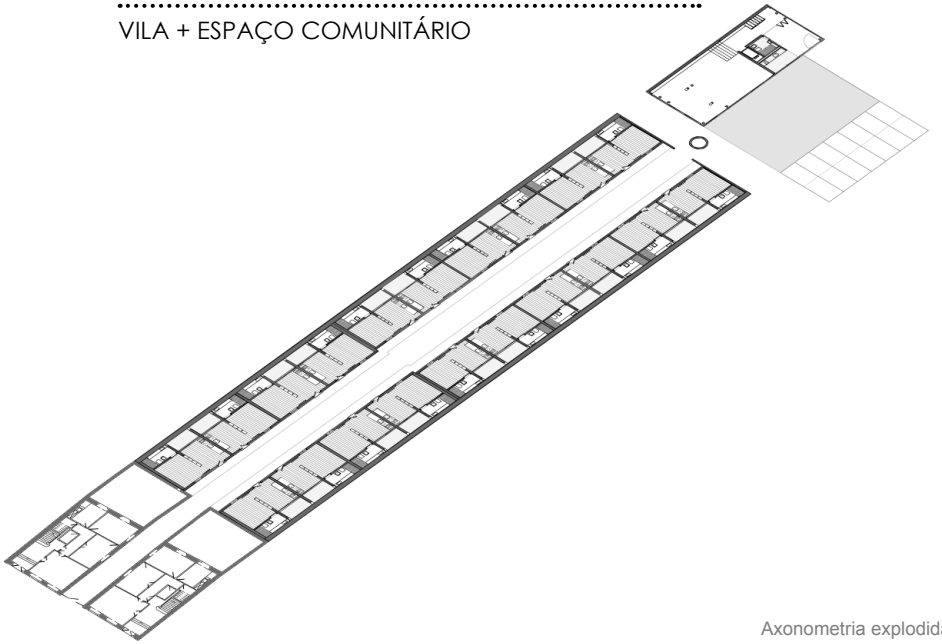


2º piso



1º piso

VILA + ESPAÇO COMUNITÁRIO



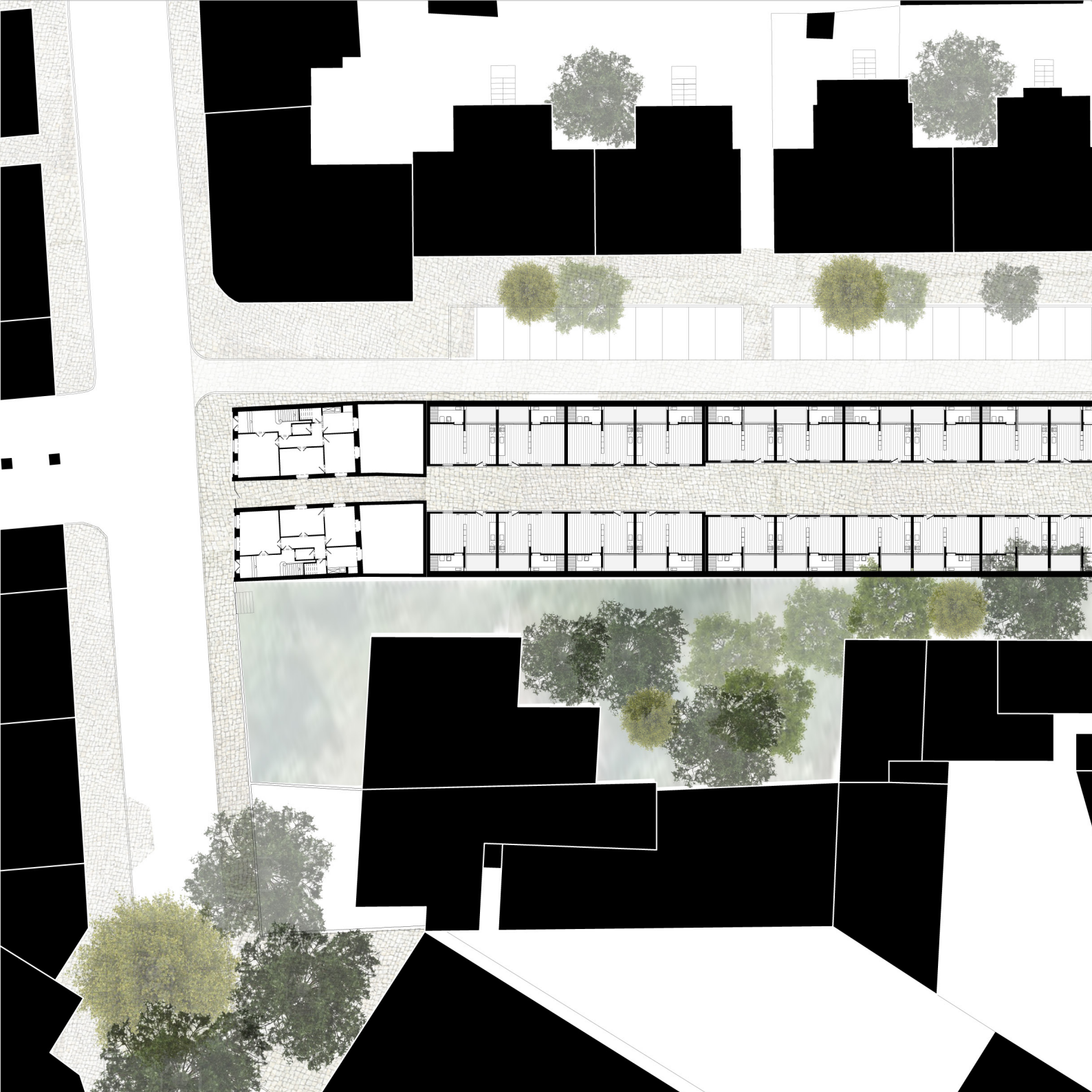
Piso térreo

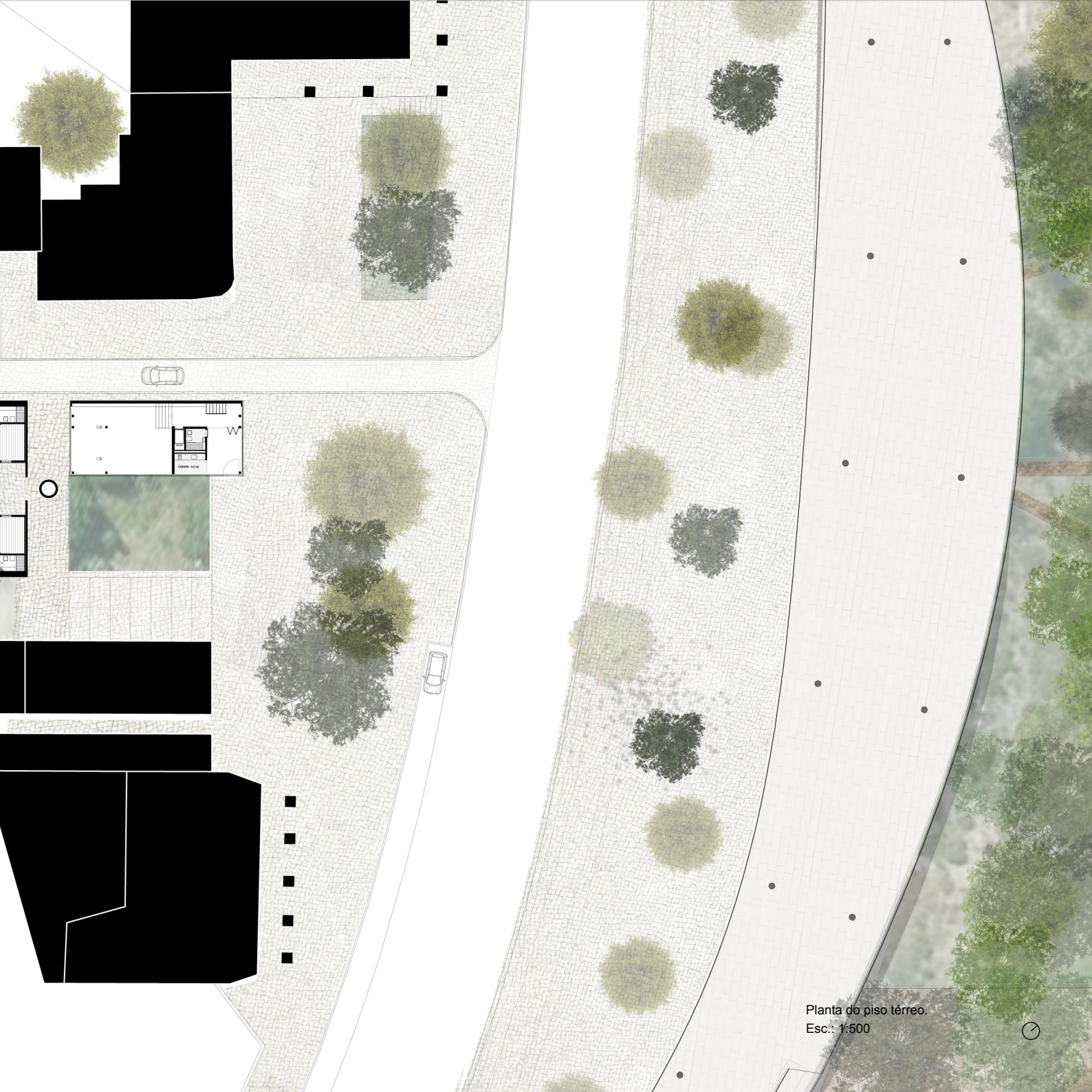
Axonometria explodida.





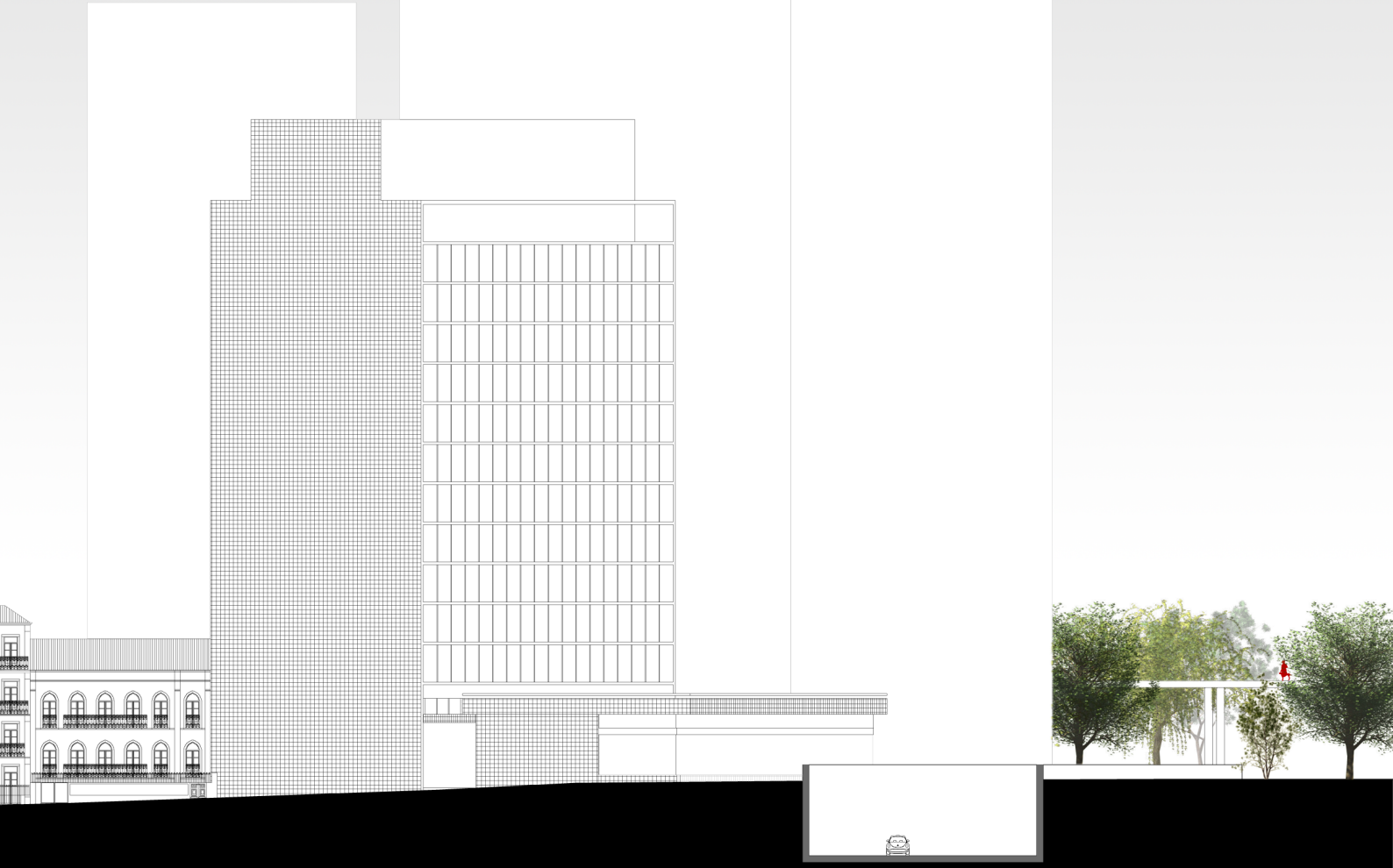
Planta de Implantação.
Esc.: 1:500





Planta do piso térreo.
Esc.: 1:500





Alçado da Rua Professor Sousa da Câmara - alçado oeste.
Esc.: 1:500



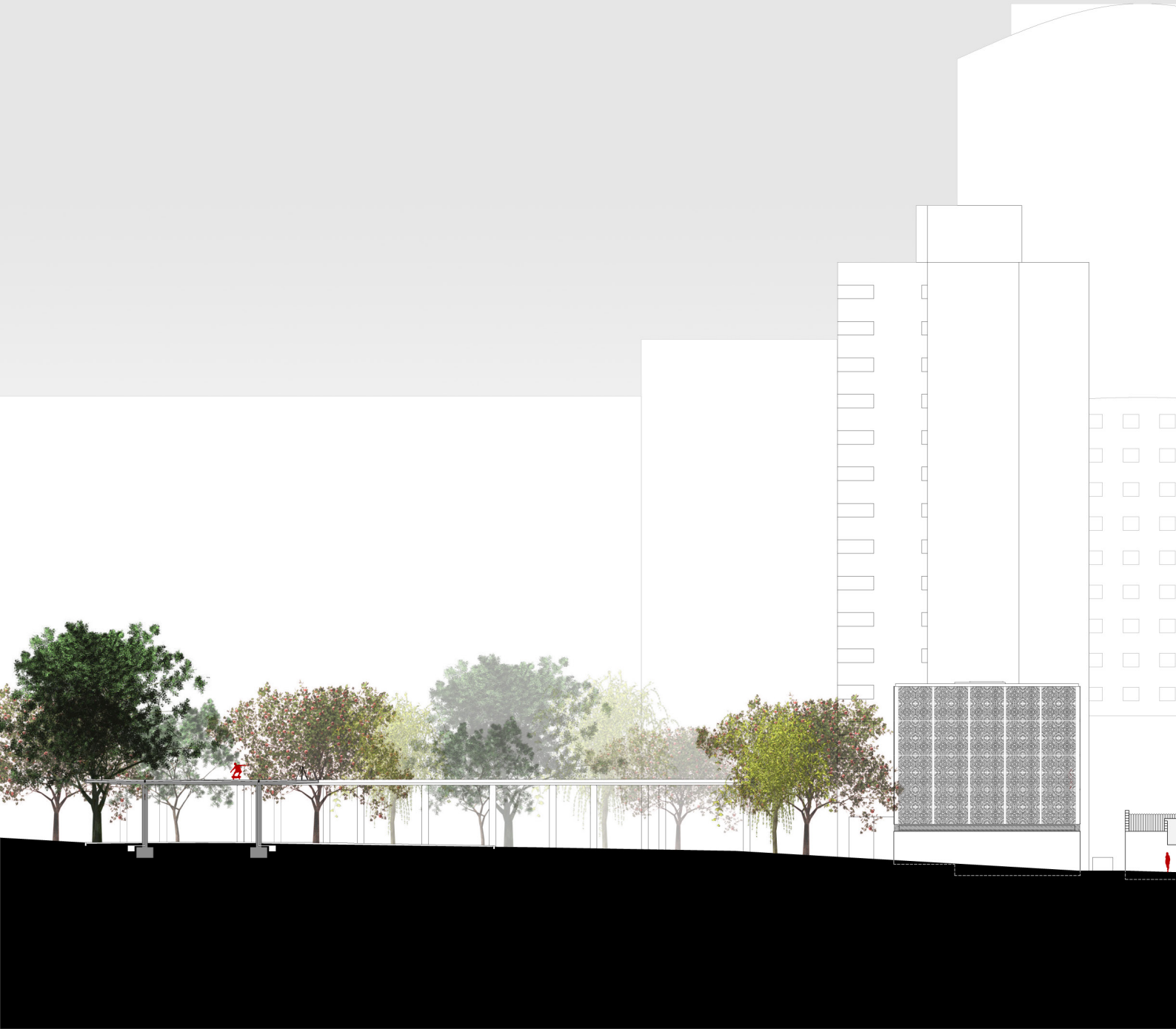


Alçado sul.
Esc.: 1:500



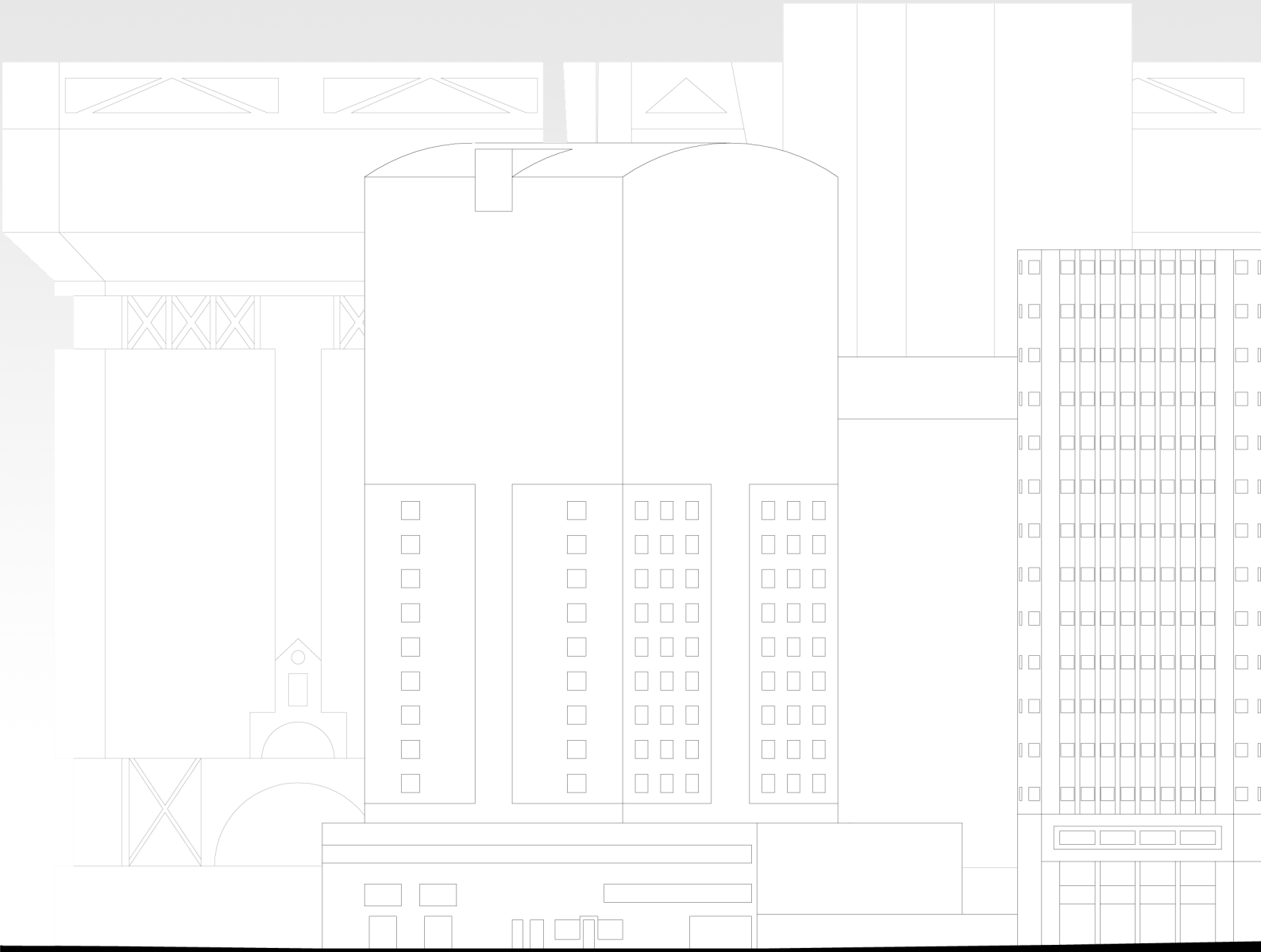


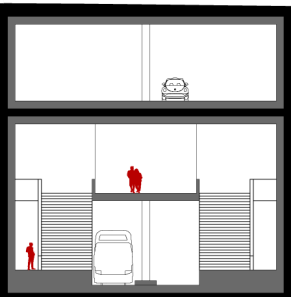
Corte b.
Esc.: 1:500





Alçado norte.
Esc.: 1:500

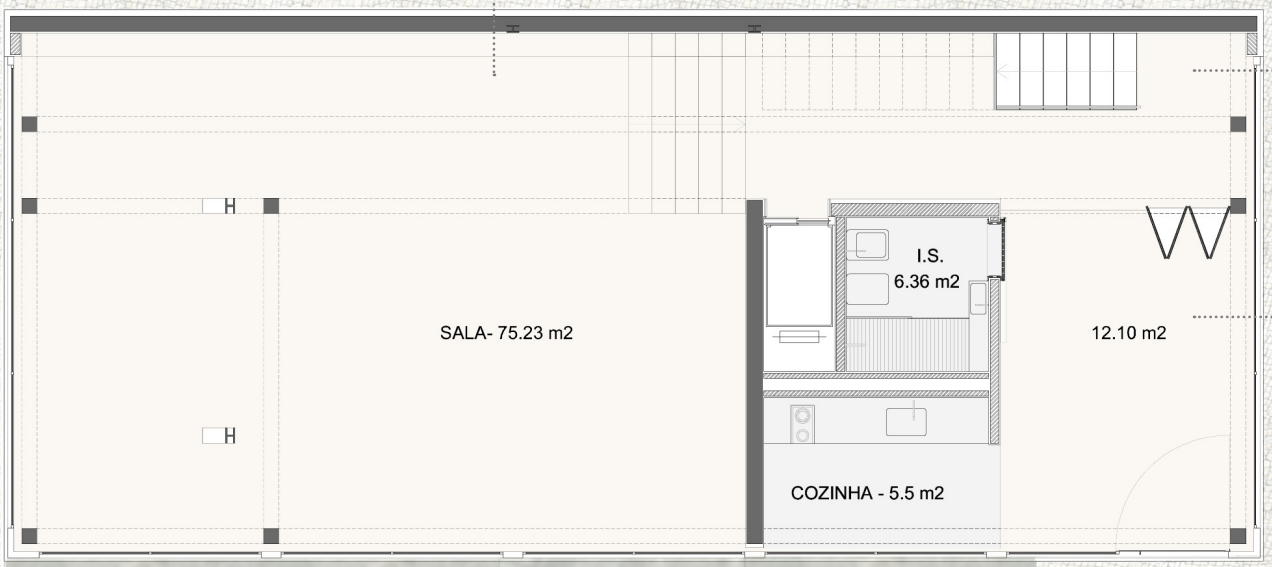






Alçado este.
Esc.: 1:500


a
I.S. - 4.7 m2
I.S. - 4.7 m2
I.S. - 4.7 m2
c
b
21.5 m2
21.5 m2
21.5 m2
21.5 m2
21.5 m2
21.5 m2
I.S. - 4.7 m2
I.S. - 4.7 m2
I.S. - 4.7 m2
a



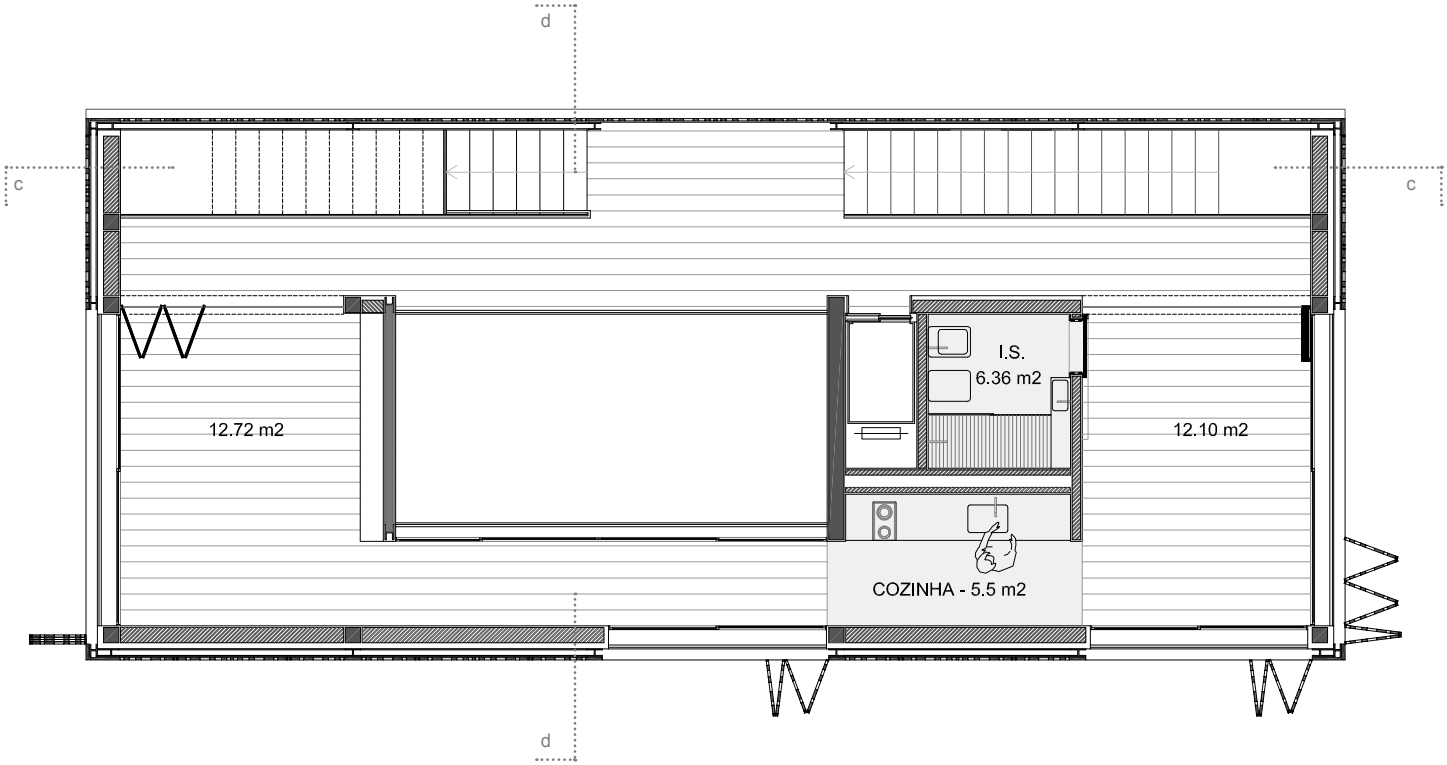
Planta do piso térreo.
Esc.: 1:100

O piso térreo foi desenhado como o espaço comunitário e os espaços exteriores como primordiais de toda a intervenção, à exceção das habitações dos antigos operários.

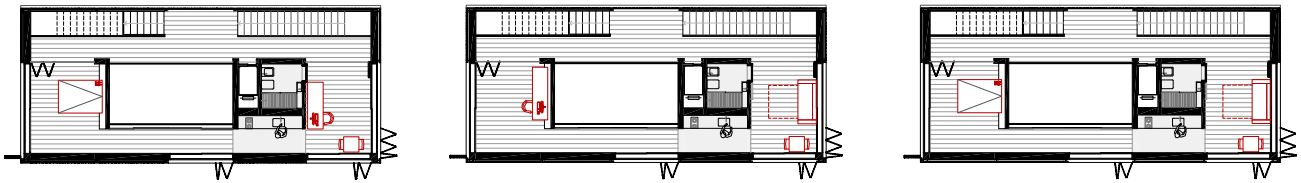
A nova tipologia destas habitações segue a métrica estrutural existente, pensado nelas como um *studio*, onde a luz proveniente do (agora) desocupado saguão tem lugar de destaque.

No piso térreo do novo volume-anexo criou-se o espaço comunitário, com zona de estar, cozinha e zona de refeições. Pretende-se que este seja uma continuação (interior) do jardim. Para tal, a divisão entre eles faz-se por via de uma fachada em vidro espelhado para o interior poder olhar para o exterior, e o exterior poder refletir e aumentar a real dimensão da vila e da importância dos espaços comunitários.

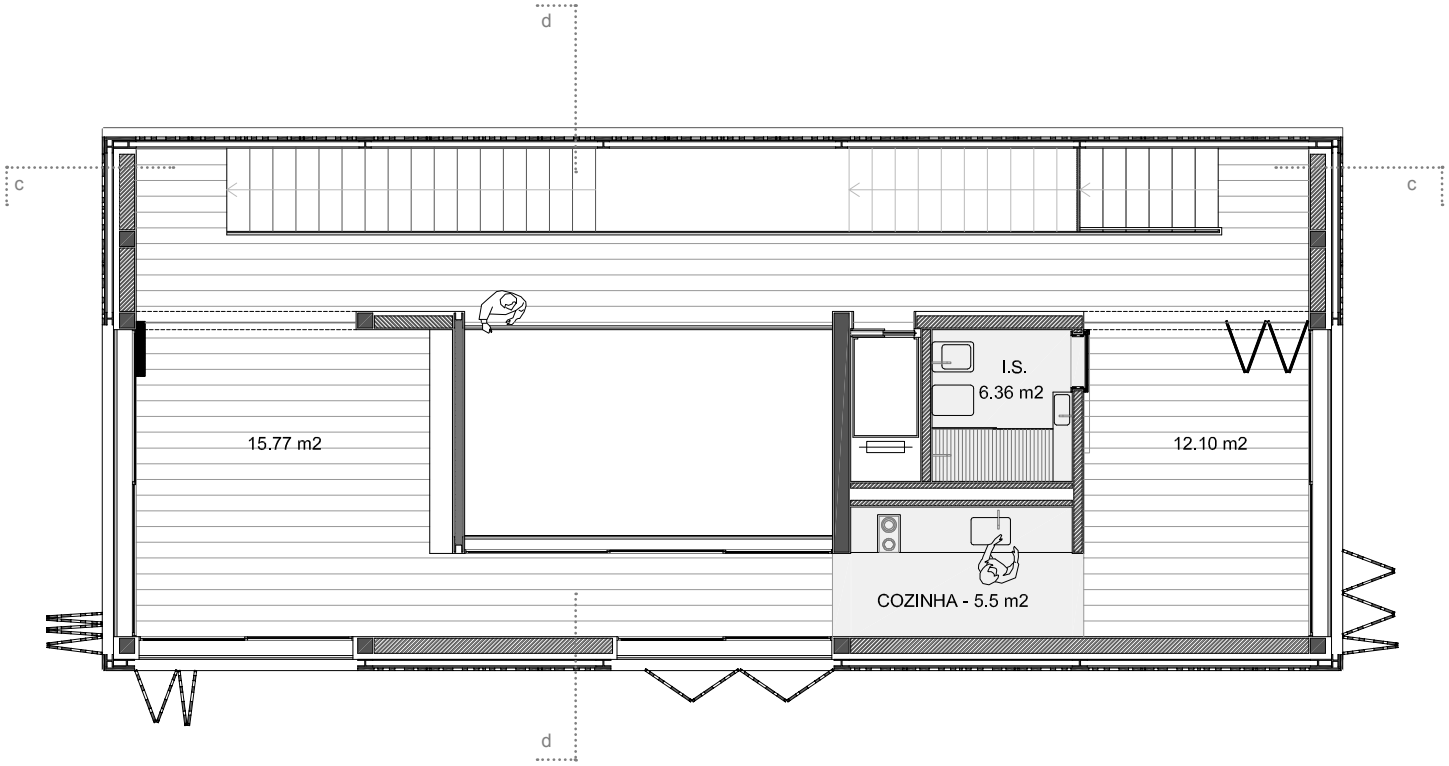
Quanto às habitações construídas no 1º ao 4º piso foram pensadas para permitir uma grande flexibilidade de ocupação interior, também para permitir que estas se estendam aos espaços comuns. Assim sendo, todos os espaços de circulação e o piso térreo devem ser lidos como uma continuação da habitação. Por isso mesmo, foi aberto um saguão que pretende ser a proliferação vertical do desejo de todo este discurso comunitário, elemento este que é o centro e organizador da funcionalidade dos pisos habitacionais. O saguão à medida que alarga permite a diminuição do espaço privado e por isso aumentar a dependência face ao espaço comunitário. É o caso da habitação do 1º piso, uma vez que a sua área interior é mais pequena a sua dependência ao piso térreo é maior, precisamente pelo contrário a habitação do 4º piso, já tem uma área interior maior permitindo assim maior complexidade quanto à organização interior da casa, como acrescentar um quarto, e a dependência ao espaço comum é menos relevante.



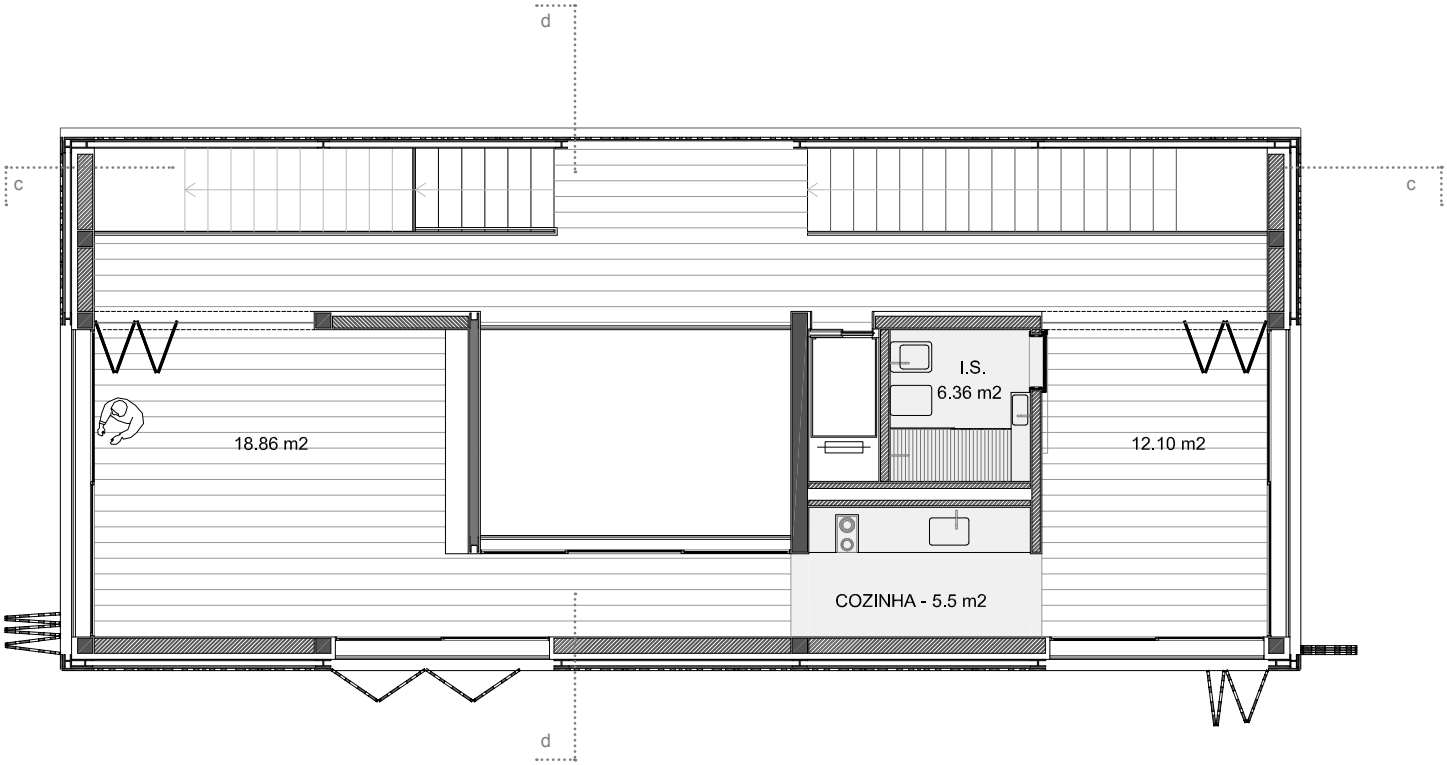
Planta do 1º piso.
Esc.: 1:100



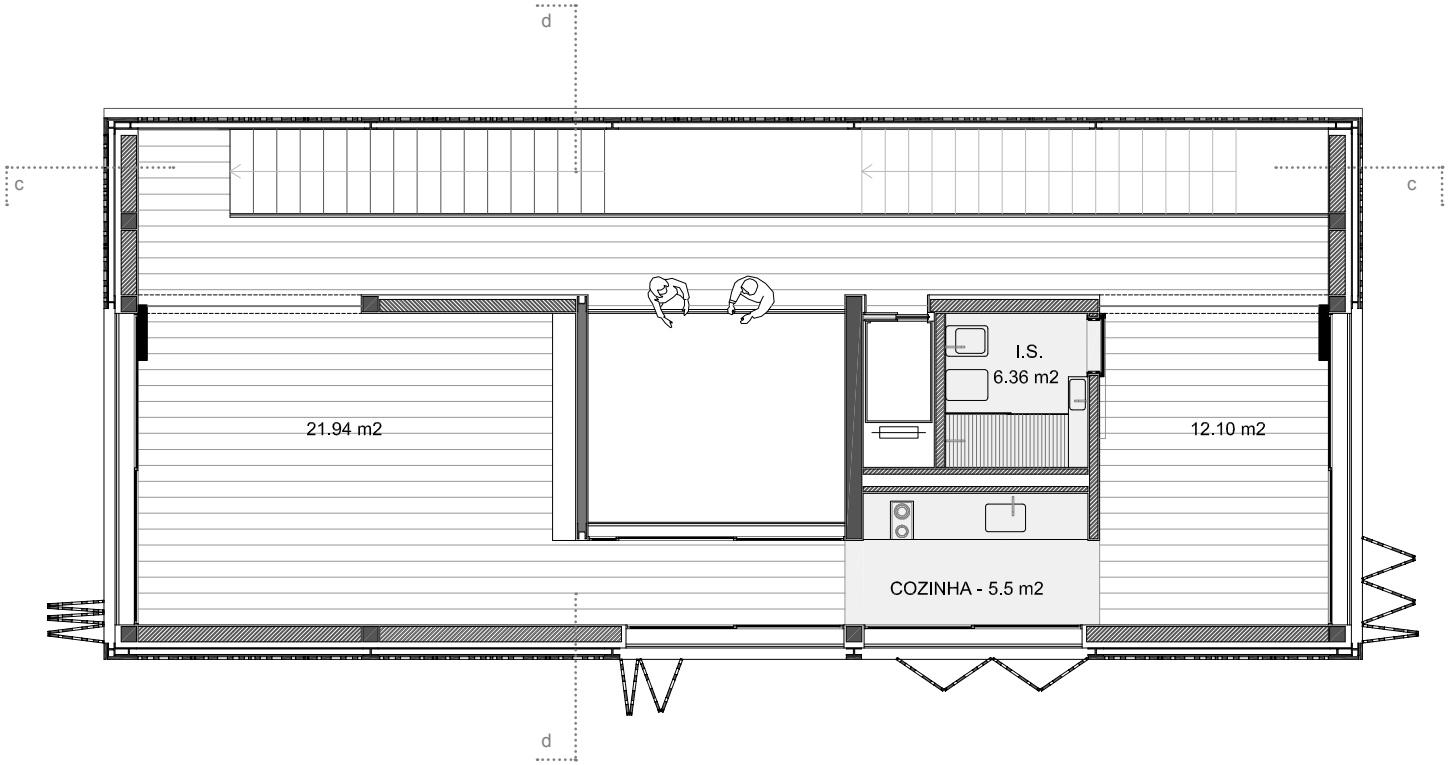
Flexibilidade na organização da tipologia
Esc.: 1:100



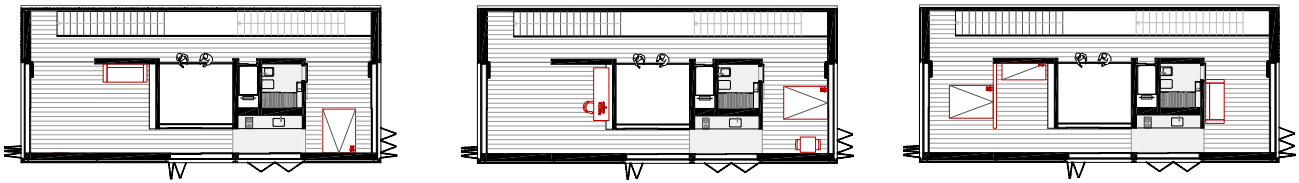
Planta do 2º piso.
Esc.: 1:100



Planta do 3º piso.
Esc.: 1:100



Planta do 4º piso.
Esc.: 1:100



Flexibilidade na organização da tipologia
Esc.: 1:100


100.08



Corte a.
Esc.: 1:100


100.86
101.20



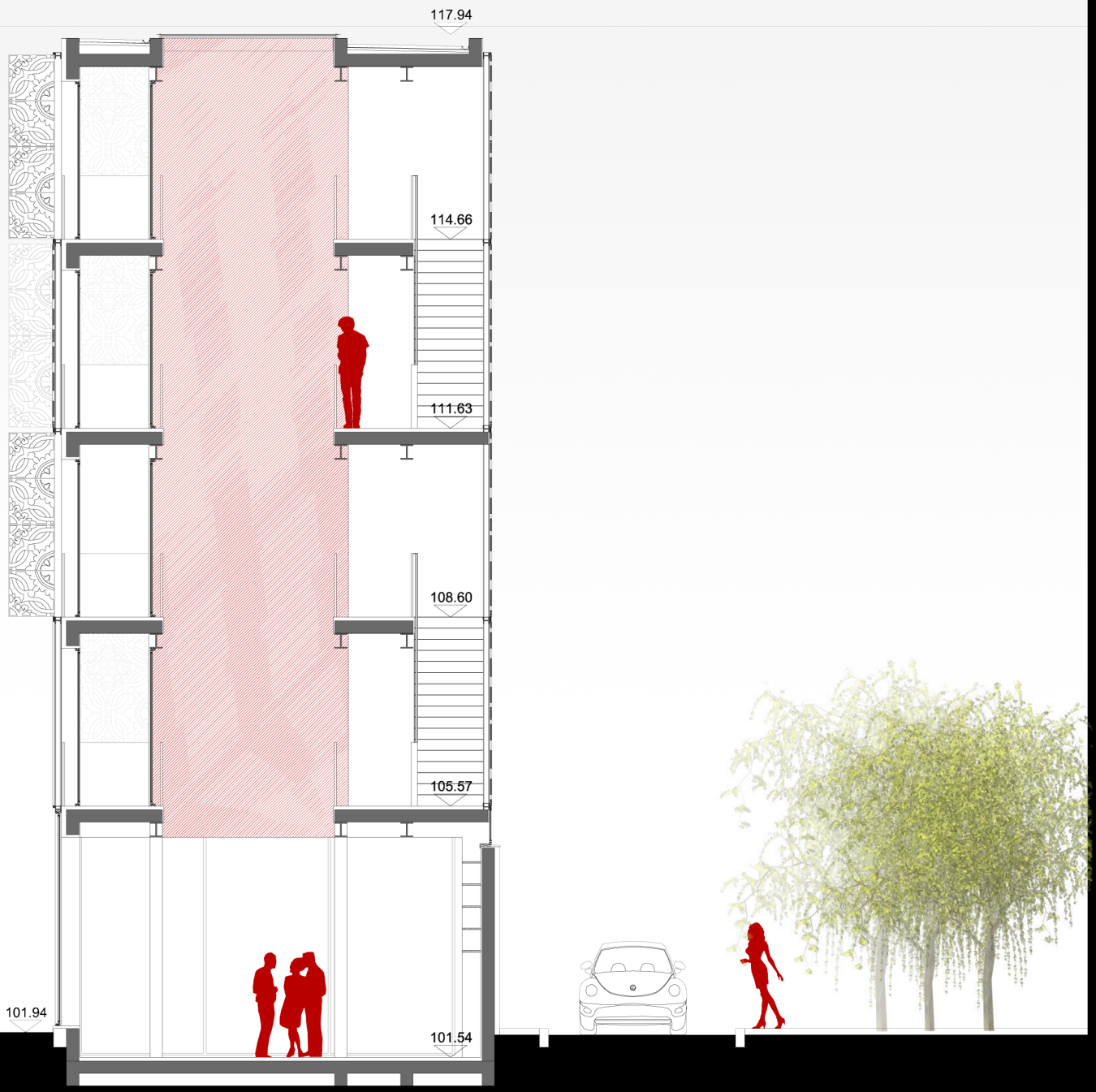
Corte b.
Esc.: 1:100


117.94
114.66
111.63
108.60
105.57
102.54
101.54



Corte c.
Esc.: 1:100





Corte d.
Esc.: 1:100



MATERIALIDADE

Na reabilitação das habitações da vila pretende-se que os acabamentos sejam o mais semelhante com o projeto originais, ainda assim aplicando o sistema capoto nas paredes exteriores que fazem frente à rua particular para resolver os atuais problemas de humidades. Pretende-se aplicar reboco branco nas mesmas e alterar as caixilharias existentes por novas caixilharias de madeira ainda assim com o mesmo desenho do caixilho existente.

No novo edifício será utilizado betão pré-fabricado como estrutura e com lajes colaborantes à vista. Pretende-se transmitir a ideia que este volume é uma estrutura leve, imagem maioritariamente característica dos anexos. Os acabamentos deste edifício são em vidro espelhado no piso térreo e em chapas de alumínio perfurado e pintado a tinta de esmalte cor branco, fixadas por uma estrutura metálica que se encontra entre a estrutura de betão e as chapas de alumínio. O desenho da fachada foi inspirado no desenho de um azulejo português.

Telha cerâmica
Régua
Régua de fixação
Telas de impermeabilização
Terça
Tesoura - cobertura de madeira
Isolamento térmico
Tela de impermeabilização
Revestimento de madeira

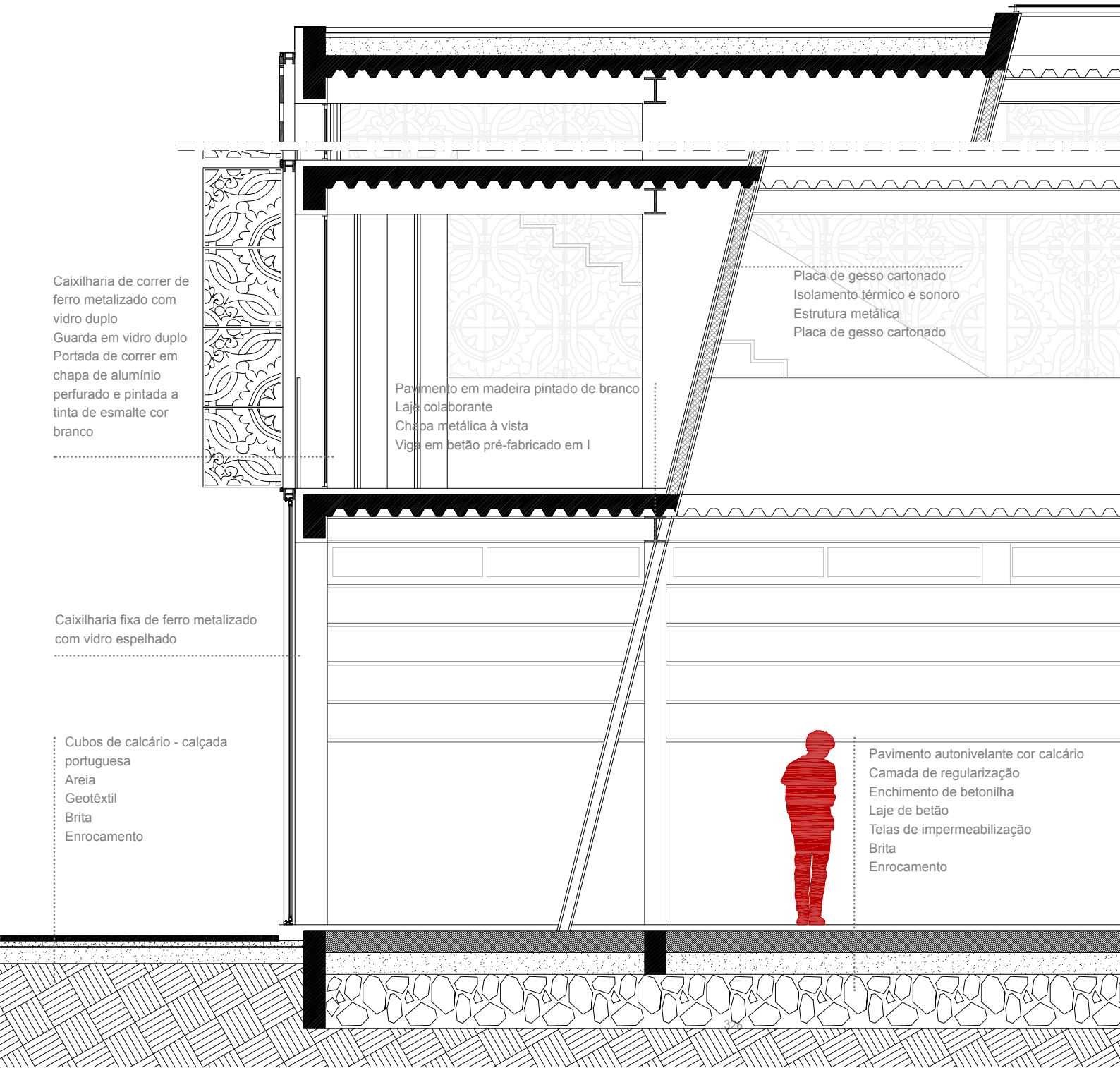
Reboco interior branco
Pano de tijolo
Isolamento térmico
Reboco armado

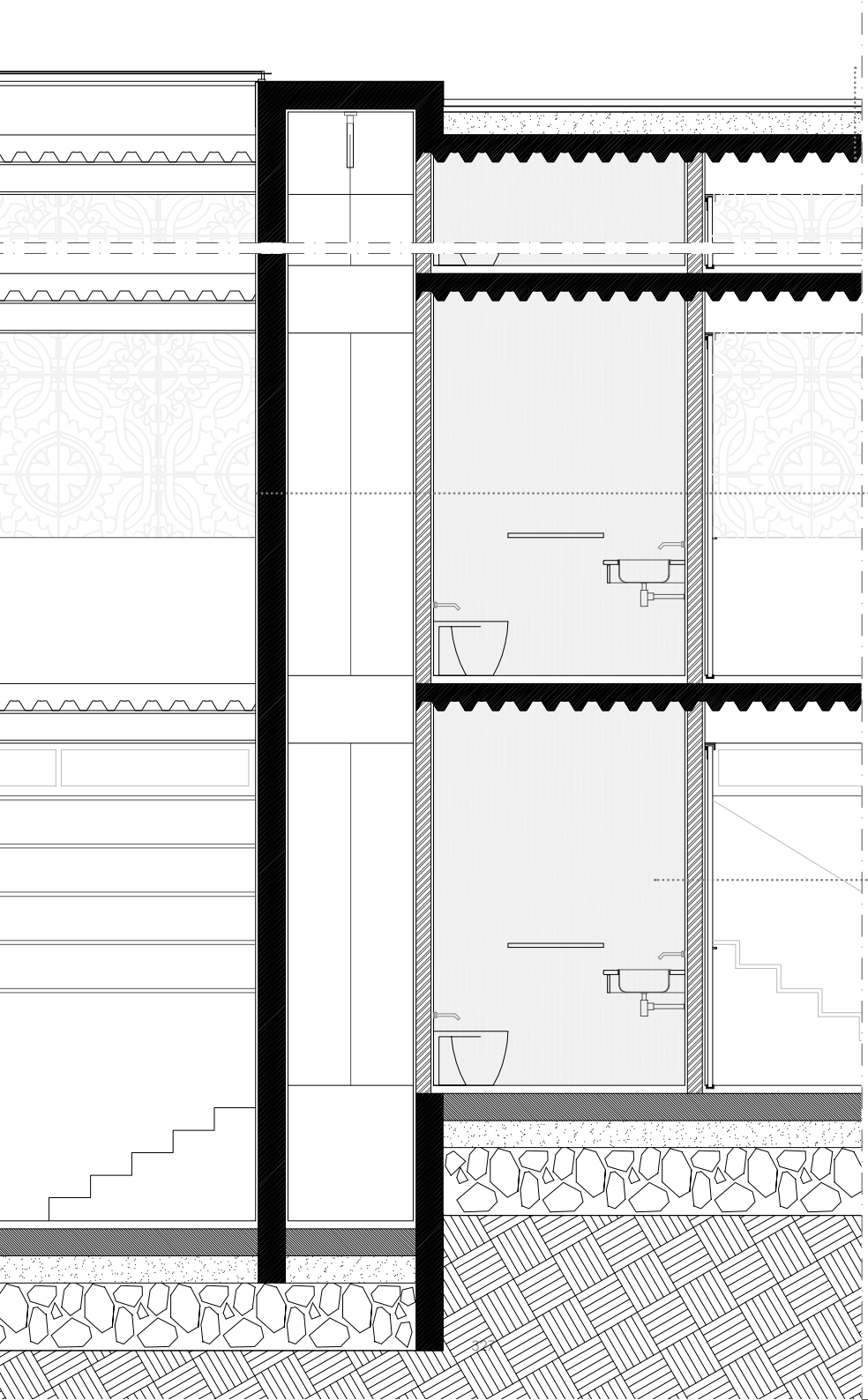
Reboco exterior branco
Parede em taipa 55cm
Reboco exterior branco

Pedra calcário
Betonilha
Telas de impermeabilização
Camada de forma (1% pendente)
Brita
Enrocamento

Cubos de calcário - calçada portuguesa
Pedra calcário
Areia
Geotêxtil
Brita
Enrocamento




Caixilharia de correr de ferro metalizado com vidro duplo
Guarda em vidro duplo
Portada de correr em chapa de alumínio perfurado e pintada a tinta de esmalte cor branco
Placa de gesso cartonado
Isolamento térmico e sonoro
Estrutura metálica
Placa de gesso cartonado
Pavimento em madeira pintado de branco
Laje colaborante
Chapa metálica à vista
Viga em betão pré-fabricado em I
Caixilharia fixa de ferro metalizado com vidro espelhado
Cubos de calcário - calçada portuguesa
Areia
Geotêxtil
Brita
Enrocamento
Pavimento autonivelante cor calcário
Camada de regularização
Enchimento de betonilha
Laje de betão
Telas de impermeabilização
Brita
Enrocamento



Cobertura em betonilha afagada esquartelada
Telas de impermeabilização
Isolamento térmico
Camada de forma (2% pendente) em betão leve tipo leca
Laje colaborante
Chapa metálica à vista

Parede de betão

Reboco branco
Pano de tijolo
Reboco branco
Porta de correr em folha de madeira branca

#4

CITÉ DE VIOLETTES AUX IZARDS:

Integração urbana e social de um bairro cigano na periferia de Toulouse



WORKSHOP INTERNACIONAL“SUM TOULOUSE”

Inês Amaro Joana Yaccuzzi Marcela Mian Maria Valese



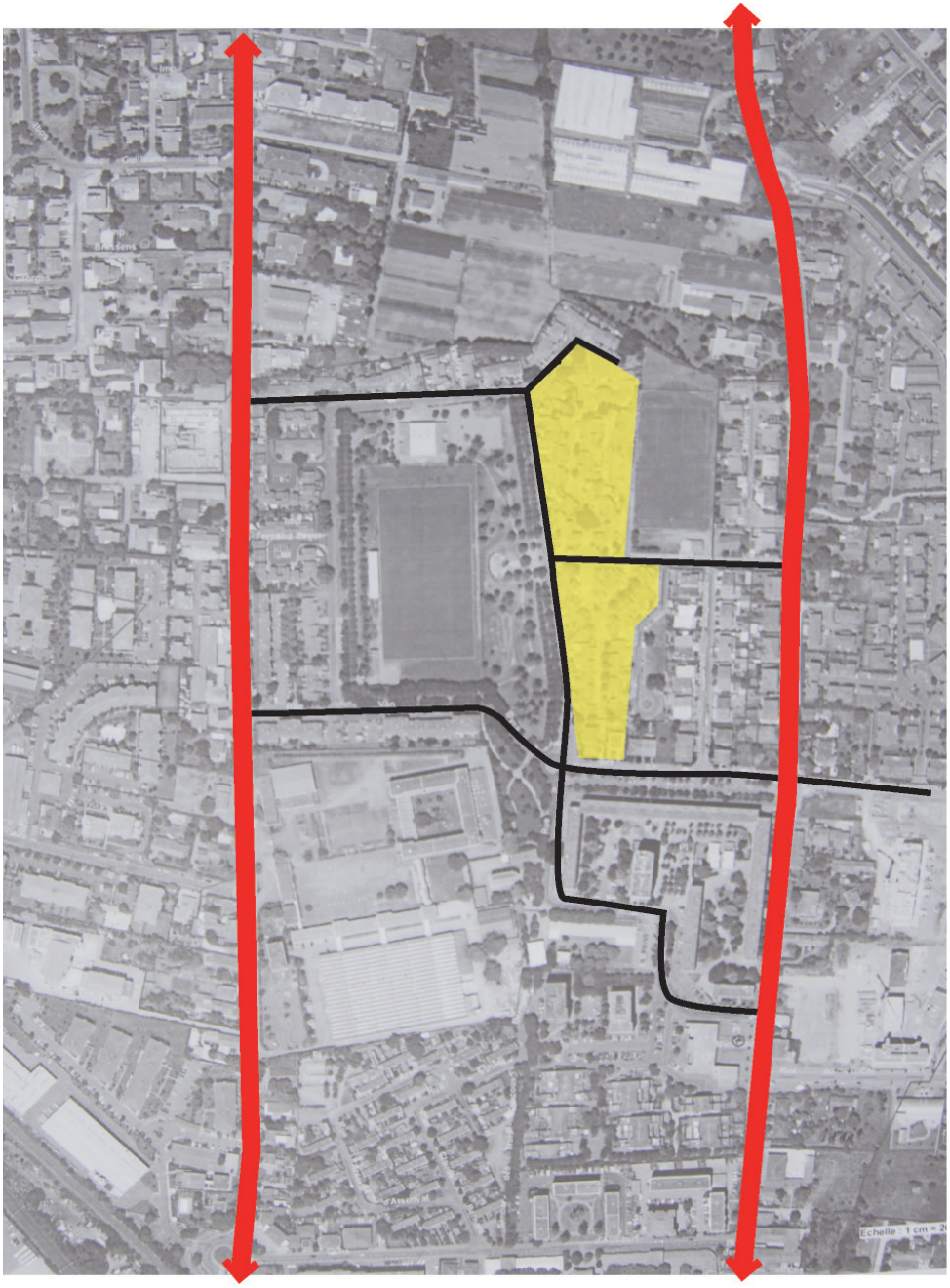
Cité de Violettes em Izards, localizado a 4,50km do centro histórico de Toulouse [1], é um bairro habitacional construído no final dos anos 80 e constituido maioritariamente por uma comunidade cigana. Para além dos graves problemas habitacionais que são evidentes no local, assiste-se a um grave problema de inserção social e cultural dos moradores com a restante sociedade. Este é dos motivos pelo qual os técnicos municipais pretendem desalojar metade da comunidade e construir apartamentos de luxo para a classe média.

A nossa proposta é totalmente contrária à anteriormente apresentada. A ideia apela ao intercâmbio entre a arquitetura e o trabalho social, sensibilizando a comunidade geral ao sentido mais "unitário e familiarista" entre outras potencialidades e particularidades desta comunidade cigana, tendo também como consideração o facto de estar ser uma comunidade muito fechada.

A área de intervenção atualmente integra-se numa lógica de mediação entre uma área residencial a Sul e Este, assim como de uma proximidade a amplos espaços verdes não potenciados a Norte e Oeste [2 e 3].

[1] Vista aérea de Toulouse e localização da Cité de Violettes. Fonte: Montagem do autor, Cf. http://www.bing.com/maps/.





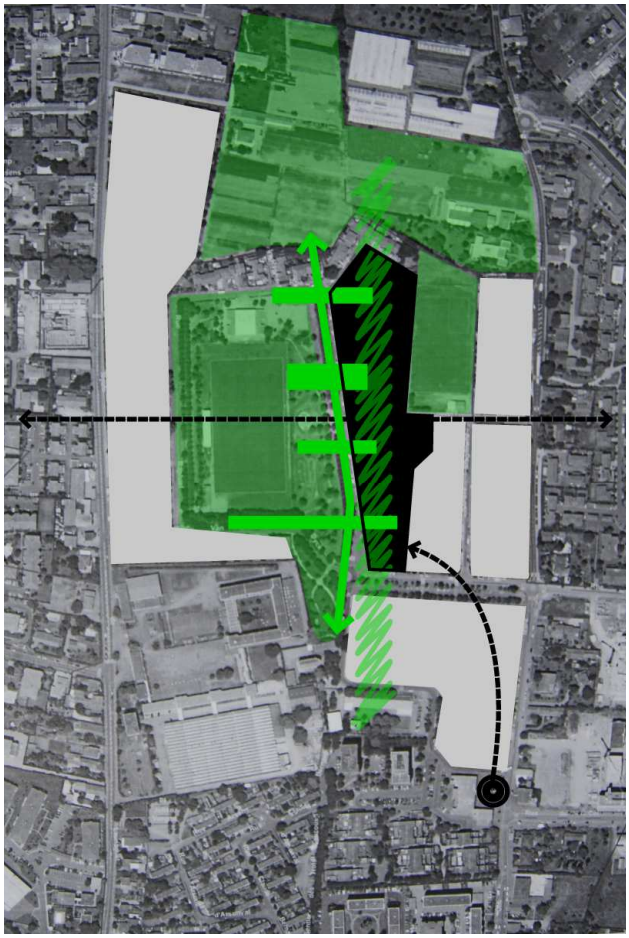
[2] Eixos viários principais de acesso ao bairro.



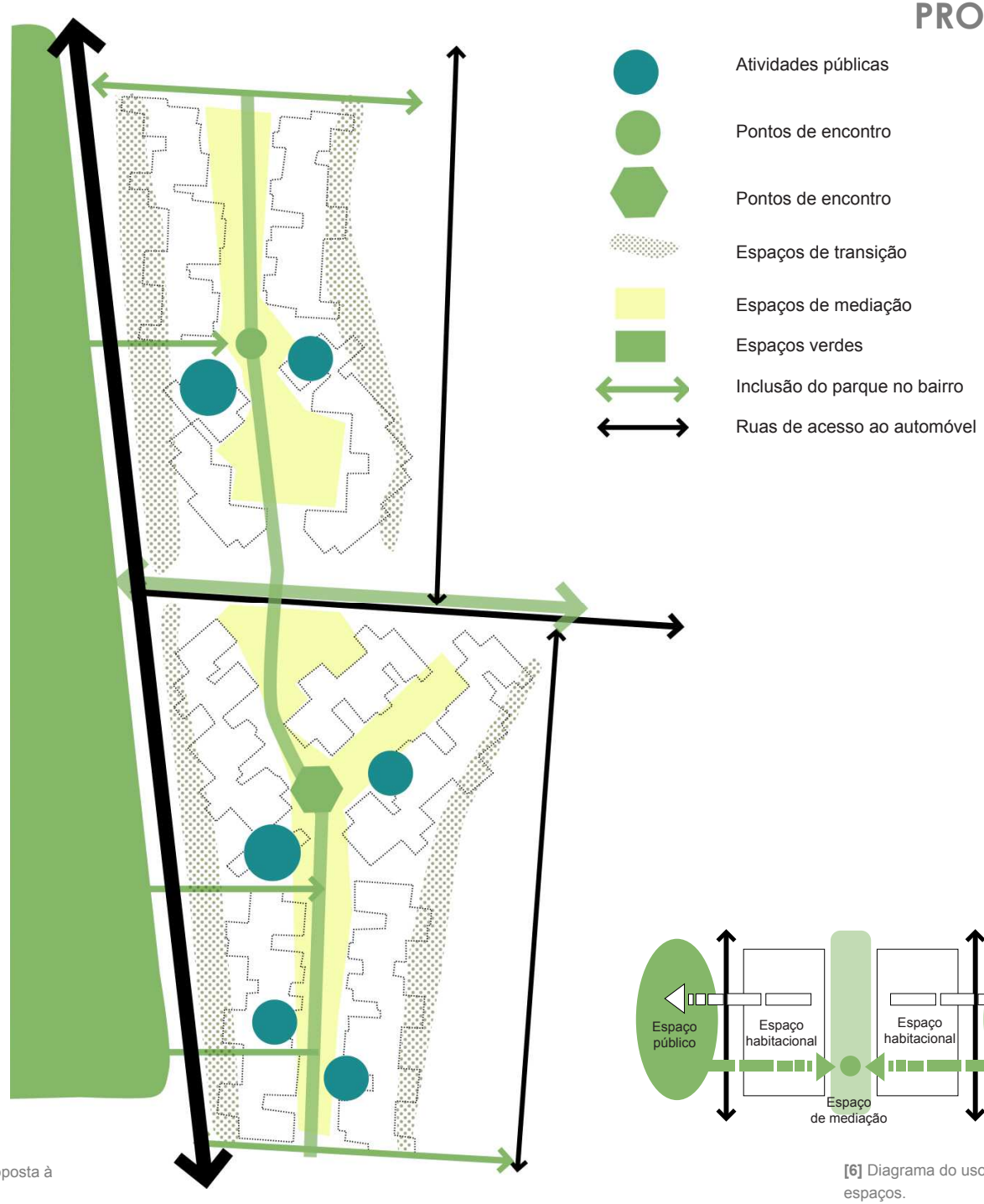
[3] Integração de espaços verdes próximos ao bairro.

Tirando partido das suas características urbanas, o nosso grupo propõe a reabilitação dos espaços exteriores existentes no bairro e na sua envolvente. Prentende-se integrar o bairro numa lógica de continuidade da cidade, tranformando-o no local culminante do cordão verde pré-existente que liga com o centro de Toulouse [4].

Por outro lado, propomos a instalação de espaços comerciais para a comunidade cigana explorar livremente as capacidades em reparar eletrodomésticos, note-se que este é um trabalho que a comunidade cigana já realiza com frequência. Estes podem também ser entendidos como espaços de encontro e de partilha entre moradores [5 e 6].



[4] Proposta de integração dos espaços verdes no bairro.



[5] Diagrama da proposta à escala do bairro.

[6] Diagrama do uso dos espaços.





Atualmente: Espaço sem quaisquer fins programáticos e alvo de apropriações dos moradores.

Proposta: Espaços de encontro com colocação de equipamento urbano.






SEDEA
CHEMINEMENT
Sylvestre CLERC



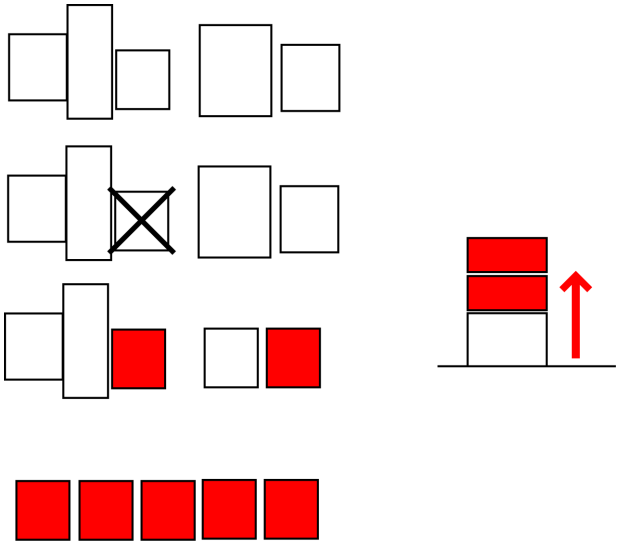

CITROEN



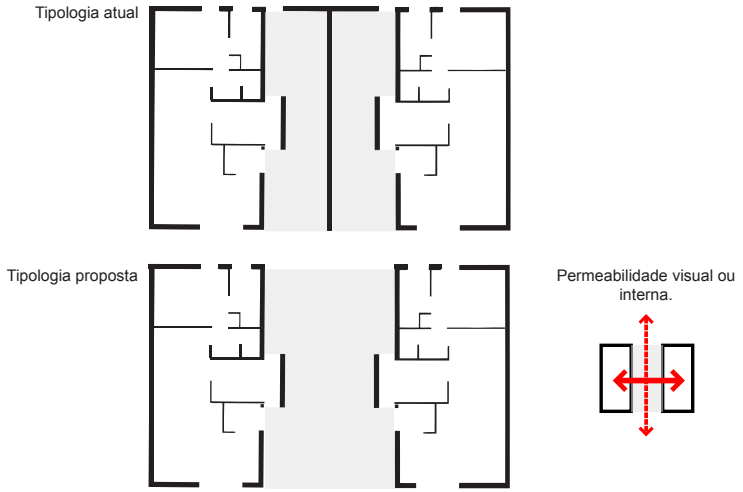
Atualmente: Lugar de trabalho cigano e espaço de conflito.

Proposta: Criar um lugar dentro do plano urbano, evitando a apropriação de espaços públicos.

Como foi referido no início, outro dos problemas do local é a precariadade habitacional. Por esta comunidade ter um modo de apropriação da casa tão particular, uma vez que na mesma habitação permanecem várias gerações da família, propomos que a alteração das habitações seja realizada gradualmente, à medida que os moradores vão abandonando as moradias existentes [7]. As suas tipologias deves previligiar a possibilidade de fragmentar os espaços interiores para se adaptar ao crescimento da família. A propósito deste tema, sugerimos que entre as habitações se criem pátios privados possibilitando assim a ampliação da casa ou tratando este local para estacionamento das caravanas individuais, muitas vezes utilizadas como ampliações da casa [8].



[7] Proposta de substituição das habitações.



[8] Diagramas sobre a ampliação da tipologia.

#5

DE VERANEIO A SUBÚRBIO:

as transformações morfológicas e sociais nos modos de habitar suburbanos



TRABALHO TEÓRICO INDIVIDUAL



Dedico esta parte do trabalho aos meus avós,
as suas mudanças residenciais, verdadeiras conquistas na minha opinião, tornaram mais gratificante a experiência suburbana e despertaram-me para o entendimento da casa enquanto reflexo de um modo de vida.

RESUMO

Esta tese pretende enveredar numa investigação sobre um (admirável) *mundo novo*: a cidade contemporânea estudada como ela é, composta por centro e periferia. Tal como os centros urbanos não cresceram com um único fio de pensamento, os espaços suburbanos foram igualmente territórios de múltiplos debates entre intervenientes e respostas às solicitações sociais, onde frequentemente o interesse económico e individual sobressaiu face ao coletivo.

Falemos da dita cidade moderna, esta que por ser tão trivial raramente nos emociona ou se percebe o seu conceito. Porém, é importante entendê-la como um reflexo do que fomos: a *casa de veraneio* para a elite republicana, a *cidade nova* para os arquitetos, a *cidade liberalizada e mercantilizada* para os tecnocratas, a *casa própria* e a *vida nova* para a sociedade – o território-oportunidade que não passou alheio às mudanças do século XX. Todos estes intervenientes ganham voz neste trabalho por via das ideologias, preocupações e ambições empregues num caso de estudo, cujas transformações morfológicas e sociais nos modos de habitar suburbano retratam o seu crescimento.

Palavras-chave: Veraneio, Subúrbio, Movimento Moderno, Especulação Imobiliária

ABSTRACT

This thesis intends to engage on an investigation about a(n admirable) new world: the contemporary town studied as it presents itself, constituted by both downtown and suburbs. Just like the urban centre weren't developed following a unique current of thought, suburban spaces were regions of several debates among stakeholders and pretended to response to social needs, where, not infrequently, the economical and individual interests out-toped the common ones.

Let's approach the modern town that, due to its banality, can rarely thrill us or reveal us its concept. Nevertheless, it is of great importance to recognize it as a reflection of who we were: the "holiday house" for the republican elite, the "new town" for architects, the "liberalized and merchantilized town" for technocrats, the "own house" and "new life" for society – the dream-territory didn't disregard the 20th century inherent changes. All of these stakeholders have a voice in the present paper not only by ideologies but also by concerns and ambitions applied to a case-study, whose morphological and social shifts in the suburban way of life picture their growth.

Key-words: Summer, Suburb, Modern Movement, Real Estate Speculation

INTRODUÇÃO

A partir do momento em que nos deparamos com a proximidade da concretização do sonho de sermos arquitetos, a espectativa e a ambição de encontrar um tema de tese inédito aumenta. Acima de tudo, apela-se à escolha de um tema relacionado com o *mundo novo*, aquele que também iremos desenvolver na vertente projetual. Contudo, o tempo corre e o tema insiste em não aparecer, até que uma pesquisa, cujo assunto sempre esteve debaixo dos meus olhos mas demasiado camuflado a um olhar desatento do quotidiano, me surpreende.

O regresso a certos lugares da minha infância fizeram clarificar ideias atuais, bem como a inesgotável vontade de descobrir novos dados. Por outro lado, a imensa vontade de toda a gente ajudar é reveladora da inexistência de estudos prévios, ainda assim, tratando-se de um local fustigado por juízos maioritariamente (pré)concebidos.

A minha relação com os subúrbios sempre foi de grande proximidade, assim como a afetação a um modo de vida totalmente suburbano: idas diárias à cidade, idas mensais ao meio rural e a sensação de chegar a casa num local perdido entre ambos. O entendimento deste território intermédio foi portanto mentor desta análise, não porque me era um assunto familiar, mas acima de tudo, pela escassa investigação realizada desta "outra-cidade" subjugada a dois meios.

Rinchoa, localidade pertencente à freguesia de Rio de Mouro no concelho de Sintra, é o caso de estudo capaz de responder à pergunta: *Quais as transformações morfológicas e sociais, que contribuíram para o modo de habitar suburbano na contemporaneidade?*, subjugando a ideia da existência de um modo de habitar suburbano. Pretendo estudar a evolução morfológica e social desta zona ao longo do século XX e perceber a sua passagem de zona de veraneio a subúrbio, fenómeno característico dos locais contíguos ao tecido urbano.

Sendo nós hoje incapazes de definir o que é cidade ou urbano, campo ou rural, somos também incapazes de afirmar que a sua delimitação está geograficamente estável. Há 100 anos atrás a Rinchoa era uma utopia, quem diria que esta viria a ser realizada. Por isso mesmo, é na

verdade necessário reanimar a *cidade nova* do século passado e começar a desejar uma cidade para um tempo futuro.

Neste sentido, a Parte I do trabalho começa por dar a entender a génese dos termos subúrbio e periferia: em que medida estes conceitos surgiram no início do século XX e de que forma alteraram a configuração do mosaico de formas residenciais suburbanas. Num segundo capítulo far-se-á um enquadramento do crescimento dos territórios suburbanos de Lisboa, uma viagem realizada desde a expansão da elite veraneante pelos campos saloios nos anos 40, até à conhecida especulação imobiliária que marca qualquer experiência nestes territórios. O terceiro capítulo desenvolve uma aproximação espacial à localidade da Rinchoa quanto à sua inserção geográfica e estatística. Aqui serão lançadas bases para a eventual leitura da Parte II.

Na Parte II concretiza-se a exploração ao caso de estudo através dos seus diversos planos urbanos, aqui trabalhados numa perspetiva diacrónica. Os 5 planos urbanos foram organizados em 3 grupos, tendo em conta a sua época de construção e/ou lógica de pensamento subjugados. A análise, concebida por via de fotografias, plantas, gráficos, figuras e anúncios, pretende-se focalizada ao nível da morfologia de cada plano, onde frequentemente se recorre à mimetização de modelos que iam ao encontro do modo de vida vigente. A informação está organizada em capítulos, onde não se pretende somente uma caracterização destes planos/edifícios especificados na Rinchoa, mas acima de tudo, que o seu pensamento sirva de exemplo para o entendimento compositivo do território suburbano de Lisboa, verdadeiro palco dos conflitos entre empresas públicas e privadas.

1. Rinchoa rural e saloia: faz uma contextualização à área de estudo em termos geográficos e históricos, com o intuito de enquadrar o local enquanto realidade até ao início do século XX;

2. Quinta Grande: um subúrbio residencial de veraneio (1940-1960): concebido urbanisticamente por um artista local no início dos anos 40; este deu início a uma primeira

vontade de urbanizar o local, por via de moradias unifamiliares de veraneio subjugadas aos modelos da arquitetura nacionalista e tradicional, como era a *casa portuguesa*;

3. Rinchoa I: construir enquanto a sociedade está em transição entre um regime ditatorial e um regime democrático (1960-1980): visa estudar as lógicas construtivas de uma das áreas de estudo, mas desta vez num período em pleno êxodo rural. Inicialmente esta área foi intervencionada pelo *atelier* do arquiteto Ruy d'Athouguia, convite realizado pela empresa proprietária dos terrenos, contudo o seu projeto foi abandonado e construído por outra equipa de projeto, numa lógica de máxima rentabilização habitacional;

4. Rinchoa II e Fitares: entre a proximidade física e a distância social (1980-2000): estas décadas representam a intensificação do crescimento suburbano, totalmente intervencionado numa lógica de rentabilização máxima e com uma forte estrutura ideológica dirigida a uma sociedade pós-Revolução e pós-adesão à Europa.

Na Parte III concebe-se o entendimento da análise anterior, mas agora na perspetiva sociológica da contemporaneidade. Serão utilizados os dados resultantes do Censos 2011 para proceder a um entendimento estatístico e posteriormente a uma formalização quanto ao comportamento social e do edificado em cada uma das áreas de estudo.

Finalizo esta introdução com uma frase verdadeiramente inspiradora de Rem Koolhaas (2008: 359), aquando da sua preocupação com o futuro da periferia:

> "É lá, nas margens da periferia, que devemos observar como as coisas tomam forma. A cidade contemporânea, aquela que é constituída por essas periferias, deveria gerar uma espécie de manifesto, uma homenagem prematura a uma forma de modernidade que, confrontada com as cidades do passado, talvez parecesse desprovida de qualidades, mas na qual um dia haveremos de reconhecer ao mesmo tempo vantagens e desvantagens (…)
>
> (…) devemo-nos perguntar para que direcção apontam as forças que contribuem para a definição

do espaço. São elas direccionadas para o lado do urbano ou para o seu justo oposto? Elas pedem ordem ou desordem? Elas convergem para a continuidade ou para a descontinuidade? Sejam quais forem as respostas, há um movimento e uma dinâmica que precisamos conhecer, pois são a matéria do projecto."

***

Aproveito a oportunidade para agradecer a quem me ajudou neste projeto de investigação.

À professora Sandra Marques Pereira, pelo seu apoio e entusiasmo ao tema abordado. Os seus comentários tornaram o desenvolvimento deste trabalho verdadeiramente aliciante. Assim como, o enriquecimento da arquitetura sob o ponto de vista social, aplicado no seu livro *Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*.

Ao Doutor Élvio Melim de Sousa e restantes funcionárias da Casa-Museu Leal da Câmara, empregados/as apaixonados pelo que fazem e orgulhosos do local onde trabalham.

A um funcionário do Arquivo Intermédio de Sintra, cujo nome eu desconheço, que numa cinzenta tarde de verão me fez ganhar um mês de trabalho.

À confiança que o presidente Filipe Santos e dos restantes funcionários da Junta de Freguesia de Rio de Mouro depositaram em mim.

PARTE I

A cidade *continuum*: uma aproximação morfológica e social à cidade contemporânea

PERIFERIA E SUBÚRBIO: VARIAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO

A expansão das cidades no séc. XX trouxe consigo a criação dos conceitos periferia e subúrbio. Independentemente da morfologia atribuída, estes conceitos são usados normalmente de uma forma negativa e simplistas. Segundo Álvaro Domingues (1994) é o uso indistinto dos termos e o desconhecimento dos seus significados que enalteceu preconceito, geralmente associados ao seu grau de afastamento e de dependência a um grande centro urbano. Sendo o centro das cidades entendido como lugar ordenado, unitário e de memória, a periferia está conotada como conflito e tensão dos tempos, escalas, materialidades, descontinuidade e informalidade, entendida como o resto da cidade ou a "outra-cidade" (Baptista, 2009).

A identificação de uma periferia está inerente ao crescimento circundante de um aglomerado urbano, que tanto pode ter sido alvo de um processo de planeamento regulado ou de um processo espontâneo de urbanização. É no processo regularizado da periferia que surge o conceito subúrbio, sendo este "(…) uma das variantes da condição periférica, normalmente contextualizada num padrão de urbanização que atingiu uma escala dimensional alargada." (Domingues, 1994: 5), e mais do que isso, o subúrbio representa também a fragmentação entre um meio urbano e rural.

Este assunto apesar de bastante trabalhado por geógrafos, sociólogos, arquitetos e urbanistas está longe de chegar a uma caracterização ou a um discurso final, mais ainda se acrescentarmos as dinâmicas atuais e a policentralidade destas áreas que tem vindo a elevar-se. O importante é compreender que a periferia não consiste apenas em dinâmicas físicas mas, acima de tudo, dinâmicas sociais, económicas e políticas (Ascher, 1998).

Se remetermos este assunto à história da cidade medieval, que por defesa contra os ataques inimigos obrigou ao amuralhamento dos pontos altos e delimitou a cidade enquanto "alcáçova (…) apoiada por um bairro com carácter aristocrático", em oposição aos "novos bairros

comerciais, de artesãos e de pescadores em arrabaldes, desenvolvidos (…) à cota mais baixa", é nítida, já nesta altura, a divisão social e a hierárquica entre um *entre-muros* rico e um *extra-muros* pobre, "a *alta* e a *baixa*, simultaneamente opositoras e complementares" (Rossa, 2002: 212). Herdada dos árabes, a palavra arrabalde permanece no nosso léxico, prevalecendo também o seu significado, o que prova a ideia de que é impossível fazer uma associação entre o conceito e uma localização, sendo a sua geografia mutável.

O fenómeno da periferia, porém, ganha maior relevo com a industrialização, consequência do grande crescimento exponencial das principais cidades. Ao desenvolvimento das periferias industriais e habitacionais das metrópoles, os arquitetos modernos apresentam diferentes modelos, como a *Garden-City* de Howard, a *Cité Industrielle* de Tony Garnier, a *Ville Contemporaine* e a *Ville Radieuse* de Le Corbusier, a *Broadacre City* de Wright, enquanto tentativas de anular o fenómeno desregulado da periferia. "Apesar dos esforços dos arquitetos, a periferia tornou-se uma realidade material específica que lhes escapa" (Baptista, 2009: 6), de onde surgiram diferentes configurações por todo o mundo, como o do subúrbio habitacional norte-americano, a massificação imobiliária europeia, ou a exclusão social no caso sul-americano das favelas.

A cidade constrói-se segundo um processo errante, formada por sucessivas adições, assim sendo, o que foi outrora arrabalde é hoje centro, o que hoje é periferia deve ser entendido como o mundo novo de amanhã.

A EXPANSÃO DE LISBOA PELOS CAMPOS SALOIOS

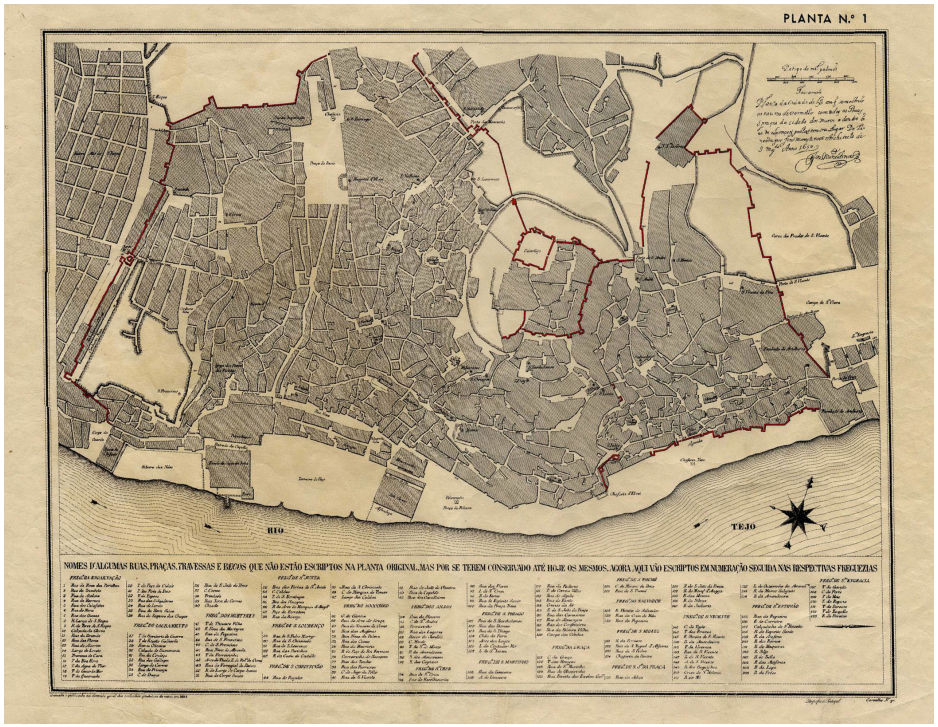
O DESPERTAR DO FENÓMENO SUBURBANO: DINÂMICA E AGENTES TRANSFORMADORES DA AML

Em Lisboa é possível identificar sucessivos limites que foram transpostos ao longo dos tempos, desde a delimitação da cidade através da cerca moura, da muralha fernandina, até à construção de fortificações nos séculos XVII e XVIII, onde o crescimento do casario era espontaneamente adoçado às colinas e ao rio [1 e 2] (Ferreira, 2009).

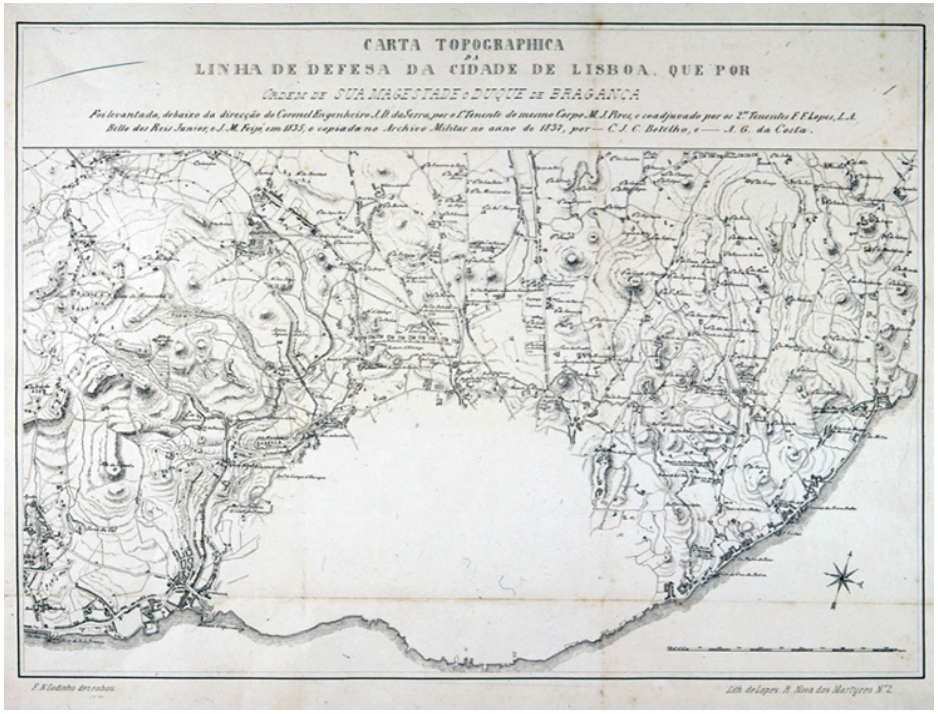
A promoção dos transportes ferroviários, sob carris e das indústrias no fim do século XVIII originou uma variação na direção de crescimento na cidade. É o início do processo de industrialização em Portugal que dá lugar a formas complexas de agregação nas franjas administrativas da cidade de iniciativa particular, fruto do início do fenómeno da migração onde se criaram verdadeiras aldeias dentro da cidade, as vilas e pátios de Lisboa. “Na capital, melhor que noutras regiões, concentra-se uma classe burguesa, cada vez mais «africanista», que prospera devido ao comércio, à indústria, aos negócios financeiros e imobiliários desejosa de criar a sua cidade (…)” (Salgueiro, 2001: 42). A extensão da cidade incitou os primeiros núcleos suburbanos, principalmente à custa da proximidade das indústrias (designada como *cintura industrial*), como é o caso de Almada, Barreiro, Montijo na margem sul do rio Tejo, assim como Sacavém, Alhandra e Alverca beneficiando da acessibilidade fluvial e da instalação da primeira linha férrea. As designadas estradas da Circunvalação, a primeira em 1852[1] e a reformulação do limite da cidade em 1885[2] foram as últimas tentativas de delimitação de uma cidade que não parava de crescer (França, 1997) [3].

[1] Estrada que circundava os limites da cidade de Lisboa, começando em Alcântara, subindo pelas Amoreiras, passando por São Sebastião da Pedreira, atravessava ainda a zona das Avenidas Novas (troço actualmente destruído para a criação das mesmas), passava pelo Saldanha, e descia outra vez pela Rua Visconde de Santarém, Rua Morais Soares e Avenida Afonso III.

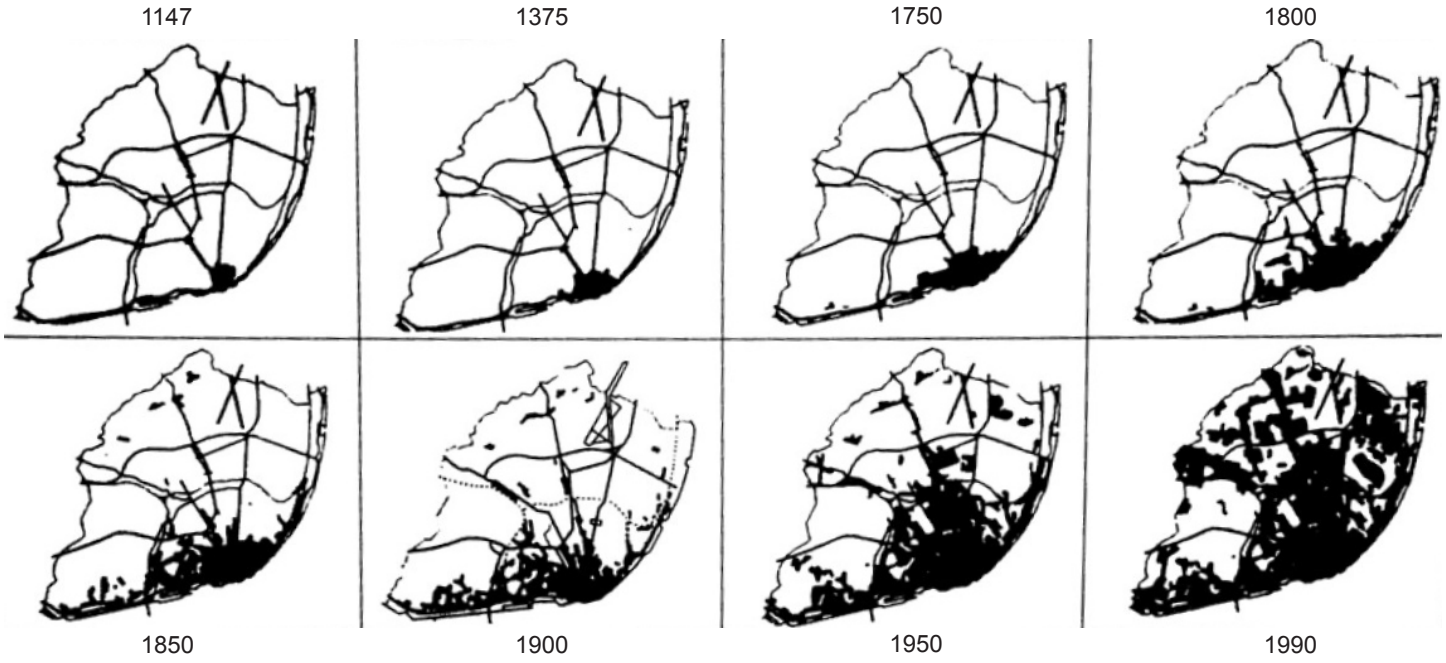
[2] Com a expansão do município de Lisboa foi definido um novo limite geográfico do concelho de Lisboa, passando pelas Portas de Algés, ao longo de Monsanto, pelas Portas de Benfica, Camarate, até descer até ao rio Tejo. Apesar de praticamente destruídas, ainda é possível encontrar vários dos seus troços incorporados ou substituídos em vias recentes como a CRIL.



[1] Delimitação da cerca moura e da cerca fernandina (Tinoco), 1685.
Fonte: CML.



[2] Carta topográfica da linha defensiva da cidade de Lisboa (J.B. da Serra e M.J. Pires), 1835.
Fonte: CML.



[3] Crescimento da cidade de Lisboa.
Fonte: Salgueiro, 2001:33.

Por toda a Europa e Lisboa sem exceção, a revolução industrial e o êxodo rural a si inerentes lotaram a cidade tradicional de tal modo, que rapidamente as necessidades básicas deixaram de ser asseguradas pelos campos circundantes, de onde provinham os produtos alimentares das hortas saloias[3].

> "(…) terra saloia representou sempre para o lisboeta de todas as classes a satisfação de uma série de ansiedades míticas: o ar puro, a água límpida e leve, a comida viva e abundante, o vinho puro e inofensivo do lavrador – o quadro dos prazeres simples e naturais."
>
> (Montoito, 2001: 34)

Independentes e afastadas da antiga metrópole lisboeta começaram a ser criadas *Cidades Novas*[4] agregadas aos núcleos rurais suburbanos, cidades de pequena dimensão, autosustentáveis e espaços de baixa densidade limitadas por um cinturão verde. É pois nesta época que Cascais e Sintra, já suportadas pela linha do comboio[5], se tornaram promovidas enquanto estâncias balneares e de veraneio, alojando diversas residências de elites até aos anos 50. Estas adotaram o estilo *casa portuguesa* inserido no modelo urbano inglês da *cidade-jardim*[6].

> "De Gröer[7] introduz os modelos que conhecia a partir das influências de Camillo Sitte e de Ebenezer Howard e que serão decisivos para a formação das suas convicções em relação ao desenho da cidade – baixa densidade, uso de tipologias unifamiliares ou colectivas de cércea reduzida, estrutura viária hierarquizada e regulamentação higienista. De Gröer acreditava no modelo policêntrico de Howard que propunha uma série de cidades-satélite de densidade fixa em torno dos centros tradicionais, onde edificação e natureza se conectavam harmoniosamente (…) a "Cidade-jardim" adaptava-se ao ideário conservador do regime, constituindo afinal a miniaturização do modelo e do cenário salazarista do *país-aldeia*."
>
> (Grande, 2002: 125-126)

> "A partir da década de 1930, o ritmo de crescimento dos subúrbios da capital ultrapassa o da cidade de Lisboa. As linhas férreas de Cascais, de Sintra e de Vila Franca de Xira irão servir de suporte à ocupação e à transformação dos núcleos suburbanos que ligavam à cidade. Vai-se edificando alojamento, em regra situado na proximidade das estações e apeadeiros ou ao longo de antigas vias rurais."
>
> (Nunes, 2008: 30)

[3] Proveniente da palavra *çahori*, que significa *do campo, de fora da povoação*, por extensão léxica, *habitante do campo* que se instala a norte do Tejo (Amadora, Cascais, Loures, Mafra, Odivelas, Oeiras e Sintra – zonas hoje integradas na AML.

[4] Expressão espacial urbana da política do Estado Novo que surgiu após a Exposição do Mundo Português (1940) (Grande, 1997).

[5] Inaugurado em 1887 a ligação entre Alcântara-Terra e Sintra, e em 1889 entre Cascais e Pedrouços.

[6] Modelo urbanístico concebido pelo inglês Ebenezer Howard (1850-1928) no final do séc. XIX, o conceito foi apresentado através do livro T*o-morrow a Peaceful Path to Real Reform* (1898) e revisto no livro *Garden cities of Tomorrow* (1902). O modelo propunha a construção da cidade numa área que compreenderia no total 2400 hectares, sendo 400 hectares destinados à cidade e o restante as áreas agrícolas. Em planta, a cidade assume uma estrutura radial, sendo composta por 6 bulevares de 36 metros de largura, dividindo-a em 6 partes iguais. No centro, seria prevista uma área de aproximadamente 2,2 ha, com uma zona verde, sendo que na sua região periférica estariam dispostos os edifícios públicos e culturais (teatro, biblioteca, museu, galeria de arte e o hospital). O restante desse espaço central destinar-se-ia

Até aos anos 50 a área limítrofe de Lisboa era predominantemente um território rural, ponteado por pequenas vilas – caso de Cascais, Oeiras, Sintra, Sesimbra, Setúbal, onde ressaltavam grandes discrepâncias económicas e culturais face ao seu polo agregador [4]. É nesta década pós-guerra, que o regime opta por estimular a economia industrial e a internacionalizar a economia portuguesa[8]. Estes progressos incentivaram um surto migrante das áreas rurais a habitar na proximidade de Lisboa sobretudo na envolvente das indústrias, despertando o crescimento da cidade entre 1950 e 1970 agregada a eixos [5].

É precisamente na década de 60 que o concelho de Lisboa inicia um trajeto de declínio populacional. Contrariamente a esse decréscimo regista-se um crescimento nas zonas limítrofes do mesmo (freguesias de S. Francisco Xavier, Benfica, S. Domingos de Benfica, Carnide, Lumiar, Ameixoeira, Charneca, Olivais e Marvila), que resulta da transformação das quintas dos antigos arrabaldes em urbanizações (Pereira e Marques, 2011). Este fator detetava também a necessidade incontrolável da cidade se expandir para as áreas envolventes de alguns limites administrativos com o objetivo de resolver o problema de sobrelotação, assim sendo, a propriedade imobiliária converte-se num novo e importante objeto de negócio.

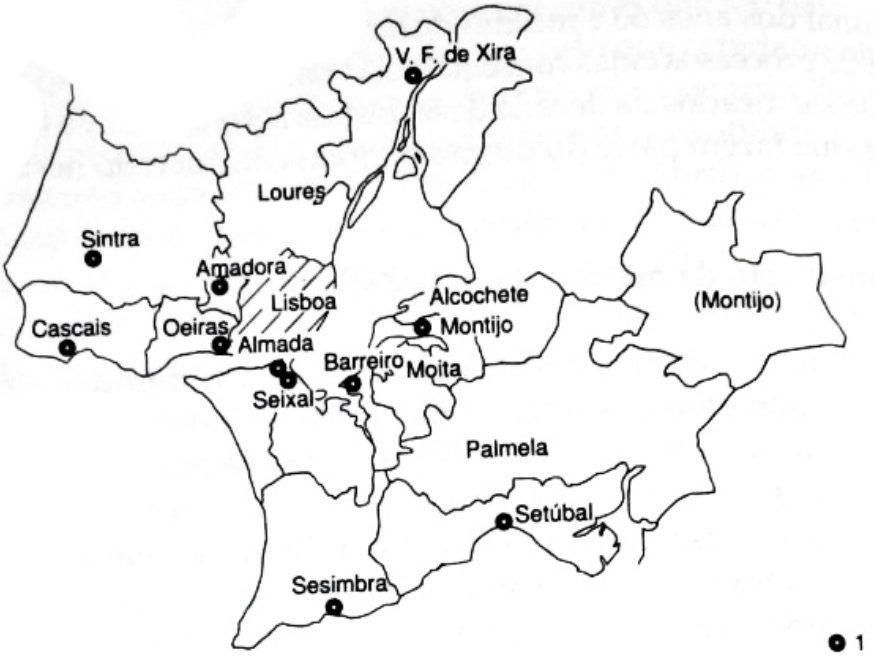
O rápido crescimento a que a metrópole foi sujeita nesta época refletiu-se sobretudo no agudizar do problema habitacional, onde, face à diminuta produção de alojamento social, a proliferação de bairros de lata e de construção clandestina tornou-se cada vez mais notória [6] (Salgueiro, 1997). Tornando-se assim fundamental a colaboração de empresas privadas. Estima-se que entre 1971 e 1980, 91% dos fogos construídos foram da responsabilidade de agentes privados.

> "Estas áreas de franja converteram-se posteriormente num alvo privilegiado de apropriações clandestinas e de projectos urbanos de carácter especulativo, onde o rigor de projecto, o controlo e fiscalização eram menos apertados e menos prioritários, tornando-se espaços de projecto adiado."
>
> (Ferreira, 2009: 8)

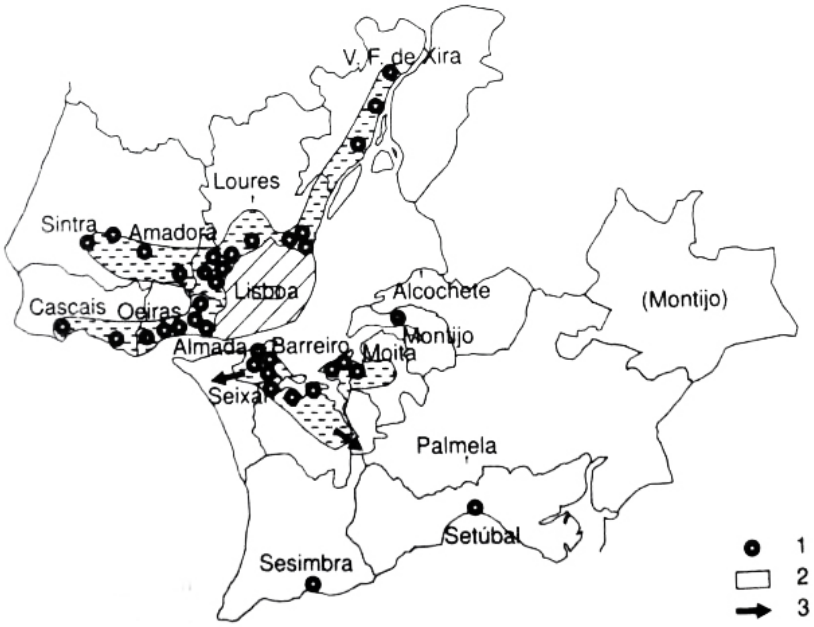
a um parque público de 56 ha com grande áreas de recreação e fácil acesso.

[7] Etienne De Gröer urbanista parisiense que trabalhou ao serviço do Estado Novo, construindo diversos Planos de Urbanização em Portugal durante as décadas de 40 e 50.

[8] Em 1947 Portugal assina o Plano Marshall e em 1959 adere à EFTA (*European Free Trade Association*) – Associação Europeia de Comércio Livre.



[4] A formação metropolitana: anos 40, uma cidade com subúrbios.
1- lugares com 5 mil e mais habitantes.
Fonte: Salgueiro, 2001:54.

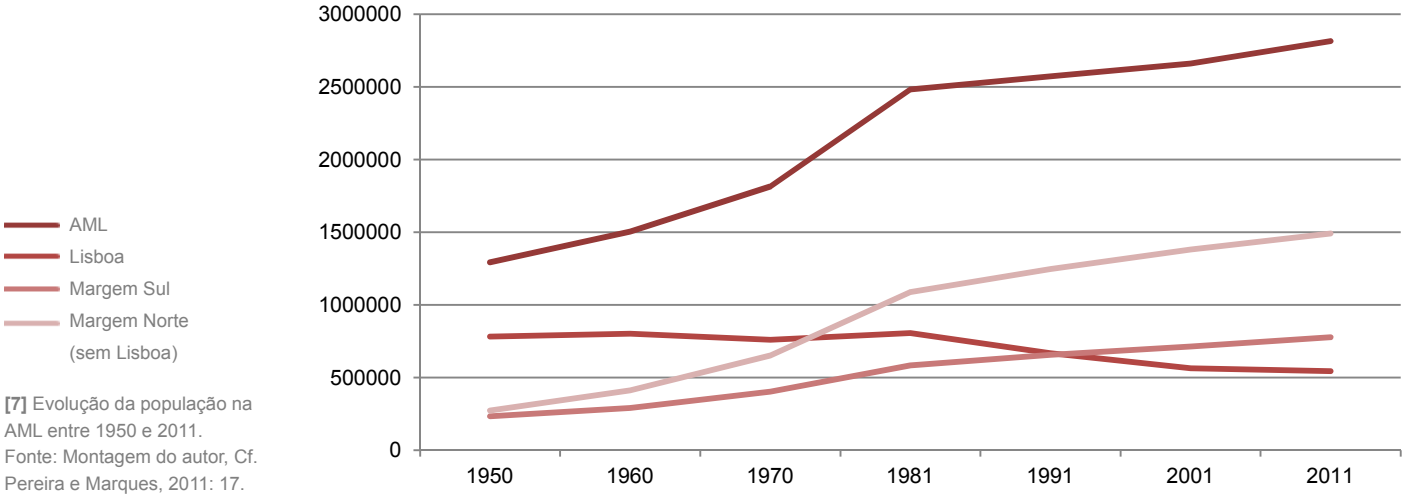


[5] A formação metropolitana: dos anos 50 a 70, a cidade metropolitana.
1-lugares com 5 mil e mais habitantes;
2- eixos suburbanos;
3- progresso da urbanização.
Fonte: Salgueiro, 2001:54.



[6] Ilustração da venda e loteamento ilegal de terrenos. Fonte: Ferreira, 2010: 65 , Cf. Vítor Casimiro in *Sociedade e Território*, nº1, Março 1984, pp.28.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a parte norte da área metropolitana (sem Lisboa) ganhou 137 492 habitantes entre 1950 e 1960, 241 570 habitantes entre 1960 e 1970, 427 668 habitantes entre 1970 e 1981. Na margem sul o crescimento não foi tão acentuado, porém Lisboa perde residentes até ao início do século XXI (Salgueiro, 2001) [7].



[7] Evolução da população na AML entre 1950 e 2011. Fonte: Montagem do autor, Cf. Pereira e Marques, 2011: 17.

Ao longo da AML assiste-se a diferenças na estrutura social e dos níveis de qualificação da população do norte e do sul, associadas à especificidade dos canais de comunicação de cada um dos territórios: enquanto os alentejanos e algarvios se instalam predominantemente na AML Sul, os migrantes do Norte e do Centro do país fixaram-se sobretudo na AML Norte. Não obstante, as dinâmicas de desenvolvimento dos vários concelhos da AML estão associadas à sua própria relação de proximidade física e de transportes em relação à cidade de Lisboa (Pereira, 2011).

> "Neste período crescem principalmente os lugares suburbanos onde a rede de transportes colectivos permite alojar os empregados que trabalham na cidade, Amadora, Cacém, Damaia, Pontinha, Odivelas, Almada e mesmo o Barreiro e a população residente na coroa suburbana tende a aproximar-se da cidade. O caminho-de-ferro e, em menor escala, os transportes rodoviários (casos da Pontinha, Odivelas) foram responsáveis pelo alastrar da mancha urbana traduzindo-se, no que toca à parte norte, pela forma de dedos de mão devido ao forte poder estruturante do transporte ferroviário na conformação suburbana em eixos."
>
> (Salgueiro, 2001: 51)

> "Constituem-se empresas especializadas na produção de empreendimentos de grande dimensão com o intuito de realizar as suas margens de lucro em estratos de mercado cada vez mais específicos: urbanizações, aldeamentos, habitações de luxo, hotéis, equipamentos e infra-estruturas turísticas. Estas grandes empresas uma vez que operam em áreas extensas, exercem uma influência decisiva ao nível da oferta e revelam grande capacidade de transformação do solo."
>
> (Ferreira, 2010: 64)

Quer isto dizer que foram os grandes conjuntos de habitação coletiva, protagonizados pelos promotores privados mais conhecidos por *patos-bravos*, que por incapacidade do Estado deram resposta ao urbanismo em massa. Por motivos sociais e económicos estas empresas construtoras racionalizaram a sua produção em linha de montagem, tornando-se esta a «imagem de marca» das periferias. Esses alojamentos, hoje associados a ideias pejorativas, ofereceram a muitas famílias a possibilidade de finalmente ter uma casa condigna equipada por rede de esgotos, eletricidade e gás. É importante não esquecer que nos meios rurais estes bens chegaram tardiamente e por instalação própria. Será acima de tudo injusto fazer uma comparação entre a qualidade destas novas habitações suburbanas com a que estas pessoas deixaram na "terra" – trajetória residencial passada. O simples facto de muita gente pela primeira vez ter uma casa de banho ou não dormir com animais no quarto ao lado, pode muito bem mostrar o pobre país fora das grandes cidades que o Estado Novo ocultava[9].

Não foi apenas da população migrante dos meios rurais que se constituiu as zonas habitacionais da periferia. É certo que uma grande massa de gente de nível socioeconómico mais baixo abandonou a sua terra de origem principalmente por razões de ordem económica, mas outros de escalões intermédios também o fizeram, estes movidos pelo engrandecimento social. Procurava-se nestes locais tipologias acessíveis às suas necessidades a que a cidade tradicional já não era capaz de responder, sendo a proximidade aos transportes públicos e os mecanismos de informação através de anúncios de promoção imobiliário os fatores que melhor desempenharam a preferência pela *Cidade Nova* [8, 9 e 10].

Mesmo quando a transformação do espaço urbano-metropolitano foi concebido através de urbanizações legais, o tratamento dos espaços exteriores e a construção de equipamentos e serviços prometidos pelos promotores imobiliários foram executados em fases posteriores pelas autarquias. Assim, durante anos alguns desses edifícios viveram rodeados de nada, muito embora ainda hoje se reconheça em alguns locais a insuficiência de recursos coletivos.

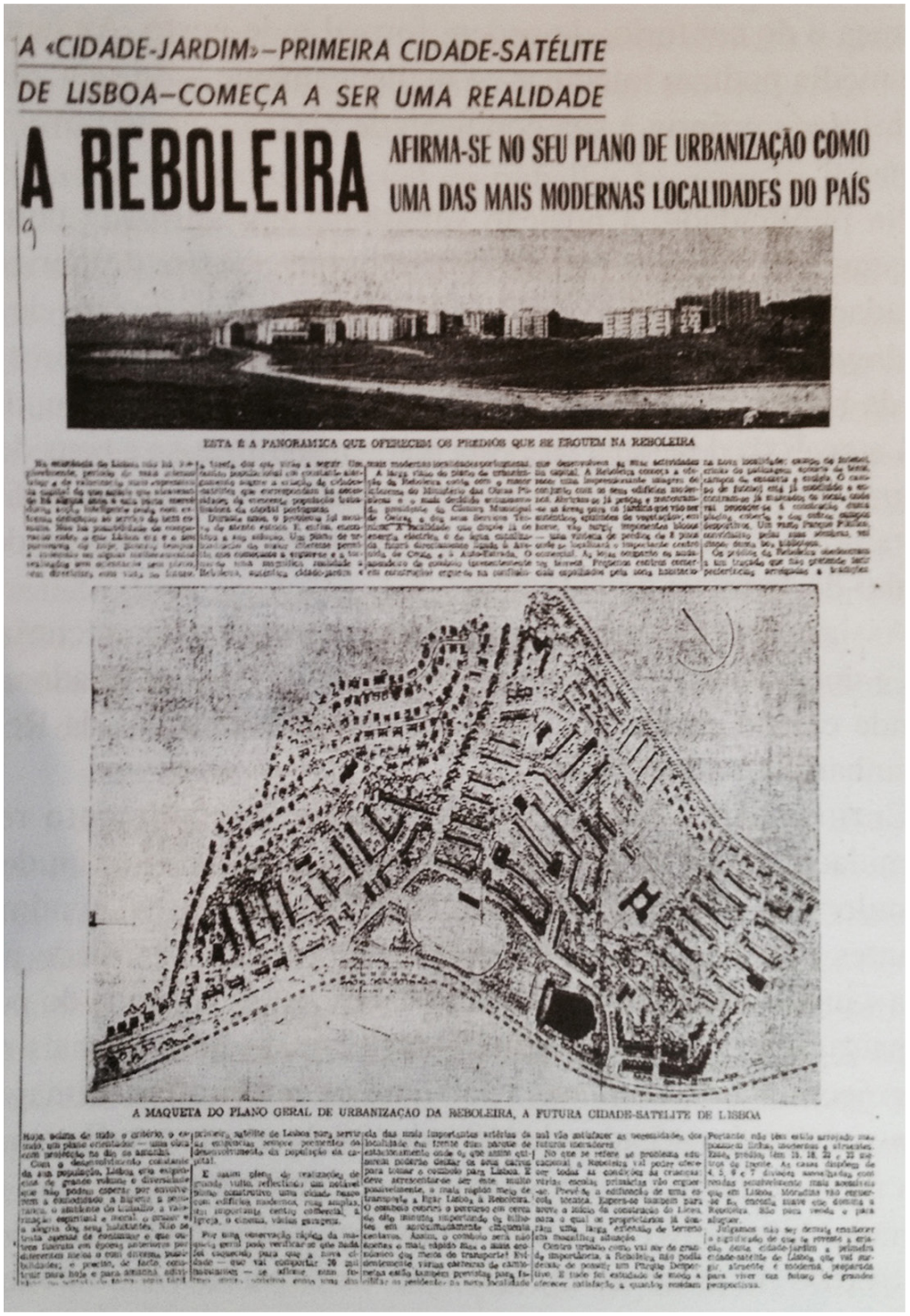
[9] "Em 1960, pese embora a deficiente situação da habitação urbana, esta era incomparavelmente superior ao que se passava em meio rural: apenas 27% das casas rurais tinham electricidade contra 89% das urbanas; 14% daquelas dispunham de água corrente por comparação com 82% nas cidades; e somente 9% possuíam casa de banho, um valor ainda assim bastante inferior ao já de si ao bastante baixo existente em meio urbano, 53%. (…) Imerso numa sociedade em que o êxito se mede pela propriedade da terra, o camponês vive da lavoura e para a lavoura, e a sua casa não é senão a expressão dessa forma de vida (…) Construtor da sua própria casa ou, quando muito, seu afortunado herdeiro, o camponês imagina-a, concebe-a, habita-a e transforma-a em função da actividade agrícola." (Pereira, 2010: 16).



[8] *Marketing* imobiliário na década de 70 para o Parque Europa em Santo António dos Cavaleiros.
Fonte: Pereira, 2011: 30.



[9] Ilustração de promoção imobiliária.
Fonte: Ferreira, 2010: 61, Cf. Vítor Casimiro in *Sociedade e Território*, n.3, Julho 1985, pp.7.



A «CIDADE-JARDIM» — PRIMEIRA CIDADE-SATÉLITE DE LISBOA — COMEÇA A SER UMA REALIDADE

A REBOLEIRA AFIRMA-SE NO SEU PLANO DE URBANIZAÇÃO COMO UMA DAS MAIS MODERNAS LOCALIDADES DO PAÍS

ESTA É A PANORÂMICA QUE OFERECEM OS PRÉDIOS QUE SE ERGUEM NA REBOLEIRA

A MAQUETA DO PLANO GERAL DE URBANIZAÇÃO DA REBOLEIRA, A FUTURA CIDADE-SATÉLITE DE LISBOA

[10] Publicidade ao conjunto da Reboleira Norte.
Fonte: Nunes, 2011:259, Cf.*O Século*, 30 de Maio de 1963.

É sobretudo durante as décadas de 80 e 90 que surgem as grandes melhorias da qualidade de vida da periferia, sobretudo em termos de oferta habitacional. Estas melhorias devem-se por um lado à transferência de responsabilização da gestão urbana aos municípios, que consolidaram o território suburbano tornando-os mais autónomos em relação ao centro de Lisboa. Por outro lado, essa autonomia não teria sido possível sem o grande progresso das redes rodoviárias com dinheiro de fundos comunitários[10] e a expansão do parque automóvel, incentivando a criação de novos padrões de mobilidade. Isto conjugado com os fatores económicos, verificou uma abertura a novos hábitos de vida e consumo, que facilitou a aquisição do crédito bancário para habitação.

[10] Fundos provenientes da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986.

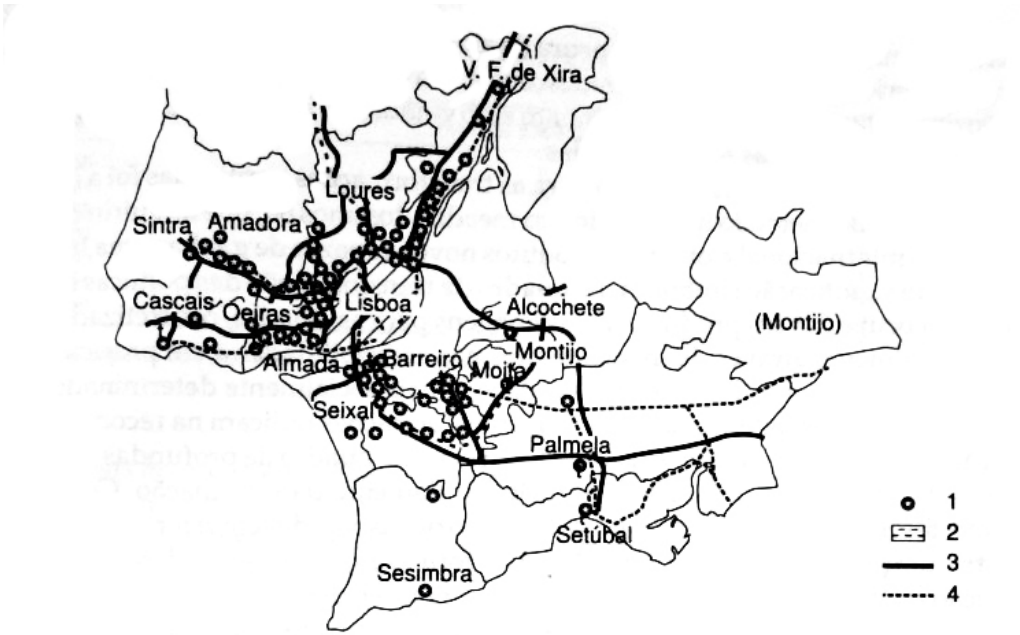
O aumento do uso automóvel privado e da possibilidade do seu uso diário provoca uma diversidade na ocupação do território que até à data não seria possível, a sua autonomia face ao centro é cada vez maior, criando uma consciência metropolitana em vez de uma cidade monocêntrica. No entanto, é ainda no setor empresarial que Lisboa se torna catalisador, levando milhares de pessoas a deslocarem-se da sua área de residência para trabalhar. Significa isto, que os grandes conjuntos residenciais construídos nesse tempo, para além de serem protagonistas de uma radical alteração da paisagem dos arredores de Lisboa que se impuseram à envolvente campestre, são também caracterizados pela sua dependência ao centro na pendularidade casa-trabalho dos seus residentes, dando origem a conotações negativas como o conhecido *dormitório* [11].

> "A rede de infra-estruturas e de equipamentos colectivos reforça-se, colmatam-se os *deficits* existentes e constitui-se uma rede de serviços básicos muito mais equilibrada, ao mesmo tempo que os serviços privados e as novas formas de distribuição contribuem para reduzir as deficiências de abastecimento das periferias, que se tornam mesmo atractivas para muitos residentes do «centro».
>
> (…)
>
> A consequência mais visível de todos estes processos de dinâmica territorial é a formação de um território urbano-metropolitano policêntrico porque deixa de ser hegemonizado por um único centro e nele se diferenciam vários polos mais ou menos especializados. Dotado de forte diferenciação interna, é palco de inúmeros fluxos em todas as direcções verificando-se uma tendência para um maior equilíbrio entre Lisboa e a região metropolitana e uma maior integração dos vários territórios metropolitanos."
>
> (Salgueiro, 2001: 61)

É esperado para os próximos 20 anos a emergência de uma nova forma urbana. Ascher (1998) designa-a enquanto *metapolis*[11] e nesse caso, será necessário conseguir ler e criar uma narrativa para a cidade que temos hoje. Preparemo-nos para a cidade *continuum*[12] [12].

[11] "(…) construção de um novo modelo de urbanização, do tipo espontâneo, territorialmente extenso, e sem nenhum plano ou politica territorial que o regule." (Portas; Domingues, 1998)

[12] Foi alterada a nomenclatura da palavra «contínuo» propositadamente para fazer alusão aos efeitos da globalização, onde as palavras têm influências de outras línguas e onde mais rapidamente são aceites estrangeirismos no nosso vocabulário que traduções.



[11] A formação metropolitana: 1991, a cidade-região.
1- lugares com 5 mil e mais habitantes;
2- eixos suburbanos;
3- eixos rodoviários principais;
4- linhas férreas.
Fonte: Salgueiro, 2001: 55.

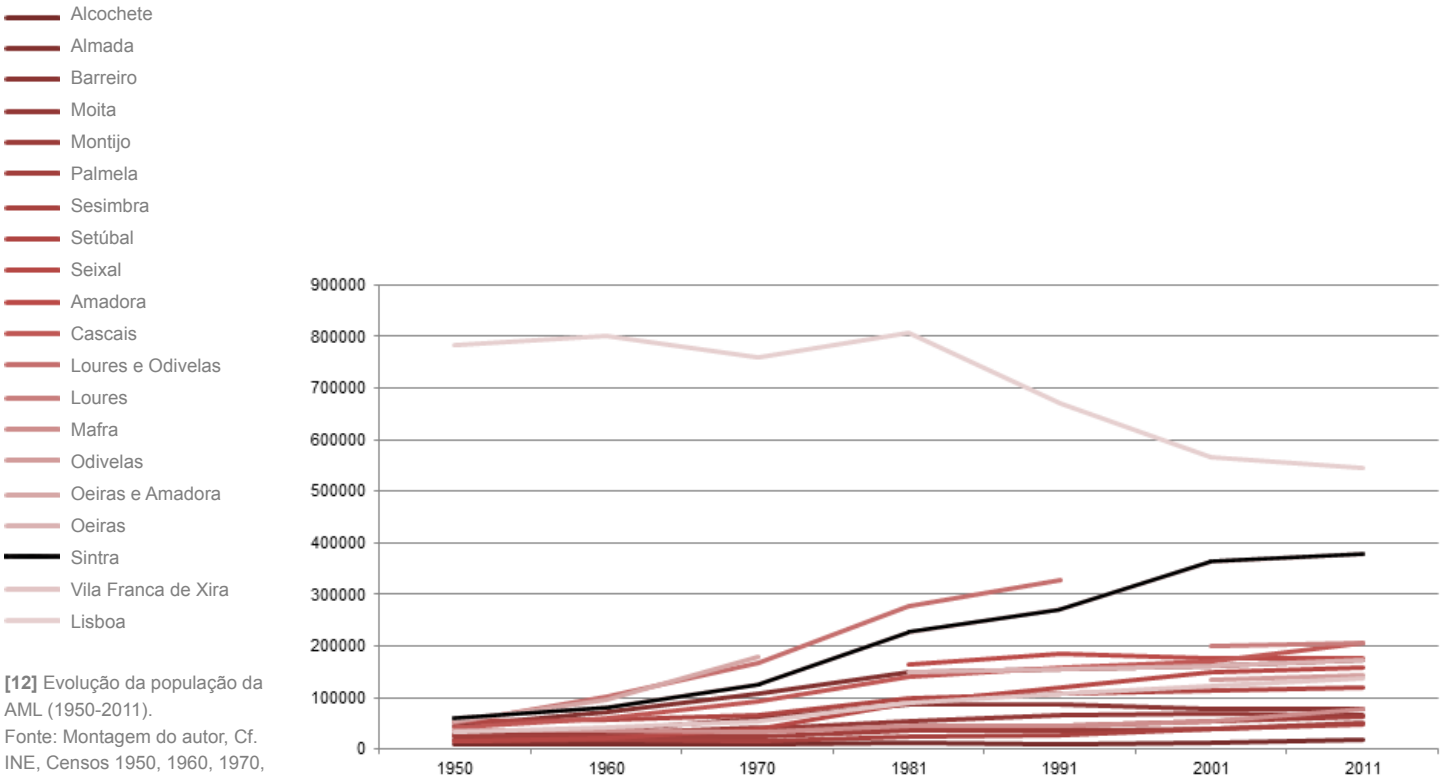
IDENTIFICAÇÃO DE UM SUBÚRBIO

A ESPECIFICIDADE DE UM LOCAL DE VERANEIO QUE SE TRANSFORMOU EM SUBÚRBIO

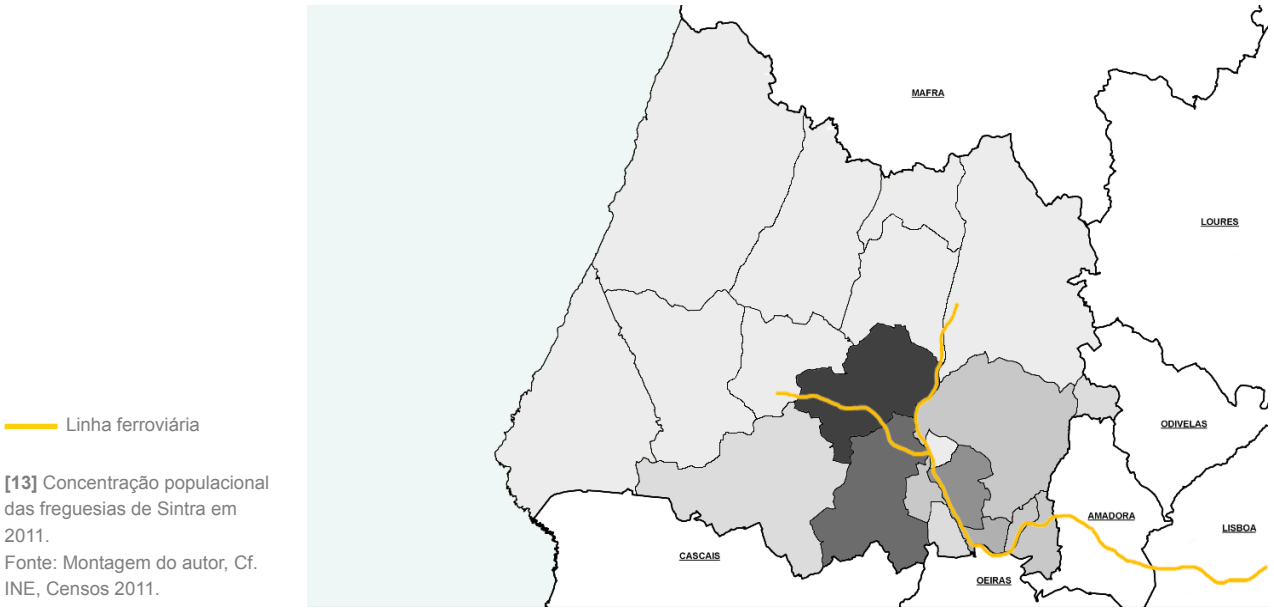
Desta aproximação à AML ressalta o facto de este ser um território e uma paisagem em constante formação. Se por um lado a primeira coroa de metropolização fora um dia confinada pela sua *cintura industrial* e a segunda e terceira coroas pelo seu conhecido aspeto de veraneio, ambas não fugiram à especulação imobiliária. No processo de constituição da metrópole de Lisboa, o concelho de Sintra destaca-se pelo segundo fenómeno, ou seja, na transformação de uma zona saloia, para zona de veraneio e posteriormente na transformação de um subúrbio.

Sentiu-se neste território um retardamento do pico do crescimento demográfico (cerca de uma década) face aos concelhos da primeira coroa. Porém nos anos 50 a proporção da população do concelho tornou-se relativamente semelhante aos restantes concelhos da AML Norte (Pereira, 2011). Assistiu-se a partir da década de 60 a um crescimento explosivo, durante o período entre 1930 e 1960 mais que duplicou (110,5%), em vinte anos, entre 1960 e 1980 cresceu 178,62%, e entre 1991 e 2001, 39,4%. Já no que se refere à última década, o crescimento foi de 3,7%. Verifica-se igualmente, a partir da década de 60, uma discrepância entre a função de emprego e a função habitacional, constituindo nesta área um importante subúrbio residencial da capital. Hoje em dia, e segundo os registos no Censos 2011: 377 249 pessoas (ou seja, 3,6% da população portuguesa e 13,4% da população residente na AML) habitam no município de Sintra, sendo o segundo concelho mais populoso do país (Plácido, 2011) [12]. A mesma fonte denota que o troço ferroviário da linha de Sintra, assim como o IC19[13], são os agentes estruturantes da distribuição e da concentração demográfica do concelho. Esta afirmação é possível de ser confirmada na imagem [13], segundo a mesma, nas nove freguesias por onde passam estas vias de comunicação concentram 71,24% da população total do concelho, centralizando quase metade da população total (47%) em apenas quatro destas freguesias (Algueirão-Mem Martins,

[13] Construção dos troços entre Buraca e Queluz em 1887, entre Queluz e Rio de Mouro em 1991 e entre Rio de Mouro e Ranholas (Sintra) em 1994.



[12] Evolução da população da AML (1950-2011).
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 1950, 1960, 1970, 1981, 1991, 2001 e 2011.



[13] Concentração populacional das freguesias de Sintra em 2011.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 2011.

Rio de Mouro, Agualva e Massamá). Por esta via, Sintra caracteriza-se enquanto realidade heterogénea, onde coabitam zonas rurais, zonas de subúrbio e locais de elite.

Para a realização deste trabalho interessa a especificidade do caso da Rinchoa, cuja identidade pouco se conhece mas onde se identifica a transversalidade da história de um local de veraneio que se transformou em subúrbio. Esta localidade emergiu morfologicamente como direta consequência do desenvolvimento de Sintra e Lisboa, porém a uma escala bastante mais reduzida, onde no entanto, não deixa de ser interessante de estudar pelas suas simetrias urbanas e sociais.

Rinchoa situa-se na freguesia de Rio de Mouro, a cerca de 8km de Sintra e 20km de Lisboa, sendo os seus limites sul e oriente evidentemente marcados pelas linhas ferroviárias de Sintra e do Oeste que chegaram à zona em 1887, e os limites ocidentais e a norte são marcados por espaços verdes que nunca chegaram a ser explorados pela construção civil. Para além da sua proximidade e agregação ao transporte público ferroviário, em 1991 e 1994 o local assiste à construção de um dos principais acessos à capital, o IC19, e em 2009 a A16, facilitando desta forma a mobilidade dos seus 17157 moradores (Censos, 2011) [14]. Contudo para a execução deste trabalho serão apenas estudas as áreas cuja construção foi alvo de um plano urbano, excluindo assim a zona poente da Rinchoa e utilizando a Calçada da Rinchoa como limite físico [15].

Antes da instalação dos caminhos de ferro, a localidade saloia de Rio de Mouro encontrava-se dispersa sem qualquer lógica aparente de fixação, onde se usufruía da proximidade da Ribeira das Jardas[14] e da Estrada Real de Sintra. Esta seria nos séculos XVIII e XIX uma típica estrada de acesso a Lisboa nas quais a circulação de pessoas, bens e informação era intensa – considerada uma importante linha de abastecimento à capital - e que integrava o circuito lúdico, aristocrático e burguês da ida a Sintra. Por esta via, foram surgindo serviços de apoio aos viajantes agregados à estrada, como por exemplo “casas de pasto” para mudas de cavalos e diversos estabelecimentos comerciais que vendiam os seus produtos junto às estradas, tornando-se num local de entreposto. Este carácter foi reforçado aquando da instalação da Base Aérea de Sintra em 1920, para os viajantes que realizavam o trajeto Oeiras – Base Aérea faziam-no por via da Granja do Marquês, onde o apoio aos viajantes era realizado exclusivamente na Rinchoa. Quer isso dizer que no início do século XX a área de estudo era um cruzamento entre dois grandes acessos da época: a Estrada Real de Sintra (distribuição este-oeste) e a Granja do Marquês (distribuição norte-sul).

[14] Esta ribeira é também muitas vezes denominada por Ribeira da Laje e que desagua em Caxias.



[14] Relação da área de estudo com os seus principais acessos e centros urbanos, 2013.
Fonte: Montagem do autor, Cf. http://www.bing.com/maps/.



Limite da área de estudo

Limite da área excluída pelo estudo e ainda pertencente à Rinchoa

[15] Delimitação da Rinchoa e da área de estudo.
Fonte: Montagem do autor, Cf. http://www.bing.com/maps/.

Urbanisticamente imersa enquanto direta consequência da Sintra romântica, em Rio de Mouro seguiu-se "um período de vilegiatura que continuou a fixar na região, com carácter mais ou menos permanente, uma plêiade de vultos ilustres que aqui edificaram as suas casas e quintas (…) dando novo fulgor ao território riomourense, que, em 1838, contava já com 1400 habitantes e 273 fogos." (CMS, 2007: 16).

A instalação do transporte ferroviário gerou desigualdade no desenvolvimento urbano entre as localidades de Rio de Mouro (situada a sul da linha) e a Rinchoa (situada a norte da linha). Foi nesta época que o objeto de estudo ganhou reputação de salubre e aprazível estância de veraneio. Em 1940, a mando do artista Leal da Câmara é comprada e urbanizada a Quinta Grande com a intenção de serem construídas casas de fim de semana inspiradas nas *casas portuguesas*[15], onde são também erguidos equipamentos públicos, como a escola primária e um casino, assim como a modernização do local no que diz respeito à eletrificação do povoado e abertura de novas estradas. Terá sido nesta época que surgiu um primeiro grande surto de ocupação residencial de veraneio que absorveu os princípios urbanos e sociais do modelo inglês da *cidade-jardim*.

No ano de 1957, com a eletrificação da linha de Sintra regista-se um segundo surto que atraiu milhares de migrantes embalados pelo encantamento de serem zonas de veraneio aristocrático e pelo fascínio do comboio. Construiu-se uma *nova cidade* especulada e antagónica às primeiras apropriações. De Benfica a Sintra, as localidades agregadas ao caminho de ferro "(…) começam a ser divulgadas como lugares de residência que facultavam fácil deslocação para Lisboa" (Nunes, 2011: 185), como relatou a peça jornalística:

> "Amadora, Queluz, Cacém, Algueirão e Rinchoa fazem parte da zona mais populosa do País, merecendo mais atenção das autoridades competentes."
>
> (*República*, 27 de Agosto de 1963 citado por Nunes, 2011: 185)

Hoje, a primeira imagem que se retém quando se refere a Rinchoa – e esta é a primeira imagem para quem normalmente só conhece o local de passagem no IC19 – é a que traduz a presença de um espaço muito pouco estruturado, onde o seu desenho urbanos se assemelha a uma manta de retalhos. Por detrás da sua «imagem de marca» ficaram as construções de veraneio concretizadas até à década de 60, capazes de seduzir as primeiras massas migratórias de classe média à procura de um modo de habitar que a cidade não era capaz de proporcionar; espaços de baixa densidade rodeada por zonas verdes, transformando-se a partir da segunda metade do século XX em mais uma zona de subúrbio onde a sua história se torna apenas mais

[14] Manifestação arquitetónica culturalista ou seja de cariz conservador, que se contrapunha a uma linguagem internacional. Raúl Lino, arquiteto mentor, pretendia articular a tradição com a modernidade, a história e a natureza, na constituição de uma espécie de ética do habitar, que o arquiteto encontrou nos diversos modelos habitacionais por todo o país. Esta defesa está presente em livros como *A casa portuguesa* (1929), *Casas portuguesas* (1933) e *L'evolution de l'architecture domestique au Portugal* (1937), onde são sistematizadas as características específicas da arquitectura portuguesa e propostos modelos de habitação aos arquitectos. Estas obras tiveram uma grande influência nas décadas de 30 e 40, sendo inspiradoras na tentativa de criação de uma arquitetura oficial do Estado Novo e suscitando forte antagonismo da geração modernista.

uma na constituição da periferia [16].

Todo este “novo” cenário urbano supõe leituras diferentes quando comparado com a cidade tradicional: a existência de fortes artérias de transporte, a supremacia da utilização do automóvel privado, a intensa produção habitacional, equipamentos e superfícies comerciais, a repetição consecutiva das formas e dos materiais determinam a imagem apriorística de qualquer espaço periférico, onde a legado saloio ou veraneante é muitas vezes esquecido.



[16] «Imagem de marca» da Rinchoa.
Fonte: *Expresso*, 2013: 26.

Tendo transitado de precária paróquia onde terá havido ligação subterrânea com o Castelo dos Mouros até à construção dos subúrbios na segunda metade do século XX, a Rinchoa deixou de ser local de veraneio para uma elite e passou a ser igual a tantos sítios suburbanos. Apesar deste local ter sido atingido pelo apogeu da promoção imobiliária, ainda é possível descobrir resquícios da sua evolução histórica, social e morfológica. Identificam três épocas de construção e vertentes arquitetónicas que foram orientadoras na análise das transformações morfológicas e dos modos de habitar deste trabalho.

Após uma investigação preliminar sobre a evolução do território foi possível identificar 3 áreas distintas que correspondem a tempos de construção e pressupostos diferentes. É ainda de referir que a falta de datação de muitas das peças encontradas não permitiu efetuar com total certeza o período exato da elaboração dos planos desenvolvidos, tendo sido fundamental a execução de um gráfico da época de construção de cada uma das áreas para compreender com mais exatidão o término das suas construções.

Foi possível delimitar o território em termos geográficos e temporais em [17 e 18]:

1- Quinta Grande: um subúrbio residencial de veraneio que foi idealizado e projetado entre 1940 e 1960;

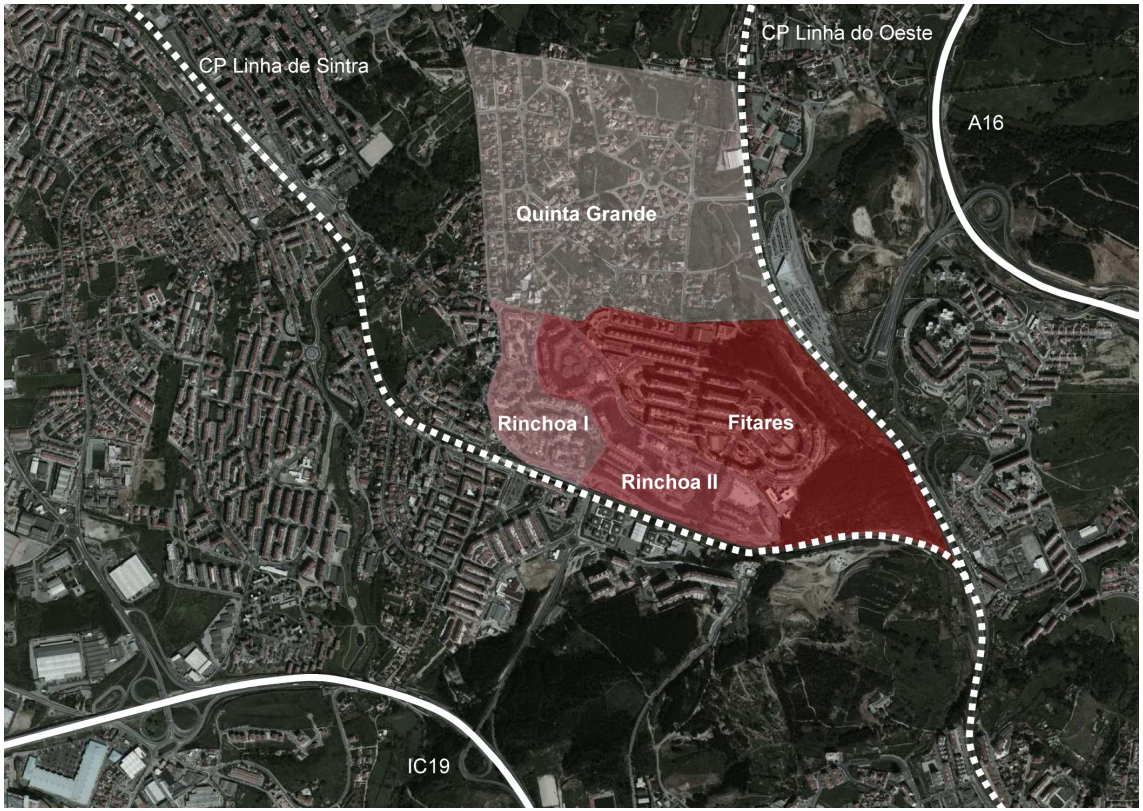
2- Rinchoa: um plano da *Modernidade* que foi desenvolvido em 4 fases;

2.1 Rinchoa I: que corresponde à 1ª e 2ª fase do projeto, realizado entre 1972 e 1978;

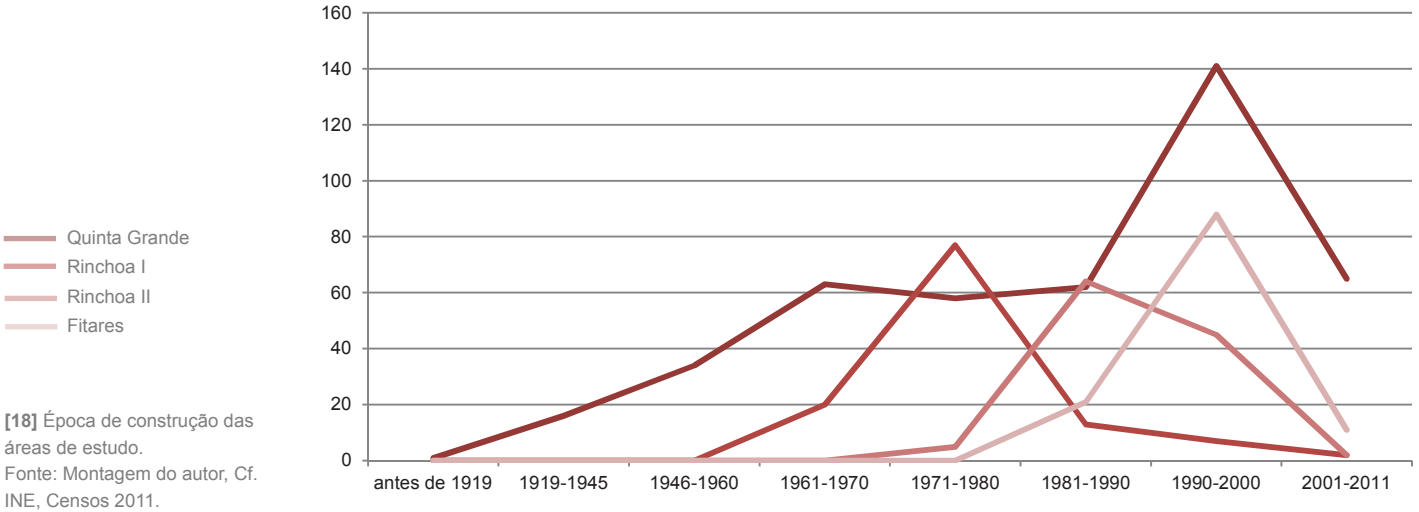
2.2 Rinchoa II: que corresponde à 3ª e 4ª fase de projeto realizado entre 1980 e 1990;

3- Fitares: um projeto de habitação plurifamiliar desenvolvido entre 1984 e 2000.

O gráfico mostra claramente três áreas de estudo que foram construídas segundo uma lógica de crescimento momentâneo, ou seja circunscrito a um período temporal, são elas Rinchoa I, Rinchoa II e Fitares, não levantando nestes casos dúvidas para a definição das suas balizas temporais. Há no entanto nesta análise uma área que cresce de forma particular, a Quinta Grande que se expande entre as décadas de 40 e 60, mas que atinge o seu pico de construção nos anos 90. Este grande índice de construção nesta década deve-se de uma maneira geral à facilidade ao crédito bancário após a adesão à CEE e por isso mesmo, a aquisição de casa própria torna-se uma das principais prioridades dos portugueses. Por isso, este território não foi alvo de uma apropriação repentina como os outros 3 casos, mas trata-se de uma área que cresce de forma gradual, sendo a origem do plano referente aos anos 40 e 60 e a replicação de moradias unifamiliares numa ótica contemporânea até à atualidade. Uma vez que este trabalho pretende caracterizar a morfologia urbana e evolução social, vimo-nos obrigados a realizar uma delimitação para analisar os pressupostos ideológicos fundadores da Quinta Grande, optando por nos centrarmos apenas entre 1940 e 1960.

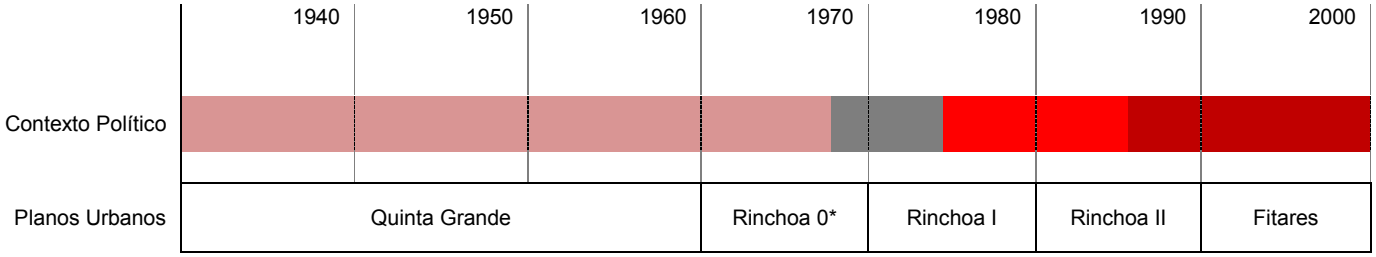


[17] Representação em ortofotomapa das áreas de estudo e a sua relação com os principais acessos.
Fonte: Montagem do autor, Cf. http://ww.bing.com/maps/.



[18] Época de construção das áreas de estudo.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 2011.

Há ainda que referir que, por motivos de contextualização social, não é possível realizar uma caracterização unitária do plano denominado por Rinchoa, sendo necessário fazer uma distinção de construções dentro do mesmo plano: optou-se por Rinchoa I para abranger a 1ª e 2ª fase do plano (1972-1978), e por Rinchoa II para compreender a 3ª e 4ª fase (1980-1990). Esta distinção assume como barreira temporal o 25 de abril de 1974, porque apesar de Rinchoa I só ter sido terminado em 1978, este plano em termos de implantação e de organização doméstica assume características anteriores à Revolução. O mesmo não poderá ser dito pela Rinchoa II, uma vez que o seu pensamento urbano e pressupostos sociais são díspares da anterior, assemelhando-se em termos de implantação a Fitares, com distinção de pensamento na organização interna das tipologias. Portanto, neste aspeto a tipologia construída na Rinchoa II assume-se quase como intermediação entre Portugal pós-25 de abril e a sua adesão à CEE, enquanto Fitares é nitidamente um plano posterior à entrada de Portugal na CEE [19 e 20].



Estado Novo
Período Marcelista
Período pós-Revolução
Período pós-adesão à CEE

* Compreende-se por Rinchoa 0 o plano urbano executado por Ruy d'Athouguia.

[19] Quadro síntese da associação entre planos urbanos na Rinchoa e distribuição por contexto social. Fonte: Montagem do autor.

Planos Urbanos	Plano Urbano	Arquitetura	Entidade Promotora	Contexto Político
Quinta Grande 1940-…	*Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*			Estado Novo
Rinchoa 0 1959-1971	Arq. Ruy d'Athouguia		*Urbanil* 1ª gerência	Período Marcelista
Rinchoa I (1ª e 2ª fase) 1972-1978	Arq. António Sáarico dos Santos		*Urbanil* *2ª* gerência	Revolução de Abril 1974
Rinchoa II (3ª e 4ª fase) 1980-1990	Arq. António Rodrigues	Diferentes equipas de construção civil		Adesão à CEE
Fitares 1984-2000	Arq. A. F. Amorim		*Fitares Urbanização e Construção, Lda.*	

Projecto não construído

[20] Quadro síntese da associação entre planos urbanos da Rinchoa e a sua integração em categorias. Fonte: Montagem do autor.

PARTE II

Modelos e formas do habitar suburbano: um local de veraneio que se transformou em subúrbio

RINCHOA RURAL E SALOIA

> "No século XVIII, no início do século XIX, a sociedade elegante de Lisboa veraneava no Ribatejo, enchendo de rumor e vida as sumptuosas quintas e palácios da região. Em Vila Franca havia caçadas reais, em Salvaterra touradas de fidalgos. Alhandra era, na época de D. Maria II, um ponto de veraneio muito na moda. Sintra, tão gabada por Byron nos começos do século XIX, só esteve na berra quando o rei D. Fernando se apaixonou pelas paisagens deslumbrantes (…)"
>
> (Colaço, 1999:17)

A cidade oitocentista elevou um novo paradigma de vida nas antigas zonas saloias, que surge na sequência de uma cultura higienista, legado da repulsa pela cidade industrial: a moda balnear e de veraneio. Pontualmente marcadas por aldeias, núcleos piscatórios ou palácios, foi com a vinda das cortes de D. Luís e de D. Carlos para Sintra nos meses de setembro e outubro e posteriormente para Cascais, que estas zonas se adotaram às exigências da nova vilegiatura e se transformaram numa paisagem tendencialmente aristocrática, dotando de infraestruturas e atividades de lazer que até hoje marcam o imaginário das gentes e da região [21].

Foram as dinâmicas de um espírito progressista que implementaram a rede de transportes em direção a Sintra em 1887, que passou a prestar um papel fundamental no desenvolvimento das zonas circundantes, começando por trazer os estratos sociais mais elevados durante os meses veraneantes às paragens frescas dos arrabaldes de Lisboa. As comunicações terrestres surgem enquanto requisito básico no desenvolvimento urbano desta área, estabelecendo um primeiro e importante fator na relação com Lisboa onde irá prosperar o afluxo de gente até aos dias de hoje. Desta forma, a procura das praias fez-se em toda a linha costeira do Estoril e de Sintra transformando-se num movimento pendular de caráter suburbano nos passeios de domingo (Anastácio, 2008).

> “A [linha] de Sintra, foi autorisada a sua inauguração pela portaria de 28 de Junho de 1873 e saia das portas de Rego, hoje S. Sebastião da Pedreira, e seguia Bemfica, Porcalhota, Queluz, Cacém, Rio de Mouro, para servir a Rinchôa, é claro, e Sintra, num trajecto que levava duas horas e vinte minutos a percorrer e pelo preço de 120,80 e 60 reis, respectivamente em 1ª, 2ª e 3ª classes, que representa à moeda de hoje 9$60, 6$400 e 4$80.”
>
> (CMLC, 1944)

Enquanto a vila de Sintra era alvo da promoção veraneante, as suas zonas envolventes eram lugares de solo pobre ou latifundiários, onde a policultura de sequeiro era predominante (AAVV, 1988). Eram invocadas como zonas *çahori*, palavra que designa a população que vivia da lavoura *defora da população*, ou simplesmente *habitante do campo* que vivia nos arredores de Lisboa e que alguns deles escoavam os seus produtos para a cidade, outros aproveitavam as suas produções para vender em feiras, como a marcante Feira das Mercês[15] - esta terá sido a realidade dos hábitos de vida das gentes que moravam na Rinchoa até ao início da década de 40 do século XX (Ribeiro, 1981) [22 e 23].

[15] A Feira das Mercês é uma feira antiga, tipicamente saloia que se realiza numa quinta que pertenceu ao Marquês de Pombal. Segundo alguns documentos, a feira remonta aos tempos da ocupação dos árabes, sendo então uma feira de escravas. A Feira das Mercês reunia anualmente os lavradores da região que tinham a oportunidade de fazer os seus negócios que consistiam na compra ou venda de gado, compra de alfaias agrícolas e venda dos produtos da terra. “É a feira das Mercês a principal festa que todos os anos celebra a Santa veneranda. Em Outubro é a grande atracção dos povoados saloios. Uns vêm por curiosidade, outros para venderem o feijão, o grão, a pera parda, a uva ferral. Alguns há que aparecem só para se inteirarem do preço corrente das batatas, do feijão, da carne de porco… É que a Feira das Mercês é, sobretudo, uma Bolsa Agrícola onde se vêm a fixar os preços de determinadas mercadorias na região.” (Sousa, 1984: 112)



[21] Rainha Dona Amélia e a Duquesa de Connaught na estação de Sintra (Alberto Carlos Lima, 1905).
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



[22] Representação dos saloios [aguarela s/papel; 47,5x35,5cm; Leal da Câmara (n.ass.), s.d.].
Fonte: CMLC.



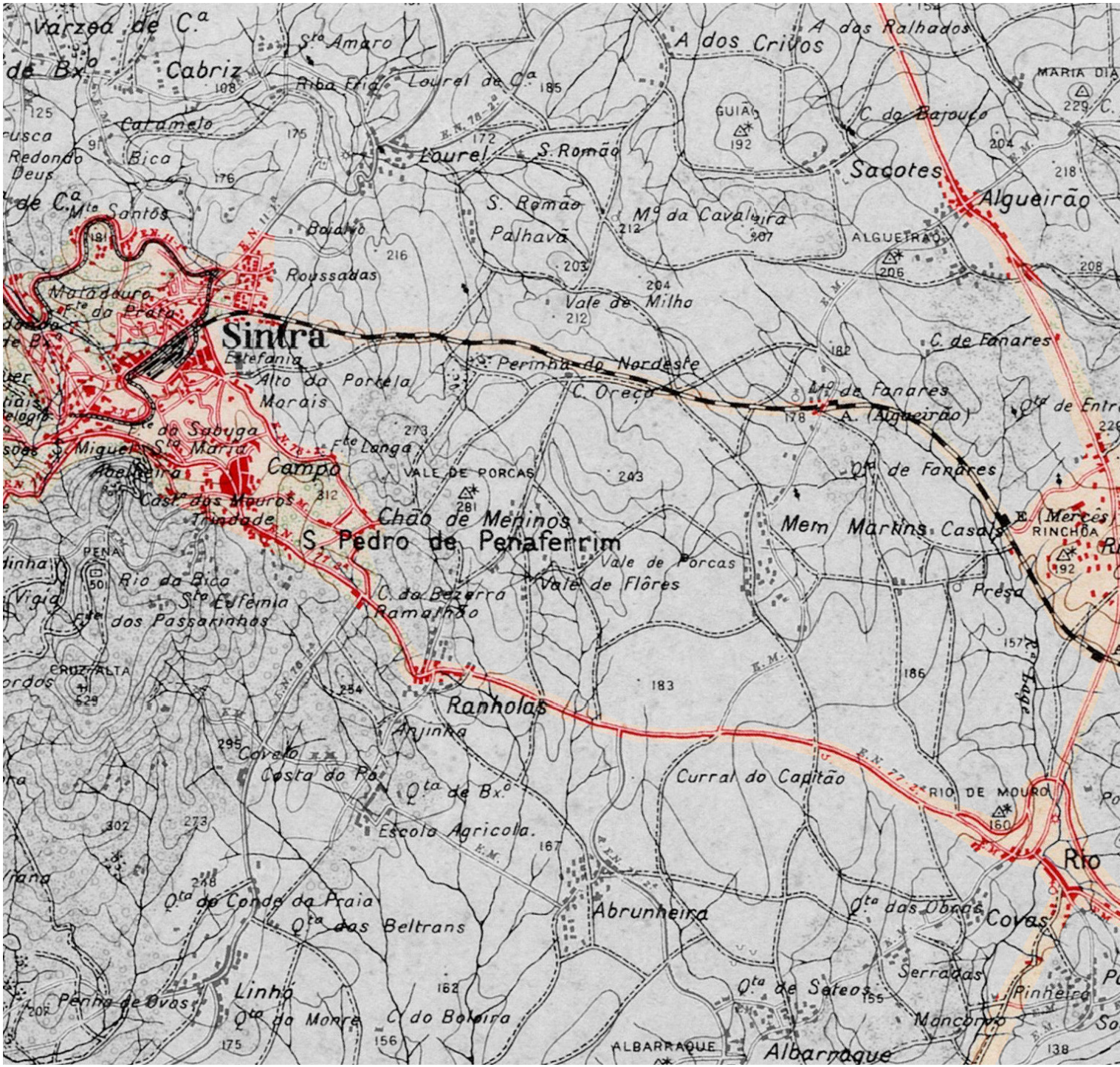
[23] "É a mais importante feira do districto de Lisboa e embora os mercados de gados e de varios productos não tenham na região da Estremadura nem pitturesco nem o valor das feiras minhotas e alentejanas, esta impõe-se pela variedade de typos e arrabaldinos que ali concorrem. Veêm-se carros de todos os feitios, vehiculos quasi prehistoricos arrastados por alimarias de todas as idades, homens que discutem, mulheres de typos vistosos que se apeiam no local da feira, ranchadas que se mettem nos campos devorando as merendas.
Á mistura um ou outro lisboeta curioso do pitoresco e d'um pouco de bom ar, que ri vê as transacções, que contempla aquellas fileiras de vendedores de fructas e de leitões assados e se retira á noite, na boa paz, n'um comboio rapído que silva e o deixa no Rocio."
Fonte: *Ilustração Portugueza*, 1904: 805.

> "A Rinchôa era um lugarejo isolado, servido por um caminho péssimo, com penedias e covas por onde o viajante escorregava e onde as carroças partiam os eixos e as rodas para descanso das alimárias que se deitavam a rebolar de cio, na poeira da estrada, com as patas para o ar!... (…) Povoam neste termo raros casebres, sem pretensões arquitectónicas, feitos com pedra mole, onde os musgos, davam, rapidamente, o aspecto de prematura velhice…"
>
> (Câmara, 1944: 1) [anexo I]

Este caminho que Leal da Câmara descreve, terá sido o principal caminho de acesso por onde " (…) conduziam as seges do primeiro-ministro D. José do sumptuoso palácio de Oeiras à sua enorme granja que se desdobrava por uma extensa planície onde se situa hoje a Base Aérea nº1." (*Diário de Notícias*, 1967: desc.). Este terá sido um local de passagem e de entreposto entre dois percursos dinamizadores: Lisboa-Sintra (quer pela Estrada Real de Sintra, quer posteriormente pela linha ferroviária) e pelo itinerário Oeiras-Granja do Marquês, onde de forma intercalar surgiam algumas habitações. Entre a serra de Sintra e Lisboa encontrar-se-iam pequenas povoações dispersas onde se encontravam apenas uma escassa dúzia de *aldeolas de costas viradas ao rio* e onde se encontravam alguns *lugarejos de pescadores*, mas sempre casas simples (AAVV, 1988) [24 e 25]. Segundo dados do INE, foram contabilizados em 1911, 19 fogos para os seus 80 moradores [26], eram:

> "(…) casas simples, pitorescas, com duas lajes, junto à ombreira da janelinha do sobrado para vermos se os craveiros têm água ou se as sardinheiras não secaram ainda... Quando há dois pisos, o andar nobre é o local da habitação. (…)
>
> De fora, raramente alguém calcula o que lá vai por dentro. São as pessoas. O saloio faz a sua casa, à sua semelhança: rústica, mal pronta, mas de um interior salutar e aberto a todos." [27]
>
> (Sousa, 1984: 109)

Contudo, a partir dos anos 40 este cenário estava prestes a alterar-se. A cultura veraneante acabou por fixar na Rinchoa diversas personalidades que se deixaram seduzir pelo prazer do isolamento em *locais de sossego*, de *bons ares* e *estimulada pelo preço acessível dos terrenos*, nomeadamente Leal da Câmara, aquele que viria a ser o grande impulsionador desta zona. Longe da uniformização metropolitana quando comparado com as aldeias saloias, os donos dessas novas construções que na sua maioria eram burgueses criaram nas zonas limítrofes de Sintra uma vida social, onde coincidia a recriação de um ambiente de vizinhança delineando também uma forma particular de suburbanismo.

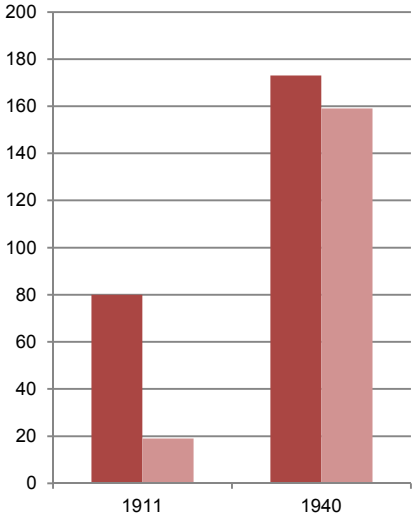

Varzea de C.ª
Cabriz
Sto Amaro
Riba Fria
Lourel de C.ª
A dos Crivos
A dos Ralhados
MARIA DIA
GUIA
C. do Bajouço
Caramelo
Bica
Redondo
Deus
Lourel
S. Romão
Sacotes
Algueirão
Mte Santos
S. Romão
Palhavã
Mº da Cavaleira
ALGUEIRÃO
Boiaivo
Roussadas
Vale de Milho
Matadouro
Fte da Prata
Sintra
Estefania
Perinha do Nordeste
C. de Fanares
Alto da Portela
Morais
C. Oreça
Mº de Fanares
A. (Algueirão)
Qta de Entr
Fte da Sabuga
Sta Maria
Miguel
Abelheira
Campo
Fte Longa
VALE DE PORCAS
Qta de Fanares
Castº dos Mouros
Trindade
Chão de Meninos
S. Pedro de Penaferrim
Mem Martins
Casals
E. (Mercês)
RINCHÔA
PENA
Rio da Bica
Sta Eufémia
Vale de Porcas
Vale de Flôres
Presa
Vigia
Fte dos Passarinhos
C. da Bezerra
Ramalhão
CRUZ ALTA
Ranholas
Anjinha
Covelo
Costa do Pó
Qta de Bxº
Curral do Capitão
RIO DE MOURO
Escola Agricola
Rio
Qta do Conde da Praia
Qta das Beltrans
Abrunheira
Qta das Obras
Covas
Serradas
Pinheiro
Penha de Ovos
Linhó
Qta do Monre
C. do Boleira
Qta de Seteos
Mancorvo
ALBARRAQUE
Albarraque





[24] Aglomerados habitacionais, vista da Rinchoa até à Serra de Sintra [óleo s/ contraplacado; 98x97cm; Leal da Câmara (ass. L.C.), 1942]. Fonte: CMLC.

[25] Cartografia de 1935 com os conjuntos habitacionais entre Sintra e Rinchoa. Fonte: Montagem do autor, Cf. Instituto Geográfico Português.



[26] Crescimento populacional e do edificado na Rinchoa entre 1911 e 1940.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 1960.



[27] Casa Saloia nos arredores de Sintra [s.d.].
Fonte: AAVV, 1988: 218.

QUINTA GRANDE: UM SUBÚRBIO RESIDENCIAL DE VERANEIO (1940-1960)

A exploração urbana e o seu consequente progresso chegaram à Rinchoa por influência de Tomás Júlio Leal da Câmara (1876-1948), artista caricaturista, jornalista, gráfico, professor e ilustrador, que fortemente censurado pelas suas produções anti-monárquicas e contra a igreja acabou por se exilar no estrangeiro, onde conviveu com ilustres artistas. No início da I Guerra Mundial Leal da Câmara residia em Paris, obrigando-o a regressa definitivamente a Portugal em 1915. Após uma longa estadia no Porto e em Lisboa enquanto professor de Desenho e Artes Decorativas, adota o povo saloio e em específico a localidade da Rinchoa como um "doce «exílio»" (CMS, 2007: 18), fixando-se por definitivo nesta localidade em meados dos anos 30. Aqui comprou uma típica casa rural, transformando-a num polo cultural da região, onde muitas vezes se relacionava com a elite cultural lisboeta do início do século XX, como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Chaby Pinheiro, Júlio Dantas entre outros (CMS: 2007) [28].

Até esta época estamos a referirmo-nos a uma Rinchoa que "(…) só tem o que a natureza lhe deu, com a ajuda dos seus moradores. Quási não tem ruas, nem higiene, nem água capaz. É a beleza em bruto. O brilhante por lapidar." (Freire, 1942: 3), cujo entusiasmo, apego e iniciativa de Leal da Câmara, levou-o a reunir os moradores e juntos construíram uma escola primária concluída em 1939, assim como um casino [29] com o fim de se estabelecer um local de convívio para os moradores.

> "Os tempos são propícios a novos empreendimentos e Leal aproveita essa euforia. Sabe que as terras saloias das Mercês e da Rinchôa são carentes de infra-estruturas e, face ao que conhece do meio, apercebe-se que pode, pelo seu prestígio e sabedoria, dar a sua experiência empreendedora. Aproveita a maré em prol de uma causa e da satisfação de necessidades concretas e reais. O

sistema também aproveita as iniciativas privadas que cidadãos entendam por bem levar a efeito, como foi o caso de Leal."

(Sousa, 2005: 67)

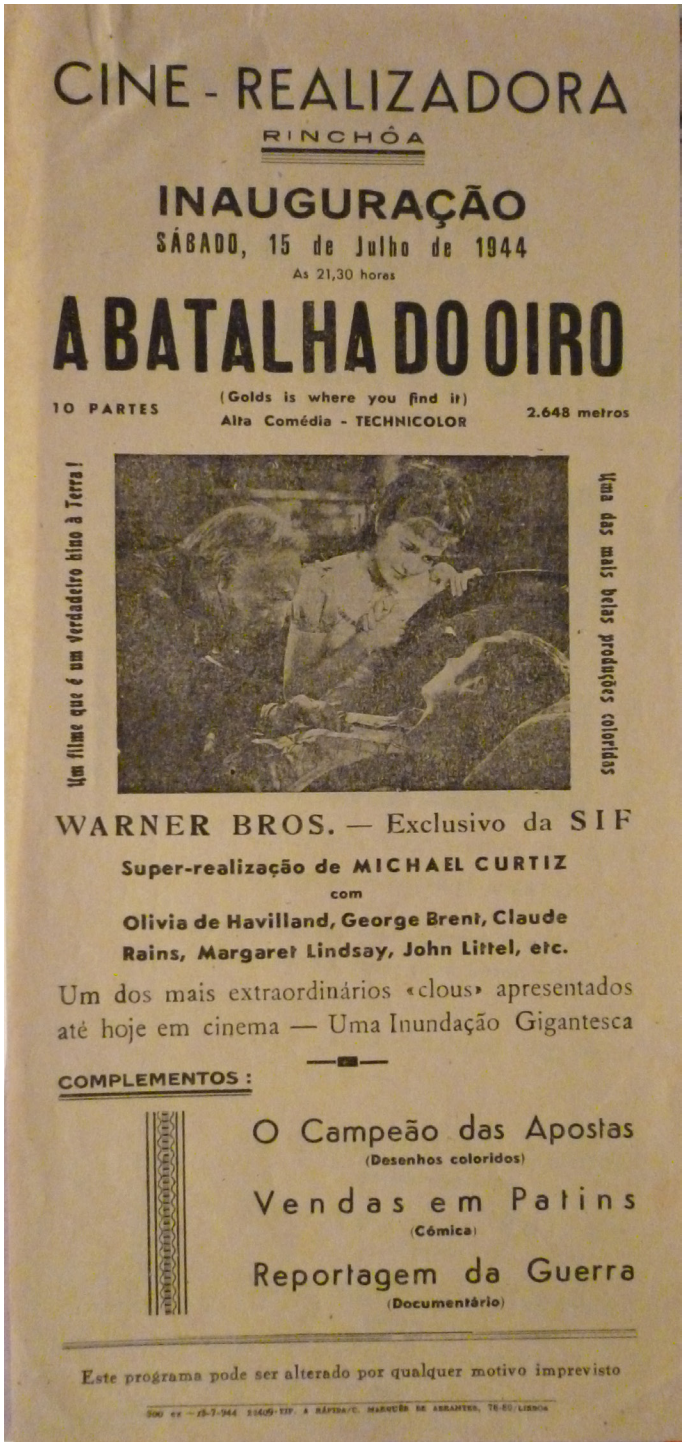
Após a construção destas infraestruturas cuja divulgação se tornou pública por via do *Diário de Lisbôa*, a Rinchoa conheceu os seus primeiros interessados: o público veraneante, que por influência da vilegiatura aristocrática se instalavam em locais próximos de Sintra, uma vez que usufruíam de fácil acesso e preços mais acessíveis quando comparados com locais de maior atração. Estes novos utilizadores do espaço suburbano apesar de se deslocarem para a sua segunda residência para recuperar dos meses de trabalho, mantinham a sua conduta social e por isso mesmo, os seus hábitos citadinos, como reunirem-se para falar de negócios no *club* e frequentarem as *soirées* organizadas no casino [30].



[28] Jantar de homenagem a Leal da Câmara, no foyer do antigo Teatro Dona Amélia, actual, Teatro Municipal de São Luís (Joshua Benoliel, s.d.). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.



[29] *Casino da Rinchoa* [Leal da Câmara (n.ass.), s.d.]. Fonte: CMLC.



[30] *Inauguração da Cine-Realizadora Rinchôa com o filme A batalha de Oiro* [15 de Julho de 1944].
Fonte: CMLC.

Contudo, os problemas de higiene, salubridade, construção e conservação das estradas foram-se agravando. De forma a resolver estas questões, Leal da Câmara criou a *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*[16], que pela sua intensa atividade marcou os anos 40. A ação desta Comissão tornou-se fundamental para o desenvolvimento social e urbanístico do local, resolvendo problemas como a iluminação, o abastecimento de água, o saneamento, o conserto de estradas e a abertura de ruas, a arborização e a melhoria das infraestruturas ferroviárias.

> "No estado actual destas povoações, traçadas por indivíduos cheios de boa vontade, mas a quem faltam os mais elementares conhecimentos da arte (…) O concelho de Sintra situado nos arredores de Lisboa, com aprazíveis zonas de turismo, está empestado de casinhas sem gosto, construídas ao desbarato. Quem projecta e constrói, uma grande parte dessas moradias, ignora os principais princípios de higiene e confôrto, a que a concepção de uma casa deve obedecer, tanto na Arquitectura exterior, como na divisão dos interiores."
>
> (Vaz, 1944: 2) [anexo II]

Ainda descontentes com a imagem da sua terra de acolhimento, como demonstrou Américo Vaz no congresso de 1944, a *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos* que em 1940 adquiriu os terrenos da Quinta Grande, terreno extenso que ia, na sua totalidade, da Rinchoa ao Cacém, realizou um plano de urbanização que serviu de resposta aos problemas apontados. Estrategicamente localizada entre o afamado percurso Lisboa-Sintra e contrapondo-se à vida citadina presente na capital, o desenho urbano realizado para a Quinta Grande tirou proveito do seu posicionamento geográfico e foi desenhado de acordo com a dimensão cultural do seu público-alvo, posteriormente demarcando-se como refúgio para a classe média [31, 32 e 33].

A sua divulgação foi realizada essencialmente através de panfletos, material que está na base da análise e caracterização do Plano de Urbanização da Quinta Grande que se segue, uma vez que a entidade promotora incorporou neste meio publicitário uma dimensão cultural apreciada pelo seu público-alvo. O interessante destes anúncios publicitários está precisamente na persuasão e na sedução das imagens que, acima de tudo, representam um modo de vida desejado por um certo grupo social e possível de alcançar através da casa. Deste ponto de vista e neste local em específico, a arquitetura era um meio para atingir um objetivo de ideal de vida. Não obstante, a utilização de textos é entendida como um reforço da evocação ilustrada, enunciando os "atributos" mais apetecíveis do imóvel.

Para além dos anúncios publicitários, a análise da Quinta Grande foi também possível

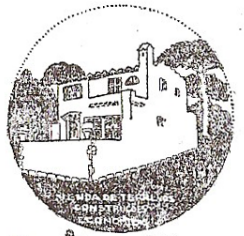
[15] A constituição da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês* surgiu em 1940, por iniciativa de Leal da Câmara e com a colaboração de alguns sócios e amigos da Rinchoa. A sua atividade passava pela organização de conferências, trabalhos escritos, reuniões, exposições e até promoveu um Congresso Regional em 1944, com a intenção de difundir a localidade e defender os interesses da população residente (Sousa, 2005).
"A sua coragem e a sua persistência não conhecem limites. Multiplica-se em esforço, organiza comissões, faz *quêtes*, insta, pede, é presidente e secretário e vogal de si próprio e tem conseguido amealhar uns contos (…) É espantoso de tenacidade e de fé o seu trabalho!" (Freire, 1942: 3)

através do testemunho dos discursos proferidos pelos sócios da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos* no Congresso de Mem-Martins, Rinchôa e Mercês realizado em 1944, textos que estão arquivados na Casa-Museu Leal da Câmara.

Mais do que subjugada aos ideais do Estado Novo, a idealização da Quinta Grande foi ao encontro da lógica de continuidade territorial (estética e simbólica) dos locais de veraneio da zona de Sintra, que louvavam nesta altura a ideia de *subúrbio jardim* - ou seja, a saída da cidade sujeita ao ataque da industrialização pela casa airosa junto à serra. Esta afirmação pode ser confirmada por uma entrevista realizada a Leal da Câmara em 1936 ao *Jornal de Sintra*, onde o artista declara haver um *Estado Livre da Rinchôa*, uma vez que as suas ações estavam livres de qualquer orientação ou conotação ao Estado Novo (Sousa, 2005). Assim sendo, foram as habitações unifamiliares construídas por Raúl Lino, Keil do Amaral, Norte Júnior e Raúl Tojal nas proximidades da vila de Sintra e na proximidade das zonas balneares, como a Praia das Maçãs, que determinaram o modelo construtivo das habitações da área em estudo.



[31] Panfleto publicitário da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*, 1944.
Fonte: CMLC.

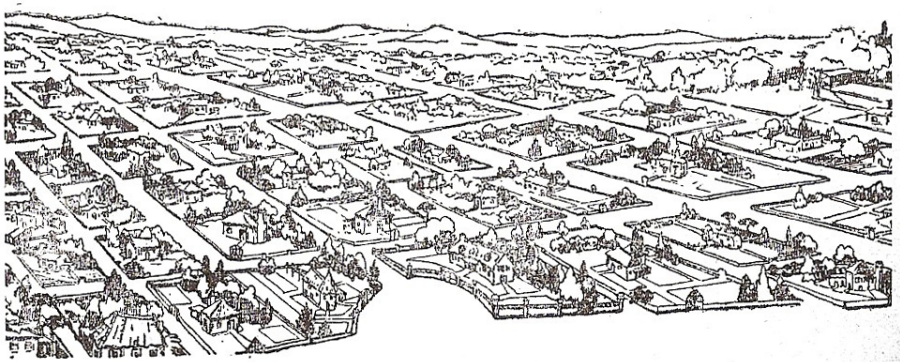


a realizadora

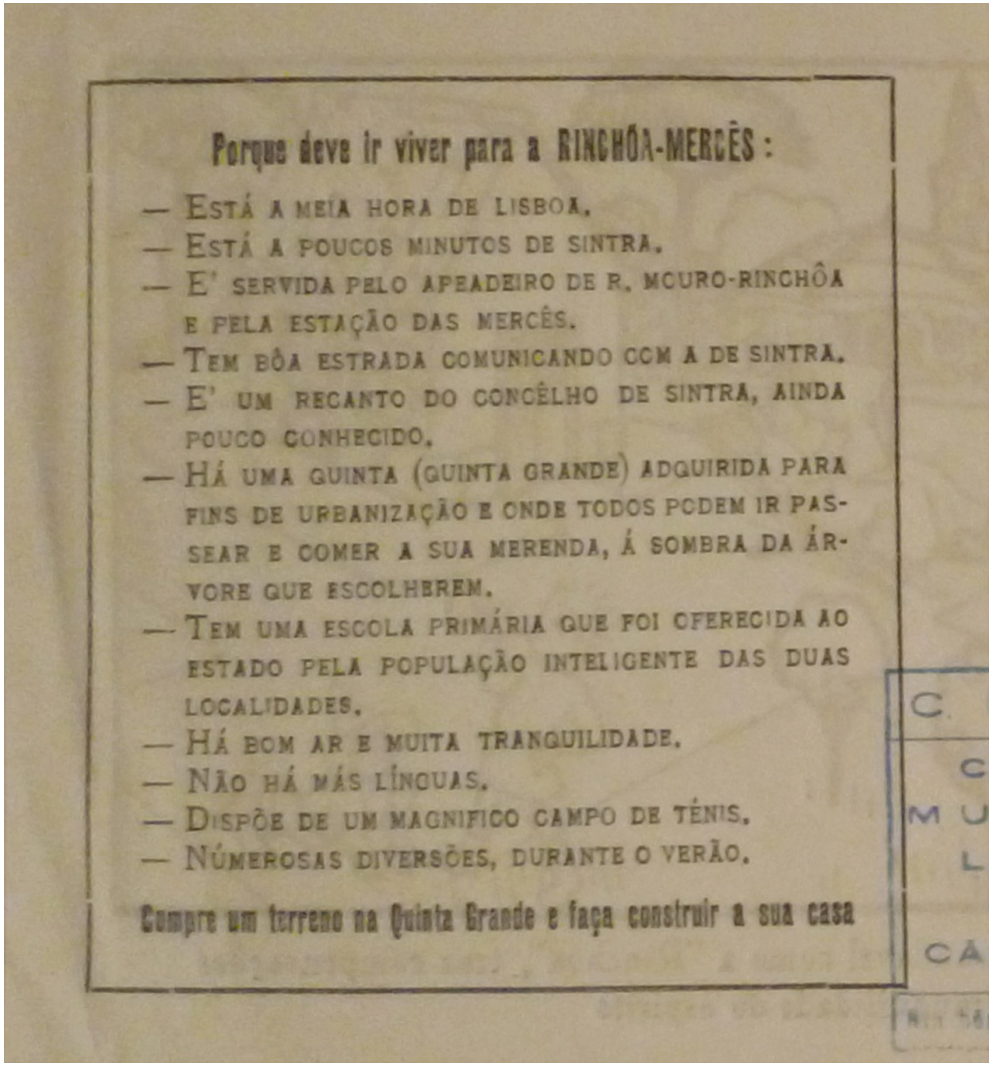
Compra e vende terrenos

OCUPA-SE
DE
CONSTRUÇÕES
DE
MORADIAS

Informa
- *LEAL DA CAMARA, L. do Calhariz, 17-Lisboa*
- *Dr. A. CHAGAS PINTO - RINCHOA - Correio de Mem Martins.*
- *BERNARDINO PRISTA - Rua de Alcantara, 5, Lisbôa — Telefone 81 273*



[32] Panfleto publicitário para a Exposição Regional Rinchôa-Mercês, 1942.
Fonte: CMLC.



Porque deve ir viver para a RINCHÔA-MERCÊS:

— Está a meia hora de Lisboa.
— Está a poucos minutos de Sintra.
— E' servida pelo apeadeiro de R. Mouro-Rinchôa e pela estação das Mercês.
— Tem bôa estrada comunicando com a de Sintra.
— E' um recanto do concêlho de Sintra, ainda pouco conhecido.
— Há uma quinta (Quinta Grande) adquirida para fins de urbanização e onde todos podem ir passear e comer a sua merenda, á sombra da árvore que escolherem.
— Tem uma escola primária que foi oferecida ao Estado pela população inteligente das duas localidades.
— Há bom ar e muita tranquilidade.
— Não há más línguas.
— Dispõe de um magnifico campo de ténis.
— Números diversões, durante o verão.

Compre um terreno na Quinta Grande e faça construir a sua casa

[33] Panfleto publicitário da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*, 1944.
Fonte: CMLC.

Estas adotaram a metáfora intrínseca da *casa portuguesa*, movimento desenvolvido sobretudo a partir do início do século XX, que passou a ser visto como o processo de refundação da nacionalidade portuguesa, onde a casa era "(…) entendida como o espaço físico da família, associada a ideais de máxima proximidade e intimidade" (Leal, 2000: 124) e enquadrada na natureza enquanto categoria central do pensamento de Lino. Segundo João Leal (2000: 130): "(…) a ideologia da *casa portuguesa* possui também um forte acento pastoralista (…) onde se aplica a uma sensibilidade «gerada pela necessidade de fuga à complexidade e ao poder crescentes da civilização» e a uma correspondente atracção pela «felicidade representada pela paisagem natural(…)»".

> "(…) a casa portuguesa é, de facto, uma casa de campo ou pelo menos, uma casa que, podendo ser construída na cidade, tem como objectivo trazer para dentro da cidade e campo e os valores a este associados. (…) «uma construção no campo destinada a proporcionar repouso e prazer ao seu proprietário»."
>
> (Leal, 2000: 135)

Foi precisamente através da consciência do espírito da paisagem incutida na *arquitetura nacional* da primeira metade do século XX que a obra de urbanização na Quinta Grande foi concebida. Nesse sentido, Leal da Câmara optou pelo ideal urbano da *cidade-jardim* howardiana, onde projetou a distribuição de 300 moradias geminadas, essencialmente para albergar a pequena burguesia nos seus períodos de férias de verão e fim de semana, e implantadas em lotes de dimensão generosa, com o objetivo de se tornarem espaçadas entre si e envolvidas pela vegetação. Para além das previstas moradias, foi também projetado um jardim público, para apoiar a vida residencial e os outros programas já instalados, potenciando assim a sua autonomia e melhorando a qualidade de vida dos veraneantes [34].

[34] Planta de Urbanização da Quinta da Grande [Leal da Câmara [n.ass.], s.d.].
Fonte: CMLC.

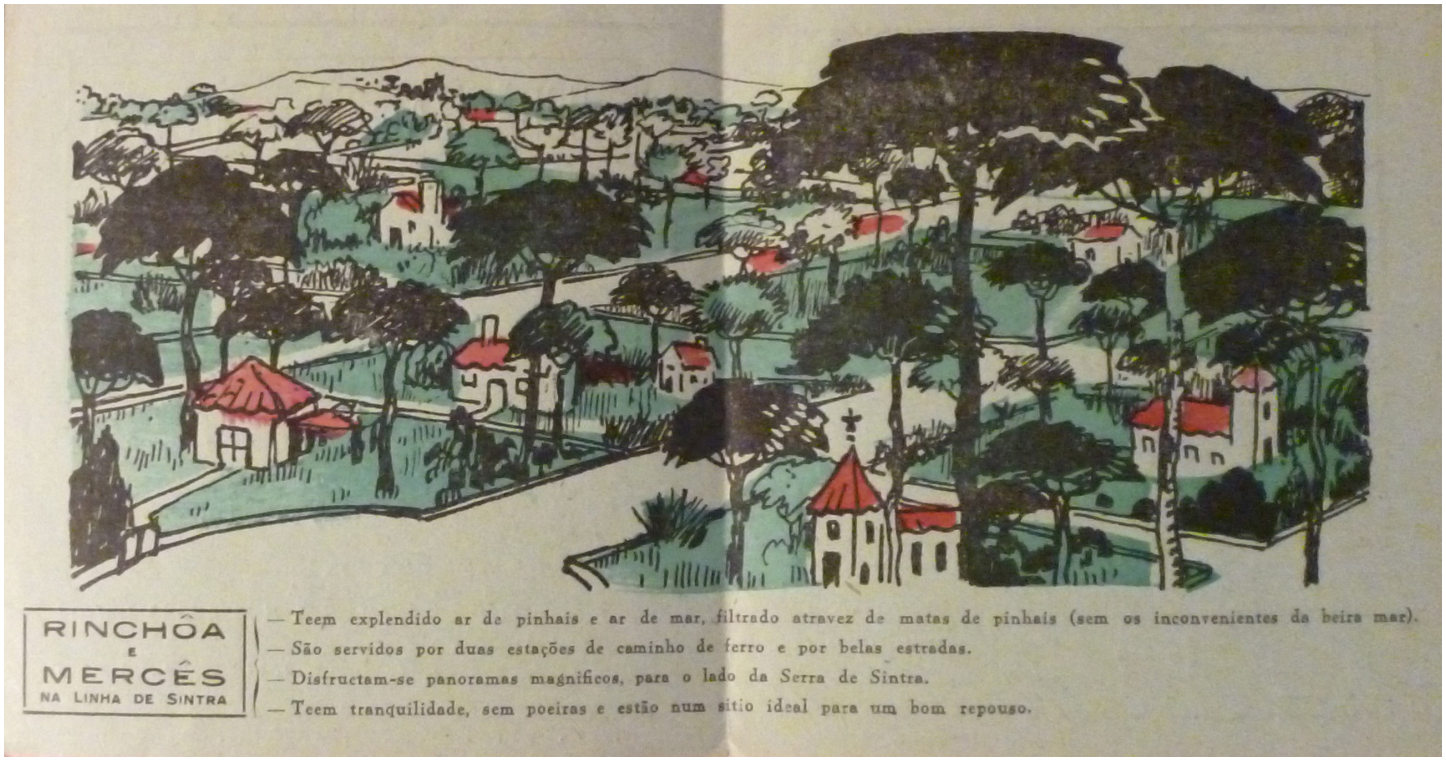


A primeira referência que se deveria ter desta zona devia ser a proximidade e o contacto à natureza. Daí a opção por moradias com pequeno jardim privado, passíveis de incentivar práticas tipicamente rurais (hortas e jardinagem) e, configurar presumíveis cidades autosuficientes (intenções da *cidade-jardim*). Por isso mesmo é que todos os panfletos publicitários representavam um modo de vida constantemente marcado pela infinita mancha verde e virado para o exterior [35], onde era possível concretizar *pic-nics* em família [36] e proporcionar o sonho de que cada *chefe de família* pudesse cultivar os seus próprios produtos alimentares, enquanto as crianças brincavam alegremente no jardim e a esposa colocava a leitura dos jornais em dia debaixo de chapéu de sol [37].

Nestes três panfletos publicitários ficou patente o modo de vida que a Rinchoa era "capaz" de proporcionar. Um modo de vida completamente antagónico ao da capital, por trazer "(…) compensações inapreciáveis, à saúde e à tranquilidade de espírito.". Esta ideia está também intrínseca na dimensão dada à casa nas ilustrações dos panfletos concretizados, esta era sempre desenhada fora de escala quando comparada com o tamanho das pessoas, quase como se fosse desnecessária ou mesmo pouco relevante e marcante no estilo de vida que se esperava ter durante os dias de recreo.

> "Quanto à Rinchôa nada há no país que se lhe compare – dizem uns: são hortas, searas, pinhais e eucaliptais; vivendas para o domingo casas de todo o ano, terras planas entre Sintra e a Carregueira. (…) uma maravilha de arquitectura que o próprio homem concebera – graciosas vivendas que, de ano para ano, se acrescentam em número e enfeites ou particularidades – multiplicando-se à sombra de pinheiros e dispostas sem preocupação de uniformidade geométrica, nas suas cercas ajardinadas."
>
> (Sousa, 1984: 108)

> "(…) àlém da pureza e frescura dos ares e do mais ou menos amplo horizonte, conforme a sua localização, o indispensável logradouro ou quintal que sempre a deve circundar (…) Dêle fazem parte o recanto ou caramanchão umbroso, local aprazível de repouso, conversa ou trabalho; os canteiros floridos a embasamarem e embelezarem o ambiente e ainda, a pequena horta ou pomar, juntando o útil ao agradável."
>
> (Mata, 1944: 7-8)



[35] Panfleto da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*, 1944.
"Teem esplendido ar de pinhais e ar de mar, filtrado através de matas de pinhais (sem os inconveniente da beira mar); são servidos por duas estações de caminho de ferro e por belas estradas; disfrutam-se panoramas magníficos, para o lado da Serra de Sintra; teem tranquilidade, sem poeiras e estão num sítio ideal para um bom repouso."
Fonte: CMLC.

RINCHÔA
MERCÊS

INICIATIVAS – PROPAGANDA – MELHORAMENTOS

Ex.mo Snr.

A Comissão de Iniciativa — Melhoramentos e Propaganda de RINCHÔA — MERCÊS organiza para

DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 1941

um almoço Pic-Nic na Quinta Grande de Meleças

O almoço realiza-se na parte da quinta, do lado da estrada de MELEÇAS, às 13 horas.

A EMENTA dêste ALMOÇO será a seguinte:

ACEPIPES VARIADOS (cada conviva trará 75 gramas de acepipes)

PEIXE FRITO (cada conviva trará 3 postas de peixe frito)

ARRÔZ DE FÔRNO COM SALPICÃO (oferta de A REALIZADORA, L.da)

FILÊTES DE VITÉLA (cada conviva trará 3 filetes já cosinhados)

SALADA regada com azeite da Quinta Grande (oferta de A REALIZADORA, L.da)

DÔCES (oferecidos pelas meninas)

FRUCTA (oferecida pelos rapazes)

VINHO DE BORBA (oferecido pelo membro efectivo da Comissão Ex.mo Sr. DR. RAMOS E COSTA

CAFÉ (oferecido pelas Ex.mas SOGRAS)

PORTO E CHAMPAGNE (pago por todos)

Depois do almoço e dos numerosos brindes, haverá bailarico saloio e visita à Quinta Grande e às obras já iniciadas.

NOTA: — Os convidados do almoço reunem-se na Rinchôa, na sede da Comissão, às 12 horas, de onde seguirão para o local onde estará a mêsa posta.

17136 — [illegible]

PIC-NIC (ALMOÇO)

Para fins de organização pede-se a fineza de preencher êste impresso e de o enviar ATÉ AO DIA 1 DE SETEMBRO ao Presidente da Comissão directiva (na Rinchôa).

Nome do conviva .....

Número de pessoas que trará, na sua companhia, para o almoço Pic-Nic .....

[36] Convite para um *pic-nic* na Quinta Grande de Meleças, 1941.
Fonte: CMLC.



O prazer de possuir uma casa de campo, em sitio saúdavel como a "Rinchôa", traz compensações inapreciáveis, à saúde e à tranquilidade do espirito

[37] Panfleto da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*, 1944.
Fonte: CMLC.



comer, tranquilamente, um bom jantar, acompanhado da familia, por baixo de uma arvore que É SUA porque o terreno É TAMBEM SEU, respirando o ar puro dos campos e, com a certeza de poder descansar comodamente, NA SUA PRÓPRIA CASA, construida, alí mesmo, no meio do jardim, em sitio aprazivel e sádio, perto de trez estações de caminho de ferro: — apeadeiro de RIO MOURO-RINCHÔA, ESTAÇÃO DAS MERCÊS e apeadeiro de MELEÇAS.

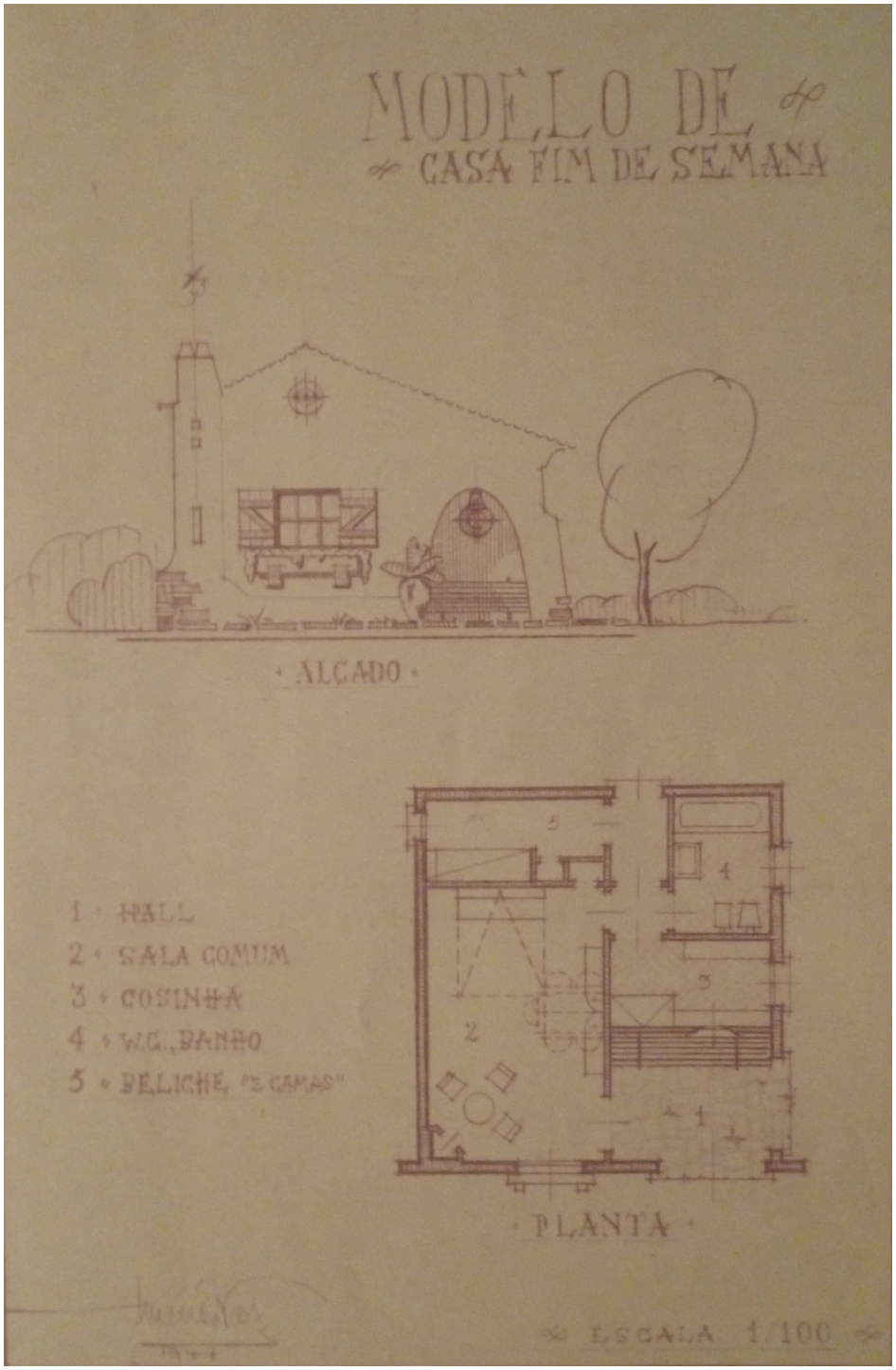
[38] Panfleto da *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos da Rinchôa-Mercês*, 1944.“
Os PIC-NICS procuram dar satisfação, ainda que transitoriamente ao desejo que todos nós sentimos de descansar das nossas fadigas, comer, tranquilamente, um bom jantar, acompanhado da família, por baixo de uma árvore que É SUA porque o terreno É TAMBÉM SEU, respirando o ar puro dos campos e, com a certeza de poder descansar comodamente, NA SUA PRÓPRIA CASA, construída, ali mesmo, no meio do jardim, em sítio aprazível e sádio, perto de trez estações de caminho de ferro – apeadeiro de RIO MOURO-RINCHÔA, ESTAÇÕES DAS MERCÊS e apeadeiro de MELEÇAS.”
Fonte: CMLC.

Outro aspeto sublinhado por estes anúncios é a eleição de um público-alvo de elite. Esta afirmação pode ser comprovado por um lado porque a habitação temporária nesta fase estava totalmente circunscrita a uma elite, cuja mulher já é retratada como literata [37], precisamente o oposto da representação da mulher do Estado Novo onde era remetida ao trabalho doméstico. Ideia que também é explícita no panfleto [38], tratando-se de uma criada a servir uma família no exterior da casa.

Este anúncio acrescenta também o valor simbólico da propriedade, onde a *Comissão* muito inteligentemente tirou partido da política habitacional que o Estado Novo patrocinou e incentivou: a compra de talhões, o ideal da propriedade dos moradores da cidade e que podiam encontrar uma janela de oportunidade através de uma residência secundária na Quinta Grande. Como dizia Salazar: "A intimidade da vida familiar reclama aconchego, pede isolamento, numa palavra, exige a casa, a casa independente, a nossa casa (…) É naturalmente mais económica, mais estável, mais bem constituída, a família que se abriga sob tecto próprio." (Gonçalves, 1979 citado por Teixeira, 1992: 80). A família e a posse de propriedade tornaram-se temas fundamentais no discurso ideológico do regime (Teixeira, 1992) e consequentemente astuciosamente usados na representação nos panfletos publicitários da *Comissão de Iniciativa e Melhoramentos*.

A imagem das moradias foi também detalhamente desenhada pelos sócios da *Comissão* que, fortemente influenciados pela questão da *casa portuguesa*, conceberam um *Modelo de casa de fim de semana* onde poderiam surgir algumas variações da sua aplicação, mas nunca totalmente refutado [39]. Esta ideia é confirmada pelos desenhos concebidos por Leal da Câmara, onde facilmente se identificam diversos elementos arquitetónicos utilizados nas habitações unifamiliares construídas em Sintra e junto às praias durante a I República.

Construir moradias de veraneio para uma pequena burguesia que desejava instalar-se nos meses de vilegiatura, não implicava que o seu programa fosse tão complexo quanto as casas de permanência, mas ao mesmo tempo tinha que garantir que as suas morfologias se relacionassem diretamente com as ideologias da vida privada da família e ir de encontro às suas condutas sociais e políticas. Apelava-se que a casa fosse um refúgio e um lugar de isolamento, uma vez que a esta virtude estava intrínseco o conforto e a higiene de uma moradia, sendo a sua ligação com o espaço exterior privado o local de maior relevância para um modo de vida que se pretendia conservar:



[39] *Modelo de casa de fim de semana* [Américo Vaz (Américo Vaz),1944].
Fonte: CMLC.

> “Em certos aposentos olhamos, sobretudo, ao recato e isolamento relativo da sua localização, e uma das coisas que mais encantam no conjunto duma habitação é o sentimento de independência e separação daquele mundo exterior que deixamos lá fora e que nos é estranho, indiferente e por vezes hostil.
> (…) consegue-se relativo bom isolamento da via pública por meio da adopção de um pátio de entrada, que é tanto das nossas tradições.”
>
> (Lino, 1992: 24-25)

> “(…) «casa fim de semana», para que possa cumprir a missão que lhe impomos, tem de ser a casa de repouzo para os nossos nervos, filtro purificador dos nossos pulmões, a distracção do nosso espírito. Enfim, pretende-se que a «casa de fim de semana» proporcione aos seus ocupantes, a despreocupação das muitas complicações da vida citadina, vivendo êsse fim de semana ou férias, num ambiente natural, são e tranquilo.”
>
> (Vaz, 1944: 1-2) [anexo III]

O discurso de Américo Vaz para a realização de uma conferência sobre a Rinchoa identificou precisamente a arquitetura regional enquanto a imagem desejada para as casas que deviam ser concebidas na Quinta Grande:

> “Na construção duma «casa de fim de semana», exije-se que seja duma arquitectura caracteristicamente regional, dum estilo próprio, que se harmonize com os usos e costumes das povoações. Sómente o material da região deve ser empregado, a pedra arrancada alí e trabalhada na obra, disposta como elemento decorativo, presta-se admirávelmente. ”
>
> (Vaz, 1944: 1-2) [anexo III]

No desenho das moradias exaltavam-se elementos caracterizadores da habitação vernacular e que simultaneamente transmitiam um espírito conservadoramente nacionalista, como os alçados movimentados desdobrando-se em volumes, a utilização de pedra à vista no guarnecimento dos vãos ou dos embasamentos, o uso de alpendre, da caiação, do telhado com elogio ao *beiral à portuguesa*, das chaminés, dos azulejos, do telhado saqueado – um processo de *rustificação* aquando da “imitação paradoxal da natureza por elementos artificiais” (Ackerman 1995 citado por Leal, 2000: 137).

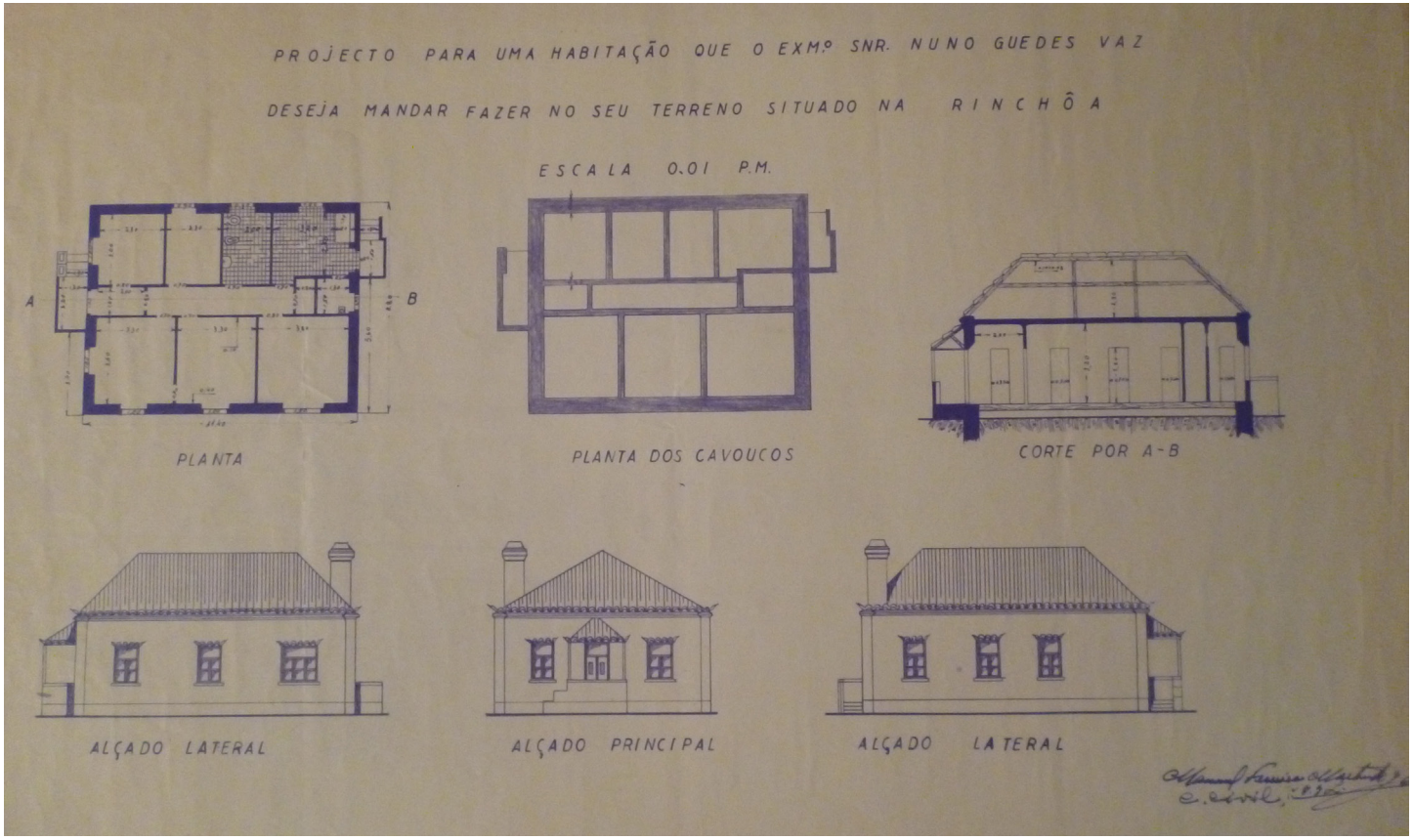
Uma vez que a *Comissão* era a exclusiva protagonista de todas as intervenções urbanas, o modelo criado serviu como bitola para a imagem e organização do interior das moradias que viriam a ser desenhadas e construídas pelos sócios projetistas. Segundo o modelo, a entrada da habitação era o momento mais importante para transmitir a ideologia de um modo de vida apologista do ar puro e do sol, e que ao mesmo tempo fazia a transição entre o espaço público e o espaço privado "papel (…) exercido (…) pelo alpendre ou pelo jardim" (Leal, 2000: 137). O alpendre em particular, pretendia mostrar que já não se estava em lugar público, o que obrigava a quem entrava a um compasso de espera, evitando que o lar fosse facilmente devassado. Por outro lado, este sempre estivera nas nossas tradições como defesa contra o excessivo calor, que se destinava ao abrigo durante as horas mais quentes dos dias estivais.

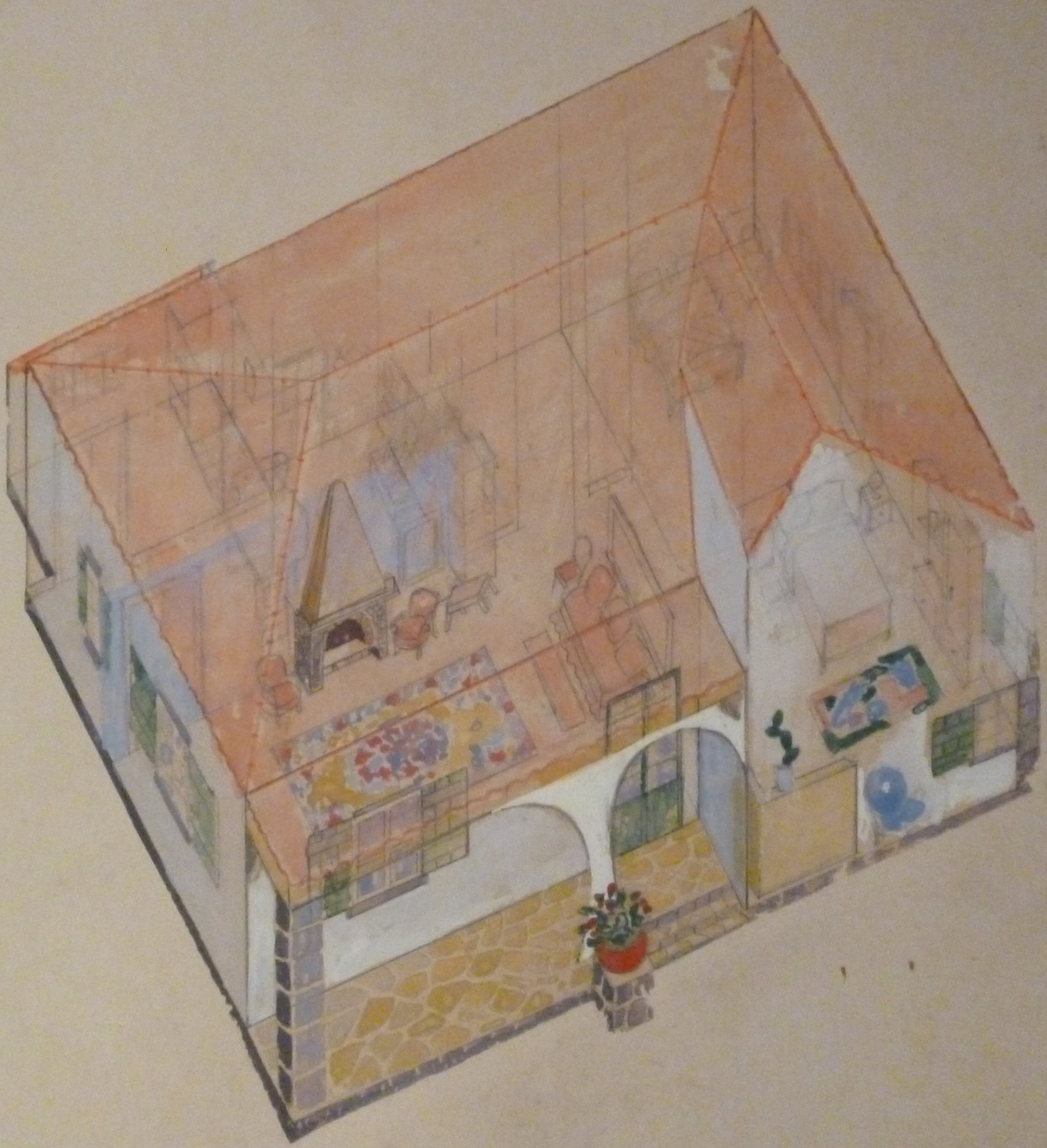
Quanto às tipologias, estas eram bastante simples e com áreas relativamente modestas. Possuíam um ou dois quartos, casa de banho e espaços de trabalho devidamente resguardados das zonas sociais, a sala - pelo contrário - devia ser a área principal do interior da habitação e por isso, era permitido relacionar-se para o exterior da mesma. A localização da cozinha merecia especial atenção, segundo os ideais projetados para a *casa portuguesa* "não *havia* necessidade de se perceber pelo olfacto de que lado ela fica, e é bem assim conveniente que nas salas e nos quartos não possamos ouvir o que por aquela região se passa." (Lino, 1992: 26; itálico nosso). Por último, a possibilidade de um espaço de dormitório destinado à criada que acompanhava a família, caso se enquadrasse com os hábitos familiares [40, 41, 42 e 43].

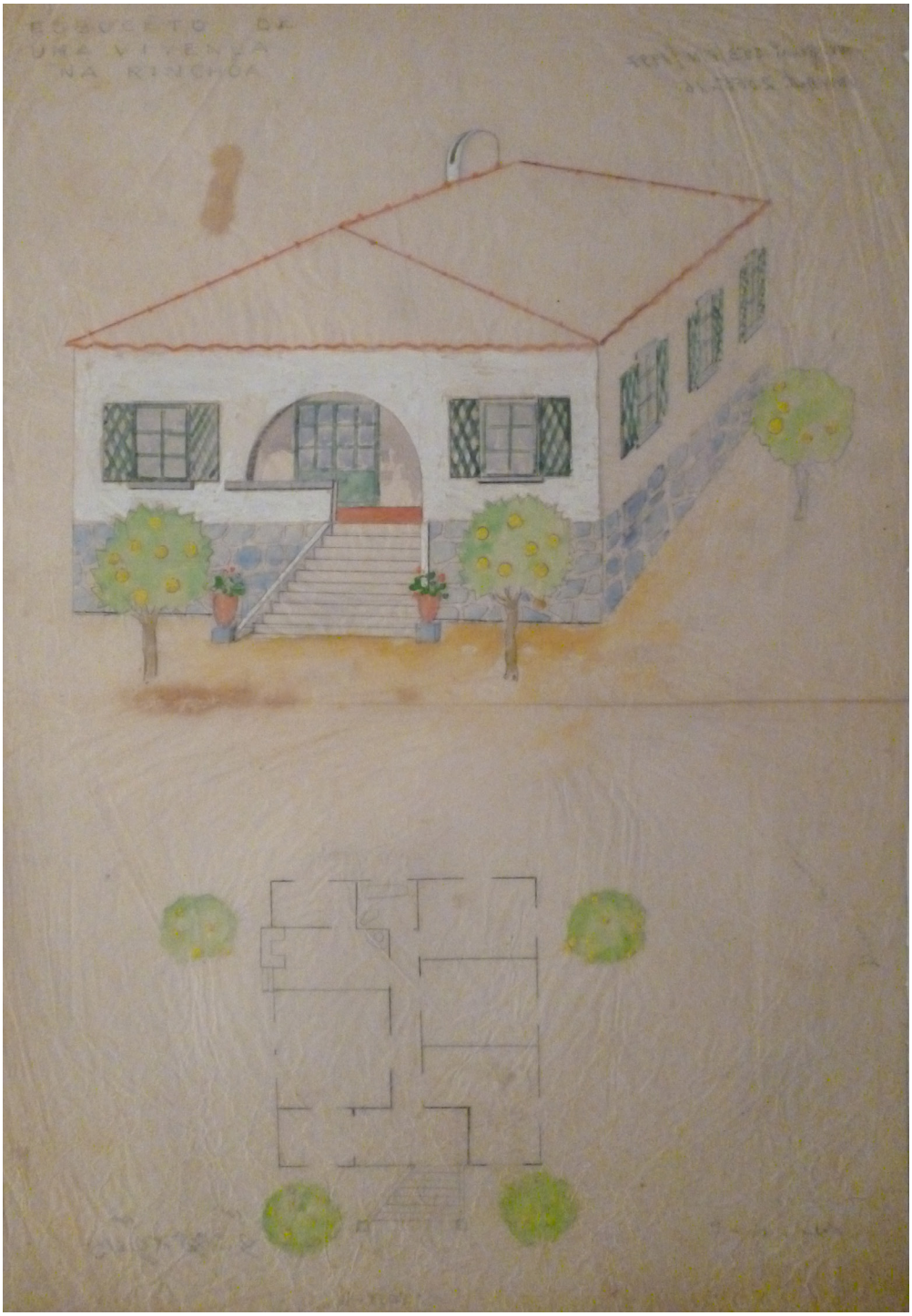
A imagem pública da Rinchoa transformou-se radicalmente desde o início dos anos 40 até meados de 1960, em termos demográficos e de ocupação territorial. No ano de 1940 esta localidade resumia-se a 173 pessoas presentes e 159 fogos, quando em 1960 o INE contabilizou 545 pessoas residentes e 234 fogos (1957 foi um ano de viragem para a zona proveniente da eletrificação da linha de Sintra, que facilitou o acesso e a fixação permanente da maioria das pessoas) [44]. O crescimento do edificado ficou também testemunhado através de uma cartografia da época [45]. Segundo o qual se perceciona o crescimento urbano da Quinta Grande conforme um plano urbanístico regulado executado pela *Comissão de Melhoramentos e Iniciativas*, cujo terreno era divido em lotes e posteriormente executado o projeto da habitação.

[40] *Projecto para uma habitação que o Exmo. Sr. Nuno Vaz Guedes deseja mandar fazer no seu terreno situado na Rinchôa*, s.d.
Fonte: CMLC.

[41] Axonometria de uma casa da Rinchoa [Leal da Câmara (n.ass.), s.d.].
Fonte: CMLC.







[42] *Projecto de uma vivenda na Rinchoa* [Leal da Câmara (n.ass.), s.d.].
Fonte: CMLC.



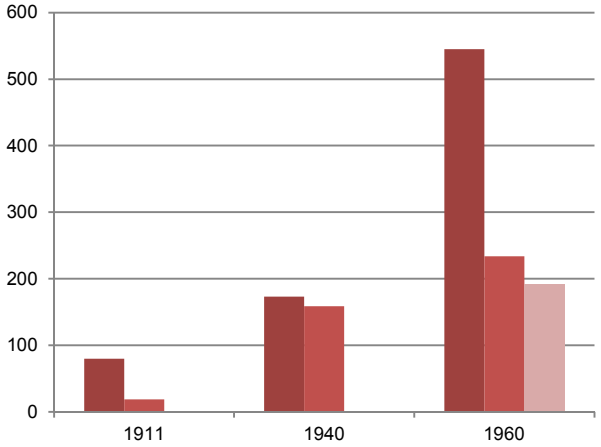
[43] Axonometria explodida de uma casa para ser construída na Rinchoa e a relevância que ela desempenha no enquadramento natural [Leal da Câmara (n.ass.), s.d.].
Fonte: CMLC.





População residente
Número de fogos
Número de edifícios

[44] Crescimento populacional e de edificado na Rinchoa entre 1911 e 1960.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 1960.



[45] Cartografia da Rinchoa em 1960.
Fonte: JFRM.

Mas não é só de números e de crescimento do edificado que se fez esta mudança, pelo contrário, foi acima de tudo uma mudança social e no modo de vida suburbano deste local em específico [46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52]. Num local onde antes era comum encontrar-se homens e mulheres trabalhadores do campo, em duas décadas essa realidade alterou-se por completo. Agora o comum seria circular pelas ruas e encontrar *meninos de bibe* e criadas, adultos em momento de recreo durante o dia e em programas culturais de *soirées* durante a noite, transformação da total dedicação de um morador artista, que não tinha qualquer formação em arquitetura, Leal da Câmara:

> "(…) A Quinta Grande era, então, um delicioso mundo à-parte, dividida por montes e vales, por pinhais e olivais e habitada por homens rudes que procuravam, no seu seio ubérrimo, o magro sustento de cada dia e os lucros pingues para um senhor meio feudal (…) Foi quando um grande artista, um dos poucos que nêste século viu inscrito o seu nome ao lado dos mais celebrizados estrangeiros, teve um sonho delicioso. Transformar esta Quinta Grande numa Nova Tormes, numa Tormes queiroziana, (…) Dêsse sonho, que alvoraçou durante alguns anos a eterna juventude do artista, nasceu a nova Rinchôa, bilhete postal colorido que apetece encaixilhar e que aí está bem patente, visível, com meia dúzia de casas de estilos mais ou menos rústicos, de características portuguesas, de cunho tradicional."
>
> (Aguiar, 1944: 2) [anexo IV]

> "Quem conhecia os subúrbios de Lisboa e se encontra perante a campina urbanizadora, com moradias casquilhas aqui e além, meninos de bibe comprado na Rua do Ouro e manobrar pás e baldes coloridos, criadinhas de avental branco, poderá dizer para os seus botões: onde estou eu? (…) Por inspiração sua [Leal da Câmara] fundou-se uma sociedade que adquiriu os terrenos de mato e piçarra e os repartiu em ruas e talhões. O artista dirigiu a publicidade, organizou ali vários certames (…) Ao mesmo tempo, metia à cara, americanamente, os terrenos de construção: *Quere bom ar? Quere tranquilidade? Quere saúde? Compre cem metros de terreno na Rinchoa.*"
>
> (Ribeiro, 1981: 97-98)



[46] Avenida das Acácias, por volta de 1950.
Fonte: http://www.mlfonseca.net.



[47] Vivenda na Quinta Grande, por volta de 1950.
Fonte: http://www.mlfonseca.net.







[48] *Vivenda José na Rinchoa* (Frans Brouwers, s.d.). Fonte: http://www.panoramio.com/.

[49] *Vivenda Maria José* na Rinchoa (Frans Brouwers, s.d.). Fonte: http://www.panoramio.com/.





[50] Avenida das Acácias, 2013.
Fonte: Fotografia do autor


A CASINHA
DA
COLINA



[51] *A casinha da colina na Quinta Grande*, 2013.
Fonte: Fotografia do autor.




VIVENDA
SANTO ANTONIO



[52] *Vivenda Santo António na Quinta Grande* - reprodução de elementos da natureza nos azulejos e na guarda, 2013.
Fonte: Fotografia do autor.

RINCHOA I: CONSTRUIR ENQUANTO A SOCIEDADE ESTÁ EM TRANSIÇÃO (1960-1980)

Resistentes ao imaginário conservador imposto pela Propaganda do Estado Novo e desejosos de experimentar novos desígnios de uma arquitetura *Moderna*, surge em 1948 no I Congresso Nacional de Arquitetura, uma nova geração de arquitetos portugueses (Grande, 2002). Por esta via, durante os anos 50 surgem os primeiros passos determinantes em matéria de alteração de pressupostos arquitetónicos e sociais, com o Estado Novo a reconhecer que a continuação da habitação em moradia se tornava inviável à crescente procura de pessoas pela capital. Segundo estes pressupostos, o Movimento Moderno desenvolveu-se enquanto solução doutrinária para um problema eminentemente social, sobressaindo-se pela otimização dos espaços domésticos e pela economia construtiva dos edifícios. Todavia, é apenas no final desta década que o paradigma moderno é totalmente integrado em Lisboa por via do setor público, como os casos de Olivais Norte e Sul (1959). Não se revelando grandes alterações no que diz respeito aos modelos habitacionais, os anos 60 ficaram caracterizados pelo arranque expressivo do início do processo de metropolização de Lisboa iniciado na década anterior, que consequentemente conduziu a um novo modo de habitar, onde a distância do espaço residencial relativamente aos espaços de trabalho e lazer aumentaram (Pereira, 2012).

Despoletada pela lógica metropolitana referida, na Rinchoa notou-se um crescente número de interessados pertencentes à classe média que após 1957, ano da eletrificação da linha de Sintra, mostravam o seu interesse em instalar-se permanentemente neste território, precisamente pela sua facilidade de acessos. Foi no final dessa mesma década, 1959 para ser exato, que a empresa local *Urbanil – Empresa Urbanizadora da Rinchoa, Lda.* (legatária da *Urbanizadora Rinchoense, Lda.*) convidou o arquiteto Ruy Jervis d'Athouguia a executar o Plano de Urbanização da zona delimitada como Rinchoa I – terreno imediatamente ligado a sul pelo

troço ferroviário.

O plano concebido pelo arquiteto teve como pressuposto a intermediação entre a escala do aglomerado de baixa densidade das moradias da Quinta Grande e a zona de expansão que deveria resolver o atual problema de crescimento demográfico. A ascendente procura de habitação exigiu uma resposta baseada em construções verticais, suportado por tipologias de habitação plurifamiliar de habitação principal.

Segundo a Memória Descritiva, o plano previa a construção de:

Valores	Regime de ocupação do solo
11,3ha.	Zona habitacional individual
10,6ha.	Zona habitacional coletiva
5,6ha.	Edifícios de interesse público

Analisando mais atentamente o plano executado [53] e cruzando a informação descritiva do projeto, considerava-se:

- *zona habitacional individual*, a construção de moradias unifamiliares em lotes independentes, assim como de moradias em ordem contínua com pátio interno, que deviam ser construídas "na zona alta da periferia do aglomerado";
- *zona habitacional coletiva*, aquilo a que o autor do projeto chamou de "blocos de habitação colectiva com características de parque", localizados "na zona central" adjacente ao caminho ferroviário;

> "A quase totalidade das habitações deste aglomerado [zona habitacional individual], tanto as individuais como as colectivas estão dispostas de maneira a terem vistas desimpedidas em qualquer dos pisos; os blocos estão sempre, ou desnivelados ou desviados de tal forma que se consiga esta aprazível particularidade."
>
> (Ruy d'Athouguia, 1959)

- na área prevista para a construção de *edifícios de interesse públicos*, previa-se a instalação de gare de camionagem, escola primária e infantário, igreja, hotel, casa de chá, biblioteca, uma clínica e dois centros comerciais e de diversão.



1-igreja 2-intendência 3-centro comercial 4-estação de serviço 5-cinema 6-gare de camionagem 7-apeadeiro dos C.F. 8-escola 9-casa de chá 10-clínica 11-hotel 12-moradias contínuas 13,13A-moradias 14-biblioteca

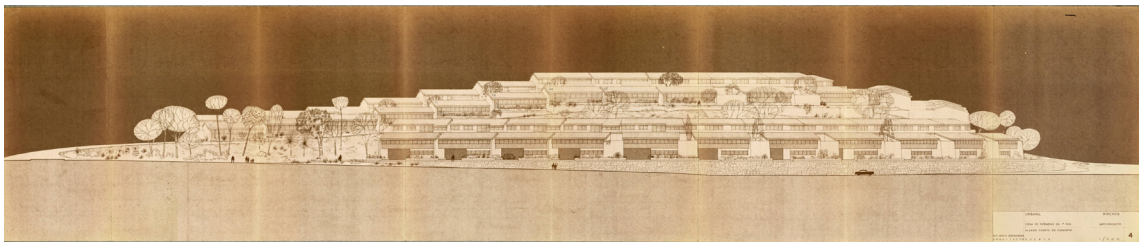
	SINCHOA – RIO DE MO
	VARIANTE AO PLANO DE ALI
	ESTUDO DE CONJUNTO DA ZO
ROY JENKS D'ATHOUGUIA	PLANTA DE APRESEN
	N.º 657

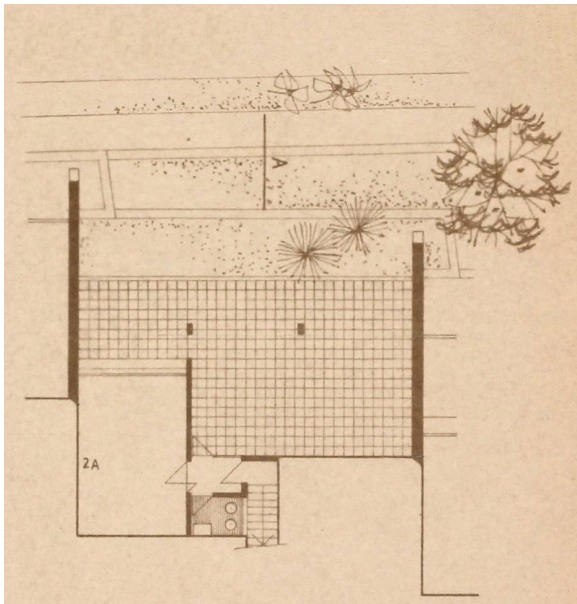
Na parte norte e mais alta do território foram pensadas moradias unifamiliares em lotes independentes, estas eram destinadas a alojar os principais sócios da *Urbanil*. Por outro lado, o arquiteto projetou também moradias em banda, onde era possível qualquer família ter o seu espaço exterior privado a partir de um pátio [54].

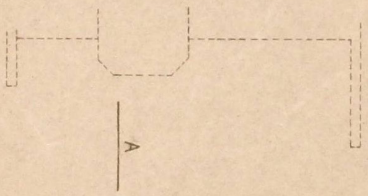
As tipologias eram semelhantes entre si, usufruindo dos declives naturais para criar diferentes graus de privacidade. Segundo o exemplo apresentado na imagem [55 e 56], a moradia organizava-se em 3 pisos: no rés-do- chão encontrava-se um eventual espaço de *atelier* (2A) com aberturas para o espaço exterior; no 1º piso realizava-se a entrada a partir de um *hall* (5), assim como um espaço de escritório (2), zona de serviços complexa com quarto da empregada (3) e respetiva instalação sanitária estritamente vinculadas à zona de engomadoria (4), um pequeno pátio para o estendal (9) e a cozinha (8), a zona social foi desenhada para ser o espaço central da casa com sala de jogos (10), sala de estar (6) e sala de jantar (7) que apesar de comunicarem entre si eram compartimentadas e delimitadas através de um estreitamento da passagem; finalmente no último piso organizava-se toda a zona íntima com quatro quartos (12), sendo que um deles possuía quarto de vestir (11) e casa de banho privada.

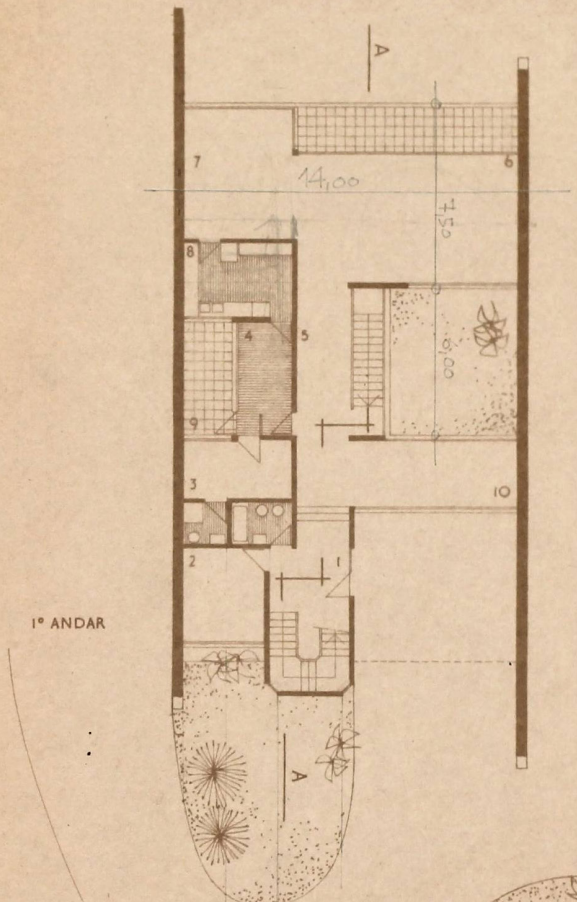
[53] Planta de Implantação do plano executado para a Rinchoa por Ruy d'Athouguia, 1968.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.

[54] Alçado poente do conjunto das moradias integradas no Plano de Urbanização da Rinchoa.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.

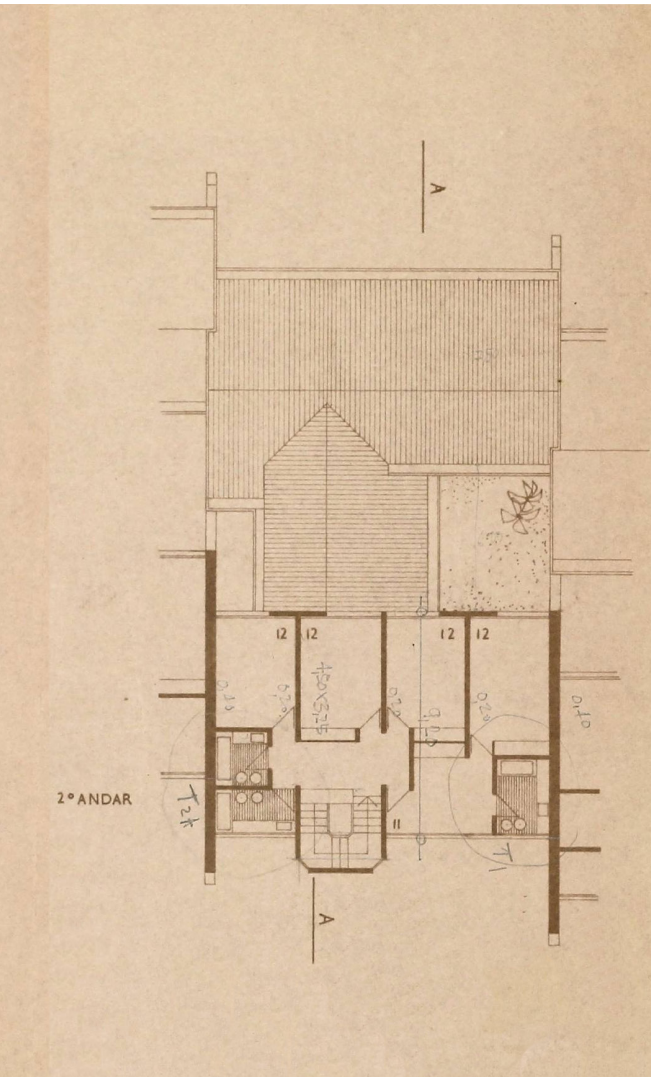






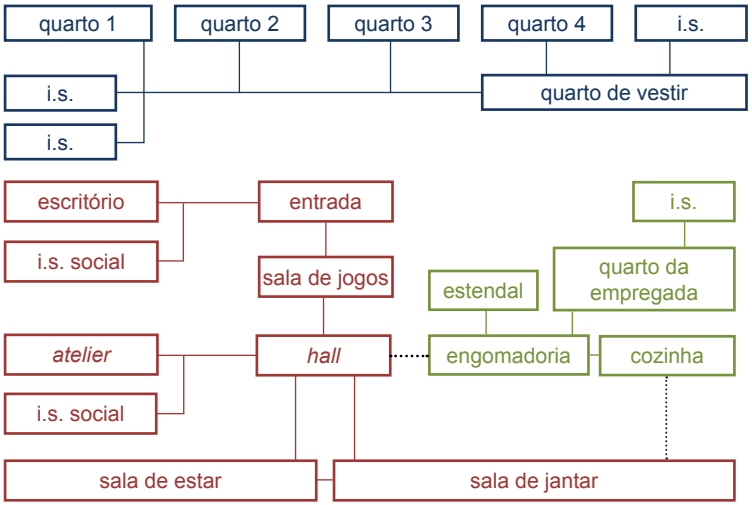


1º ANDAR



1- entrada
2- escritório
2a- *atelier*
3- quarto pessoal
4- serviço
5- *hall*
6- sala de estar
7- sala de jantar
8- cozinha
9- estendal
10- sala de jogos
11- quarto de vestir
12- quartos

[55] Plantas das moradias tipo E no Plano de Urbanização da Rinchoa.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.



[56] Organigrama da tipologia de habitação unifamiliar do plano de Athouguia.
Fonte: Montagem do autor.

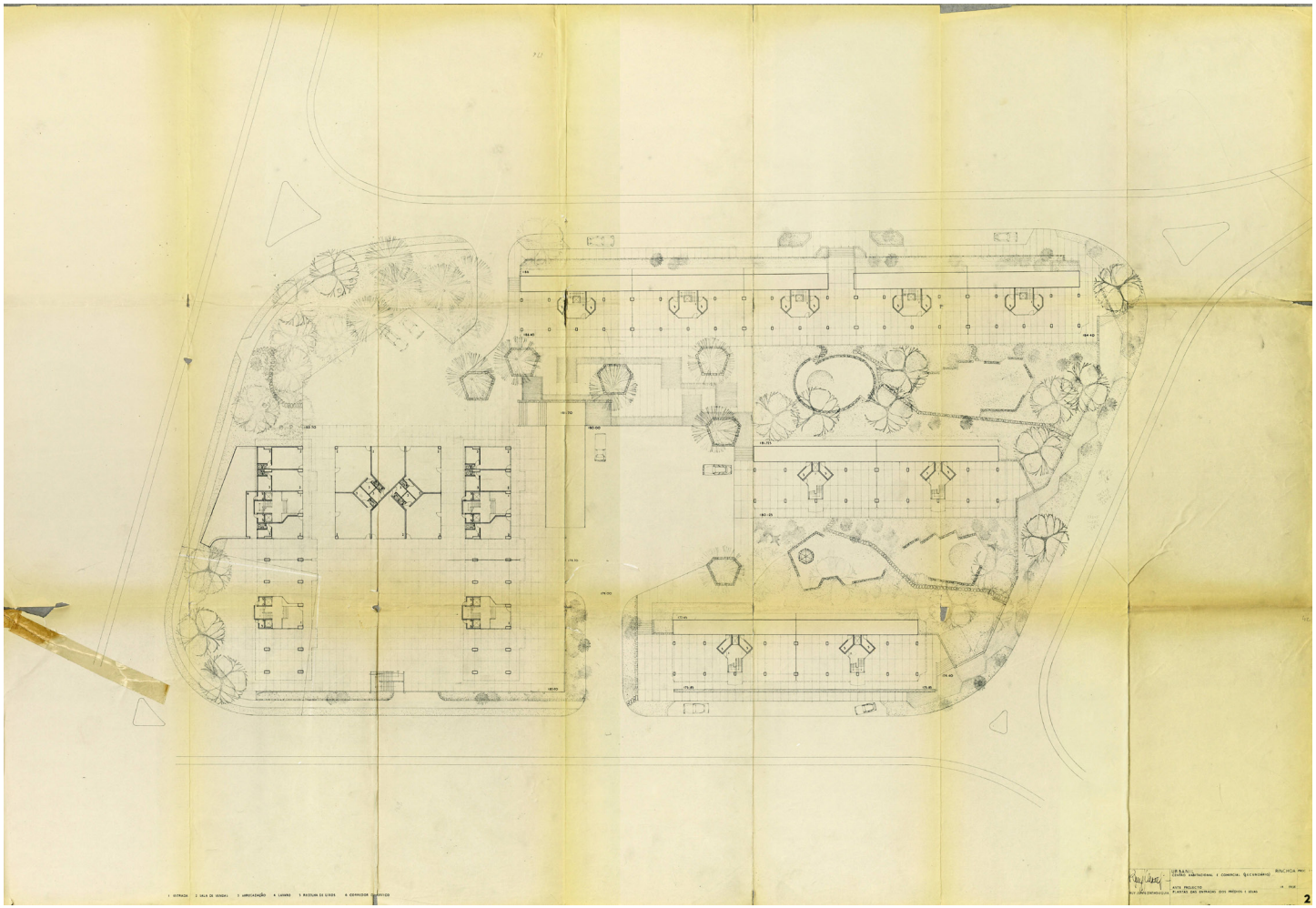
Por sua vez, os edifícios de habitação coletiva projetados para a Rinchoa fundamentaram-se nos mesmos pressupostos utilizados na principal obra do autor, o Bairro das Estacas (1949-1958). O projeto para a Urbanização da Rinchoa substituía o conceito de quarteirão presente na Quinta Grande pela ideia de espaço verde que funcionava entre os vários blocos habitacionais. Estes eram elevados do terreno sobre pilotis criando uma transparência sob os edifícios possibilitando o rápido atravessamento pedonal. Era neste nível que se distribuíam os espaços comerciais e os acessos às habitações, e o estacionamento automóvel na cave ou no rés do chão [57 e 58].

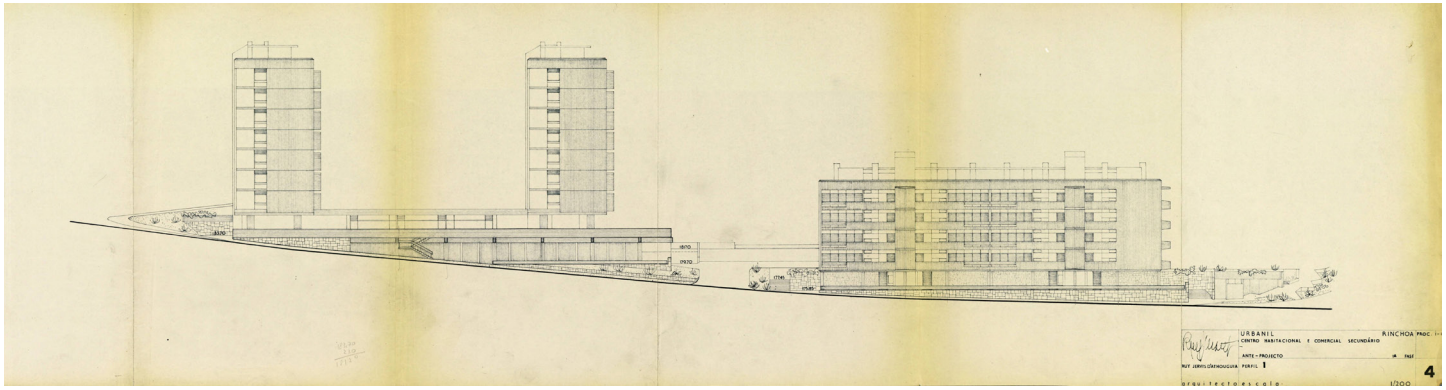
No que se refere aos espaços domésticos das habitações coletivas [59 e 60], estes foram projetados dentro dos mesmos moldes da habitação unifamiliar, com a manutenção de um público-alvo conservador com capacidade económica acima da média, como ficou claro na descrição da tipologia das moradias. As habitações eram distribuídas segundo a lógica de direito-esquerdo, onde os acessos eram realizados através de uma caixa de escadas que serviam de serventia à zona de serviços e por elevador para o acesso dos moradores.

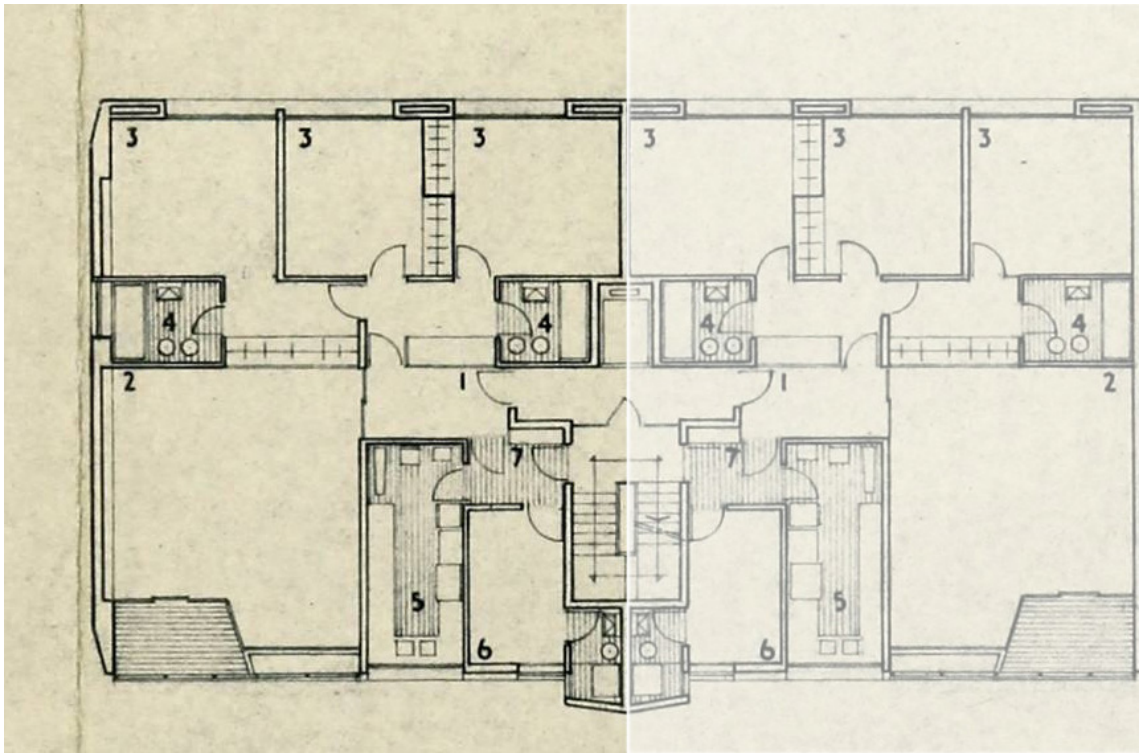
A planta quadrangular poderá ser divida em 3 áreas: social, serviços e íntima. A zona de serviços resumia-se à zona de entrada onde se efetuava a queda do lixo (7), a cozinha (5) com área de copa, de engomadoria e de lavagem, assim como a agregação de um quarto para a empregada (6) com instalação sanitária individual. A zona social resumia-se à sala comum (2) sem qualquer definição dos espaços de refeição ou de estar. A zona íntima era segregada ao resto da casa através de uma porta, nesta zona localizava-se uma casa de banho de uso comum (4), dois quartos e uma *suite*.

[57] Planta parcial do piso térreo com lojas e entradas dos edifícios.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.

[58] Alçado de conjunto dos edifícios de habitação coletiva do Plano de Urbanização da Rinchoa.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.

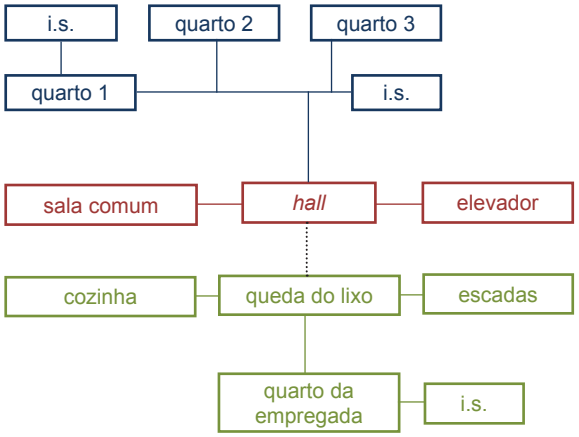

URBANIL
CENTRO HABITACIONAL E COMERCIAL SECUNDÁRIO
RINCHOA PROC
ANTE-PROJECTO
PLANTAS DAS ENTRADAS DOS PRÉDIOS E LOJAS
2


URBANIL
CENTRO HABITACIONAL E COMERCIAL SECUNDÁRIO
RINCHOA PROC
ANTE-PROJECTO
PERFIL 1
4
arquitectura escala
1/200



1- *hall*
2- sala comum
3- quarto
4- i.s.
5- cozinha
6- quarto da criada
7- queda de lixo

[59] Tipologia das habitações coletivas projetadas no Plano de Urbanização da Rinchoa. Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa – CML.



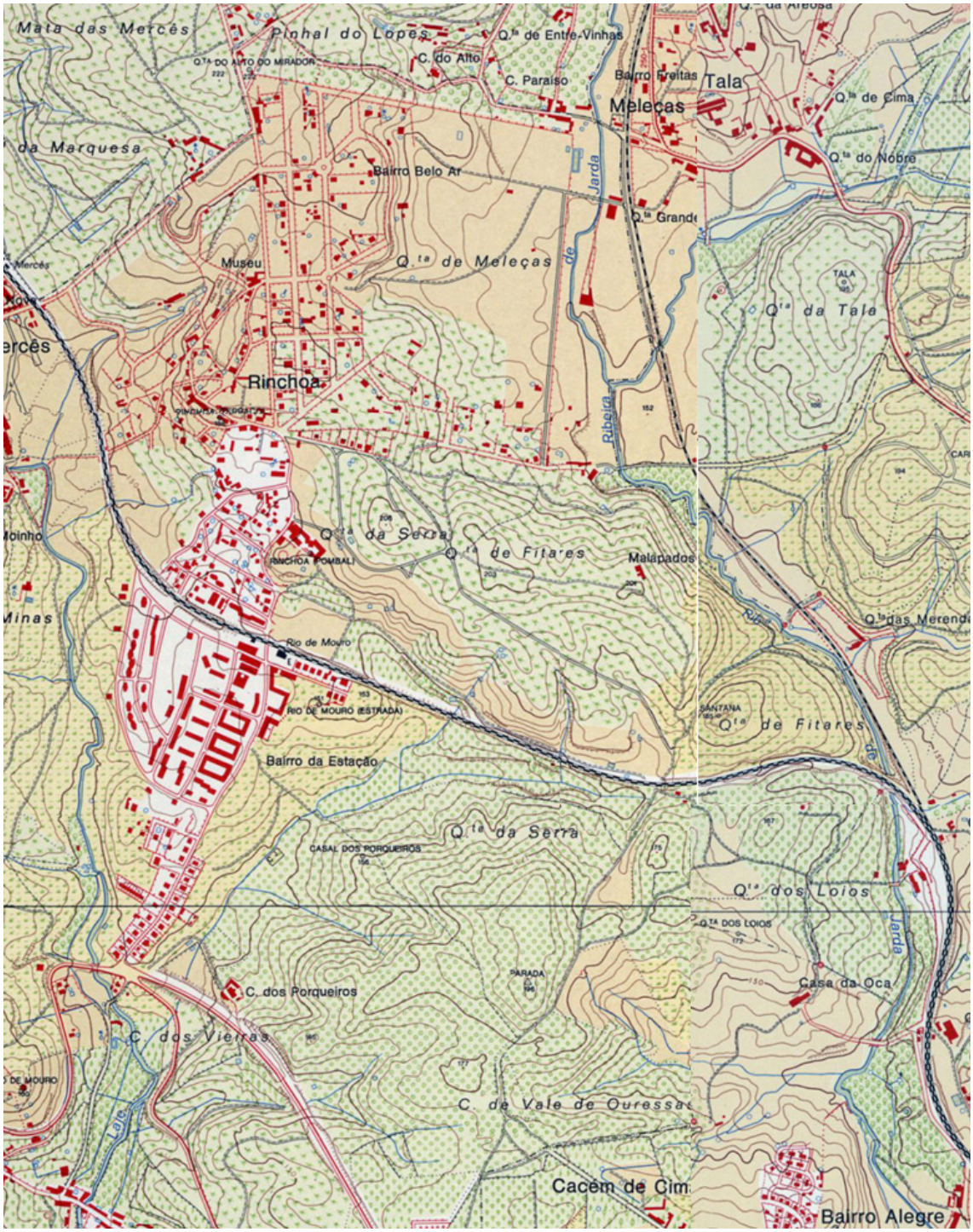
[60] Organigrama da tipologia de habitação coletiva do plano de Athouguia. Fonte: Montagem do autor.

Após a descrição das tipologias projetadas por Ruy d'Athouguia é possível afirmar que o local assistiu a um plano cujo tipo habitacional se designa por *transição tradicional-moderno* (Pereira, 2012). Este tipo habitacional é caracterizado pela adoção parcial da matriz moderna, designadamente no que diz respeito à organização geral da casa de acordo com as suas funções: zona social, serviços e íntima. Contudo, diferencia-se daquela uma vez que: i) mantém a mesma complexidade na zona dos serviços que as habitações da Quinta Grandel; ii) adere à ideia de sala comum, ainda assim com demarcação da função de estar e jantar, caso apenas detetado nas habitações unifamiliares; iii) a existência de uma distinção ao nível da entrada principal e de serviço no que se refere à habitação coletiva, contudo esta distinção entre entradas não é assumida ao nível do piso térreo, mas unicamente nos pisos de distribuição das habitações.

Talvez o traço mais marcante desta modernização na Rinchoa, quando comparado com o plano executado anteriormente na Quinta Grande, terá sido a nova forma assumida pelo edifício, sem a típica hierarquização da frente de rua e da traseira e a homogeneização do espaço público. Isto é, antagónico à importância dos espaços exteriores privados na Quinta Grande, destaca-se nas tipologias unifamiliares projetadas por Ruy d'Athouguia a projeção de um pátio com 36m^2 ou uma varanda para as habitações coletivas. Esta desvalorização terá que ver com o facto do pensamento moderno eleger os espaços urbanos comunitários ao invés dos espaços individualizados.

Em meados da década de 70 e com o projeto a decorrer, a *Urbanil* foi vendida a outros proprietários que não se manifestaram interessados pelo plano até aqui desenvolvido, pretendendo um novo estudo com maior densidade populacional e características mais "utilitárias". O arquiteto Ruy d'Athouguia inicialmente ainda aceitou a colaboração do arquitecto António Sárrico dos Santos, autor da *Célula Habitacional da Reboleira Zona Sul* (Nunes, 2011), porém em 1971, Athouguia abandona o projeto pelo crescente estremar de relações, sem nunca ter deixado obra da sua autoria na Rinchoa.

A ocupação urbana até esta época manteve-se praticamente inalterada, composta apenas por uma zona que cresceu sem regulamentação agregada ao principal acesso proveniente da estação de Rio de Mouro e pela Quinta Grande, plano urbano executado no início dos anos 40 onde predominavam as moradias unifamiliares de segunda residência com os seus jardins privados [61].



[61] Rinchoa - Vista parcial da cartografia de 1971.
Fonte: Instituto Geográfico Português.

Com o objetivo de tirar o máximo proveito da sua propriedade, a promotora-construtura *Urbanil* acabou por tomar responsabilidade da exploração dos terrenos da Rinchoa e requereu a António Sárrico dos Santos[16] a conclusão do projeto de Athouguia. Este utilizou o princípio anteriormente aludido de "blocos de habitação coletiva com características de parque", tal como afirmou Augusto Krusse Afflalo na seguinte citação:

[16] António Sárrico dos Santos – Técnico inscrito nº 1307.

"O primeiro dos estudos urbanísticos realizado pelo arquitecto *Ruy d'Athouguia* para a zona vastíssima em referência era grandioso, crendo nós que os actuais detentores desse terreno não fugirão grandemente à execução daquele estudo. (…) Aquilo a que chamamos *Cidade Jardim* é, praticamente, o prolongamento do actual aglomerado constituído pelo Bairro Novo [anteriormente chamado por Quinta Grande e neste trabalho referimo-nos sempre a este território com o nome original] (…) O antigo projecto que - como já dissemos – pouca diferença fará do que vai surgir (…)"

(Afflalo, 1969: 41; itálico nosso)

O novo projeto foi constituído em 2 fases de construção, sendo possível projetá-lo e construi-lo entre 1971 e 1978 [62]. Durante a 1ª fase de trabalhos foram executados 29 edifícios com características semelhantes ao nível da fachada e com um espaço público comum entre os lotes, denominado como a Praceta do Rouxinol. Concluída a sua construção, a sua exploração foi entregue à Cooperativa de Habitação Tejo, S.A.C.R.L. (Sociedade Anónima Cooperativa de Responsabilidade Limitada) que a preços acessíveis passou a arrendar ou a vender as habitações.

No que se refere ao pensamento da 2ª fase do projeto de urbanização da Rinchoa I foram construídos 70 edifícios: 49 destes edifícios foram pensados em conjunto de modo a conceber 3 pracetas – a Praceta das Mimosas, a Praceta das Camélias e a Praceta das Amoreiras, os restantes organizavam-se em banda paralelos às ruas.

A particularidade deste projeto urbano residiu precisamente na implantação dos seus lotes que em conjunto compunham um *"bloco" dividido* (Prinz, 1980) com a forma de U. Ao aproximar dois conjuntos era possível valorizar o espaço excedente com espaços exteriores que criavam locais de contacto social e um percurso reservado a peões, por onde se acede aos serviços e às habitações [63]. Esta implantação ainda possibilitava aumentar a segurança, uma vez que as vias de circulação de peões e dos veículos foram pensados como sistemas independentes.



[62] Cartografia da Rinchoa entre 1978-1982. Fonte: Montagem do autor, Cf. Divisão dos Sistemas de Informação - CMS.



[63] Vista aérea da Praceta das Mimosas – vista parcial da 2ª fase do plano da Rinchoa. Fonte: Montagem do autor, Cf. http://www.bing.com/maps/, 2013.

O projeto edificado ao abrir estes “interiores de quarteirão” tornou-se promotora da supremacia dos espaços de encontro entre diferentes pessoas, realidade antagónica à implantação presente na Quinta Grande, onde o convívio entre moradores era executado nas infraestruturas com esse fim, como o caso do casino. Estas intervenções marcam na Rinchoa o início da dimensão urbana da arquitetura, assim como a conceção de um modo de vida comunitário em primazia ao individual - a verdadeira adoção do *espírito novo* apelado pelo Movimento Moderno.

A diferença entre a 1ª e a 2ª fase de trabalho dá-se acima de tudo ao nível da composição das fachadas, mais do que no que respeita à implantação. Reconhecendo-se nos edifícios da mesma fase uma familiaridade arquitetónica, ou melhor dizendo, um racionamento no que diz respeito a um modelo de edifício que é repetido até produzir as ditas pracetas. Tal como ficou escrito pelo arquiteto nas Memórias Descritivas dos projetos:

> “Cada um dos lotes, embora sujeito a um estudo de desenvolvimento individual, faz parte do conjunto geral. Este foi concebido de modo a que cada uma das peças se integre nele perfeitamente, mantendo a unidade do aspecto exterior dos edifícios e proporcionando-lhes a necessária presença no ambiente urbano circundante.”[17]

[17] SANTOS, António Sárrico dos, Memória Descritiva do Lote D5 pertencente à 2ª fase de construção do Plano de Urbanização da Rinchoa, proc. 4136/72, Arquivo Intermédio de Sintra.

A altura dos lotes podia variar entre os 3 e os 5 pisos, com o piso térreo reservado a espaços comerciais, habitação ou simplesmente para passagem entre blocos. Os pisos-tipo das habitações dispunham de dois fogos organizados em esquerdo/direito. Esta organização permitiu que cada um dos fogos dispusesse de vãos em duas fachadas opostas, respeitando as preocupações higiénicas impostas pela legislação e pela Carta de Atenas. No que diz respeito à tipologia deu-se preferência ao T2 e ao T3 nos pisos tipo e T5 em *duplex* nos últimos pisos.

Ao nível do tratamento da fachada, empregou-se a marcação de uma métrica entre os elementos: janela, varanda, parede e guarda, onde predominavam os acabamentos em ferro pintado de castanho, reboco amarelo e reboco verde na 1ª fase de construção [64 e 65] e a utilização de azulejo, reboco branco, ocre, azul seco, cor de rosa ou amarelo na 2ª fase [66]. Esta métrica nos alçados introduziu no local outra inovação imposta pelo pensamento Moderno, o tratamento igualitário entre fachada da frente e a tardoz e por isso mesmo, a ausência de hierarquização ou de definição do que é frente e traseira, chegando ao ponto se desenhar a entrada para as habitações através do “interior dos quarteirões”, em vez de ser pela rua como era realizado anteriormente [67]. Outro elemento que demarca a rutura da arquitetura moderna pela diferenciação entre as fachadas é a sua associação com a organização interior da casa.

Enquanto nas habitações unifamiliares da Quinta Grande a fachada principal era reservada exclusivamente para a sala (zona social), na Rinchoa I a fachada por onde se realiza a entrada é reservada para a zona privada da habitação.

Estamos por isso a falar da construção destes lotes conforme um sistema de pré-fabricação que assegurava rapidez e económica execução.



[64] 1ª Fase da Rinchoa I - Praceta do Rouxinol, 2013. Fonte: Fotografia do autor.





[65] 1ª Fase da Rinchoa I - Praceta do Rouxinol, 2013. Fonte: Fotografia do autor.



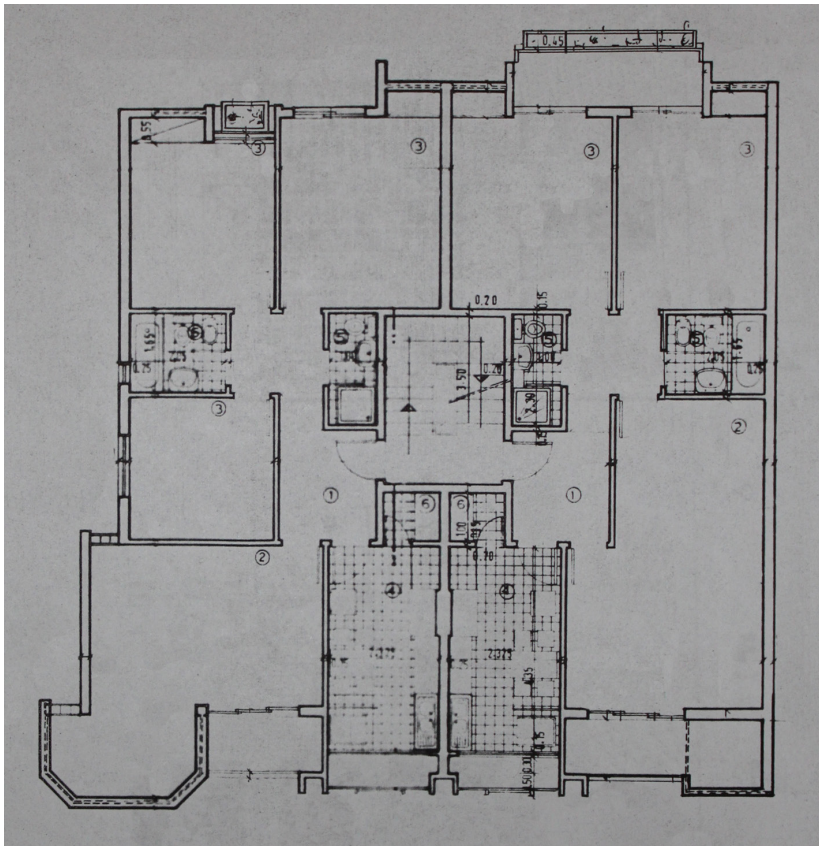
[66] 2ª Fase da Rinchoa I - Praceta das Camélias, 2013. Fonte: Fotografia do autor.



[67] 2ª Fase da Rinchoa I - Praceta das Camélias, 2013. Fonte: Fotografia do autor.

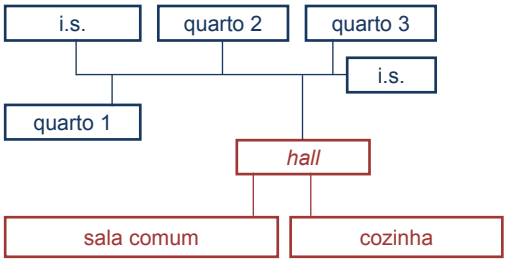
No âmbito da abordagem aos espaços domésticos, os fogos foram realizados segundo a matriz *Moderna*, destinada a um público-alvo com escasso poder económico, tal como foi introduzido pela exploração da Cooperativa de Habitação Tejo, S.A.C.R.L.. Contudo, para esta análise apenas irá ser explorada a tipologia produzida durante a 2ª fase uma vez que, tendo ambos uma planta moderna dirigida ao mesmo público-alvo, denotou-se pequenas diferenças ao nível da organização dos fogos das duas fases de execução, elegendo a planta-tipo construída na 2ª fase por ser a mais reiterada no local.

A morfologia da casa está segregada às suas lógicas de utilização, isto é, zona privada (quartos e casas de banho) e zona pública (cozinha e sala) como será possível identificar já de seguida [68 e 69]. A habitação é composta exclusivamente por uma entrada acedida através de um patim comum onde se localizam a caixa de escadas e os elevadores. Nos dois casos, visto que o andar-tipo alberga duas tipologias diferentes apesar de serem praticamente simétricas, a entrada circunscreve a zona privada da zona social a partir de um *hall* (1). A sala [70] (2) que é comum, não tem qualquer delimitação de uma área de estar e outra de jantar, esta entendida como o foco da vida familiar e por isso mesmo, é o espaço que comporta maior área. Ao lado da sala, localiza-se a cozinha [71] (4), neste caso bastante mais simplificada quando comparada com a tipologia idealizada pelo arquiteto Ruy d'Athouguia. Os quartos (3) foram desenhados com áreas semelhantes, de forma equitativa e com relativa simplicidade, sem qualquer diferenciação entre os indivíduos da família. Esta modificação ao nível do desenho dos quartos propagou-se de igual modo às casas de banho (5), isto porque, a casa de banho privada foi suprimida e por isso mesmo, as casas de banho tornaram-se de uso comum. A diferença dos fogos surge apenas na eliminação de um dos quartos, possibilitando que a habitação do lado direito possua uma sala maior.



1- *hall*
2- sala comum
3- quarto
4- cozinha
5- i.s.
6- despensa

[68] Andar-tipo projetado pelo arquiteto António Sárrico dos Santos (2ª fase do plano da Rinchoa I).
Fonte: Arquivo Intermédio de Sintra – CMS - Proc.4136/72.



Zona social

Zona privada

[69] Organigrama da tipologia da Rinchoa I.
Fonte: Montagem do autor.



[70] Sala comum projetada por António Sárrico dos Santos para a Rinchoa I. Fonte: http://www.era.pt.

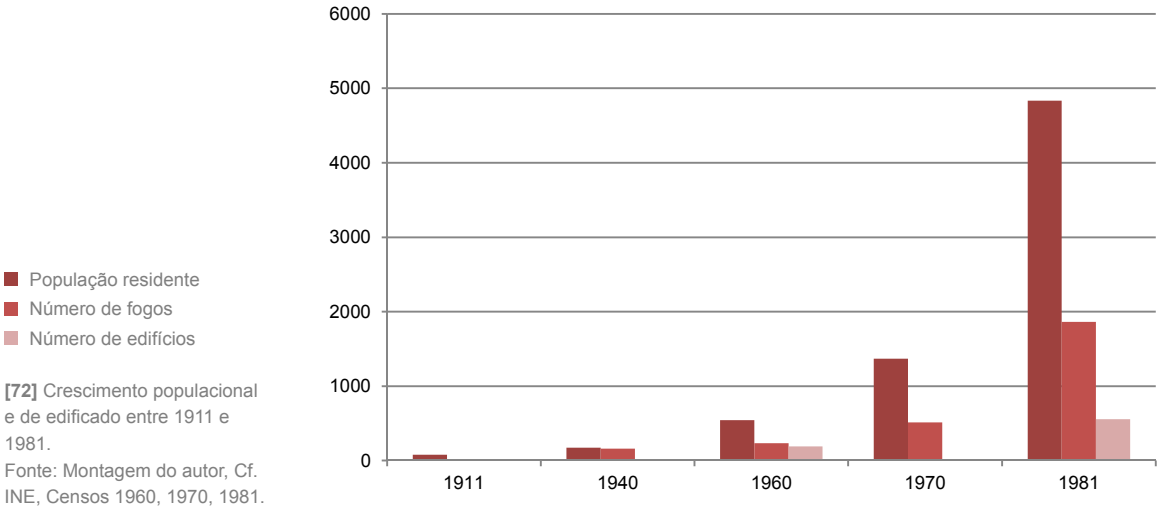


[71] *Cozinha laboratório* projetada por António Sárrico dos Santos para a Rinchoa I. Fonte: http://www.era.pt.

Esta intervenção conduziu para o crescimento populacional e de edificado do local, afirmação que pode ser comprovada com a análise estatística realizada na época pelo INE. Até 1970 o crescimento da Rinchoa era realizado gradualmente, registando 545 habitantes em 1960, cuja habitação podia variar entre a habitação rural e a moradia unifamiliar de veraneio, aumentando para 4834 residentes em 1981 (período temporal que abrange a conclusão da 1ª e 2ª fase da Rinchoa em forma de habitação coletiva). Quer isto dizer que em apenas uma década o número de moradores mais que triplicou [72].

Existem essencialmente três motivos que reunidos justificam o aumento populacional na Rinchoa após as intervenções de António Sárrico dos Santos, por um lado a crescente facilidade de acessos, sobretudo de transporte público; por outro lado, a valorização da aquisição de casa própria e da habitação nova por incentivo dos bancos; por último, o preço destas habitações era consideravelmente mais acessível quando comparadas com as de Lisboa, com a "vantagem" de se localizarem à margem da vida urbana.

Este segundo período de expansão com início em 1959 caracteriza-se por um reconhecimento das empresas promotores aderirem em absoluto ao paradigma urbanístico e habitacional moderno, é também o momento em que a arquitetura é sujeita a pressões de máxima rentabilização económica, espacial e social, motivo pelo qual o primeiro projeto realizado na Rinchoa, da responsabilidade de Ruy d'Athouguia, não foi construído.



[72] Crescimento populacional e de edificado entre 1911 e 1981.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 1960, 1970, 1981.

RINCHOA II E FITARES: ENTRE A PROXIMIDADE FÍSICA E A DISTÂNCIA SOCIAL (1980-2000)

O 25 de abril e sobretudo a entrada formal de Portugal na CEE em 1986 motivaram uma grande melhoria do nível de vida da população em geral, sobretudo em termos económicos. No que se refere aos meios suburbanos e em específico na Rinchoa, essas mudanças despoletaram um crescente número de pessoas interessadas na zona, até porque tinha sido reforçada a importância da mobilidade com a introdução ao *Passe Social ou Modal* em 1975 (Nunes, 2011). Outra grande plataforma para a melhoria de mobilidade dos residentes da Rinchoa terá sido em 1991, quando o local assiste à chegada do IC19 até Rio de Mouro. O grande progresso desta rede automóvel e a expansão do parque automóvel estimularam um novo padrão de mobilidade entre 1975 e 1985, que conjugado com o aumento dos rendimentos familiares permitiu uma complexificação dos hábitos de consumo (Salgueiro, 1997).

O lugar da Rinchoa até 1980 era relativamente pouco construída e demasiado expectante para a sua procura, ano que marca o início do ponto máximo de crescimento populacional e do edificado. No rumo da racionalidade introduzida pelo plano de António Sárrico dos Santos suportado por tipologias de habitação coletiva, surge nesta data o interesse da *Urbanil* construir num processo de urbanização com lotes em banda paralelos às vias de circulação automóvel. Segundo o qual foram realizados dois planos urbanos Rinchoa II (1980-1990) e Fitares (1984-2000) [73 e 74].

Em termos de constituição de espaço coletivo, Rinchoa II e Fitares reservaram a utilização da rua como "corredor" para aceder aos diversos edifícios programáticos, algo muito referido na arquitetura portuguesa dos anos 80 com a introdução dos centros comerciais que vinculavam os espaços de encontro (públicos) a uma infraestrutura. Ou seja, enquanto a grande conquista da implantação realizada na Rinchoa I, quando comparada com a Quinta Grande, é a

[73] Ortofotomapa da Rinchoa em 1994.
Fonte: JFRM.


-5119- 5 267 -64 300 ---- 0550 40-
WILD 15/4 UA9-S
No 13216 152.73
000088



preponderância dos espaços públicos coletivos localizados no espaço intermédio entre os lotes habitacionais, na Rinchoa II e em Fitares assistiu-se a um retorno à organização dos edifícios paralelos às vias de circulação pedonal e automóvel. Este facto poderá estar relacionado com a presença indireta de Athouguia no plano de Rinchoa I e a um aumento de especulação imobiliária e da redução da qualidade urbanística em Rinchoa II e Fitares.

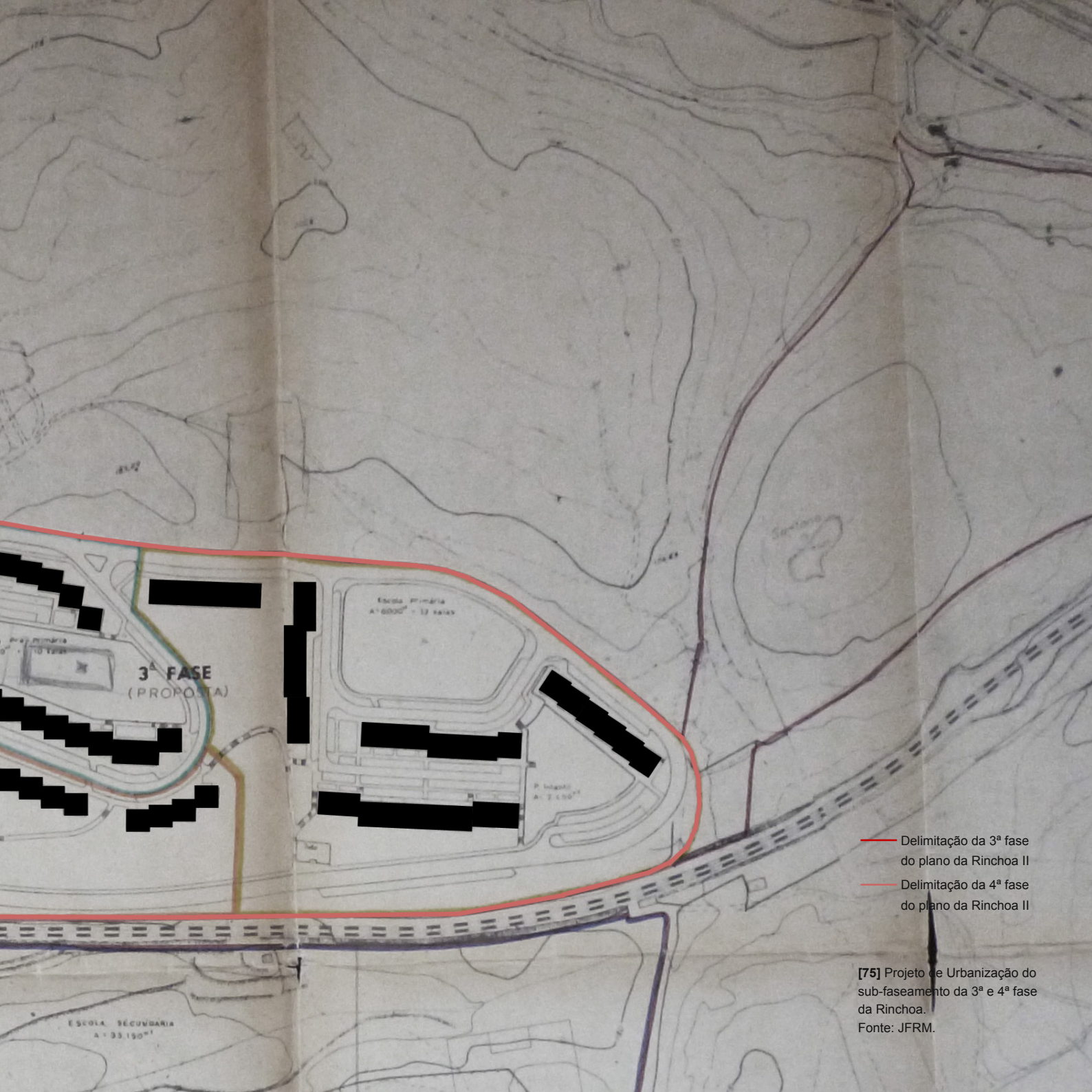
Como terá referido João Pedro Nunes (2011), estes novos projetos suburbanos ficaram caracterizados pela sua forma urbana que se impuseram pela novidade e pelo seu carácter massivo, aproximando desse modo grupos que na sua diversidade de trajetórias residenciais eram, à partida, portadores de potenciais distâncias sociais. Contudo, ao reduzir os espaços de encontro na rua, "condenaram" a Rinchoa a um local de *dormitório*, assistindo à transformação de um local pedestre que reforçava os espaços de convívio e o comércio de rua como o caso da Rinchoa I, para uma metrópole no automóvel cujo desenho urbano enfraqueceu as relações de vizinhança.

Rinchoa II corresponde à 3ª e 4ª fase do Projeto de Urbanização da Rinchoa, contudo, ao contrário do processo das fases anteriores, o seu projeto urbano foi inicialmente desenhado por um arquiteto da *Urbanil* António Rodrigues que definiu a construção de 118 lotes em 4 áreas [75]. Posteriormente estes lotes foram construídos por diferentes equipas de construção civil, cuja mão de obra foi em parte proveniente da empresa-promotora que se propôs a oferecer formação profissional a 106 jovens e integração nos trabalhos de construção do presente plano. Esta metodologia de integração profissional apontava para o aproveitamento da empresa imobiliária dos Fundos Estruturais oriundos da CEE, afirmação patente no anúncio [76]. Não foi possível identificar quantas equipas estiveram incluídas na edificação destes projetos, embora se reconheça semelhanças nas fachadas entre determinadas urbanizações, sobretudo entre urbanizações compreendidas na mesma área de trabalho ou nas suas proximidades, o que leva a crer que partilham a sua autoria.

O método de construção foi bastante simples e denominado por *urbanismo operacional* (Lamas, 1993). Cada equipa de engenharia civil estava encarregue de urbanizar os lotes que lhe pertenciam, preferenciando a rentabilização máxima dos terrenos, deste modo, as empresas projetavam um lote-modelo e posteriormente era reproduzido sucessivamente até ocupar a totalidade da sua parcela, acima de tudo, um método rápido e barato.

[74] Vista aérea – Rinchoa II e Fitares.
Fonte: Montagem do autor, Cf. http://www.bing.com/maps/, 2013.


3ª FASE (ZONA F)
(EM APRECIAÇÃO)
2ª FASE
(PARCIALMENTE REALIZADA)



Delimitação da 3ª fase do plano da Rinchoa II

Delimitação da 4ª fase do plano da Rinchoa II

[75] Projeto de Urbanização do sub-faseamento da 3ª e 4ª fase da Rinchoa.
Fonte: JFRM.

URBANIL

Empresa Urbanizadora da Rinchoa, Lda.

ATRAVÉS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL APOIADA PELO F.S.E., CRIA 106 POSTOS DE TRABALHO PARA JOVENS NO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A Adesão de Portugal às Comunidades Económicas Europeias trouxe ao País a possibilidade de acesso a apoios comunitários específicos dos quais, o que no concreto mais dinamismo e capacidade de resposta tem dado vem sendo o Fundo Social.

É reconhecida a necessidade na área da construção civil de mão-de-obra progressivamente mais qualificada e adaptada às reais necessidades das entidades empregadoras.

A Urbanil — Empresa Urbanizadora da Rinchoa, Lda., actualmente empenhada na urbanização e construção de 6 mil fogos da Urbanização da Rinchoa — Mem Martins, ciente das suas responsabilidades sociais e da importância para o desenvolvimento e consolidação no mercado, agora alargado, de pessoal jovem, qualificado e dinâmico, propôs ao F.S.E. um projecto de formação profissional para **106** jovens, que terminado o estágio formativo se propõem integrar nos seus quadros.

É esta a contribuição à nossa escala para também nós abrirmos aos jovens um futuro profissional que, à partida, não possuíam.

[76] Proposta de formação profissional na *Urbanil*. Fonte: Expresso, 4 de Abril de 1987, pp.4.

A grande desvantagem foi, sem dúvida, a incoerência arquitetónica que certas ruas acabaram por apresentar [77], isto porque a delimitação das áreas era executada pelo meio da rua, logo a probabilidade de cada metade da rua estar entregue a construtores civis diferentes era grande. A venda dos fogos era da responsabilidade da promotora, muitas vezes realizada durante a construção dos edifícios ou antes dos espaços livres e arruamentos concluídos.

As construções que se ergueram nesta altura remetem para um momento em que o arquiteto tem um papel secundário ou quase nulo no planeamento urbano. Com efeito, o local passou a ser projetado e construído por sistemas independentes, onde a relevância do transporte privado anulou por completo o tratamento urbano para o peão [78].

O tratamento e o emprego dos materiais nas fachadas mantiveram-se no local, privilegiando as linhas horizontais e uma matriz dominada pela simplicidade e pelos tons amarelo, verde, azul, cinzento e no início dos anos 90, o rosa. Outro fator que resistiu à Revolução do 25 de abril foi o modelo habitacional de *matriz moderna*, planta que permaneceu nas construções dos edifícios da 3ª fase e na maioria dos edifícios da 4ª fase do plano da Rinchoa II.

Contudo, foi nas construções existentes do final dos anos 80 que a estagnação da planta moderna finda. Nesse momento, começam a surgir edifícios com a mesma lógica urbana em urbanização, tratamento de materiais, processo produtivo e lógica setorial na organização da casa, mas que incorporam no seu modelo habitacional uma ambiência valorativa alusiva de um certo tradicionalismo. Assim, embora não se possa afirmar que se tratou de um retorno absoluto ao *tipo transição tradicional-moderno*, modelo explicado nas habitações projetadas por Ruy d'Athouguia, detetou-se a introdução de certos elementos como a lareira, as sancas, a colocação de azulejos no *hall* e a compartimentação tradicional da sala (separando a sala de estar e a sala de jantar através de duas semi-paredes), elementos associados por esta sociedade como símbolo da sua ascensão social e habitacional [79, 80, 81 e 82].

A valorização associada a estes elementos ditos tradicionais, pode ser justificada pelo facto da adesão à CEE só ter surtido resultados visíveis a partir das construções do final da década de 80, nomeadamente na melhoria do nível de vida da população em sequência do aumento das renumerações, e pelo facto das taxas de juro terem descido liberalizando o crédito à habitação. Pela reunião destes fatores, o acesso à propriedade habitacional aumentou, assim como a aproximação ao modo de habitar entre diferentes classes.



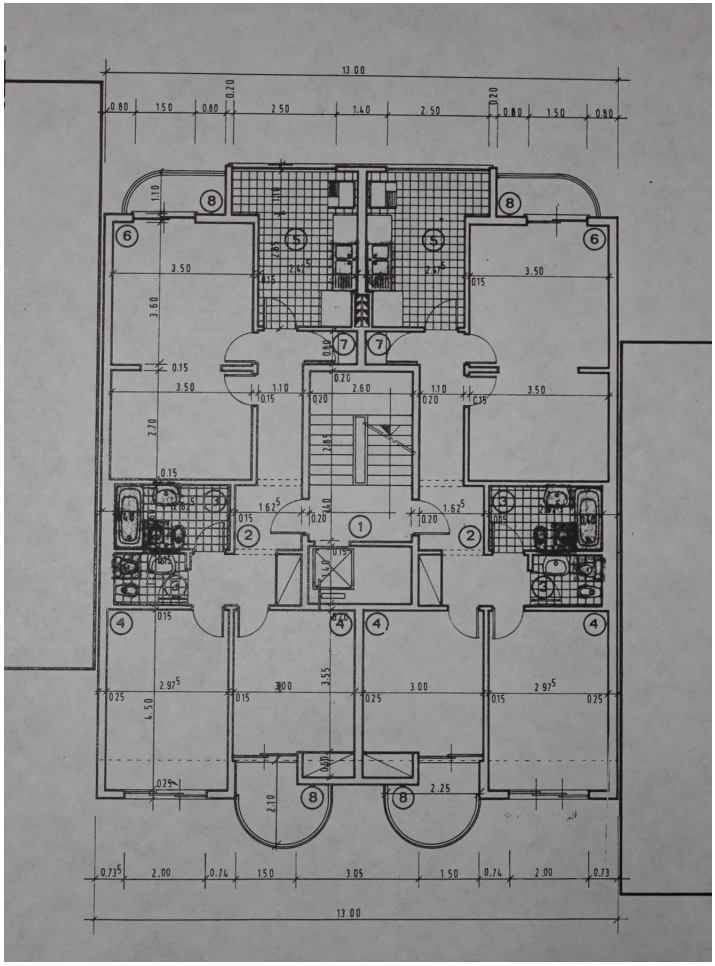


[77] Repetição de um lote-modelo.
Fonte: Fotografia do autor.



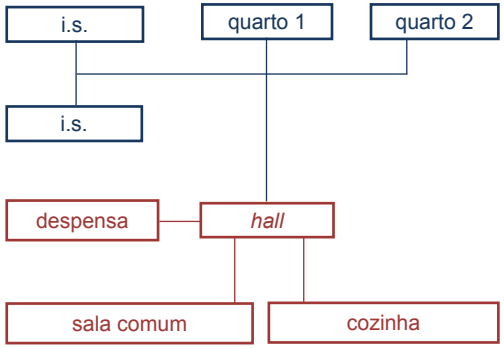


[78] Relevância do carro “à porta de casa” sugere um modo de vida cada vez mais autónomo.
Fonte: Fotografia do autor.



1- escadas
2- *hall*
3- i.s.
4- quarto
5- cozinha
6- sala comum
7- despensa

[79] Andar-tipo projetado pelo Eng. Carlos Eduardo Pastor Fernandes (4ª fase do plano da Rinchoa II).
Fonte: Arquivo Intermédio de Sintra – Proc.9298/87.



[80] Organigrama da tipologia de Rinchoa II.
Fonte: Montagem do autor.



[81] Sala comum com a definição da sala de estar e de jantar através de duas semi-paredes.
Fonte: Fotografia do autor.



[82] Acabamento realizado pelo construtor com azulejos na zona de entrada.
Fonte: Fotografia do autor.

Nesta óbvia complexificação na habitação por parte do setor privado, o plano de urbanização de Fitares surge com um novo requisito urbano que rapidamente se torna dominante na sociedade portuguesa: a tentativa de retirar o caráter de "subúrbio" a estas construções, através da devoção à cidade tradicional e pela incorporação de modelos de "referência" que se vão construindo na capital ao longo da década de 90.

Fitares foi planeado pelo arquiteto Armando Fernandes Amorim[18], requisição da empresa *Fitares Urbanização e Construção, Lda.*, que projetou 1948 fogos, 200 lojas (instaladas nas vias principais), uma pousada que não foi construída, um clube com piscinas e ténis, e um centro comercial que albergava um hipermercado, sala de cinema, teatro e centro cultural [83].Tendo em conta os desníveis entre arruamentos, o arquiteto conseguiu estabelecer um piso destinado a parqueamento privativo, arrecadações e serviços assumindo-se como base sobre o qual levitam os pisos habitacionais.

Segundo a Memória Descritiva:

> "Esta urbanização foi elaborada, tendo como principio a qualidade do seu desenho urbano, a homogeneidade da imagem dos seus edifícios, a potencialidade dos seus equipamentos e espaços exteriores e a relação urbana que todo o conjunto estabelecer com a envolvente, de modo a construir uma urbanização com expressão de unidade e concepção que recria a «cidade tradicional» (…) A exigência de uma unidade formal dominante de «bairro»."[19]

Precisamente pela anterior citação, o desenho das fachadas entre edifícios é homogénea com regular distribuição de vãos, varandas e o regresso da coluna em alguns casos. Ergueram-se edifícios numa 1ª fase com acabamento em reboco branco, azulejo cerâmico de cor ocre e um último piso (*duplex*) revestido em reboco cor de rosa. Já na 2ª fase, apesar de inicialmente se desejar com os mesmos acabamentos utilizados na 1ª fase, prescindiu-se do uso do azulejo e deu-se preferência ao rosa [84].

É por via do tom rosa dos acabamentos e a exaltação das colunas que o cidadão comum reconhece a recriação da "cidade tradicional". Esta associação de ideias pode ser concretizada por serem elementos alusivos de uma arquitetura dita conservadora, nomeadamente nos edifícios construídos durante o Estado Novo, denominados por *português suave*. Porém, na realidade esta urbanização, ou como a campanha publicitária preferia chamar *Quinta de Fitares*, é no fundo uma mimetização de modelos referenciais da cidade de Lisboa, como o *Parque dos Príncipes*, uma vez que deram corpo a uma sociedade pós-adesão Europa que descobriu a abundância (Pereira, 2010).

[18] Armando Fernandes Amorim – Técnico inscrito na C. M. Sintra nº 393.

[19] AMORIM, Armando Fernandes, *Memória Descritiva do Lote 78 pertencente ao Plano de Urbanização de Fitares*, proc. 1215/89, Arquivo Intermédio de Sintra.



[83] Planta de Urbanização de Fitares.
Fonte: JFRM.


RAIO LUZ



[84] Fitares – Rotunda do Relógio.
Fonte: Fotografia do autor.

Denota-se em toda a sua narrativa publicitária, o enaltecimento de um melhor nível de vida fortemente ancorado ao peso simbólico do nome *Quinta de Fitares*, consecutivamente repetido ao longo do anúncio [85]. Lê-se: "Chegou o momento de você mudar para melhor. Urbanização *Quinta de Fitares*.", "A um passo da bela e histórica vila de Sintra, na Rinchoa, situada numa antiga e tradicional *Quinta*, a urbanização da *Quinta de Fitares*, fica numa zona calma e de fácil acesso", "A *Quinta de Fitares* é ideal para quem deseja mudar e quer começar pela habitação." e "*Quinta de Fitares* o melhor local para se morar com a natureza…tranquilamente.", razão pela qual terá persuadido a grande maioria dos seus primeiros compradores.

Ainda a propósito da insistência ao longo do anúncio do uso da palavra *Quinta*, este remete para a moda arquitetónica e/ou imobiliária que surgiu nos 70, 80 e 90 de alguns grandes conjuntos residenciais usarem essa denominação e, mais esporadicamente de *Parque*. Os casos mais emblemáticos disso mesmo são a *Quinta de Santo Amaro*, a *Quinta da Mina*, a *Quinta das Conchas*, a *Quinta dos Lilases*, a *Quinta de Santa Clara*, a *Quinta da Luz*, a *Quinta do Lambert*, o *Parque Europa*, o *Parque dos Príncipes*, conjuntos residenciais que naquela época representavam o ex-libris dos promotores imobiliários, mas também por serem os mais publicitados nos meios de comunicação (Pereira, 2010). Sobretudo o último, que como já dissemos foi aquele que mais influenciou a tónica arquitetónica do caso de estudo, além da frente cenográfica ter satisfeito a nostalgia da moradia à nova classe média, idealizou também a ideia de uma pequena cidade. Foi portanto, toda esta dimensão simbólica e cultural arreigada no mercado habitacional que os promotores de Fitares incutiram neste território.

Para além disso, há outros dois aspetos presentes neste anúncio que refletem os referenciais desta sociedade, são eles: a incorporação da noção de qualidade de vida associada à proximidade da natureza e a ancoragem a equipamentos referência de uma sociedade que descobriu o consumo. Ou seja, para além da dimensão simbólica à pouco referida, é realizada uma associação entre habitação e lazer, quase como um "edifício equipado" com "grandes áreas verdes, amplas zonas pedestres, e um Polidesportivo.", "4 campos de Ténis, Piscina aquecida, *Health Club*, Parque Desportivo, Cinema, Centro Cultural e Centro Comercial são garantes de qualidade de vida.". Nitidamente, o plano urbano de Fitares não se circunscreveu à construção de edifícios habitacionais, mas transmitiu um novo fôlego ao oferecer o máximo conforto e comodidade através das suas infraestruturas, um dos aspetos mais relevantes disso mesmo foi o quebrar da dicotomia entre rotina e lazer a partir da seleção de equipamentos públicos, capazes de proporcionar um novo modo de vida suburbano.

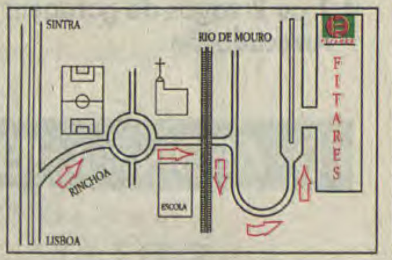
CHEGOU O MOMENTO DE VOCÊ MUDAR PARA MELHOR.

URBANIZAÇÃO

QUINTA DE FITARES



A um passo da bela e histórica vila de **Sintra**, na **Rinchoa**, situada numa antiga e tradicional Quinta, a urbanização da Quinta de Fitares, fica numa zona calma e de fácil acesso. Grandes áreas verdes, amplas zonas pedestres, e um Polidesportivo. Em construção: 4 campos de Ténis, Piscina aquecida, Health club, Parque desportivo, Cinema, Centro Cultural e Centro Comercial são garantes de qualidade de vida. A Quinta de Fitares é ideal para quem deseja mudar para melhor e quer começar pela habitação. Aqui, tudo foi planeado ao pormenor, para lhe oferecer o máximo conforto e comodidade.
Quinta de Fitares. Óptimo local de residência para quem trabalha em Lisboa, Sintra ou na zona Oeste. Não perca a excelente oportunidade de investimento e de viver em harmonia com a natureza a um passo da Serra de Sintra e a outro de Lisboa.



Quinta de Fitares o melhor local para se morar com a natureza... tranquilamente.

FITARES
URBANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO LDA.
RINCHOA • SINTRA

[85] Anúncio da *Quinta de Fitares*.
Fonte: *Expresso Imobiliário*, 27 Agosto 1994, pp.1.

Já no que se refere à composição do interior da habitação, observamos através da planta [86 e 87] a reprodução da estrutura moderna, com um investimento na zona íntima de todos os constituintes da família e sobretudo centrada na área conjugal por via do regresso da *suite*, ou ainda mais segregada por via do *duplex* no caso dos últimos pisos. Portanto, há nitidamente uma zona social, onde se localizam a entrada para um *hall*, a sala comum em forma de L que tanto pode ser entendida como uma, ou com uma modesta delimitação de duas áreas distintas e a cozinha; e uma zona privada com dois quartos indiferenciados e uma *suite* [88].

Ao nível dos acabamentos interiores voltamos a encontrar elementos que funcionaram como símbolo de modernidade e ascensão social:

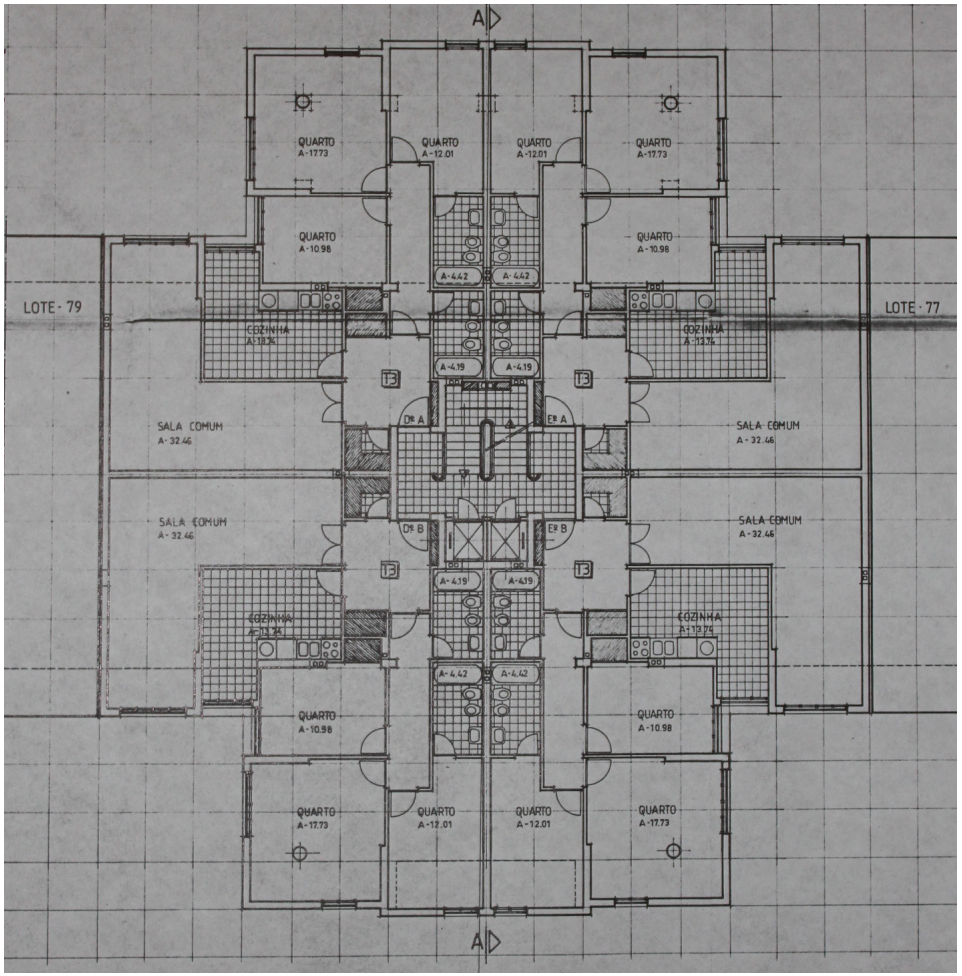
i) a porta blindada e o vídeo-porteiro, que conferiram um desejo de segurança [89];

ii) o uso da madeira no teto falso do *hall* e do corredor concebia a ideia de conforto [89];

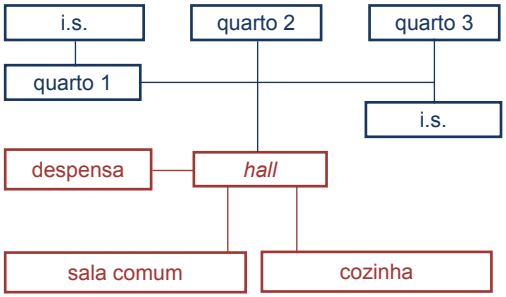
iii) a lareira em pedra, expressão da "dicotomia rural *versus* urbano e a dicotomia tradição *versus* modernidade" (Pereira, 2011: 165), o facto de ser construída em pedra é entendida como sinónimo de "durabilidade e estabilidade" (Pereira, 2011: 165) [90];

iv) a cozinha ainda não é totalmente equipada, mas já tem incorporada o fogão com placa [91].

A constatação presente até ao momento compreende-se melhor se se tiver em conta o crescimento imobiliário e populacional entre o período 1980 e 2011 [92]. Constata-se que a década de 90 compreende o maior crescimento populacional com um acréscimo de 9172 pessoas, dado estreitamente relacionado com a disponibilidade habitacional que aumentou exponencialmente com o plano de Rinchoa II e sobretudo de Fitares. Outra informação que este gráfico acrescenta é o facto de Rinchoa II ter sido construída na década de 80, mas a sua ocupação só esteve realmente impacto na década seguinte.



[86] Andar-tipo do 1º ao 3º andar de um lote pertencente à Urbanização Quinta de Fitares.
Fonte: Arquivo Intermédio de Sintra – Proc.1215/89.



Zona social

Zona privada

[87] Organigrama da tipologia de Fitares.
Fonte: Montagem do autor.



[88] A *suite* presente na tipologia de Fitares confere maior privacidade ao casal. Fonte: http://www.espacos-lisboa.com.



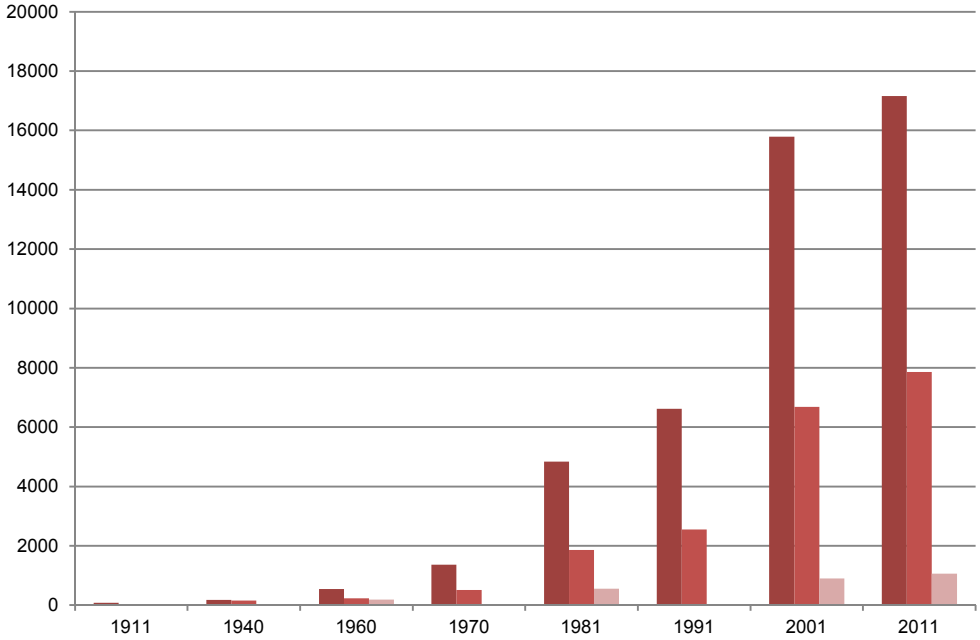
[89] O *hall* concebido com porta blindada, vídeo-porteiro, o teto falso, a utilização da madeira e o mosaico a imitar mármore conferem um sentimento de conforto. Fonte: http://www.espacos-lisboa.com.



[90] A lareira em pedra e tijolo ao centro da sala faz a demarcação da zona de estar e de jantar, mas acrescenta uma dimensão tradicional numa habitação da modernidade.
Fonte: http://www.espacos-lisboa.com.

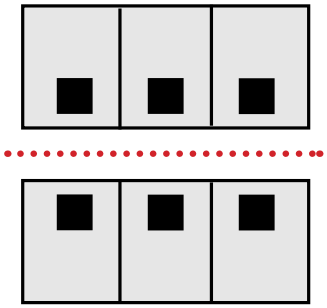
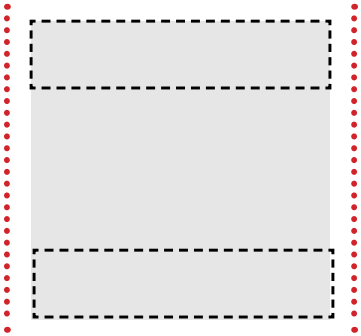
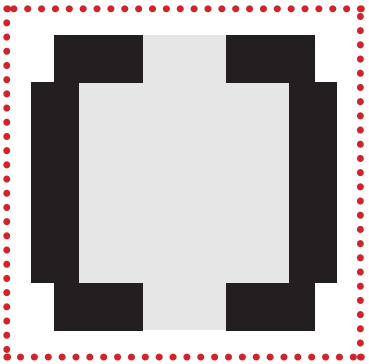
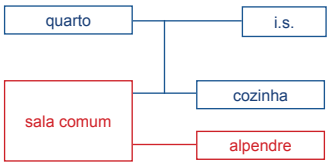
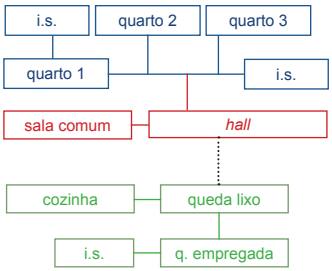
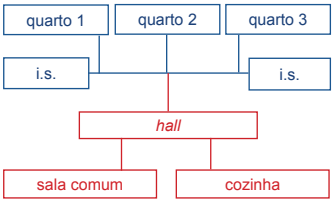


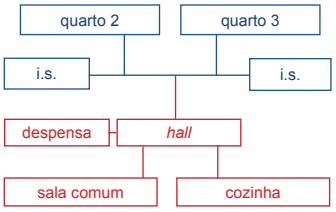
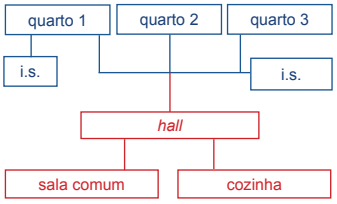
[91] Cozinha equipada com fogão em placa.
Fonte: http://www.espacos-lisboa.com.



[92] Crescimento populacional e de edificado na Rinchoa entre 1911 e 2011.
Fonte: Montagem do autor, Cf. INE, Censos 1960, 1970, 1981, 1991, 2001 e 2011.

A tabela seguinte [93] sintetiza os planos estudados a longo da Parte II quanto à estrutura do espaço urbano e a estrutura do espaço doméstico. Pretende-se com isto que a comparação entre planos seja facilitada, assim como a clarificar das ideias-chave anteriormente apresentadas:

	Quinta Grande (1940-…)	Plano de Athouguia (1959-1971)	Rinchoa I (1972-1978)
Estrutura do espaço urbano	Adota o modelo de *cidade-jardim* com habitação unifamiliar, obedecendo a uma implantação urbana em quarteirões. Este plano destina-se a alojar sazonalmente a classe média, por isso mesmo, a exaltação dos valores nacionalistas, higienistas e a manutenção dos seus hábitos citadinos são fundamentais. 	O plano introduz uma implantação racionalista de blocos laminares perpendiculares aos arruamentos. Ao mesmo tempo, estes são levantados do solo através de *pilotis*, permitindo conceber espaços destinados a práticas sociais entre os blocos. 	Raciona-se a separação entre tráfego de veículos e de peões. A implantação dos edifícios forma um conjunto em U, libertando os “interiores do quarteirão” para uso coletivo. 
Estrutura do espaço doméstico	A casa deve exaltar os valores nacionais e morais da sociedade: “Deus, Pátria e Família”. A proximidade à natureza, a clarificação de hierarquias e a intimidade familiar são critérios fundamentais na caracterização do espaço doméstico. Há contudo, uma simplificação do fogo, por via essencialmente da cozinha, uma vez que se tratam de moradias secundárias. 	Este tipo habitacional caracteriza-se pela organização geral da casa em funções (social, serviços e íntima). Contudo, adota aspetos tradicionais como a complexidade na zona de serviços, a distinção ao nível da entrada principal e de serviço, e a *suite*. 	É revista a tipologia habitacional segundo os conceitos racionais, simplificando o fogo. A sala funciona como o centro da casa, lugar onde a família se junta, a cozinha torna-se também zona social, daí ter ganho proximidade em relação à sala. Quanto à zona íntima não há qualquer distinção hierárquica entre o quarto do casal e dos filhos. 

Rinchoa II (1980-1990)	Fitares (1984-2000)
São projetados edifícios de habitação coletiva inseridos paralelamente ao eixo viário, sem planeamento de espaços de uso comum exteriores. Verifica-se uma padronização formal de um edifício-modelo que é repetido até se formar uma banda de edifícios ao longo de uma parcela de terreno.	Recupera em parte os conceitos da cidade tradicional, tendo como princípio a homogeneidade da imagem dos edifícios e construir uma urbanização com expressão de unidade. Integração de programas de lazer na cultura da urbanização, como um centro comercial, campo de ténis e piscina.
	
Racionalização e simplificação na organização do espaço doméstico tal como na Rinchoa I. Contudo, introduz-se elementos que remetem para um certo sentido de tradicionalismo, como a lareira de pedra, os roupeiros embutidos, as sancas, os azulejos no *hall* e a compartimentação da sala através de duas semi-paredes.	A complexificação das tipologias é transversal a toda a urbanização, isto porque se investe na progressiva individualização de cada membro da família, sobretudo no que diz respeito ao casal por retorno à *suite*. Por outro lado, continua-se a usar elementos tradicionais introduzidos na Rinchoa II.
	

[93] Quadro-síntese da estrutura do espaço urbano e domésticos dos planos da Rinchoa.
Fonte: Montagem do autor.

PARTE III

Sociologia do edificado construído: uma leitura social dos planos na contemporaneidade

Como foi possível entender na Parte II, a localidade da Rinchoa foi marcada por sucessivos planos de expansão, tendo transitado de um local de veraneio para um subúrbio de alojamento em massa. O espaço construído legado aos dias de hoje caracteriza-se pela sua colossal heterogeneidade morfológica, sobretudo entre as construções anteriores e posteriores a 1960, que de certo modo espelham as diversas ansiedades arquitetónicas referentes à construção da periferia ao longo do século XX.

Questionamo-nos nesta Parte III sobre quais os protagonistas destes espaços e se faz sentido realizar uma distinção social tão evidente quanto à análise morfológica. Por isso mesmo, o presente estudo pretende uma incursão sobre o universo populacional na contemporaneidade através de uma análise comparada dos vários tipos habitacionais, isto é, compreender as especificidades sociais e alguns aspetos do edificado nas 4 áreas em estudo na atualidade. Perguntamos: *as diferenças morfológicas correntes na Rinchoa fazem-se acompanhar por uma homogeneidade ou uma heterogeneidade social no território?*

A partir dos dados censitários de 2011 iremos fazer uma caracterização morfológica, através da época de construção, uso dos edifícios, tipo de ocupação, número de pisos, áreas e números de estacionamentos, e por outro lado, realizar uma caracterização social com maior enfoque na faixa etária, na classe social vista através do nível de escolaridade superior, composição dos núcleos familiares e regime de ocupação. A seleção destas variáveis justificam-se por se tratarem de indicadores que foram bitola para a concretização de cada um dos planos urbanos e fundamentam o grau de modernização de uma sociedade.

A tabela [94] resume os resultados obtidos nas diferentes áreas de estudo. Deste modo, a leitura comparativa da estrutura do espaço físico e da estrutura do espaço socioeconómico entre planos torna-se facilitada.

		Quinta Grande (1940-…)	Rinchoa I (1972-1978)
Estrutura do espaço edificado	a) época de construção	12% edifícios construídos antes de 1960 28% edifícios construídos entre 1960-1980 61% edifícios construídos após 1980	82% edifícios construídos entre 1960-1980 18% edifícios construídos após 1980
	b) uso dos edifícios	97% edifícios exclusivamente residenciais 1% edifícios principalmente residenciais 2% edifícios principalmente não residenciais	60% edifícios exclusivamente residenciais 40% edifícios principalmente residenciais
	c) tipo de ocupação	78% residências principais 10% residências secundárias 12% residências desocupadas	77% residências principais 17% residências secundárias 16% residências desocupadas
	d) número de pisos	85% edifícios c/ 1 ou 2 pisos 8% edifícios c/ 3 ou 4 pisos 7% edifícios c/ 5 ou mais pisos	4% edifícios c/ 1 ou 2 pisos 27% edifícios c/ 3 ou 4 pisos 69% edifícios c/ 5 ou mais pisos
	e) áreas	3% residências c/ área < 50m^2 29% residências c/ área entre 50 e 100m^2 47% residências c/ área entre 100 e 200m^2 20% residências c/ área > 200m^2	7% residências c/ área < 50m^2 56% residências c/ área entre 50 e 100m^2 36% residências c/ área entre 100 e 200m^2 1% residências c/ área > 200m^2
	f) estacionamento	35% residências s/ estacionamento 29% residências c/ 1 estacionamento 25% residências c/ 2 estacionamentos 11% residências c/ 3 estacionamentos	90% residências s/ estacionamento 7% residências c/ 1 estacionamento 1% residências c/ 2 estacionamentos 2% residências c/ 3 estacionamentos
Estrutura do espaço social	g) faixa etária	33% pop. c/ idade inf. 25 anos 57% pop. c/ idade entre 25-64 anos 10% pop. c/ idade sup. 65 anos	10% pop. c/ idade inf. 25 anos 68% pop. c/ idade entre 25-64 anos 22% pop. c/ idade sup. 65 anos
	h) nível de escolaridade superior	20% pop. c/ formação superior	13% pop. c/ formação superior
	i) núcleos familiares	31% núcleos familiares s/ filhos 37% núcleos familiares c/ 1 filho não casado 32% núcleos familiares c/ 2 ou mais filhos	45% núcleos familiares s/ filhos 36% núcleos familiares c/ 1 filho não casado 17% núcleos familiares c/ 2 ou mais filhos
	j) regime de ocupação	90% prop. em regime de propriedade 10% prop. em regime de arrendamento	85% prop. em regime de propriedade 15% prop. em regime de arrendamento

Rinchoa II (1980-1990)	Fitares (1984-2000)
4% edifícios construídos entre 1960-1980 96% edifícios construídos após 1980	100% edifícios construídos após 1980
64% edifícios exclusivamente residenciais 36% edifícios principalmente residenciais	18% edifícios exclusivamente residenciais 82% edifícios principalmente residenciais
77% residências principais 17% residências secundárias 16% residências desocupadas	82% residências principais 8% residências secundárias 10% residências desocupadas
100% edifícios c/ 5 ou mais pisos	1% edifícios c/ 1 ou 2 pisos 99% edifícios c/ 5 ou mais pisos
9% residências c/ área < 50m^2 71% residências c/ área entre 50 e 100m^2 20% residências c/ área entre 100 e 200m^2 1% residências c/ área > 200m^2	4% residências c/ área < 50m^2 55% residências c/ área entre 50 e 100m^2 39% residências c/ área entre 100 e 200m^2 1% residências c/ área > 200m^2
96% residências s/ estacionamento 2% residências c/ 1 estacionamento 1% residências c/ 3 estacionamentos	78% residências s/ estacionamento 17% residências c/ 1 estacionamento 3% residências c/ 2 estacionamentos 1% residências c/ 3 estacionamentos
37% pop. c/ idade inf. 25 anos 58% pop. c/ idade entre 25-64 anos 5% pop. c/ idade sup. 65 anos	36% pop. c/ idade inf. 25 anos 60% pop. c/ idade entre 25-64 anos 4% pop. c/ idade sup. 65 anos
8% pop. c/ formação superior	13% pop. c/ formação superior
32% núcleos familiares s/ filhos 44% núcleos familiares c/ 1 filho não casado 24% núcleos familiares c/ 2 ou mais filhos	26% núcleos familiares s/ filhos 46% núcleos familiares c/ 1 filho não casado 29% núcleos familiares c/ 2 ou mais filhos
87% prop. em regime de propriedade 13% prop. em regime de arrendamento	87% prop. em regime de propriedade 13% prop. em regime de arrendamento

[94] Quadro-síntese da estrutura do espaço edificado e da estrutura do espaço social dos planos Quinta Grande, Rinchoa I, Rinchoa II e Fitares. Fonte: Montagem do autor.

ESTRUTURA DO ESPAÇO EDIFICADO

UM SUBÚRBIO DE RESIDÊNCIAS PRINCIPAIS

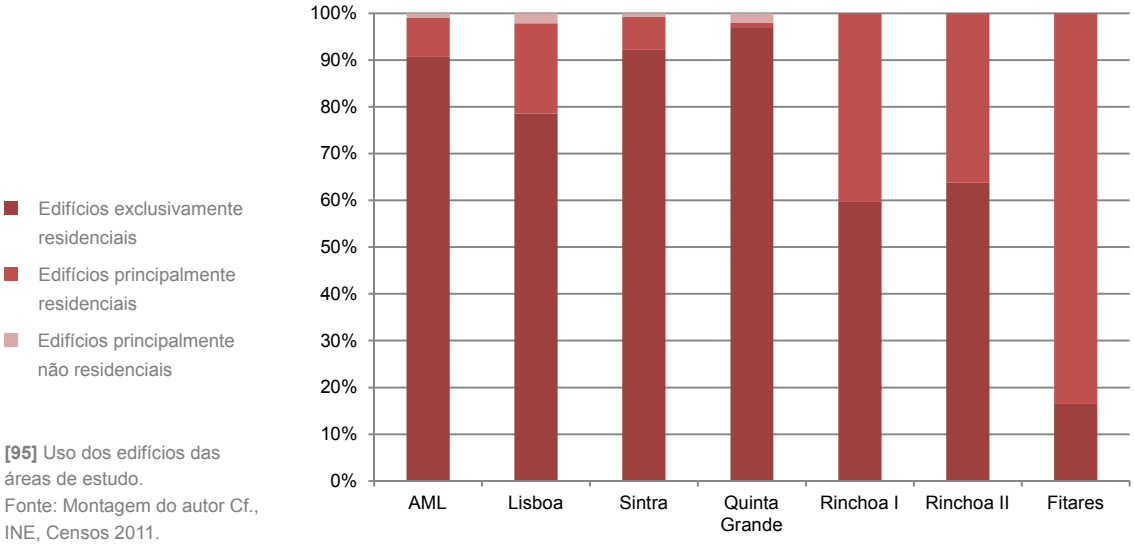
Como se constatou na segunda parte desta investigação, o modo de ocupação da Rinchoa tem os anos 60 como barreira temporal. Esta afirmação é suportada pelo facto de entre 40 e 60 a localidade estava afeta a habitações secundárias destinadas à classe média, e a partir de 60 deu-se preferência às habitações plurifamiliares de ocupação principal.

É precisamente por esta via que pretendemos ingressar esta investigação, apresentando o gráfico [95 e 96] como representação gráfica do uso dos edifícios e o tipo de ocupação predominante em cada área de amostragem. Vejamos até que ponto a área da Quinta Grande, planificada segundo o pensamento ocupacional anterior a 60, permaneceu conforme a ideia inicial ou se por outro lado, foi atingida pelo comportamento de modernização do território e por isso mesmo, tornando-se numa zona maioritariamente de residências principais.

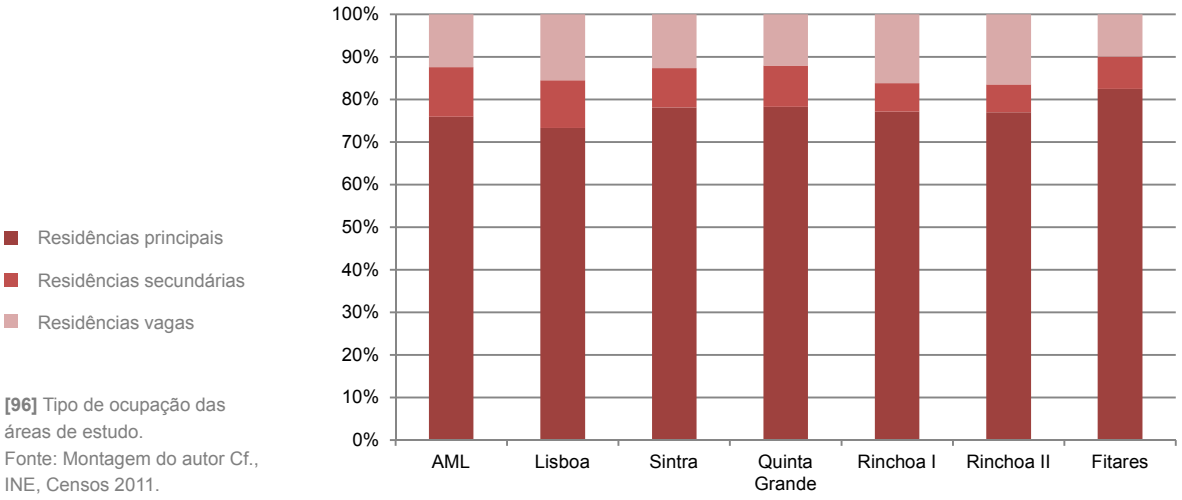
Os dados referentes ao primeiro gráfico revelam este território como maioritariamente residencial. Uma segunda leitura revela um antagonismo entre duas áreas: a) Quinta Grande, um local onde os edifícios são pensados com um uso exclusivo (monofuncionais), segundo os dados 97% dos edifícios são exclusivamente residenciais e 2% principalmente não residenciais, restando apenas 1% para edifícios que assumem as duas funções; b) em Fitares, pelo contrário, apenas 18% assume exclusivamente a função residencial e os restantes edifícios a função habitacional e outra. Rinchoa I e Rinchoa II são os territórios mais heterógenos, contudo, reservando a grande maioria dos edifícios apenas como residenciais.

No segundo gráfico é possível identificar um tipo de ocupação que é transversal às várias áreas de estudo, caracterizando a Rinchoa maioritariamente como um subúrbio de primeira residência. Quer isto dizer que, se começámos este estudo por considerar a área da Quinta Grande como um subúrbio de veraneio, essa mesma caracterização tornou-se ocupacionalmente

obsoleta na contemporaneidade. Ainda assim, esta área de estudo é a que apresenta maior percentagem de ocupação de residências secundárias na Rinchoa, enquadrando-se numa lógica concelhia, mais até do que estar subjugada a uma lógica local.



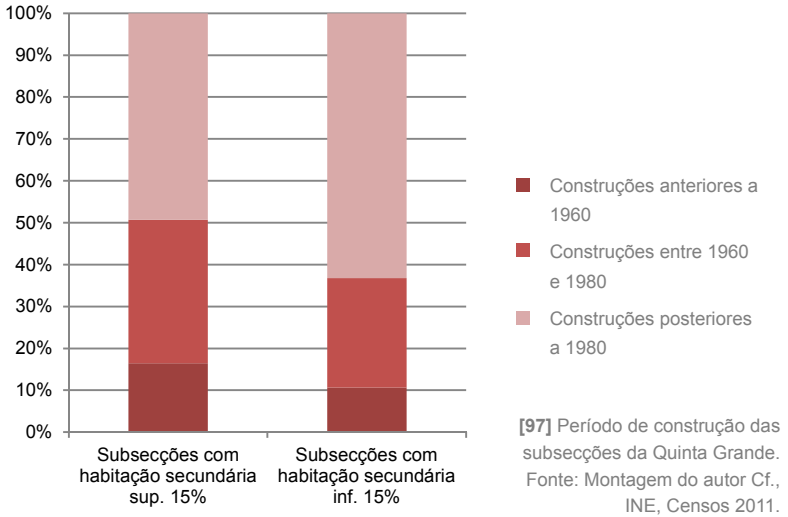
[95] Uso dos edifícios das áreas de estudo.
Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.



[96] Tipo de ocupação das áreas de estudo.
Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Após uma análise aproximada ao território da Quinta Grande, isto é, após uma análise do tipo de ocupação ao nível da subsecção, a área revelou-se bastante heterogenia com grandes disparidades ao nível da ocupação entre subsecções. Nesta área de estudo destacam-se duas lógicas completamente distintas: por um lado subsecções com percentagens que variam entre os 15% e os 30% de residências secundárias, cuja ocorrência de habitações vagas é praticamente inexistente; por outro lado há a permanência de subsecções onde a incidência de habitações de ocupação esporádica é inferior a 15% e a ocorrência de residências vagas é acentuada.

Chegámos a um ponto da investigação em que foi inevitável questionarmo-nos sobre uma eventual coincidência entre subsecções com habitação secundária superior a 15% e subsecções cuja construção de habitações anteriores a 1960 tenha maior predominância. Após uma análise estatística [97] da época de construção que compõe o grupo denominado por subsecções com habitação secundária superior a 15%, chegámos à conclusão que: 16% do edificado foi construído antes de 1960, 34% do edificado entre 1960 e 1980 e finalmente 49% das construções são posteriores a 1980. Apesar do valor mais pequeno (15%) se referir às construções anteriores a 1960, esse valor é superior aos 11% dos casos existentes no grupo das subsecções com habitação secundária inferior a 15%.



[97] Período de construção das subsecções da Quinta Grande. Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Contudo, a relação entre subsecções com habitação secundária e subsecções com predominância de habitações anteriores a 1960 é em parte admitida aquando da localização das mesmas. Com a imagem [98] torna-se evidente que no grupo A há um paralelismo entre a localização das subsecções com maior incidência de habitações secundárias e o terreno mais explorado pela *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos*, onde a incidência de construções até 1960 é maior. O grupo denominado por B é o conjunto de subsecções onde a incidência de habitações construídas após 1980 é praticamente a totalidade da amostra.

Resumindo, no conjunto das áreas estudadas é possível identificar duas lógicas de ocupação: i) a da Quinta Grande que se trata de uma zona de residências unifamiliares construídas em diferentes períodos e que se tornou maioritariamente de ocupação principal, ainda que, com uma forte ocupação sazonal nas subsecções onde a incidência de habitações originais do Plano de Urbanização de 1940 está muito presente; ii) as áreas de Rinchoa I, Rinchoa II e Fitares com alojamento em habitação plurifamiliar, cuja ocupação com residências secundárias ronda apenas os 7% e 8% dos casos habitacionais, é um território essencialmente ocupado como habitação principal.

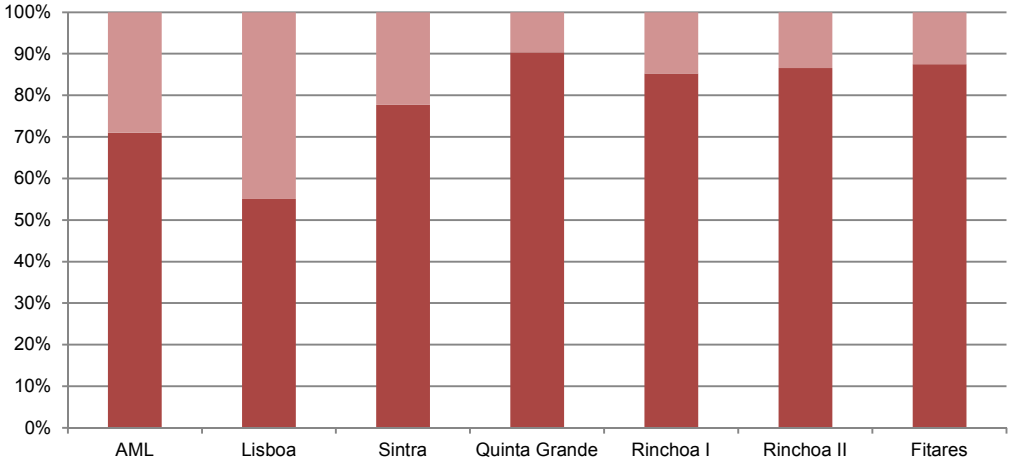


[98] Demarcação das subsecções com maior incidência de habitação secundária na Quinta Grande. Fonte: Montagem do autor Cf. http:www.bing.com/maps/.

A QUESTÃO DA MODERNIZAÇÃO E DA ÁREA NA AQUISIÇÃO DE CASA

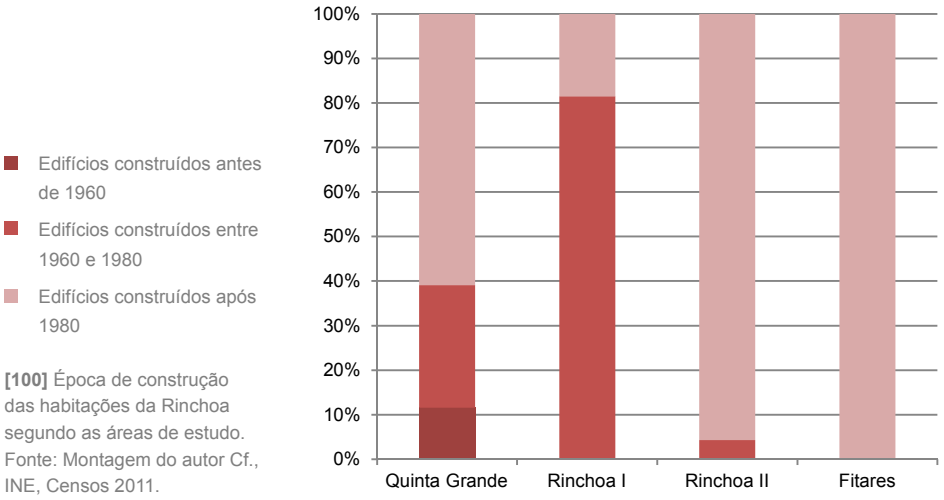
Com este subcapítulo, o último referente a uma caracterização habitacional, pretendemos realizar uma explicação sobre o regime de ocupação dos tipos habitacionais estudados. Tal como como o título exalta, iremos questionar-nos se neste território existe uma associação entre habitação construída recentemente e dimensão das mesmas com o regime de propriedade.

Segundo o gráfico [99] a Rinchoa é um território predominantemente de habitações em regime de propriedade, com valores muito acima das suas referências próximas: AML, Lisboa e Sintra. Na Quinta Grande é onde predomina a maior quantidade de residências em regime de propriedade, segue-se Fitares, Rinchoa II e Rinchoa I.

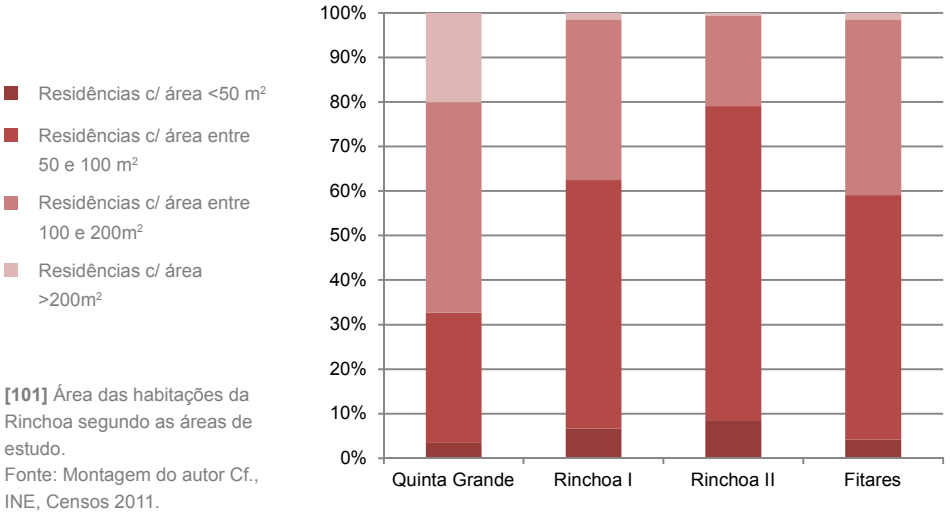


[99] Regime de ocupação das habitações.
Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Veja-se agora o que os dados da presente pesquisa revelam quanto à época de construção e as suas áreas [100 e 101].



[100] Época de construção das habitações da Rinchoa segundo as áreas de estudo. Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.



[101] Área das habitações da Rinchoa segundo as áreas de estudo.
Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Segue uma tabela-síntese [102] com a informação das varáveis acima estudadas:

	Quinta Grande	OP	Rinchoa I	OP	Rinchoa II	OP	Fitares	OP
Habitações em regime de propriedade	90%	1º	85%	4º	87%	2º	87%	2º
Época de construção após 1980	61%	3º	18%	4º	96%	2º	100%	1º
Área> 100m^2	67%	1º	37%	3º	21%	4º	40%	2º
TOTAL		**1º**		**4º**		**3º**		**2º**

[102] Relação entre regime de propriedade adquirido, época de construção e área da residência nas áreas de estudo (OP corresponde a ordem de preferência, ou seja com maior % das variáveis). Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Salienta-se a tendência do regime de propriedade neste território depender de dois fatores: a época de construção da habitação e o tipo de habitação. Ou seja, quanto mais recente a habitação, maior é percentagem de habitações em regime de propriedade; a mesma lógica acontece quando o tipo habitacional se trata de uma moradia comparativamente à habitação multifamiliar. Veja-se a informação que o estudo revelou:

a) Rinchoa I (construída entre 70 e 80) é a área com maior incidência de propriedades arrendadas e a área das tipologias é maioritariamente entre os 50 e 100m2;

b) Rinchoa II (construída entre 80 e 90), com 87% de propriedades com regime adquirido, é o plano onde em média a área dos fogos é menor;

c) Fitares (construída entre 90 e 2000) tem igualmente 87% de propriedades com regime adquirido, no que diz respeito às áreas, predominam as habitações com 50 a 100m2, contudo a incidência de habitações com mais que 100m2 corresponde a 40% da totalidade;

d) Quinta Grande (território sem um período de construção fixo, porém onde predominam as habitações posteriores a 1980 (61%)) é a área de estudo onde as habitações com área superior a 100m2 correspondem a 67% do edificado total.

Pelo facto do território da Quinta Grande não estar subjugado a um período de construção específico como as restantes áreas de estudo, foi-nos inquirida a possibilidade de haver nuances intra-territoriais no que diz respeito à época de construção dos edifícios. Analisemos de seguida a área de estudo quanto a esse aspeto [103]:

Edifícios construídos antes de 1960



Edifícios construídos entre 1960 e 1980



Edifícios construídos após 1980

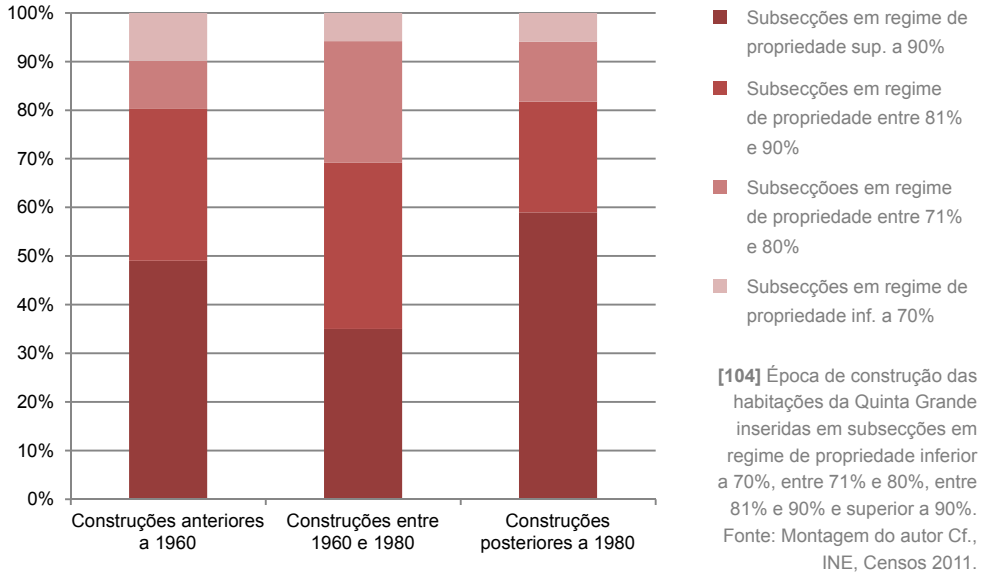


- Menos de 33% do edificado total
- Entre 33% e 66% do edificado total
- Mais de 66% do edificado total

[103] Peso percentual de edifícios nas subsecções da Quinta Grande conforme a sua época de construção.
Fonte: Montagem do autor Cf. http:www.bing.com/maps/.

Segundo os mapas apresentados, não há uma lógica evidente quanto à implantação dos edifícios presentes na Quinta Grande. O gráfico [104] faz uma representação da inserção desses edifícios conforme a percentagem de edifícios em regime de propriedades da subsecção onde se inserem.

Uma vez mais, prova-se a ideia de que quanto mais recente a construção da habitação, menor é o índice de propriedades em arrendamento. Contudo o gráfico anterior comprova que na Quinta Grande, as subsecções cujo regime de propriedade é superior a 90% acontecem essencialmente onde a predominância de construções anteriores a 1960 e posteriores a 1980 é maior.



[104] Época de construção das habitações da Quinta Grande inseridas em subsecções em regime de propriedade inferior a 70%, entre 71% e 80%, entre 81% e 90% e superior a 90%. Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

ESTRUTURA DO ESPAÇO SOCIAL

UMA PROPENSÃO "FAMILIARISTA"

Iniciamos o estudo sobre a estrutura familiar da área de estudo tendo como base um artigo do *Expresso*, cuja ilustração da periferia é realizada com uma fotografia da Rinchoa. Segundo os resultados conclusivos do estudo realizado pelo DINAMIA-CET:

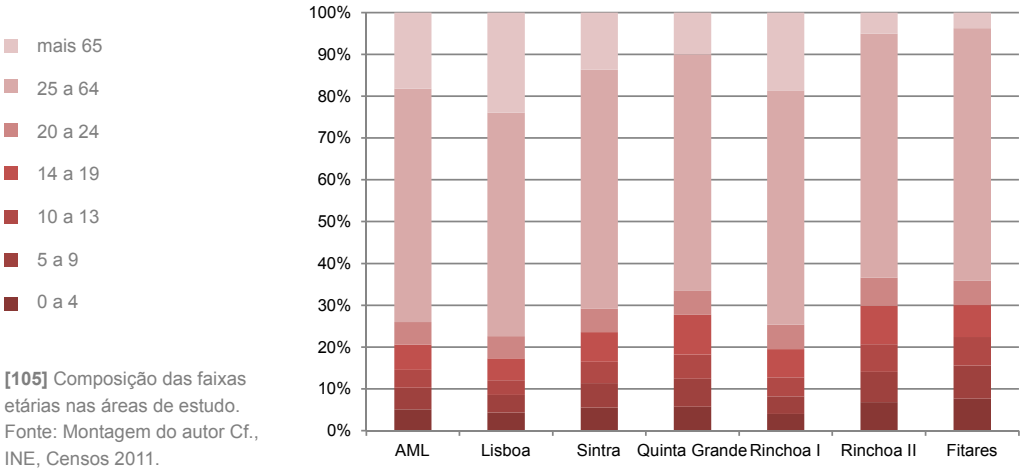
> "Na periferia, o número de pessoas a viver sozinhas não ultrapassa os 23%. (…) Ao contrário do que acontece em Lisboa, os casais com filhos constituem o tipo de família predominantemente na periferia, tanto na margem Norte, como na margem Sul. O condicionalismo económico – pelo mesmo valor é possível comprar uma casa maior do que na capital – é um dos factores que contribuem para a estrutura mais "familiarista" dos subúrbios."
>
> (*Expresso*, 13 de Abril de 2013, pp. 26)

Fazendo jus à lógica supra-referida, o caso da Rinchoa regra-se pela predominância de casais com filhos, como sugere a análise por nós realizada [105 e 106].

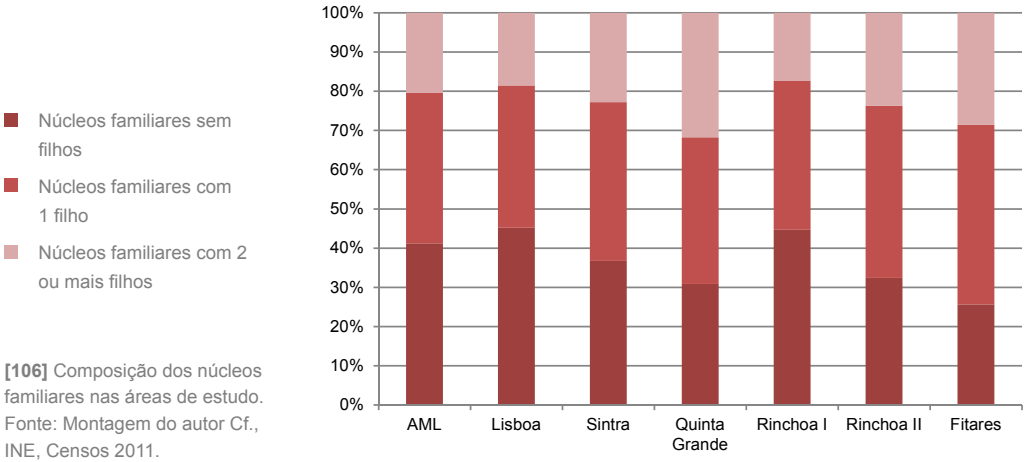
Nota-se nestes dois gráficos a tendência de que, quanto mais recente a ocupação da área de estudo, maior é o predomínio de famílias com filhos. Exemplo disso é a área da Rinchoa I, onde a existência de núcleos familiares sem filhos e a incidência de pessoas com idade superior a 65 é bastante mais acentuada que nas restantes áreas de estudo. Quanto à composição dos núcleos familiares desta área em específico, Rinchoa I possui resultados completamente dispares das restantes áreas de estudo, relacionando-se neste aspeto com o referencial de Lisboa, local onde os estudos sociológicos apontam para um declínio demográfico. Podemos também associar esta lógica populacional ao fenómeno dominado por *ninho vazio*, cuja habitação na maioria dos casos é realizada pela primeira geração de moradores realizada entre 70 e 80 e na atualidade os seus filhos já ganharam a sua autonomia habitacional.

Por sua vez, Quinta Grande funciona como um território intermédio e o mais homogéneo das áreas de estudo, uma vez que se assiste a uma distribuição uniforme das faixas etárias, mas sobretudo a uma distribuição uniforme quanto à composição dos núcleos familiares: 31% de núcleos familiares sem filhos, 37% de núcleos familiares com 1 filho, 32% de núcleos familiares com 2 ou mais filhos.

Ainda uma pequena consideração sobre os territórios de Rinchoa II e Fitares, neste caso, lidos como opostos à realidade da Rinchoa I. A diminuta quantidade de pessoas com idades superiores a 65 anos está afeta ao facto destes territórios terem sido ocupados repentinamente por famílias recentes que aproveitaram os benefícios da entrada na Europa para comprar casa.



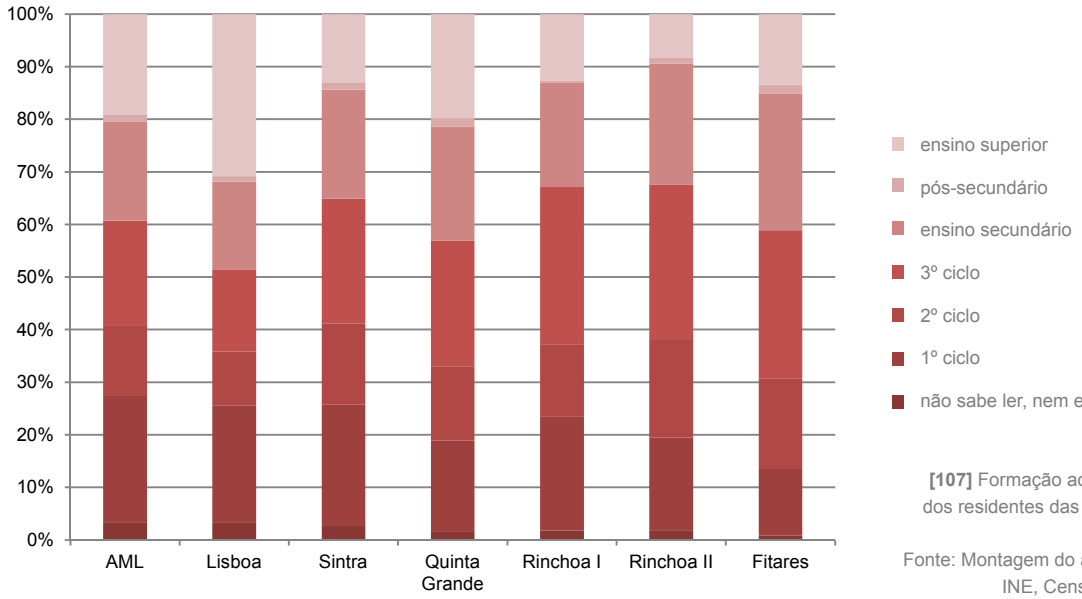
[105] Composição das faixas etárias nas áreas de estudo. Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.



[106] Composição dos núcleos familiares nas áreas de estudo. Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

Centramo-nos agora num importante indicador de composição social, a formação académica enquanto caracterizador de classe social, nunca esquecendo o facto de que, parte considerável da nossa sociedade "ainda" se afirma socialmente por via da representação da casa e como já vimos da localização da mesma.

Através do gráfico [107] percebe-se que a área de estudo com maior predomínio de pessoas com ensino superior completo é a Quinta Grande, seguindo-se, com uma diferença de 4%, a área de Fitares e por último Rinchoa II.



[107] Formação académica dos residentes das áreas de estudo.
Fonte: Montagem do autor Cf., INE, Censos 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aproximar-se o fim deste processo de investigação, resta o desafio de compreender de que modo este trabalho ajudou para o entendimento da cidade contemporânea e que perspetivas deixará para o entendimento da mesma.

Ficou esclarecida a ideia que a cidade e o estudo da mesma não se limitam a confinamentos geográficos, mas a todos os territórios a si dependentes. Como o caso de estudo ilustrou, os subúrbios são a compilação de dois desejos morfológicos em tempos sequentes e simultaneamente opostos: i) com o plano das moradias da Quinta Grande e depois com o plano de Athougia, ambos ambicionavam um espaço destinado às classes médias altas, um desejo que se esvaiu com o Plano de Rinchoa I; ii) com o plano de Rinchoa I deu início ao processo de suburbanização, alterando deste modo a antiga pluralidade territorial suburbana de vilegiatura, em prol das necessidades das classes médias baixas, nos anos 70.

Esta mudança de pensamento explicar-se-á pelo contexto político da época, mas também possivelmente pela compreensão por parte dos promotores imobiliários de que o público-alvo a que se destinava o plano do Athouguia não teria grande apetência pela Rinchoa. Ainda assim, é de notar, que é na Quinta Grande, um território dominado pela moradia unifamiliar, que se concentra um grupo socialmente mais privilegiado, aquele com maior percentagem de população com ensino superior completo.

Também do ponto de vista arquitetónico se deram alterações muito significativas face ao previsto. A opção morfológica de Rinchoa I, com os seus quarteirões abertos, aparenta uma certa inovação urbanística, ainda que seja difícil aferir o grau de intencionalidade desta. Seria já uma crítica ao urbanismo Moderno, por via de uma readaptação do quarteirão da cidade tradicional, ou seria apenas uma solução pouco fundamentada conceptualmente? A avaliar pela arquitetura dos edifícios, é possível que seja a segunda hipótese. Quanto a Fitares, cuja construção se concentrou sobretudo na década de 90, salientam-se dois aspetos: a) a adoção dos modelos habitacionais do imobiliário dominante na época, fortemente condicionados pela entrada na

CEE e pela “descoberta da abundância”; b) o desejo de aliviar a carga negativa de subúrbio aos empreendimentos, tanto pela sua aproximação a certos modelos que se iam realizando na cidade de Lisboa, como pela tónica numa mensagem que acentua a tradição e a historicidade.

Este trabalho pretendeu desvendar a formação morfológica e social de um território onde atualmente habita 80,5% dos moradores da Área Metropolitana de Lisboa. Esse território desarticulado, com manchas de construção agregadas às infraestruturas dos transportes, com carência de espaços públicos qualificados, com casas banais, coloridas e apressadas, também pode ser lido como um retrato de um país onde a convivência entre a gestão pública e privada nunca foi pacífica, e onde o benefício colectivo é maioritariamente inviabilizado por via do pensamento capitalista.

Mas os subúrbios não são só isto… são acima de tudo, um produto das ansiedades da sociedade do século XX, por via da arquitetura.

> “São os patinhos feios e não os cisnes que me interessam.” (Portas, 2005: 488)

MODELOS E FORMAS NO HABITAR SUBURBANO

Ao longo da Parte II foi possível identificar e caracterizar três moldes de intervenção na Rinchoa, e de certo modo transversais à construção do espaço suburbano de Lisboa ao longo do século XX, apresentamo-los aqui diacronicamente:

1. No início do século, a atividade urbana é desenvolvida pela *Comissão de Iniciativas e Melhoramentos*, onde pertenciam artistas, profissionais liberais, professores, industriais e comerciantes que se deslocavam aos subúrbios em vilegiatura. A ação destes frequentadores do espaço incidia na implementação de infraestruturas básicas à vida local, como a iluminação, o abastecimento de água, o saneamento, o conserto e abertura de estradas, a criação de parques, casinos e escolas primárias. Importava introduzir meios que suportassem o quotidiano da elite e captar o interesse e o financiamento de empresas públicas. O local adotava o modelo de *cidade-jardim*, com a habitação unifamiliar desenhada dentro dos conformes da *casa portuguesa*, opção que se enquadrava numa lógica de continuidade territorial (estética e simbólica) dos locais de veraneio da zona de Sintra. A proximidade à natureza, a clarificação de hierarquias e a intimidade familiar eram critérios fundamentais na caracterização do espaço doméstico.

2. Com o investimento dos acessos ferroviários, a ocupação suburbana assiste a um surto de ocupação residencial permanente, argumento utilizado pelos investidores imobiliários para angariar público às suas propostas habitacionais. Apesar do processo de edificação desses espaços ser escassamente entregue a arquitetos “independentes” - equipas de arquitectura que trabalhavam por conta própria e não filiados a empresas-promotoras, como o caso de Ruy d’Athouguia -, frequentemente os projetos eram abandonados a meio do processo como consequência do desacordo entre promotores e arquitetos. Posteriormente, as bases lançadas pelos arquitetos anteriores eram interpretadas e integradas num outro projeto, cuja responsabilidade era entregue a arquitetos mais conscientes do espírito empresarial. Imbuídos num espirito racional e económico ergueram-se edifícios modelares onde a preponderância do coletivo sobre o individual compunha os espaços exteriores e interiores.

3. Aquando da intensidade populacional, predominava a empresa-promotora Urbanil que congregava as diferentes fases inerente à produção de imóveis. Esta incorpora uma estratégia intensamente económica, executava um plano urbano onde predominavam os lotes em banda organizando-os em urbanizações paralelas aos eixos viários ou, por outro lado, dava lugar a grandes conjuntos residenciais, como o caso de Fitares. Os edifícios construídos eram realizados por diferentes equipas de construção civil, tendo como outro objetivo a formação e recruta de operários civis para tal execução. Por último, a empresa tratava da promoção publicitária. Este foi um processo que se tornou típico nas empresas imobiliárias após a entrada de Portugal na CEE, aproveitando-se também da prossecução da política de crédito bancário como o apoio à compra de *casa própria* ao cidadão comum. Os modelos habitacionais realizados eram bastante próximos aos modelos referência na época, nomeadamente em Lisboa, e fortemente influenciados pela tónica por eles acentuada de tradição e historicidade, aspetos admirados por uma sociedade que "descobriu a abundância" após a adesão à Europa.

Não é possível falar da arquitetura num subúrbio utilizando o léxico da cidade formal. Por um lado, porque estamos circunscritos à imagem apriorística das suas fachadas monocórdicas, erros arquitetónicos e constantes mudanças de pensamento, por outro, face à grande necessidade habitacional foi necessário integrar modelos, ou melhor dizendo, mimetizar modelos, cuja aceitação do público estava provada e garantida, nomeadamente em Lisboa. Acima de tudo, a estes "arquitetos privados" não são se reconhece um trabalho de destaque nem extraordinariamente criativo, mas sim uma enorme capacidade de análise social, económica e política, expressa por via da arquitetura.

Os motes de intervenção de um projeto arquitetónico são, contudo, uma variável exígua no momento de escolha de uma casa para o cidadão sem disciplina arquitetónica. Para o cliente, habitualmente o que lhe interessa é a dimensão simbólica que a casa exerce com o seu quotidiano e a memória identitária e emocional que esta lhe transmite.

A Parte III foi reveladora da relação regime de ocupação e época de construção/área. Por isso mesmo, a simplificação habitacional e a massificação construtiva que caracterizaram o início do processo de suburbanização ficaram até à contemporaneidade subjugadas a uma população mais carente economicamente. Na casa "suburbana" quanto mais recente, complexa, apetrechada e maior esta se torna, maior é também o número de interessados. Aqui, a tónica de preferência para a escolha da habitação é semelhante à que foi inserida no Estado Novo: tranquilidade, novo e privacidade – tudo isto, reunindo a facilidade ao crédito bancário e o aumento dos salários em plenos anos 70 e 80, tornou estes espaços socialmente triunfantes e verdeiros capitalizadores de famílias. Aqui, o *tradicional* é visto como ideário de habitação, quer por via do alojamento num edifício de habitação plurifamiliar com a fachada trabalhada e rebocada de rosa, como foi o caso estudado em Fitares, quer por via da moradia unifamiliar, como na Quinta Grande. O que importa mesmo é a dimensão simbólica que a casa e certos elementos podem induzir como triunfo pessoal. Salienta-se o facto de ser precisamente nestas habitações que a classe com maior formação superior predomina.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (1988), *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 2º vol.

AGAREZ, Ricardo Costa (2009), *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Cultura.

AFFLALO, Augusto Krusse (1969), *Rio de Mouro, Rinchoa, Mercês, Algueirão, Mem Martins: monografia, Mem Martins*, Laboratório Normal.

ALMEIDA, Paula (1994), "Habitação: a Produção de um Conceito", *Sociedade e Território*, nº 20, Abril 1994, pp.110-115.

ALMEIDA, Pedro Vieira de (2002), *A arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica*, Lisboa, Livros Horizonte.

ANASTÁCIO, Maria Amélia Cabrita (2008), *Território e Identidade: Aspectos morfológicos da construção do território e a identidade cultural saloia no concelho de Cascais*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Lisboa, ISCTE.

ASCHER, François (1998; trad. portuguesa), *Metapolis: acerca do futuro da cidade*, Oeiras, Celta Editora.

BAPTISTA, Luís Santiago (2009), "Condições Periféricas – Da cidade moderna ao território contemporâneo", *arq|a Arquitectura e Artes*, n.67, Março 2009.

CARVALHO, Ricardo (dir.) (2006), "Eduardo Souto de Moura conversa com José Adrião e Ricardo Carvalho em Lisboa, 24 de Outubro 2006", *Jornal Arquitectos*, n.225, Outubro – Dezembro 2006, pp. 54-65.

CAVACO, Cristina (2001), *Transmodernidade e experiência do espaço: periferia e periferias na problemática da sociedade contemporânea*, Tese de Mestrado em Arquitectura, Lisboa, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa.

CAVACO, Cristina (2009), *Formas de habitat suburbano. Tipologias e modelos na área metropolitana de Lisboa*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Lisboa, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa.

CMS (2007), *Rio de Mouro – Contributo Monográfico*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra.

COELHO, Alexandra Prado (2008), "Periferia: onde tudo (mas mesmo tudo) ainda é possível", *Jornal Arquitectos*, n.231, Abril-Junho 2008, pp.22-29.

COELHO, Hugo (2010), *Portela um modelo na difusão da periferia: estudo do desenvolvimento da urbanização da Portela da autoria do arquitecto Fernando Silva*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura, Lisboa, ISCTE-IUL.

COLAÇO, Branca de Gonta; ASCHER, Maria (1999), *Memórias da Linha, Cascais e Oeiras*, Edição Fac-similada.

CORREIRA, Graça (2008), *Ruy D'Athouguia: a modernidade em aberto*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.

DELEUZE, Gilles (2000), Diferença e Repetição, Lisboa, Relógio d'Água.

DOMINGUES, Álvaro (1994), "(Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?", *Geografia – Revista da Faculdade de Letras*, I série, vol. X, XI, Porto, pp. 5-18.

DOMINGUES, Álvaro (coord.) (2006), *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*, Lisboa, Argumentum.

DOMINGUES, Vera (2008), *Pisa-papéis – ensaio sobre a consolidação urbana da cidade consolidada na contemporaneidade*, Prova Final de Licenciatura, Coimbra, Universidade de Coimbra.

DONALDSON, Scott (1969), *The suburban myth*, New York, Columbia University Press.

FERNANDES, José Manuel (1953), *Arquitectura vernácula da região saloia : enquadramento na área atlântica*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

FERREIRA, Bruno Macedo (2010), *[In]formar a cidade contemporânea: a criação de uma imagem/modelo de periferia com a obra do arquitecto Fernando Silva*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura, Lisboa, ISCTE-IUL.

FERREIRA, Carlos Henriques (2009), "O projecto nas periferias: dos limites da cidade à intermunicipalidade", Documento de Trabalho, Lisboa, F.A.U.T.L..

FIGUEIRA, Jorge (2009), *A Periferia Perfeita: Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FONSECA, Maria Lucinda (1990), *População e Território: do país à Àrea Metropolitana*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

FRANÇA, José-Augusto (1997), *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa, Livros Horizonte.

FREIRE, João Paulo (1942), "Leal da Câmara e a Rinchôa", *Diário de Lisboa*, 17 de Janeiro 1942, pp.3.

GRANDE, Nuno (2002), *O verdadeiro mapa do universo: uma leitura diacrónica da cidade portuguesa*, Coimbra, eldlarq, Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC.

KOOLHAAS, Rem (2007), *La ciudad genérica*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

KOOLHAAS, Rem (2008), *Nova York Delirante*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

KOOLHAAS, Rem (2010), *Três Textos sobre a cidade*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

LAMAS, José Ressano Garcia (1993), *Morfologia urbana e desenho da cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

LEAL, João (2000), "Um lugar ameno no campo: a casa portuguesa", *Etnografias Portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote

LINO, Raúl (1992), *Casas Portuguesas*, Lisboa, Edições Cotovia.

LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização: a época de Duarte Pacheco*, Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

MASSANA, Hugo (2008), *O cromatismo de Raúl Lino na arquitectura de veraneio*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura, Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa.

MATA, Guilherme Joaquim (1944), *O valor estético e económico do horto familiar nos aglomerados urbanos Mem-Martins, Algueirão e Rinchôa-Mercês*, Tese apresentada ao congresso, Rinchôa-Mercês, Comissão de Iniciativa.

MONTOITO, Eugénio (2001), *Sintra…e suas gentes*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra.

NICOLAIDES, Becky M., WIESE, Andrew (2006), *The suburban reader*, New York, Routledge.

NUNES, João Pedro Silva (2008), "A cintura industrial de Lisboa. Breve aproximação a um território em mudança", *Jornal Arquitectos*, n.231, Abril-Junho 2008, pp.30-33.

NUNES, João Pedro Silva (2011), *Florestas de Cimento Armado. Os Grandes Conjuntos Residenciais e a Constituição da Metrópole de Lisboa (1955-2005)*, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

PEREIRA, Sandra Marques (2010), "Cenários do quotidiano doméstico: modos de habitar", *História da Vida Privada em Portugal*, vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores, pp.16-47.

PEREIRA, Sandra Marques (2010), *Casa e Mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE-IUL.

PEREIRA, Sandra Marques; MARQUES, Paulo (2011), "Trajectórias residenciais e Metropolização: uma análise introdutória a propósito da AML", Documento de Trabalho, Lisboa, DINAMIA-CET e FCT.

PINTO, Paulo Tormenta (2010), "A Periferia Ausente – Dois casos de aglomerados habitacionais de custos controlados em Portugal contemporâneo", Documento de Trabalho, SILACC 2010-Simpósio Ibero Americano.

PLÁCIDO, António (2011), "Análise dos resultados preliminares dos Censos 2011", Documento de Trabalho, Sintra, Divisão dos Sistemas de Informação Geográfica/ Departamento de Prospetiva e Desenvolvimento Estratégico/Câmara Municipal de Sintra.

PORTAS, Nuno (2004), "A bolha imobiliária: causa ou efeito?", *O Público*, 17 Novembro.

PORTAS, Nuno (2005), *Arquitectura(s): Teoria e Desenho*, Investigação e Projecto, Porto, FAUP Publicações.

PRINZ, Dieter (1980), *Urbanismo II: configuração urbana*, Lisboa, Editorial Presença.

RAMOS, Tânia (2006), *Os espaços do habitar moderno: evolução e significados: os casos português e brasileiro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Aquilino (1981), *Leal da Câmara. Vida e Obra.*, Lisboa, Livraria Bertrand.

RIBEIRO, Irene (1994), *Raúl Lino, Pensador Nacionalista da Arquitectura*, Porto, FAUP Publicações.

ROSSA, Walter (2002), *A Urbe e o Traço: uma década de estudos sobre o Urbanismo Português*, Coimbra, Edições Almedina.

ROWE, Colin; KOETTER, Fed (1998), *Cuidad Collage*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1985), "A habitação na Área Metropolitana de Lisboa", *Sociedade e Território*, nº 3, Julho 1985, pp. 54-66.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1992), *A cidade em Portugal: uma geografia urbana*, Lisboa, Edições Afrontamento.

SALGUEIRO, Teresa Barata (1997), "Lisboa, Metrópole policêntrica e fragmentada", *Finisterra*, XXXII, pp. 179-190.

SALGUEIRO, Teresa Barata (2001), *Lisboa, periferia e centralidade*, Oeiras, Celta Editora.

SOARES, Nuno Pires (2003), "Ordenamento e Planeamento do Território no contexto Metropolitano", *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, pp.147-163.

SOTO, William Héctor Gómez (2008)," Subúrbio, periferia e vida cotidiana", *Estudos Sociedade e Agricultura*, Abril 2008, vol. 16, n. 1, pp. 109-131.

SOUSA, Élvio Melim de Sousa (2005), *De residência privada a Casa-Museu de Leal da Câmara: um percurso singular*, Sintra, CMS.

SOUSA, João Silva (1984), *Leal da Câmara, um artista contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte.

TEIXEIRA, Manuel, C. (1992), "As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940", *Análise Social*, vol. XXVII, pp. 65-89.

TOSTÕES, Ana (1997), *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Porto, FAUP Publicações.

TOSTÕES, Ana (2004), "Lisboa e Tejo e tudo", *Área Metropolitana de Lisboa – gentes, paisagens, lugares*, Lisboa, Área Metropolitana de Lisboa.

VENTURI, Robert; IZENOUR, Steven; BROWN, Denise Scott (1979), *Aprendiendo de Las Vegas*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

anexos

Anexo I – “Rinchôa, hontem, hoje, amanhã”, Conferência de Leal da Câmara para o Congresso de Mem-Martins, Rinchôa e Mercês, 1944 (ausência da pág.3). Fonte: CMLC.

Houtem Nº 4 -1-

Nº 8

Houtem, a Rinchôa, como o Direito Romano do Dr. Assis, começou ... por não existir!...

Existia, sim, um lugar chamado, de tempos immemoriais, Rançôa que a corrupção de linguagem transformou em Ranchôa e, mais tarde, em Rinchôa

Como Rio de Mouro foi a transformação fonética de Rei Mouro — naquêle lugar derrotado e môrto pelo Cavaleiro Mem Martins, das hostes de D. Afonso Henriques.

A Rinchôa era um logarejo isolado, servido por um caminho péssimo, com penedias e covas por onde o viandante escorregava e ~~[illegible]~~ onde as carroças partiam os eixos e as rodas para descanso das alimárias que se deitavam a rebolar de cio, na poeira da estrada, com as pátas para o ar!..

Este caminho que foi melhorado pelo Marquez de Pombal para transito de suas equipagens, em demanda da Granja... do Marquez, teve sempre a característica que hoje ainda conserva, como estrada: — é um caminho privativo da Rinchôa - Mercês.

Este facto, deve ter influido no espirito de independencia que se nota nos autoctonos do sitio, nos incolas da Rinchôa como ~~[illegible]~~ proferia, tendo o nosso querido amigo Dr. Veiga e Sousa.

Certamente, a estrada liga com a estrada de Sintra e com a do Algueirão mas, o facto é que esta via é privativa o que torna a Rinchôa, um verdadeiro "Parentesis" d'este Concêlho magnifico".

Povoavam este ermo raros casebres, sem pretensões arquitectónicas, feitos com pédra móle, onde os musgos, davam, rapidamente, o aspecto de prematura velhice...

Desde a passagem de nivel, hoje apeadeiro, até cá a cima

uma unica moradia, por estes sitios, do mesmo estilo tristonho e salvio, se pode chamar-se ~~[illegible]~~ estilo ao casebre que hoje ainda é a moradia rinchoense que V.Ex.ª conhecem por nos terem dado o prazer da sua amavel visita. Uma casa desmoronada que ~~[illegible]~~ conhecida pela casa da Oca e Tambem existia

Um moinho abandonado, ~~tambem existia~~, moinho sem vélas nem capacête e que deixára de sêr, ha longos anos já, o arbitro do cantar e do sibilar dos ventos para se transformar, coitado!... em simples marco geodésico indicado nas cartas do estado maior como ~~[illegible]~~ um pontinho especial que marcava o ultimo apoio das linhas estratégicas de Torres.

Os rurais eram pouquissimos e, os poucos que eram, trabalhavam mais pelas quintas proximas do que nas proprias terras que eram bravias, com demasiados penêdos a aflorar o terreno, todo encrespado de mato e de tojo, bem dificil de surribagem.

Lojas de venda, não havia nenhuma.

O logarejo era pobre e só levantavam cabeça das agruras da solidão e dos invernos, os que alugavam os casinhotos desmoronados a intrépidas familias de Lisbôa anciosas de tomar ares e que trajam em carroças, a mobilia, a tina, os apetrechos intimos e o saco da roupa, tudo encimado pelo indispensavel poleiro do papagaio vêrde que dizia ~~nas paragens~~ do alto da mobilia: — Papagaio real! ~~[illegible]~~ Lourito real!...

Os ~~[illegible]~~, donos do casebre, iam morar durante

a comer qualquer petisco diferente [redacted] da pêra assada ou do esquelético coêlho caçado á joaulada, com as costêlas esmigalhadas!...

Desde a primeira hora d'esta invasão — melhor dito — d'esta verdadeira Colonisação da Rinchôa, um duplo instincto se manifestou nos novos povoadôres

1º — O conservar o que é, de facto, o encanto d'estes lugares em que a História de Portugal continua bem patente, bem visível e evocadôra, n'estes plainos e n'estas serranias, iluminadas á noite pelo crescente da Lua que ainda parece pedir préces a Allah. e onde palpita a odisseia magnífica da Grey lusitana que tabou, na moirama, a golpes de montante, ~~por estas terras~~, uma grande e eterna nacionalidade!..

Mas, tambem existiu sempre, n'estes pioneiros da primeira hora da Rinchôa, o desejo arreigado de trazerem para este ambiente ainda hoje medieval — com saloios de barrêtes do mais puro período gótico e com uma feira que não é, na sua estructura, diferente das que se realisavam em 1500 ~~[illegible]~~, toda aquela civilisação que Lisboa, a 25 quilometros de distancia, é capaz de lhe dar, com estradas possiveis por onde transitem carros automoveis com rôdas pneumaticas, com telefones que comuniquem com pessôas afins, com electricidade que dê luz e transporte energia, aplicada ao confôrto moderno.

É que, os primeiros habitantes, do periodo que me permitirei de classificar — periodo heroico da Rinchôa — tanto proprietarios, como inquilinos traziam em si — talvez mesmo sem o saberem — a conjugação ou seja a simbiose magnífica de

dois tipos imortais de Eça de Queiroz na Cidade e as Serras:

O Jacinto e o João Fernandes

O Jacinto que só vivia de comodidades civilizadas e João Fernandes que era estructuralmente serrano.

O ideal que dormitava em cada coração, era ter uma casinha na Rinchôa, com esplendido ar, com pinhais á farta, com serranias onde os olhos se cançassem de avistar distancias longinquas, mas que tivesse tambem, todo aquêle emaranhado de utensilios, ferros electricos, aquecedôres, cabos transportadôres de energia electrica, de gramofones, ~~radio~~ ~~[illegible]~~, de telefones e de radio telefonias que constituem hoje, em Lisbôa, a grande tragédia para quem precisa de tranquilidade e de dormir cêdo!... e tem de ouvir, por força — a voz fanhosa do locutor a repetir o que nós já lemos no diário de Lisbôa e a ouvir, de castigo: os fados ~~[illegible]~~ Marcenaria e de Maria Albertina [illegible] de Solar de Alegria e de Retiro de Saudade. O ideal do Rinchoense era estar na Rinchôa, em pleno campo, mas ... com uma porta para a R. do Ouro!

Mas como, a Rinchôa tão envolta de brejos e de pinhais está, afinal, a meia hora do Rocio, o ideal está realisado por si proprio ~~[illegible]~~ e o Rinchoense pôde dizer, com Jacinto dizia, quando tinha conseguido mais um melhoramento para o seu 202 —

Que maçada!... João Fernandes.

E d'aqui nasceu a necessidade de se constituir um melhoramento inicial que desse instrução e educação a este mindagem que era filho e neto de analfabetos e continuava a perpetuar a ignorancia das mais simples regras do A B C.

~~E um dia~~ E assim, eu proprio que, ~~simpatico~~ ~~[illegible]~~ apesar de ter vivido 20 anos em Paris,

mas que simpatiso muito mais, nos confessar com 6
João Fernandes do que com o Jacinto, me vi
intimado a organisar uma Comissão ~~que~~
metesse hombros à construção de uma Escola.
e que depois, dado o entusiasmo ambiente,
se transformou em Comissão de Iniciativa, Propa-
ganda e melhoramentos, graças à cooperação
dedicada de todos os seus membros e da ligação
constante que tem sido mantida com as
Autoridades de Sintra.

E assim se conseguiu o arranjo de uma
bôa estrada e assim se conseguiu a vinda
da electricidade sem nos vermos obrigados ~~[illegible]~~ pagar 45:000$00 que
eram necessarios para que este melhoramento se
realisasse e assim se teem vindo conseguindo
outras melhorias locais e preparando ~~[illegible]~~
que darão desenvolvimento e progresso a estas
duas povoações.

É claro que, aparte os entusiastas que se uniram
para estes fins beneméritos, ficavam os outros, os que não davam
nada e, bem á moda portuguesa reagiam, apesar de
aproveitarem de todas as melhorias derivadas do esforço, ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ só por alguns.

Mas em Portugal, houve sempre a necessidade
de haver uma oposição.

Porque a não haveria tambem na Ruchôa?

Mas, a cada melhoramento conseguido, essa
oposição, ~~[illegible]~~ sofrendo da doença da fartura
que atacava Jacinto — bocejava:

Que maçada!... para que servirá a
Escola se não ha ~~[illegible]~~ crianças e se ha outras escolas
por ahi?

~~Para que servirá~~
Se a electricidade cá chegou é porque isso não podia
deixar de ser e a estrada, é de obrigação concertal-a

7

não é favôr nenhum e por isso, o esforço da Comissão é completamente inútil!....

Para que é que eu hei-de dar 5$00 para a manter?

Houve até uma saloia que declarou, ali na venda do Manuel, que os animais andavam melhor pela estrada antiga, antes d'ela ser arranjada!...

Que maçada!... João Fernandes.

Hoje

Hoje, o problema das realisações já está integrado na propria vida local.

A Publicidade, intensiva, graduada e sistemática que se tem feito dentro d'esta casa, determinando n'ela, depuas de conferencias, ha dez anos a esta parte, ~~e convidados por impressos~~ as publicações que chegam, pelo correio a pessoas que nem sequer sabiam que existia no mundo, uma terra que se chamava Rinchôa, o éco que todas estas manifestações intelectuais, homenagens, festas, bailes, pic-nics, banquêtes, ~~etc~~ outras que ou por nossa iniciativa directa ou pela iniciativa de outros habitantes e que se veem realisando regularmente n'estes povoações, desde o mez de agôsto até outubro, teem tido atravez da Imprensa e até do teatro, o éco que tem levado o conhecimento da Rinchôa a milhares de pessoas que anteriormente a desconheciam.

O relativo confôrto, a amabilidade dos habitantes que trazem os seus convidados aos domingos, partilharem do bem estar que, de facto se goza n'este rincão salvo, teem dado o justificado prestigio a esta povoação que está hoje, em pleno desenvolvimento, já com numerosas casas construidas, com bastantes terrenos vendidos para futuras construções e, em nos esqueçamos, com uma Escola em pleno e triunfal funcionamento — em que ~~[illegible]~~ já começa a ser

Necessario limitar-se a matricula porque o numero de alunos que desejam frequental-a excede a capacidade ~~de~~ o numero legal atribuido a este estabelecimento de ensino. X

O trabalho pertinaz das Excelentissimas Senhôras da Comissão de Assistencia, ~~distribui~~ organisando-se por forma a distribuir regularmente, por umas 120 crianças, agasalhos, bôlos e brinquêdos no valôr, tambem médio, de 15$00 pelo menos, por cada criança, assume proporções que determinam a admiração dos que sabem as dificuldades com que estas Senhôras devem luctar e que foram classificadas pelo Ex.mo Ministro da Educação Nacional - a quando da inauguração da Escola por Sua Excelencia o Sr. Presidente da Republica, como obra precursôra da obra das Mãis.

O trabalho, n'este caso auxiliar, d'esta nossa Comissão, desligando-se por completo de qualquer orientação ou iniciativa relativa á Escola que já não nos pertence e da qual só desejamos um bom funcionamento, tem levado comtudo, esta Comissão, a acompanhar os seus progressos, realisando cada ano uma festa infantil ~~e~~ a distribuir n'esta Sede pelas crianças que ~~demonstraram aplicação e~~ passaram de classe, os premios que foram merecidos pela sua aplicação ao estudo.

Entre parentesis devo dizer que esta Comissão não só não deseja nada da Escola e dos seus alunos como tambem não deseja qualquer agradecimento pois o que tem feito é sómente realisado no espirito mais cristão e mais altruista, para estimulo das crianças e para sua bôa educação e exemplo futuro.

9 (A)

Ha algumas pessôas, raras, extranhas a este meio e a esta Comissão e que tiveram, ~~no~~ momento oportuno, ocasião de manifestarem a sua dedicação e a sua generosidade..

São inumeras essas pessôas que vinha pedir na Feira para ~~bem~~ da Escola e não as posso citar a todas mas saliento o gesto nobilissimo da Ex.ª D. Virginia Afonso que, sem que ninguem lh'o tenha pedido e por seu livre alvedrio, organisou uma festa em Lisbôa e trouxe um dia, de surpreza, 1000 escudos que nos déram animo novo e que o nosso Conselho Fiscal, verificou na sua aplicação urgente e imediata.

A essa Senhora ~~[illegible]~~ mais uma vez, os nossos agradecimentos em nome das crianças d'esta terra.

Outro gesto interessante é o de D. Julieta Paulo Pereira que, ha 8 anos a esta parte, atravez de máu tempo e até de doenças em sua casa, nos traz, todos os anos uma enorme bonéca que é rifada entre as pequenas da terra faz a felicidade das que as ganharam e fazem sonhar de esperança, todas as crianças que esperam anciosas, o momento de tambem possuirem tão invejada bonéca cujas historias, talvez para o ano, contaremos a V.Ex.ª pois ha bonécas felizes e bonécas infelizes e bonécas encerradas, ferozmente, no fundo de um bahu, para que ninguem as veja senão a sua proprietaria. Muito obrigada a estas generosas e Ex.ª senhoras.

Tudo isto, tem ~~atraído~~ solicitado a atenção sobre a Rinchôa e para ela veem, cada verão, numerosos veraneantes, atraídos pela publicidade feita e encantados pelas suas belezas naturais.

Emquanto o numero de veraneantes era compatível com os ~~acomodamentos~~ acomodamentos locais, tudo ia no melhor dos mundos mas quando esta população veraniega excede, como aconteceu este ano, a aconteceu peor, para o ano que vem, as possibilidades ~~[illegible]~~ d'esta localidade para acolhel-os e para os divertir, começa a fazer-se sentir a falta de determinadas comodidades e cria-se, instinctivamente a ideia que se transforma em psicóse colectiva, de que:—

— Posto que existe uma Comissão, ela deve dar providencias, ~~[illegible]~~ arranjando caminhos, organisando divertimentos a que todos venham de graça, pondo luz nas casas que alugam ~~certamente baratissimas~~ e que ainda a não teem e reclamando, a tôrto e a direito, até nos jornais, como aqui temos exemplos, ~~como~~ se o facto de ter alugado uma casa para o verão lhes desse o direito, de virem bailar para a Séde que tem os seus socios que a sustentam durante um ano inteiro, a irem para os pinhais que são de outros donos, a jogarem o tennis que é uma empreza particular, etc, etc.

###

Os homens das carroças, ..

dôres da Nazaré e da Ericeira que nasceram em Traz os Montes e na Beira Alta, não teem mãos a medir e ... quanto mais gente ha na Rinchôa,

10

mais depressa se esgotam os cestos, os garrafões e as canastras de peixe e, ... metade da população que está à espera de peixe para o almoço, tem de abrir uma lata de atum e os que esperavam carne para assar, teem de comer uma omelette com restos do dia anterior!...

Mas a omelette, costuma fazer-se com ovos e esta, é uma das grandes tragédias locais pois se é um facto que Salazar tenha conseguido equilibrar e estabilizar os ~~escudos~~ e as libras e que nós possamos saber, ao certo, o valor real do nosso escudo

porque sabemos tambem o valôr exacto da libra chéque e da libra ouro — continuamos a ~~ignorar~~, por completo, aqui na Rinchôa — o valôr da libra — ÔVOS!...

É um valôr tão oscilante, cada vez mais para cima pois as saloias não conhecem a baixa da libra Ôvo como tambem desconhecem as cambiais relativas á manteiga, aos queijinhos, aos frangos e aos pirúns!...

E se o pobre ~~[illegible]~~ rinchoense protesta, apanha com um dos tais palavrões que nem todos veem no dicionario e a saloia, dando uma vergastada no burro, volta as costas dizendo Ála!... se não quere, ha muito quem queira!

E o ~~[illegible]~~ rinchoense, fica sem ovos para fazer a tal omelette!...

~~É preciso começar a defender a Rinchôa!...~~

Os proprios médicos, muitas vezes, sem ~~[illegible]~~ conhecerem ao certo, a topografia local, as suas possibilidades higienicas e ~~sem~~ terem dados certos sôbre a natureza das aguas existentes, receitam Rinchôa como as mamãs dão ás crianças Emulsão de Scott, e dizem de um mamã se definitiva: —, Tem que ir para a Rinchôa!

É claro que, quando o cliente está um pouco cançado pelo surmenage, Rinchôa é um optimo remédio e, qualquer de nós, sem ser médico, pode aconselhar a vinda para a Rinchôa mas quando aparecem, como teem aparecido doentes com pulmões completamente exangalhados e com outras doenças graves, ou fogem com rapidez ou morrem em pouco tempo — e quem paga é a publicidade da Rinchôa porque se diz que não présta, onde não ha

nada que se coma, onde não ha divertimentos
ois onde não ha Casino, onde não ha nada que presto
(o proprio ar faz mal aos doentes)
e quem paga, é a pobre Rinchôa!...

É preciso começar a defender a Rinchôa!..

É preciso defendel-a, dando-lhe condições de desenvolvimento compatíveis com a sua crescente população

É preciso defendel-a, ~~criando~~ ~~lugares~~ sítios publicos ~~compatíveis~~ ~~com~~ ~~as~~ festas ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ proprios de verão e onde esta aluvião de veraneantes se possa distrair sem atropelar os direitos de ninguem.

É preciso educar ou pelo menos pôr um freio n'este verdadeiro abuso, a esta tirania que nos é imposta pelos vendedôres ambulantes e colocal-os no seu verdadeiro papel — de distribuidôres de artigos necessarios mas dentro de tarifas que não ~~excluam~~ impeçam o legitimo ganho mas que exclúa, por completo a má qualidade e a abusiva exploração cujo nome é ronhalheira.

Se não se tomam precauções bem definidas e rapidas a Rinchôa tornar-se-ha em breve, povoação indesejavel e posta ao index pelas pessôas de bom gôsto que hoje lhe encontram encantos e transformar-se-ha n'uma terrivel com divisão de opiniões entre os poucos habitantes ~~[illegible]~~ de terra sucomodada para todos, com um espirito de baixa intriga e de insinuações como infelizmente existe, em alguns ~~nas~~ pequenas vilas de provincia.

Certamente, não tenho receio que haja lugar, na Rinchôa, a verdadeiras batalhas!...

Batalha, subentende fôrças contrarias enemigas que se degladiam e luctam pela posse de territorios, por ideologias sociais ou religiosos ou ainda por interesses!...

As batalhas, nas povoações de pequena categoria, em povoados e onde não ha grandes territorios, grandes conflictos de classes porque não ha minas nem grandes fabricas, só podem ter um parecido de batalha, melhor dicto de conflicto ou de divergencia se existe um monumento central onde convergem as inteligencias da terra, se existe uma Botica.

Onde á noite, o escrivão de fazenda, o droguista e o hum Doutôr, e o ~~Tenente~~ Tenente da guarda Fiscal discutem os problemas graves do mundo inteiro atravez do prisma restricto da Praça Nova que já se chamou, in ilo tempore, Largo D. Amélia, que depois foi inaugurada com placa de azulejos e foguêtes com o nome de Praça da Republica e que hoje se chama Praça D. Oliveira Salazar.

Para haver conflictos graves em uma terriola de poucos habitantes é não sómente preciso haver estas opiniões divergentes que... convergem na BOTICA mas tambem é necessario haver uma outra instituição, de caracter colectivo, representante altosonoro da voz publica e que se chama

Filarmonica!...

Uma Filarmonica, faz barulho!...

Toca na sociedade da terra, toca no enterro do taberneiro que era socio benemérito porque tinha

dado um pipote de vinho baptisado, pau não fazer mal a ninguem e colorido a pau de campeche, para dar a côr e o paladar aos amadôres, toca nos dias solemnes nos dias das festas civicas que o Calendario determina e até nesses dias, que os graúdos ~~[illegible]~~ da terra entendem, que deviam vir no Calendario, e não veem.

E assim, ha sempre, fungágá, pelo menos no dia 1º de Dezembro, no 28 de Maio e no 5 de outubro.

Aqui é que as coisas se complicam porque os dias solemnes são relativos á opinião divergente das altas directivas da terriola, concentradas na farmacia!...

Ha uns que entendem solemne o dia da restauração mas ha outros que são de opinião que esse hinno pode ofender as justas bôas relações com o actual dono do bar internacional que nasceu para alem de Valença do Minho.

Outros, aspiram pelo hino da Carta e ha quem entenda, como detentôres dos eternos e rigidos principios, que a Praça da Republica nunca deveria ter-se chamado assim mas sim Praça ~~Da Liberdade~~ porque, dizem êles, República é tudo e tem havido muitas republicas mas ~~Liberdade~~, ha ~~[illegible]~~ uma só!.. e cada qual chama-lhe sua!..

E ha até quem, dentro de ideias modernas, entenda que a tal praça que tem mudado de nome tantas vezes, deveria chamar-se, como outrora, simplesmente

Praça Nova!..

E d'esta divergencia de conceitos, nas terriolas em que ha uma só farmacia e uma só filarmonica, nasceu a necessidade urgente, impreterivel e inadiavel de se organisarem — Duas filarmonicas!...

Cada uma d'ellas só tocará o seu reportorio ideologico e a Botica, á noite, á hora da palestra amena, triunfará discretamente, como acontece nos meios diplomaticos, com pequenos subentendidos.

~~que~~ ~~Omisto~~

— Vocês ouviram aquéla fifia do cornetim quando atacava os Herois do Mar? Aquilo, levava aquelo rubrico

Muito ~~[illegible]~~ peor, foi a do trombone, que ~~[illegible]~~ entupiu!...

...quando chegou ao dia da Restauração!...

###

A Historia d'este genero de terriolas já tem sido feita desde Julio Diniz na Morgadinha e até ~~[illegible]~~ ao Ramada Curto na Aldeia de roupa branca —

#

Mas na Rinchôa, nem ha ~~farmacia~~ Boticas e nem ha filarmonicas — muito menos existem duas filarmonicas rivais!..

Quando tem sido necessaria uma musica, para várias manifestações rinchoenses, desde inaugurações até bailes e teatros, é sempre a mesma filarmonica que aparece e não é cá da terra.

É a mesma musica que, pela 1ª vez que aqui veio, na sua força maxima de ~~trombones~~ cornetins, flautins e trombones, foi para a festa do lançamento da 1ª pedra da Escola e em que a nossa Comissão poz á sua disposição Dois mil e seis centos pasteis de bacalhau oferecidos por 26 visinhos de Rinchôa e dos Mercês o que provocou a declaração unanime de que aquéla festa tinha sido a mais bem servida das festas do Concêlho!...

16

Sem filarmonica e sem Botica, não ha conflitos possiveis!...

Haverá talvez, a reminiscencia d'aquela famosa má lingua no Comboio cujas leit-motif era que a Escola nunca se faria mas hoje, isso desapareceu deante dos factos consumados, como desaparecerão outras pequenas manifestações de discordancia, quando outros factos se consumarem!

Na Rinchôa, que eu saiba, não existe, felizmente, uma quinta coluna nem problema grave de Sudêtas e apezar de estarmos a dois passos de um campo de aviação, não me consta que tenha descido nenhum paraquedista....

Estas pequenas discordancias, conversas entre amigos, opiniões diferentes como não podem deixar de existir, entre vizinhos da mesma rua, limitam-se ao fact de:

Junctarem-se dois á esquina
a tocar a concertina —
e a dançar o sólido!...

Amanhã

Amanhã, é o futuro e o futuro, a Deus pertence... e só Deus pode saber o que será o dia de amanhã.

Existem formulas pagãs de investigação do futuro usadas pelos astrologos, pelos cartomantes, pelos quiromantes e pelos que seguem os rituais da Cabála e que, nas nossas regiões estão ainda perpétuadas pela tradicional mulher de virtudes, pela famosa bruxa da Arruda que adivinhava se a vaca tinha bezerro ou bezerra e pelas senhôras de não menor virtude que êem, em quartos andares da Baixa, no destino dos que as consultam, na esperança de saber o numero da sorte grande, a fidelidade do homem amado ou se chegará determinada carta do Brasil com alguns frutos das arvores das palacas.

Essas mulheres e as mais modestas que, por estes sitios, dizem, mediante 10 tostões, todos os nossos segrêdos presentes, passados e futuros, auxiliam-se dos mais variados apetrechos, desde as cartas de jogar, o cócórócó das galinhas, o fumo resultante do queimar de certas ervas, os depositos esbranquiçados que veem á flôr do café depois de servido e, sobretudo, do emaranhado das linhas da palma da mão.

Este genero de adivinhar, nunca falha, quando elas dizem com aquêle ar definitivo: — Ora aqui está na palma da sua mão, que será pessôa de teres e haveres e que tudo a que botará o seu olhar, lhe será fiel.

E mais nejo aqui, uma pessôa que

lhe quere bem e outra que lhe quere mal mas
ha de vir uma carta de muito longe que
fará tudo a seu contento.

E, a pitonisa, olhando, atentamente
a linha da vida, a linha da sorte, a linha da
fatalidade, a linha da cabeça e a linha do coração
termina por dizer, com a autoridade proféti-
ca que lhe é propria:

— E, mais se vê, na palma da sua mão que o senhor é muito agarrado
ao seu dinheiro e hade gostar de se a devertir
e botar vista mas que os outros paguem!...

E aqui se vê, na palma da sua mão que terá uma doença
que se não morrer, viverá até aos 85 anos.

Mas, a Comissão de Iniciativa e de Melhoramentos
de Rinchôa-Mercês, a cuja directiva tenho a grande honra de
presidir, não dispõe de tão misteriosas formulas
para conhecer as incognitas do dia de amanhã, e limita-se
a seguir os dictames da Biblia que diz: — Deus, disse ao homem: (põe a tua mão que eu te ajudarei)
Encararem portanto os
problemas que porventura interessem aos membros
d'esta Comissão e que
são proprietarios ou pelo menos, inquilinos
fixos d'estas duas localidades e teem portanto
interesse nas melhorias locais, pois
teem de pagar as respectivas contri-
buições, teem de concertar as suas casas quando
chove e sabem portanto, o interesse pratico
que representam as melhorias estuda-
das por esta Comissão, de 14 anos a esta parte
e que teem permitido, o aluguel de casas, por preços
convidativos e a venda de terrenos por importancias que

não seriam de prever ha 10 anos e que ainda
hoje, não são equivalentes ao custo do metro quadrado de terreno que
se vende em Mem Martins, em Rio de
Mouro, em Alharraque, na Tala ou em Fitares.

Esta diferença de condições, só apercebida
pelos que teem interesses directamente ligados
a esta povoação, fazem d'esta Comissão, composta
sempre dos mesmos individuos, um verdadeiro
bloco, cimentado hoje, felizmente para todos, por uma já velha e mutua
amizade até grande familiaridade a qual se veem juntar, tambem, felizmente,
alguns novos prosélitos que, de estagiários,
passarão a efectivos e d'ahi, substituirão
o pequeno numero de fundadores, verdadeiro
senado d'esta instituição a que estas duas povoações
devem o seu desenvolvimento e propaganda.

Com estes elementos de apreciação e
sem o concurso de cartomantes e de pito-
nisas e de adivinhos, esta Comissão, só
pode aventar hipoteses, fantasiar melho-
rias e preparar que essas fantasias se
transformem dentro de um periodo possivel
em tangiveis realidades.

Uma das primeiras medidas a prever é a
organisação logica de divertimentos e de reuniões, para-
te o verão proximo futuro que não podem ser
contidos dentro d'esta casa, bem modesta e bem pequena
demais, para acolher a aluvião de veraneantes que
não se importam com melhoramentos pois só cá
estão 3 mezes, no verão.

Evitam-se mal entendidos deploraveis e
até gestos pouco louvaveis entre pessoas de educação.

É necessario pensar na construção,

de um edificio proprio a bailes, a cinema e a outros divertimentos.

Um edificio d'esta natureza, deve prever-se por forma a que, ou seja todo terreo e portanto, de area muito grande ou em dois pavimentos, tendo o cinema no rez do chão e a sala de baile e outras dependencias no 1º andar. Conviria que alguem se abalançasse a esta construção mas ~~No 1º caso~~ é de aconselhar a organisação de uma Comissão especial á qual esta Comissão prestará o seu concurso na medida do possivel e essa Comissão, estudará o problema financeiro e o problema da exploração d'esse local que pode ser explorado pela pessôa ou empreza constructora ou por um arrendatario. A Comissão ~~[illegible]~~ não pode tomar a iniciativa directa do assunto pois tem outros de interesse publico a tratar mas apoiará quem se encarregue de o resolver, se do nosso concurso necessitar.

Mas, emquanto não existe esse tal edificio que é possivel construir-se mas que será, por emquanto dificil de sustentar porque as dificuldades que tem enfrentado esta modesta Séde, serão multiplicadas n'esse futuro local porque todas as comodidades são derivadas de despezas e, por emquanto, pelo menos o genero de veraneantes, não pertence á classe capitalista e portanto, não poderá, em nossa opinião contrabalançar em 2 mezes e meio, as despezas que terão de fazer-se com musica, criadagem, luz, etc. (mostrar casino)

Emquanto, repito, não existe o tal Casino que hoje se me afigura necessario e possivel de realisação, se existir a bôa vontade geral de o organisar e de o construir, devemos prever antes d'isso um local, bastante vasto, mesmo ao ar livre onde possam divertir-se os veraneantes e os habitantes e para o que, ~~[illegible]~~ esta Comissão, já deu os passos necessarios mas cujas negociações ainda não chegaram a ser ultimadas por completo mas para o geral vejo, desde já, bastantes probabilidades de uma bôa resolução. (mostrar Pinhel)

A pedido do Snr. Administrador do Concelho de Sintra e do Snr Visconde de Santarem, elaboramos uma planta de arrumação da desarrumadissima feira das Mercês em que toda a gente se acotovela, em que uma grande parte do publico foge desilusionado de não ver nada que lhe solicite a atenção e onde se não vê, sequer, o tradicional muro do Derrete com as saloias sentadas a escolher o noivo dos seus desejos porque o famoso muro, está completamente tapado com enormes barracas de pim-pam-pum e de tiro ao alvo por traz das quais se praticam actos pouco higiénicos e pouco morais.

A planta elaborada, prevê arruamentos que permitam uma organisação da feira mas, é nossa opinião, que já se pensou nisto assunto demasiado tarde pois já se tinham tomado compromissos com bastantes feirantes para a colocação das suas barracas.

Só para o ano será possivel dar uma directiva a este assunto.

Por este ano, devemos contentar-nos com a mudanca das grandes barracas para outro lugar e com a libertação do Cruzeiro que todos os anos estava envolto em canastras e carrocas.

Saberá portanto, amanhã - ou seja para o ano - que se fará qualquer coisa de geito e parece-nos que será o momento da propria Comissão de Iniciativa fazer uma barraca representativa da sua actuação, dos Tribunais as propagandas d'estas duas localidades aos milhares de visitantes da Feira.

(mostrar depois a planta da feira)

~~A Comis~~

Aproveito para comunicar a V Ex^as que, tambem a pedido da Camara Municipal de Sintra a cuja Comissão estética tenho a honra de pertencer, se estão estudando as condições em que pode sêr transformado o verdadeiro quebra-costas que é o terreno desniveladissimo ~~que~~ onde está a fonte e o lavadouro publico. e esperamos que amanhã ou seja até ao ano que vem, essa transformação esteja realisada.

(mostrar quebra costas)

No ano passado, tive o prazêr de vos mostrar uns desenhos referentes a um projecto de Cantina escolar.

É um assunto que é indispensavel resolver porque as crianças veem para a Escola, durante os mezes de inverno, quasi sem alimentação.

~~A alguns, a professôra, já tem tido a caridade de dar~~

Este ano, era nossa intenção procurar resolver este assunto de alta moralidade mas que demanda uns 8 contos por ano mas infelizmente, o ambiente encontrado na Rinchôa, com um super-avit de divertimentos e de divisões de grupos e de grupinhos, não permitiram dar solução a este facto que fica, infelizmente, para amanhã. quando fôr possivel obter uma cooperação geral de habitantes e de veraneantes, para fim tão humanitario.

(mostrar Cantina)

Tambem não foi esquecido o projecto que apresentamos a V Exª no ano passado, da reconstrução da estrada que liga a Estação das Mercês ao alto da povoação.

Esse melhoramento, pedido á Camara por multiplas

vezes e dependente de verbas que não chegam para resolver identicos problemas, nas numerosas estradas Concelhias, teve o seu feliz resultado, este ano, depois de numerosas visitas a Sintra, d'esta Comissão e de não numerosas vindas aqui do engenheiro da Camara h. Gomes da Silva, nosso querido amigo, ~~só aqui não está pr~~ e, essa estrada, está em plena transformação, dando assim completa satisfação aos moradores das Mercês. É um assunto que apezar de não estar concluido, se pode considerar como de amanhã mas que, pelo seu adiantamento, já se pode dizer que é de hoje e que está resolvido.

~~Tambem não temos esqueci~~

A Comissão de Iniciativa, Melhoramentos e Propaganda da Rinchôa Mercês já indicou, em traços largos, no ano passado qual é a unica possibilidade de desenvolvimento futuro d'estas duas povoações que, pouco terreno tem ainda para se expandir para o lado da linha ferrea de Sintra.

O seu crescimento, ficará atrofiado e d'aqui a 10 anos, continuariamos sem um talho que nos abastecesse e sem outros estabelecimentos proprios a uma povoação com habitantes estaveis pois todos Vix^m sabem que, chegado a Outubro, a maioria dos moradores abálam, ~~[illegible]~~ diz o Povo, para Lisbôa e só por cá ficam raros habitantes que não chegam para fazer viver qualquer comercio local.

A nossa Comissão, indicou qual era a solução: — a aquisição da quinta grande que representa, para estas duas povoações o seu logico e indispensavel "espaço vital"

Tambem mostramos a V Ex.as alguns projectos que voltaremos a apresentar ainda hoje pois este problema continua de pé, posto que a Comissão não o tem abandonado e bem ao contrario, tem entabolado os primeiros contactos com as pessôas representativas dos donos da quinta e com as entidades que a podem e devem adquirir.

A quinta grande tem ~~apur~~ pouco mais de 750 hectares de terreno e, ~~podem portanto~~, ~~com~~ uma vez estabelecidas vias de comunicação que cortem a quinta, ligando a Rinchôa e as Mercês com a estrada que vem da Venda a Sêca ao Algueirão, podem sêr construidas, n'esta vastissima area, cerca de 300 moradias.

A quinta tem um caudal de agua importantissimo e pode abastecer toda a futura povoação que ficaria assim, servida por duas vias ferreas, a linha de Sintra e a linha de Oeste.

A construção de 300 casas, trariam á região, uma movimentação de capitais aproximadamente de 12'000 contos e daria trabalho a innumeros operarios.

~~Se esta Comissão, como é [illegible] intenção, interferir pela~~ mostrar projectos (mostrar projectos)

V Ex.as dirão que este projecto é pura fantasia mas tambem era fantasia este projecto que mostrei no ano passado, referente á fonte do rouxinol e hoje, é uma realidade.

(mostrar projectos)

O que é indispensavel, com toda a sinceridade o digo áquêles que, de facto, teem qualquer simpatia por estas duas povoações é colaborar sinceramente para o seu desenvolvimento, sobretudo n'este periodo - um pouco infantil em que é necessario não pedir demasiadas comodidades, demasiadas ~~pobres~~ selecções de seus habitantes como se não pede a uma criança de 8 ~~anos~~ dez anos que tenha opiniões, que faça a vida de ~~adulto~~ a cujo periodo ainda não chegou.

Defendamos a Rinchôa, minhas Senhores e meus Senhôres, se queremos vêr amanhã, este povoado seguir normalmente, com a bôa educação que os seus papás lhe déram. e

E muito obrigado pela vossa atenção e coragem vindo até aqui, n'este dia de chuva, para ouvir este arrasoado que ~~sem~~ tem um mérito

Tentar Defendêr a Rinchôa
~~e as Mercês~~!...

e não Defendo as Mercês porque essas não necessitam de defeza - estão Defendidas por sua natureza pois só esperam d'esta Comissão o que se traduz em

Espera recebêr mercês!...

Anexo II – “Engenharia Saloia”, tese apresentada ao Congresso de Mem-Martins, Rinchôa e Mercês, por Américo Vaz, setembro de 1944. Fonte: CMLC.

ENGENHARIA SALOIA

Tese Apresentada ao Congresso Mem-Martins - Rinchôa - Mercês por

A. VAZ

Construtor Civil inscrito na C.M.L.
Membro da Federação Internacional da Habitação e Urbanismo

Pretende o autôr que a presente tése, chame a atenção do Congresso Mem-Martins - Rinchôa - Mercês, para uma série grande de anomalias que a nossa época impõe fazer acabar.

Não pretendo fazer acusações, embora esteja convencido de que há responsáveis, aponto factos e o que é mais urgente fazer, a bem do turismo do Concêlho, dos habitantes e sôbretudo daquêles que procuram êste chão, para repouso.

A desordem que se observa no desenvolvimento destas povoações, é motivada pela falta dum plano director e consequentemente duma repartição de obras Municipais reorganisada, com quadros adaptados ao desenvolvimento da construção no Concelho.

A Câmara não tem função de fazer projectos e fornecê-los aos Munícipies, mas tem obrigação de bem os criticar, exigindo dos projectistas o bom, e isto salvo raras excepções não o tem feito para as povoações, de que êste Congresso se pretende ocupar.

Ainda contra todos os princípios do Urbanismo, a Câmara traça nestas povoações, ruas tão erradamente concebidas, que nos leva a crer ser concepção de proprietários, ruas em funil, imensamente estreitas de planta irregular, onde não faltam os muros salientes, sem alinhamento.

Para êstes aglomerados urbanos, devia a Câmara mandar elaborar planos de urbanização, o próprio urbanista regulamenta-

va a execução dêsse plano de tal modo, que poderei afirmar ser van tajoso para a Câmara sôbre vários aspectos.

Um exemplo se pode citar, ó aquêle que me parece ser aplicado pelo Gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol. Urbanisado o terreno ou determinada zona, fica obrigado o proprietário, em caso de edificar ou transaccionar, a pagar determinadas taxas, que, se não totalizam o custo do arranjo, pelo menos amortizam a despesa feita.

Com sistemas desta natureza, seria possivel em breves anos, obter o Município de Sintra o embelezamento total destas povoações, jámais que possui como consultor o melhor técnico português nêstes assuntos o Arquitecto-Urbanista JOÃO FARIA DA COSTA.

No estado actual destas povoações, traçadas por indivíduos cheios de boa vontade, mas a quem faltam os mais elementares conhecimentos da arte, torna amanhã tarefa mais dificil, realizar um plano de urbanização.

Também um importante problema municipal e bastante ligado à organização do turismo é o da construção urbana. Não é de admitir o que se tem feito no género de casinhas inestéticas que aparecem por êste Algueirão - Mem-Martins - Rinchôa, etc..

O Concelho de Sintra situado nos arredores de Lisboa, uma com aprasiveis zonas de turismo, está impestado de casinhas sem gosto, construidas ao desbarato. Quem projecta e constrói, uma grande parte dessas moradias, ignora os fundamentais princípios da higiene e confôrto, a que a concepção duma casa deve obedecer, tanto na Arquitectura exterior, como na divisão dos interi

ores. A impressão que resulta da observação dessas construções, é que estão erradas, manifestando-se uma expressa ignorância dos projectistas, que chegam a comprometer, a competência técnica dos serviços camarários, que aprovaram semelhantes mamarrachos.

Tôdas estas deficiências, arrastam outros problemas de não menos interêsse e que assustadoramente se propagam pelo Concêlho. As fossas concebidas por projectistas que ignoram as mais elementares teorias, que regem o funcionamento dêsses depósitos de dejectos. Pregunta-se porque os serviços competentes da Câmara não exijem para cada projecto de moradia, a respectiva fossa com o cálculo justificativo? Não se compreende porque assim não seja, se o próprio Ministério do Interior por intermédio da Direcção Geral de Saúde, tem determinado o tipo de fossa a adaptar. Êste problema das fossas é grave e deve ser encarado pelo Município como um dos primeiros. Já no Concelho de Cascais êste problema das fossas se arrastou, mas através duma campanha inteligentemente concebida, a par de medidas de ordem técnica, melhoraram consideràvelmente, as suas condições sanitárias. A existência da môsca e do mosquito na abundância que todos nós já apreciámos, tem a sua origem no tipo fossa e nitreira que abunda pelo Concelho. Turismo com abundância de môscas e mosquitos é difícil e impõe-se à Câmara concorrer com as suas possibilidades para o seu rápido extermínio.

O campo é vasto para falarmos dêstes impertinentes bichos, sôbretudo se salientarmos que são elas que nos veiculam

as doenças mais graves, como a febre tifóide, a tuberculose, a lepra, a erisipela, a escarlatina, a varíola e até mesmo a paralisia infantil. As teses apresentadas por ilustres clínicos dêste Concêlho, melhor hão-de salientar as afirmações que aqui faço.

Existem mais pequenas coisas que é oportuno falar. Os muros que dão para a via pública, deviam ser objeto de melhor cuidado. Os que limitam as moradias e especialmente aquêles que olham à rua, deviam ser concebidos e construidos, segundo melhor critério do que aquêle que até hoje se tem adoptado.

A origem destas deficiências é a mesma. Os serviços técnicos do Município não estão actualisados e ao alcance de satisfazerem as necessidades do Concelho e do desenvolvimento que nêste últimos anos êle tem tido, ainda com o acréscimo da Câmara nos seus registos, ter inscrito ilegalmente, como técnicos de construção, indivíduos que nunca frquentaram qualquer Escola, e a Câmara com tal concessão permitiu que êsses Senhores façam projectos, dirijam obras, etc., gosando dêste modo, dos direitos que a lei concede aos legalmente habilitados pelas Escolas Técnicas Portuguesas. Segundo informações colhidas é o único Município do país, onde êste facto se deu, que considero duma das contribuições mais infelizes para o desenvolvimento urbano do Concêlho.

-:-:-:-:-:-:-:-:-:-

CONCLUSÕES:

1 - Que a Câmara Municipal de Sintra, mande realizar planos de urbanização e só permita construções sujeitas a êsse plano director.

2 - Que a Câmara Municipal de Sintra organise uma repartição de obras Municipais com quadros actualisados, capazes de cumprirem com as funções que se lhes destinam.

3 - Que a Câmara Municipal de Sintra, regulamente a construção urbana, a bem do Turismo e do desenvolvimento Urbano do Concelho.

Anexo III – “Casas Fim de semana”, tese apresentada ao Congresso de Mem-Martins, Rinchôa e Mercês, por Américo Vaz, setembro de 1944. Fonte: CMLC.

CASAS FIM DE SEMANA

Tese apresentada ao Congresso Mem Martins-
-Rinchôa - Mercês por

A. Vaz

Construtor Civil insc. na C. M. L.

Membro da Federação Internacional
da Habitação e Urbanismo

O Concelho de Sintra, situado nos arredores de Lisboa, coberto de aprasíveis povoações e zonas paisagísticas encantadoras é dos que mais condições oferece, para a construção de "casas fim de semana".

A prática do Campismo, chegou até à construção de casas dêste tipo, embora que ainda pouco difundida no nosso País. A designação Fim de semana, tem a sua origem na expressão Ingleza "Weck end", que já alguns anos vem sendo empregada, para defenir a passagem no Campo, da tarde de sabado e o domingo.

A "casa fim de semana", não é outra coisa do que uma habitação abreviada, construida exclusivamente para descanço e despreocupação da família que a habita, pelo que a sua concepção e construção, exije um estudo especial, diferente daquêle que se realisa, para qualquer outro tipo de moradia.

Não se póde designar "casa fim de semana", uma vivenda como as que abundam na região, algumas com um pouco de graça, outras, em maior percentagem, dum expresso mau gôsto, se espalham por êste imenso solo saloio, vulgarmente com mais divisões do que a residencia habitual da cidade.

A "casa fim de semana", para que possa cumprir a missão que

lhe impomos, tem de ser a casa de repouzo para os nossos nervos, filtro purificador dos nossos pulmões, a distracção do nosso espírito. Enfim, pretende-se que "casa fim de semana" proporcione aos seus ocupantes, a despreocupação das muitas complicações da vida citadina, vivendo êsse fim de semana ou férias, num ambiente natural, são e tranqüilo.

A melhor forma de conceber uma "casa fim de semana", é dar-lhe sómente o caracter de refúgio. Ligeira, construida sem detalhes de luxo, comoda em cada uma das funções a que se destina.

As caracteristicas e fins dêste tipo de casa, obriga-nos a ordenar a sua concepção e divulgação pela ordem seguinte:

ESCOLHA DO LOCAL: - Lugares pitorescos tranqüilos, em pleno campo com abundancia de arvoredo, permitindo a observação de panoramas interessantes, em pinhais, junto dos rios, onde os seus ocupantes podem com facilidade, praticar qualquer desporto, como a canoaje, a natação, a pesca, a caça, etc. incluindo mesmo a prática da horta e da floricultura pela família.

PROJECTO: - A par da racional distribuição que a "casa fim de semana" deve possuir, onde a sala comum deve ser a principal e quasi única divisão, mas onde não deve faltar a cozinha, quarto de banho, armários embutidos, um fogão de sala decorativo e agradável no inverno, a par de suficientes janelas, que proporcionem em pouco espaço, um albergue bem ventilado.

CONSTRUÇÃO: - Na construção duma "casa fim de semana", exije-se que seja duma arquitectura caracteristicamente regional, dum estilo próprio, que se harmonise com os usos e costumes das povoações. Sómente o material daregião deve ser empregado, a pedra arrancada alí e trabalhada na obra, disposta como elemento decorativo, presta-se admiràvelmente.

As coberturas podem ser abreviadas e em algumas regiões, pode-se [redacted] permitir, o emprego do colmo, tendo como vantagem a

completa isolação térmica em tôdas as estações do ano. No entanto nunca deverá ser empregado outro tipo de telha, que não seja a clássica e portuguesa telha de canudo.

MOBILIÁRIO: - Numa "casa fim de semana" à que obter de cada movel, o máximo de utilidade prática, funcional e perfeitamente rústico, disposto de forma, a não exigir trabalhos e preocupações, poupando inergias às donas de casa, dispensando mesmo, o uso das impertinentes criadas.

Nas circunstancias actuais parece-me que no Concelho de Sintra não existe qualquer postura ou regulamento, concedendo determinadas regalias e simultaneamente exigindo também dos proprietários, que se dispoem a mandar construir casas dêste tipo. Vejo mesmo a necessidade de regulamentar esta construção, para fugir aos negociantes que nêste Concelho já abundam.

PROJECTO DE REGULAMENTO

1) - Para uma moradia ser considerada "casa fim de semana" deverá ser uma habitação abreviada, com caracter de refúgio, onde exista um razoável conforto.

2) - Só poderá ser construida em locais ou zonas consideradas próprias para êsse fim.

3) - Para que determinada habitação tenha a designação de "casa fim de semana" não basta que o seu proprietário assim a designe, é necessário que a autoridade competente assim a considere.

4) - Do projecto e da construção

a)-Todo o projecto é rigorosamente criticado, exigindo-se ao projectista a máxima clareza em tôdas as peças escritas e desenhadas que terá que elaborar na ordem exposta abaixo:

b)-Alçados de tôdas as fachadas, cortes, plantas de fundações, pavimentos e cobertura na Escala 1:100

c)-Planta do pavimento com a localização do mobiliário, conforme as várias funções que pode desempenhar (sala comum adaptada a casa de jantar e em quarto de dormir, etc.)

d)-Ser claro quanto à indicação dos esgôtos e quando êstes não sejam ligados ao colector geral, apresentar desenho detalhado na escala 1:20 da fossa, bem como o respectivo calculo.

e)-Apresentar planta de conjunto, com o arranjo urbanistico do local, incluindo a situação da construção da fossa, poço e muros,

caminhos, horta e jardim, incluindo mesmo a disposição das árvores etc..

CONCLUSÕES:-

1º - Que a Câmara Municipal de Sintra, facilite na sua maior amplitude a construção de "casas fim de semana", em lugares próprios e dentro de determinados regulamentos, elaborados pelo Município.

2º - Aos pedidos de construção de "casas fim de semana", feitos de harmonia com o que se encontrar superiormente determinado, lhes é concedida dispensa de pagamento de qualquer taxa camarária, concorrendo dêste modo o Município para economia da obra e possivelmente para a sua mais fácil realização e divulgação.

Anexo IV – “Urbanizadora Rinchoense, Limitada”, *Jornal de Sintra*, n. 459, 17 de janeiro de 1943. Fonte: CMLC.

N.º 450 Jornal de Sintra - 17-1-194

Urbanizadora Rinchoense, Limitada

1—Faz se público que, por escritura lavrada hoje no cartório do notário Dr. Facco Viana, entre as sociedades Aguiar & Melo, Limitada, e A Realizadora, Limitada, foi constituida uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que se rege pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

(Por minuta)

1.º

A sociedade adopta a denominação A Urbanizadora Rinchoense, Limitada, tem a sua sede no lugar da Rinchoa, concelho de Sintra, e durará por tempo indeterminado, a partir de 1 de Abril próximo futuro.

2.º

O seu objecto é a construção de prédios urbanos, por conta própria ou alheia, podendo exercer qualquer outro ramo de comércio ou indústria para que não seja exigida autorização especial.

3.º

O capital social é de 300.000$, correspondente a duas cotas iguais de 150.000$ cada uma, inteiramente realizadas em dinheiro e subscritas pelas duas actuais sócias: Aguiar & Melo, Limitada, e A Realizadora, Limitada.

4.º

Não haverá prestações suplementares de capital, mas qualquer das sócias poderá fazer à sociedade os suprimentos de que esta careça, mediante as condições que de comum acôrdo se estabeleçam.

5.º

A sociedade será representada em juizo e fora dêle, activa e passivamente, por qualquer das sócias, que ficam nomeadas gerentes e dispensadas de prestar caução.

§ 1.º As duas sociedades sócias, assim nomeadas gerentes, e que entre si dividirão de comum acôrdo as funções que terão de exercer, serão representadas na sociedade A Urbanizadora Rinchoense, Limitada, por qualquer dos respectivos sócios gerentes ou por mandatário para êsse efeito constituido.

§ 2.º Para obrigar a sociedade é necessária a assinatura das duas gerentes.

6.º

E' expressamente proibido às sócias obrigar a sociedade por avales, fianças, assinaturas de favor ou em actos e contratos estranhos aos negócios sociais; tudo o que fôr praticado em contravenção do que fica estipulado será considerado excesso abusivo de mandato e, como tal, nulo em relação à sociedade.

7.º

Nenhum sócio poderá exercer o mesmo ramo de actividade da sociedade, de modo a fazer-lhe concorrência, sem consentimento expresso desta, dentro de um circulo com 3 quilometros de raio e centro na Rinchoa.

8.º

A sociedade exercerá a sua acção por forma a não prejudicar o plano de urbanização já estudado por A Realizadora, Limitada, nem os negócios de Aguiar & Melo, Limitada, ficando estas com inteira liberdade de acção para continuarem os seus negócios próprios, visto só estarem associados para efeitos de construção.

9.º

A cessão total ou parcial da cota de qualquer dos sócios fica dependente do consentimento do outro, o qual terá em qualquer caso o direito de preferência. O sócio que quiser ceder, total ou parcialmente, a sua cota, comunicá lo á à gerência por meio de carta registada com aviso de recepção, indicando o preço e nome do eventual adquirente.

Dentro do prazo de dez dias o outro sócio deverá pronunciar se para os seus efeitos da primeira parte do corpo dêste artigo.

§ único. Se, por virtude de cessão, ficarem existindo mais de dois sócios, as cessões posteriores serão efectuadas nos termos do corpo do artigo, devendo, porém, o consentimento ser prestado e o direito de preferência exercido pela sociedade; se a sociedade não exercer o direito de preferência, reverterá êste para os sócios, devendo a cota, no caso de mais de um sócio pretender preferir, ser dividida entre os interessados na proporção das cotas que já possuirem.

10.º

E' permitida a amortização de cotas nos casos seguintes:

a) Por acôrdo entre a sociedade e o proprietário da cota;

b) No caso de falecimento, interdição, dissolução, declaração do estado de falência ou insolvência do proprietário da cota ou de esta ser penhorada ou arrestada ou de outro modo sujeita a arrematação ou adjudicação judicial;

c) Quando o proprietário da cota tenha praticado actos contrários à letra ou ao espirito dos artigos 6.º e 7.º.

§ 1.º O preço da amortização será, no primeiro caso, o que fôr combinado e, nos restantes, o que resultar do último balanço feito; no caso de divergência, será o preço determinado de harmonia com um balanço especialmente feito para êsse fim, tomando se como base a posição da sociedade no último dia do mês anterior ao dia em que se deliberou sôbre a amortização.

§ 2.º O preço assim determinado será pago por uma só vez nos cento e oitenta dias seguintes à data da deliberação ou depositado na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência à ordem do interessado, notificada a deliberação e o depósito, o que pode ser feito no mesmo acto, a amortização ficará realizada para todos os efeitos legais, e aquêle cuja cota foi amortizada deixará desde êsse momento de pertence à sociedade e de nela ter qualquer direito, interêsse ou simples intervenção, e nem sequer terá de intervir na escritura em que a gerência da sociedade poderá outorgar para nela consignar essa amortização.

§ 3.º A sociedade poderá adquirir cotas em vez de as amortizar.

11.º

As assembleas gerais para as quais a lei não exija outra forma de convocação serão convocadas, com cinco dias de antecedência, por cartas registadas com aviso de recepção, dirigidas aos sócios.

12.º

Os balanços serão fechados em 31 de Dezembro de cada ano e deverão estar concluidos até fim de Fevereiro do ano seguinte.

13.º

A sociedade dissolver-se-á nos casos legais e de comum acôrdo entre as duas actuais sócias, as quais nomearão os liquidatários.

14.º

Em tudo mais regularão as disposições legais em vigor da lei de 1 de Abril de 1901 e as deliberações tomadas em reunião de sócios.

Lisboa, 31 de Março de 1912. — O Ajudante do notário Dr. Facco Viana, *José Maria Silveira da Mota*.

Anexo V – “Uma porta e uma janela… uma conferência, um aniversário e uma lição.”, *Ecos de Sintra*, 10 de junho de 1941. Fonte: CMLC.



UMA PORTA E UMA JANELA...

Uma conferência, um aniversário e uma lição

MERCÊ de convite gentil, fomos, há dias, a Lisboa assistir no salão de festas do jornal «O Século» a uma conferência do Prof. Leal da Câmara, sôbre melhoramentos da aprazível localidade concelhia a Rinchoa, que um milagre de tenacidade e elevado espírito regionalista está a transformar e a fazer progredir por forma notável.

Leal da Câmara prendeu a assistência cêrca de uma hora, com as suas curiosas anotações, quer pela palavra, quer pelo desenho onde é Mestre, a um problema que pretende resolver e cujos alicerces, já lançados, são desde já garantia dum seguro êxito.

Ouvimos a lição—porque duma lição se trata do melhor e são regionalismo—pensando, por associação de idéas, no que seria êste concelho se todos os que a êle se devotam, imprimissem ao seu labor a modéstia e o valor que Leal da Câmara e os seus amigos inspiram a quem os ouve.

Demos fé, e com que aprazimento, do trabalho dum grupo de homens a bem duma colectividade—há bem pouco desconhecida e desprezada—sem que descortinássemos nos seus intuitos a ânsia duma filarmónica a exaltar virtudes e sem o acre cheiro dos beberêtes e comesainas, que muitos supõem ser o indispensável complemento a tôda e qualquer iniciativa que surja.

Sem receio de nos enganarmos, pressentimos tão sòmente um desejo, em relação ao púbico: é que êste colabore e nada mais, pois a festa ficará em realizações, a que se não seguem jantares... nem hinos consagradores.

E porque tal se nos afigura, «Ecos de Sintra» desde já, e com sinceridade, põe as suas colunas ao serviço dessa realização, que traz, pelo que se disse, garantia de genuinidade, quer nos seus propósitos, quer nos seus fins.

Comemora-se com êste número seis anos duma labuta, que só a avalia quem pela imprensa de província moureja com o fito de pugnar por um regionalismo que norteou sempre êste modesto semanário.

Também sômos e começámos com a exiguidade duma porta e duma janela..; duma porta por onde serão sempre bem recebidos os que vierem por bem; duma janela, donde observamos o panorama desta linda terra, e donde anotaremos e aplaudiremos as boas intenções e donde criticaremos a falaz vaidade dos homens...

...E sempre, nos anos que a ampulheta do tempo nos permita viver, com o propósito de nunca esquecermos que todos devemos colaborar no engrandecimento das nossas terras, para que grande, digno e independente seja, o nosso querido Portugal.

Ecos de Sintra-10-6-1941

Anexo VI – Enunciados dos exercícios

#1

Exercício de Arranque e Aquecimento
Título: Marca, Texto e Espaço:

O exercício de arranque tem como objectivo enquadrar os estudantes nos pressupostos gerais da Unidade Curricular, funcionando como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores. Para tal será desenvolvido um projecto de carácter abstracto.

Materiais necessários

- Objecto de uso comum;
- Papel cavalinho A2;
- Tinta da China;
- Materiais para maqueta a definir em cada caso específico;

Metodologia e tarefas a desenvolver:

Os estudantes constituem-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverão ser seleccionados objecto(s) de uso comum - algo tão inesperado e acessível que possa ser adquirido na numa grande superfície, achado na rua ou comprado na loja do chinês....

O objecto seleccionado deverá ser embebido (total ou parcialmente) em tinta da china, funcionando como carimbo que irá produzir marca(s) no papel cavalinho.

O processo deverá ser repetido por diversas vezes, procurando seleccionar-se uma marca gráfica que possa ser considerada mais estimulante para o desenvolvimento do exercício.

Seguidamente, no contexto do grupo, deverá realizar-se a apropriação de um excerto literário que possa ser ilustrado com a marca anteriormente seleccionada (o excerto literário não deverá ser maior que uma folha A4). A preocupação fundamental desta selecção deverá residir numa tentativa de conversão da mancha representada no papel cavalinho, em unidade espacial.

Posteriormente, considerando-se um volume de aproximadamente 30 dm3 como limite, será

realizada 1 maqueta que fixe a espacialidade, previamente invocada pela marca gráfica e ilustrada pelo texto. Para a elaboração da maqueta deverá definir-se a escala a que esta irá ser representada.

A materialização da maqueta deverá contemplar um dos seguintes sistemas compositivos baseados em:

- Planos;
- Subtracções;
- Adições

A entregar:

Marca gráfica em A2, que deverá ser afixada na parede da sala de aula;

Caderno com formato 21x21cm onde se incluí:

- impressão digitalizada da marca seleccionada
- O texto ilustrativo;
- Imagens fotográficas da maqueta;
- Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maqueta;
- Digitalização de uma sequência de pelo menos 5 esquissos relativos às espacialidades representadas pela maqueta. Estes esquissos deverão ser elaborados por cada elemento do grupo (devidamente identificado);

Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização de todo o processo em forma de story board, para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

Apresentação:
Digital tipo Power-point, com exibição da maqueta e marca na sala de aula.

Calendário do Exercício
Início – dia 18 de Setembro
Entrega e apresentação – dia 4 de Outubro

Lisboa, 18 de Setembro 2012

#2

2ª Worshop – Cidade Guineense de Bafatá.

1. Argumento

Considerando a proximidade da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral (em 12 de Setembro de 1924) na cidade de Bafatá, pretende-se levar a cabo a edificação de uma estrutura que possa albergar um centro de estudos tendo como base o pensamento e a obra literária do fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Este centro de estudos deve ser visto na esfera dos estudos pós-coloniais, devendo para tal ser pensado com o propósito do estabelecimento de uma leitura de amplo espectro, não só, em torno das décadas de 50 a 70 em que a acção política dos movimentos independentistas, no mundo colonial português, foi mais activa, como deve ser capaz de incluir uma leitura sobre o contexto social e politico em que germinaram tais movimentos, estendendo-se ainda ao estudo do resultado contemporâneo da afirmação da independência de estados como a Guiné-Bissau.

O edifício a construir em Bafatá deve ser projectado com base numa estrutura efémera e de baixo custo, admitindo-se uma abordagem que integre elementos amovíveis de fácil montagem e desmontagem de modo que se possa considerar a edificação de um equipamento similar em outros locais do país. Pelas suas características programáticas este equipamento deverá abrir-se à cidade, podendo acolher actividades paralelas de interesse comunitário. Este projecto deverá ainda privilegiar toda uma reflexão sobre o ajustamento construtivo do edifício ao clima tropical.

2. Breve descrição da Cidade de Bafatá

A cidade de Bafatá situa-se no coração do território da Guiné-Bissau e é banhada pelo Rio Geba.

O centro da cidade é fortemente marcado pela presença colonial portuguesa, visível tanto no traçado urbano, como também nos diversos estratos arquitectónicos que a qualificam.

É em torno de um boulevard que articula, no sentido Nodeste/Sudoeste, a principal entrada na cidade com o Geba, que o traçado de quarteirões urbanos se organiza. Este grande eixo, estruturante,

conecta também os edifícios públicos mais marcantes da cidade.

Junto á entrada do núcleo urbano situa-se o hospital, desenhado em 1946 por João Simões, caracterizado por uma composição simétrica de volumetria térrea dando expressão à cobertura, alta, de telha cerâmica, recordando as construções vernaculares do Sul de Portugal.

Um pouco mais abaixo situa-se a área mais administrativa da cidade, neste núcleo inclui-se a casa do governador de características fino-oitocentistas e a escola integrando uma construção de aspecto ecléctico. A completar este sector urbano, existem ainda edifícios desenhados sob a matriz da arquitectura pública do Estado Novo, tais como a igreja com desenho de Eurico Pinto Lopes de 1950 e o posto de correios, realizado em 1943, por Francisco de Matos.

Ao fundo do eixo fundamental da cidade, já na proximidade da Rio Geba, localiza-se um largo, onde foi implantado o busto de Amílcar Cabral. Para este largo convergem edifícios como o mercado municipal delineado sob um tematismo moçárabe, bem como um núcleo de piscinas, possivelmente projectado na década de 60 e que actualmente se encontra em elevado estado de degradação. No contexto dos quarteirões podem observar-se construções de um, ou dois pisos, onde predomina a utilização de grilhagens cerâmicas e áreas alpendradas para sombreamento e ventilação nas construções. É neste núcleo habitacional que se situa a casa onde terá nascido Amílcar Cabral. A cidade de Bafatá encontra-se, de modo geral, num estado depressivo com pouca actividade, situação que contrasta fortemente com a sua periferia, de grande dimensão, agregadora de uma forte actividade comercial.

3. Programa

O programa deve incluir:

Arquivo e Centro de Documentação 150,00 m2
Centro de Estudos e Pesquisas 150,00 m2
Centro de Formação 75,00 m2
Auditório 150,00 m2
Loja 50,00 m2

Total de área bruta 575,00 m2

Nota: Instalações sanitárias e/ou zonas de serviço estão incluídas nos grupos de áreas parciais.

4. Metodologia:

- O trabalho será desenvolvido em grupos de 5 alunos;
- A implantação do Centro Interpretativo ficará a cargo de cada grupo de alunos;
- Como ponto de partida para a definição espacial, cada um dos grupos deverá reflectir sobre o exercício de aquecimento, desenvolvido no arranque do ano lectivo;

5. Elementos a entregar:

- Apresentação em formato power-point, para 15 minutos;
- Maqueta à escala 1:200 (ou outra a acordar com os docentes)
- Caderno 21x21cm, incluindo síntese gráfica e memoria descritiva;

- 2 painéis de formato A1, incluindo simulações do edifício e plantas cortes e alçados;

6. Datas de entrega:
   - Apresentação dos projectos no dia 15 de Novembro, com base no power-point e maqueta;
   - Entrega de painéis e caderno 21x21 no dia 23 de Novembro em horário a definir.

Lisboa, 30 de Outubro 2012

#3

TEMA I - Trabalho Individual, 1º Semestre.

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada em Lisboa, no eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitectónica detalhada).

Pretende-se que este exercício possa desencadear um debate centrado em leituras prospectivas em relação à sociedade. Como tal, em paralelo com a elaboração dos projecto de arquitectura deverá realizar-se, no contexto de cada grupo de trabalho, a definição de um perfil social que se preveja possível num futuro a médio prazo (2 décadas). Para tal algumas perguntas poderão colocadas, como por exemplo:

- como a organização económica e politica poderá influenciar os modos de vida e a relação do individuo com a sua comunidade;
- em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social;
- de que modo os recursos naturais poderão influenciar as acções sobre o território e localização e organização do espaço doméstico;

O objectivo final do exercício consiste na elaboração de projectos para quatro habitações. Estas habitações serão encaradas como tipologia associadas ao universo social definido pelo debate atrás mencionado.

Caberá a cada estudante a decisão de onde implantar as habitações e de que modo estas se organizam, não só em função do espaço doméstico, mas também na sua relação como a envolvente urbana que suporta o exercício. Neste sentido, deverá o estudante ser capaz de estabelecer um discurso que lhe permita relacionar a proposta tipológica e habitacional com o trecho urbano que caracteriza a sua envolvente próxima.

Área de Intervenção:
Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:

1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção será parcelada, pela docência da Unidade Curricular, de acordo com planta anexa, tendo como critério os diversos extractos temporais referidos na FUC;
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afecto a uma das parcelas, anteriormente designadas.
4. Os projectos das habitações serão desenvolvidos individualmente dando seguimento ao âmbito do exercício;
5. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções.

Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 25 de Outubro 2012 (caderno em formato A3) + maqueta esc. 1:5000/1:2000 da área de intervenção e sua relação com as habitações;
2ª Entrega intermédia: 13 de Dezembro 2012 (caderno em formato A3)
Entrega Final: 28 de Janeiro de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo aluno, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; simulações gráficas da proposta; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)
Apresentação e Avaliação: de 29 Janeiro a 1 de Fevereiro de 2013

Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas individuais de cada um dos alunos serão realizadas por Grupo, sendo que, deverá apresentar-se a definição do perfil social pedido, associando-se uma a estratégia geral para a área de intervenção.

Lisboa, 18 de Setembro 2012

TEMA II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre.

Numa das extremidades da área de intervenção, a Colina das Amoreiras, assumiu, maioritariamente a partir da década de 1980, um protagonismo urbano muito assinalável perspectivando-se para aquele local a implementação de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business District). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo outros investimentos que ampliaram os programas de comercio e serviços, à habitação e à hotelaria. Com o final do milénio os investimentos na área oriental da cidade, após a Expo 98, vieram retirar protagonismo urbano deste tecido urbano, sobretudo no que se refere à especialização com que se pretendia afirmar.

Passadas cerca de 3 décadas desde a construção do complexo das Amoreiras, é hoje possível lançar sobre aquela envolvente um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que actualmente se verifica.

O objectivo do Tema II passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo. Com este exercício pretende também criar-se a base para o reconhecimento das potencialidades da colina das Amoreiras, que servirão de base para a elaboração de um projecto a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III

1ª Fase - Reconhecimento do Território

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção num determinado território torna-se imprescindível o seu reconhecimento. Para esse efeito deverá possuir-se a informação necessária para avaliar as potencialidades dos sítios e os conflitos aí existentes, só assim será possível credibilizar a formulação das propostas.

O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:

- Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.
- Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido

edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.

- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; Percursos pedonais, etc.
- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos: Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitectónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.
- Planos Urbanísticos condicionantes, projectos mais relevantes para a área de intervenção:- P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

2 Fase - Programa/Conceito/Proposta

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

Elementos a entregar:

- Explicitação de um argumento de transformação. Memorando, máximo 6 páginas A4.
- Planta de enquadramento à escala 1/5000 e ou 1/2000
- Planta da estrutura urbana à escala 1/1000
- Cortes significativos à escala 1/1000
- Esquemas gráficos e ou esquiços que explicitem a proposta e a sua integração na área envolvente.
- Simulações gráficas da proposta (esquissos, 3ds, fotomontagens)

Entrega intermédia: 25 de Outubro de 2012 (1ºfase)
Formato: caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

Entrega Final: 28 de Janeiro de 2012
Formato: Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

Discussão e Apresentação do Trabalho: Semana de 29 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

18 de Setembro 2012

TEMA III– Trabalho de Grupo, 2º Semestre.

Tendo como base os resultados dos exercícios dos Tema I e II, é lançado um novo exercício que tem como objectivo reforçar a estratégia urbana na área de intervenção em estudo, definida pelo eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras.

O exercício do Tema III incide na vertente do espaço público, ou seja o espaço de mediação entre as diversas propostas individuais realizadas no 1º semestre. Neste exercício pressupõe-se uma acção concertada, ao nível dos grupos de trabalhos, no sentido da clarificação das intenções de transformação preconizadas para o local. Através deste exercício deverão também intensificar-se os desejos (narrativos), definidos pelos grupos de trabalho, relativos ao perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo, de duas décadas.

Durante o espaço temporal em que decorrerá o Tema III deverão ser realizadas revisões de projecto, tendo em vista a melhoria das propostas individuais realizadas ao abrigo do Tema I, procurando-se o melhor ajustamento dos projectos às estratégias deste novo exercício.

Os objectivos do Tema III passam pelos seguintes pontos:

1. Definição de um plano de estrutura da área de intervenção. Neste ponto deverão ser repensados, num primeiro momento, os argumentos que estão na base das escolhas dos locais de intervenção individuais, reflectindo sobre os pontos em comum que podem caracterizar as várias propostas. Num segundo momento deverá ponderar-se sobre uma possível centralidade [ou possíveis centralidades] que possam emergir no tecido urbano. Num terceiro momento deve ser definida uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público;
2. Definição de um projecto detalhado de caracterização do espaço público. Neste ponto serão realizadas propostas concretas de projecto, com detalhes, definindo materiais, mobiliário
urbano, espécies vegetais e todos os parâmetros julgados convenientes para o projecto de espaço público.
3. Enquadramento dos projectos individuais, realizados no Tema I, na estratégia projectual para o espaço público. Prevê-se que a estratégia de projecto, concertada em grupo, seja validada em projectos de pormenor na envolvente dos projectos individuais.

Área de Intervenção:
Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:
1. Serão mantidos os grupos de trabalhos definidos no 1º semestre com aproximadamente 5 estudantes;
2. O exercício abrange toda a área de intervenção, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde as acções de projecto sobre o espaço público possam ser mais relevantes, agindo nesses locais com maior detalhe.
3. Individualmente, deverá ser detalhada a envolvente dos projectos realizados no Tema I

Entregas e Avaliação:
1ª Entrega intermédia: 21 de Março, (power-point e maquetas esc. 1:1000/1:200 da área de intervenção e sua relação com as habitações);
Entrega Final: 23 de Abril de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo grupo, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; caracterizações dos ambientes propostos; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm).

Apresentação e Avaliação: 23 de Abril 2013

Modelo de Apresentação
As apresentações finais das propostas serão realizadas em Grupo, sendo montado um júri para comentar os projectos.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 2013

#4

SEMANA URBANA DE MEDIACIÓN –SUM Toulouse
Explorar la metrópolis de Toulouse y sus patrimonios

Organizadores: RED PUC e Red Sinuosidade

Este Workshop es una propuesta conjunta de dos redes que reúnen a investigadores procedentes de diferentes disciplinas, profesionales de la arquitectura y el urbanismo, el trabajo social o artistas y / o colectivos.

Participantes: estudiantes del último período de licenciatura, de maestría o doctorado en arquitectura, urbanismo y profesores de diversas disciplinas, especialmente las relacionadas con las cuestiones urbanas.

Objetivo: producir análisis colectivos y desarrollos teóricos sobre la ciudad contemporánea por parte de los docentes involucrados, con miras a proporcionar a los estudiantes elementos urbano-arquitectónicos para la elaboración de un propuesta proyectual que se llevará a cabo en dos situaciones urbanas de la metrópolis de Toulouse.

Intenciones: SUM Toulouse forma parte de una reflexión sobre la construcción de la ciudad de Toulouse, entre tradición y modernidad, tomando el barrio Izards, ubicado al norte de Toulouse y la Place du Salin, ubicado en el centro histórico como sitios de intervención. Temáticas: Patrimonio histórico, moderno y contemporáneo, apropiaciones de espacios públicos con una preocupación particular: la práctica de la mediación para reunirse con los residentes.

Instituciones que darán apoyo a la actividad: Govierno de la Ciudad Toulouse Métropole, La Fabrique Habitat Toulouse e investigadores de dos programas de investigación: Miciudad y Ecohabitat, l'Institut de la Ville

Antes del Workshop los investigadores de los programas Miciudad y Eco Habitat y los professores de Imágenes de Ciudad proponen poner a disposición datos sobre los lugares de intervención.

13 a 17 de Mayo de 2013